

PIPER KERMAN

!ORANGE!

is the new **BLACK!**



OBRA QUE INSPIROU A SÉRIE ORIGINAL DO NETFLIX



! ORANGE ! is the new BLACK !

PIPER KERMAN

Tradução de
Cláudio Figueiredo
Lourdes Sette



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Para Larry
Para minha mãe e meu pai
E para Pop

Toque os sinos que ainda podem tocar
Esqueça sua oferta perfeita
Há uma fenda, uma fenda em tudo há
É assim que a luz entra
“Anthem”, de Leonard Cohen

Sumário

Nota da autora

CAPÍTULO 1. Você vai para onde eu vou?

CAPÍTULO 2. Tudo mudou num instante

CAPÍTULO 3. 11187-424

CAPÍTULO 4. O laranja é o novo preto

CAPÍTULO 5. Na toca do coelho

CAPÍTULO 6. Alta voltagem

CAPÍTULO 7. As horas

CAPÍTULO 8. Para deixar as vadias morrendo de ódio

CAPÍTULO 9. Dia das Mães

CAPÍTULO 10. Minha aluna VC

CAPÍTULO 11. Ralph Kramden e o Homem Marlboro

CAPÍTULO 12. Verdades nuas

CAPÍTULO 13. Trinta e cinco, e ainda viva

CAPÍTULO 14. Surpresas de outubro

CAPÍTULO 15. Meio assim

CAPÍTULO 16. Tempo bom

CAPÍTULO 17. Terapia do diesel

CAPÍTULO 18. Sempre pode piorar

Epílogo

Agradecimentos

Nota da autora

Este livro é uma memória e foi escrito a partir da minha experiência. Todos os nomes (e, em alguns casos, características marcantes) das pessoas que viveram e trabalharam dentro dos presídios onde estive foram alterados para preservar sua privacidade. As exceções são a Irmã Ardeth Platte e Alice Gerard, que gentilmente me deram permissão para usar seus nomes verdadeiros.

CAPÍTULO 1

Você vai para onde eu vou?



A área internacional de retirada de bagagem do aeroporto de Bruxelas era espaçosa e arejada, com diversas esteiras girando sem parar. Eu ia de uma a outra, tentando desesperadamente encontrar minha mala preta. Como ela estava cheia de dinheiro do narcotráfico, eu estava mais preocupada do que seria o normal para alguém que perdeu a mala.

Eu tinha 23 anos em 1993 e provavelmente parecia uma jovem profissional ansiosa como outra qualquer. Minhas botas Doc Martens tinham sido substituídas por elegantes sapatos de salto alto de camurça preta feitos à mão. Eu vestia calças pretas de seda e um casaco bege, uma *jeune fille* típica, nem um pouco de contracultura, a menos que você notasse a tatuagem em meu pescoço. Eu havia agido exatamente como me instruíram ao despachar minha mala de Chicago até Paris, onde precisei trocar de avião para pegar um voo curto para Bruxelas.

Quando cheguei à Bélgica, procurei minha mala preta com rodinhas na área de retirada de bagagem. Ela não estava em lugar algum. Tentei reprimir uma onda de pânico e perguntei, em meu francês tosco de escola, o que havia acontecido com minha mala.

— Às vezes, as malas não vão no voo certo — disse um homem grande que trabalhava na área de bagagens. — Espere até o próximo voo de Paris, deve estar nele.

Será que minha mala tinha sido detectada? Eu sabia que era ilegal transportar mais de 10 mil dólares sem declarar, e para piorar esse dinheiro era de um chefe do narcotráfico da África Ocidental. Será que as autoridades estavam à minha procura? E se eu tentasse passar pela alfândega e sair correndo? Ou talvez a mala realmente estivesse apenas atrasada, e eu estaria abandonando uma enorme quantia de dinheiro que pertencia a alguém capaz ordenar minha morte com um simples telefonema. Decidi que a última opção era ligeiramente mais aterrorizante. Então, esperei.

O voo seguinte que vinha de Paris finalmente chegou. Caminhei hesitante até o funcionário “amigo”, que estava arrumando as malas. É difícil flertar quando se está apavorada. Identifiquei a mala.

— *Mon mala!* — exclamei em êxtase, agarrando a mala.

Agradei a ele efusivamente, acenei com afeição sorridente enquanto passava por uma das portas desguarnecidas que davam para o interior do terminal, onde vi meu amigo Billy me esperando. Nem percebi que não tinha passado pela alfândega.

— Eu estava preocupado. O que aconteceu? — perguntou Billy.

— Vamos pegar um táxi! — respondi, entre dentes.

Só voltei a respirar quando já estávamos no meio de Bruxelas.

★ ★ ★

MINHA CERIMÔNIA de formatura na Smith College, no ano anterior, aconteceu em um dia perfeito de primavera na Nova Inglaterra. No pátio iluminado pelo sol, gaitas de fole tocavam e a governadora do Texas, Ann Richards, incitava toda a nossa turma a sair ao mundo e mostrar que tipo de mulheres éramos. Minha família estava orgulhosa e radiante quando recebi o diploma — meus pais recém-separados se comportavam muito bem, meus avós sulistas sérios estavam satisfeitos por ver a neta mais velha usando beca e cercada pela elite da sociedade, e meu irmãozinho estava extremamente entediado. Minhas colegas mais organizadas e objetivas seguiram para cursos de pós-graduação ou empregos iniciantes em entidades sem fins lucrativos,

ou voltaram para casa — nada incomum durante as profundezas da primeira recessão do governo Bush.

Eu, por outro lado, permaneci em Northampton, Massachusetts. Apesar do ceticismo de meu pai e meu avô, me formei em teatro. Venho de uma família que valoriza a instrução. Éramos um clã de doutores, advogados e professores, com um ou outro juiz, poeta ou enfermeira acrescentados à mistura. Após quatro anos de estudo, ainda me sentia uma diletante, despreparada e desmotivada para a vida no teatro, mas também não tinha um plano alternativo para estudos acadêmicos, uma carreira importante ou o padrão — virar advogada.

Eu não era preguiçosa. Durante a faculdade, sempre trabalhei bastante em restaurantes, bares e boates, conquistando o carinho de meus chefes e colegas de trabalho com muito suor, bom humor e disposição para fazer hora extra. Esses empregos e essas pessoas eram mais meu tipo de gente do que muitas que conheci na faculdade. Estava feliz por ter escolhido Smith, uma faculdade cheia de mulheres espertas e dinâmicas. Mas já não queria saber das expectativas das pessoas em relação às minhas origens. Eu havia me apertado dentro dos limites seguros de Smith, passei nas matérias raspando e agora ansiava por vivenciar, experimentar, investigar. Estava na hora de viver minha própria vida.

Eu era uma jovem culta de Boston, sedenta de contracultura boêmia e sem qualquer plano específico. No entanto, não tinha ideia do que fazer com todo o meu anseio reprimido por aventura, nem de como usar de forma produtiva minha disposição para assumir riscos. Não tinha aptidão para a ciência e para a análise — o que eu valorizava era o artístico, o empenho e a emoção. Fui morar num apartamento com uma colega também formada em teatro e sua namorada artista doida e consegui um emprego de garçom em um bar-cervejaria. Fiz amizade com os garçons, os barmen e os músicos, todos na mesma faixa etária e sempre vestidos de preto. Trabalhávamos, dávamos festas, nadávamos sem roupa, andávamos de trenó, trepávamos, às vezes nos apaixonávamos. Fazíamos tatuagens.

Desfrutei de tudo que Northampton e as redondezas do vale Pioneer tinham para oferecer. Corri quilômetros e mais quilômetros em pistas rurais, aprendi a subir escadas íngremes carregando uma dúzia de canecas de cerveja, cedi a inúmeras tentações românticas com garotas e garotos apetitosos e fui à praia em Provincetown em meus dias de folga no meio da semana durante todo o verão e o outono.

Quando o inverno chegou, comecei a ficar inquieta. As minhas amigas de faculdade me contavam sobre seus empregos e suas vidas em Nova York, Washington e São Francisco, e eu me perguntava que diabo estava fazendo. Sabia que não voltaria para Boston. Adorava minha família, mas queria evitar ao máximo as repercussões do divórcio de meus pais. Pensando em retrospecto, um bilhete da Eurorail ou trabalhos voluntários em Bangladesh teriam sido escolhas brilhantes, mas continuei parada no vale.

Nosso círculo social incluía um grupo de lésbicas impossivelmente elegantes e descoladas de trinta e poucos anos. Essas mulheres mais velhas, sofisticadas e experientes me causavam uma timidez incomum, mas quando várias delas se mudaram para o apartamento ao lado do meu, ficamos amigas. Entre elas, havia uma do centro-oeste americano, de voz rouca, chamada Nora Jansen, de cabelo castanho-claro encaracolado curto. Nora era baixa e parecia um pouco um buldogue francês ou talvez uma Eartha Kitt branca. Tudo nela era engraçado — sua fala lenta, a voz rouca e mordaz, a forma como ela inclinava a cabeça para encarar alguém com seus olhos castanhos intensos por baixo daquele cabelo, e até mesmo a forma como segurava o cigarro sempre presente, com o punho flexionado e pronto para gesticular. Nora tinha uma forma brincalhona e atenta de cativar as pessoas e, quando dava atenção a alguém, a sensação era de que estava prestes a incluir essa pessoa em uma piada interna. Nora era a única do grupo de mulheres mais velhas que prestava atenção em mim. Não foi exatamente amor à primeira vista, mas em Northampton, para uma garota de 22 anos em busca de aventuras, ela era uma figura intrigante.

E, então, no outono de 1992, ela sumiu.

Reapareceu depois do Natal. Alugou sozinha um apartamento grande, cheio de móveis novos em estilo artesanal e um aparelho de som alucinante. Todas as outras pessoas que eu conhecia dividiam a casa com alguém e se sentavam em sofás de segunda mão, enquanto ela torrava dinheiro de uma forma que chamava a atenção.

Nora me convidou para tomar um drinque, só nós duas, o que era inédito. Seria um encontro romântico? Talvez, já que ela me levou para o bar do hotel Northampton, o lugar nas redondezas mais parecido com o saguão de um hotel de luxo, pintado de verde-claro e com treliças brancas por todos os cantos. Nervosa, pedi uma margarita com sal, o que surpreendeu Nora.

— Não está um pouco frio para uma margarita? — comentou, enquanto pedia um uísque.

Era verdade, os ventos de janeiro deixavam o oeste de Massachusetts um lugar nada convidativo. Eu devia ter pedido algo escuro em um copo menor — minha margarita congelada parecia, naquele momento, ridiculamente juvenil.

— O que é isso? — perguntou ela, apontando para uma pequena caixa de metal que eu colocara na mesa.

A caixa era amarela e verde e, originalmente, servira para guardar pastilhas de garganta. Na tampa, Napoleão olhava fixamente para o oeste, identificável por seu chapéu bicorne e as dragonas douradas. A caixa tinha sido usada como carteira por uma conhecida minha de Smith, uma mulher rica que era a pessoa mais interessante que eu já havia visto. Era da pós-graduação de arte, morava fora do campus, era irônica, curiosa, gentil e superdescolada. Um dia, admirei a caixa e ela me deu. Era do tamanho perfeito para um maço de cigarros, uma carteira de habilitação e uma nota de 20 dólares. Quando tentei retirar algum dinheiro de minha querida carteira de lata para pagar pela rodada de bebidas, Nora dispensou meu dinheiro com um gesto.

— Onde você esteve todo esse tempo? — perguntei, e Nora me escrutinou como se estivesse me avaliando. Calmamente, explicou que ingressara no tráfico de drogas por intermédio de um amigo de sua irmã, que tinha “contatos”, e que estivera na Europa e fora treinada formalmente nos

costumes do submundo por um *marchand* norte-americano que também tinha “contatos”. Ela traficava drogas para dentro do país e recebera uma remuneração generosa pelo trabalho.

Fiquei totalmente desnorteada. Por que Nora me contou aquilo? E se eu contasse tudo para a polícia? Pedi outro drinque, meio certa de que ela inventara tudo e que aquilo era a tentativa de sedução mais estapafúrdia do mundo.

Eu vi a irmã mais nova de Nora uma vez, quando ela veio visitá-la. Ela atendia pelo nome de Hester, gostava das artes ocultas e deixou um rastro de amuletos e quinquilharias feitos de penas e ossos de galinha. Pensei que ela fosse apenas uma versão heterossexual e wicca da irmã, mas, aparentemente, Hester era amante de um chefe do narcotráfico da África Ocidental. Nora contou que viajara com a irmã para Benim a fim de encontrar o traficante, que atendia pelo nome de Alaji e era incrivelmente parecido com MC Hammer. Ela se hospedara na propriedade dele, testemunhara e fora submetida aos cuidados de um “curandeiro” e, agora, era considerada cunhada dele. Tudo soava misterioso, terrível, apavorante, louco — e extremamente empolgante. Era inacreditável que ela, guardiã de tantos segredos terríveis e atormentadores, estava me fazendo confidências.

Era como se, ao revelar seus segredos, Nora tivesse criado um vínculo comigo, e um namoro secreto começou. Ninguém diria que Nora era de uma beleza clássica, mas tinha inteligência e charme de sobra e era mestre na arte de parecer natural. E, como sempre, gosto de pessoas que se aproximam de mim com determinação explícita. Para me seduzir, ela foi persistente e paciente.

Ao longo dos meses seguintes, ficamos muito mais próximas uma da outra, e descobri que muitos conhecidos meus daquela vizinhança trabalhavam em segredo para ela, o que me dava mais segurança. Fiquei hipnotizada pela aventura ilícita que Nora representava. Quando ela ficava uma temporada mais longa na Europa ou no Sudeste Asiático, eu passava a maior parte do tempo na casa dela, cuidando de seus amados gatos pretos, Edith e Dum-Dum. Ela telefonava de madrugada, do outro lado do globo, para saber como

estavam os bichanos, e a linha telefônica clicava e chiava por causa da distância. Mantive tudo isso em segredo — evitava as perguntas dos meus já curiosos amigos.

Uma vez que o negócio era conduzido longe de onde eu morava, a realidade das drogas era uma total abstração para mim. Eu não conhecia nenhum usuário de heroína; e nem pensava no sofrimento do vício. Um dia, na primavera, Nora voltou para casa com um Miata conversível branco novinho em folha e uma mala cheia de dinheiro. Ela jogou as notas na cama e rolou sobre elas, nua e risonha. Era seu maior pagamento até o momento. Em pouco tempo eu já estava correndo no Miata, com Lenny Kravitz perguntando: “Are you gonna go my way?”

Apesar (ou talvez por causa) da situação romântica bizarra com Nora, eu sabia que precisava sair de Northampton e fazer alguma coisa. Minha amiga Lisa e eu vínhamos economizando nossas gorjetas e decidimos que pediríamos demissão do bar e iríamos para São Francisco no fim do verão. (Lisa desconhecia as atividades secretas de Nora.) Quando contei a Nora, ela respondeu que adoraria ter um apartamento em São Francisco e sugeriu que procurássemos um lugar para morar lá. Fiquei surpresa por ela gostar tanto de mim.

Poucas semanas antes de deixarmos Northampton, Nora ficou sabendo que teria de voltar à Indonésia.

— Por que você não vem comigo, me faz companhia? — sugeri. — Você não precisa fazer nada, só ficar por lá.

Eu nunca havia saído dos Estados Unidos. Embora, teoricamente, devesse começar minha nova vida na Califórnia, a perspectiva era irresistível. Eu queria uma aventura, e Nora estava oferecendo uma. Nada de ruim acontecera com os caras de Northampton que ela tinha levado como mensageiros para lugares exóticos — na verdade, eles voltaram com histórias memoráveis, que contavam apenas para um grupo seletivo. Racionalizei que não havia problema em acompanhar Nora. Ela me deu dinheiro para comprar uma passagem de São Francisco para Paris e disse que haveria uma

passagem para Bali esperando por mim no balcão da Garuda Air no aeroporto Charles de Gaulle. Simples assim.

A fachada de Nora para suas atividades ilegais era que ela e seu cúmplice, um sujeito de barbicha chamado Jack, estavam lançando uma revista sobre artes e literatura — improvável, mas era bom ser vago. Quando expliquei aos meus amigos e familiares que ia me mudar para São Francisco e trabalhar e viajar pela revista, todos ficaram surpresos e desconfiados do novo emprego, mas não respondi às perguntas deles, adotando um ar de mulher misteriosa. Ao sair de Northampton e seguir ao oeste com minha companheira Lisa B., senti como se finalmente estivesse começando minha vida. Sentia-me pronta para tudo.

Lisa e eu dirigimos sem parar de Massachusetts até a fronteira de Montana, alternando quem cochilava e quem dirigia. No meio da noite, estacionamos em uma parada de repouso para dormir; quando acordamos, vimos o incrível amanhecer dourado do leste de Montana. Eu não me lembrava de felicidade maior que a daquele momento. Ficamos um tempo naquele estado e depois cortamos Wyoming e Nevada até, por fim, atravessarmos a Bay Bridge e chegarmos a São Francisco. Eu tinha que pegar um avião.

De que eu precisaria para uma viagem para a Indonésia? Não fazia a menor ideia. Em uma mala pequena da L.L. Bean, enfiei uma calça preta de seda, um vestido sem manga, short jeans, três camisetas, uma blusa vermelha de seda, uma minissaia preta, minhas roupas de corrida e um par de botas pretas de caubói. Estava tão animada que me esqueci de colocar um biquíni na mala.

Quando cheguei a Paris, fui direto ao balcão da Garuda pegar minha passagem para Bali. Eles nunca tinham ouvido falar de mim. Nervosa, fui me sentar em um restaurante no aeroporto, pedi um café e tentei decidir o que fazer. Os dias de celulares e correio eletrônico ainda estavam por vir, e eu não tinha ideia de como contatar Nora; pressupus que havia ocorrido algum mal-entendido. Por fim, levantei-me, fui até uma banca de jornal, comprei um guia de Paris e escolhi um hotel barato e perto do centro no sexto distrito. (Meu único cartão de crédito tinha um limite muito baixo.) De meu

pequeno quarto, dava para ver os telhados de Paris. Telefonei para Jack, um velho amigo de Nora que naquela época era seu sócio nos Estados Unidos. Falso, arrogante e obcecado por prostitutas, Jack não era uma das minhas pessoas favoritas.

— Estou encalhada em Paris. Nada do que Nora me contou está correto. O que devo fazer? — perguntei.

Jack ficou muito irritado, mas decidiu que não podia me deixar desamparada.

— Procure uma agência da Western Union. Amanhã vou transferir dinheiro para você pagar a passagem.

A transferência demorou vários dias, mas pouco me importei; passei por Paris totalmente empolgada, absorvendo tudo. Comparada à maioria das francesas, eu parecia uma adolescente, então, para mudar essa imagem, comprei umas meias-calças pretas lindas de crochê para combinar com minhas botas Doc Martens e minha minissaia. Não me importava se algum dia teria que deixar Paris. Estava no paraíso, sozinha.

★ ★ ★

AO DESEMBARCAR, após um voo de treze horas fedido a cigarro de Paris para Bali, fiquei surpresa em ver Billy, meu ex-colega do bar, esperando por mim, muito alto em relação aos indonésios e com um grande sorriso no rosto sardento. Billy podia ter se passado por meu irmão, ruivo e com olhos muito azuis.

— Nora está esperando no *resort*. Você vai adorar isso aqui! — disse ele.

Quando encontrei Nora em nosso quarto luxuoso, de repente, fiquei sem graça naquele ambiente estranho. Mas ela agiu como se tudo aquilo fosse perfeitamente normal.

Bali foi um bacanal: dias e noites pegando sol, bebendo e dançando até altas horas com a turma de garotos gays que Nora conhecia, pessoas bonitas que quisessem nos ajudar a gastar dinheiro e jovens europeus e australianos que encontramos nos clubes da praia de Kuta. Fui à feira comprar um biquíni

e um sarongue, barganhei por máscaras entalhadas e joias de prata e andei pelas ruas de Nusa Dua conversando com os nativos simpáticos. Visitas a templos, *parasailing* e mergulho submarino ofereciam outras diversões — os instrutores de mergulho balineses adoraram o elegante peixe azul de barbatanas longas e encrustado de joias que fora tatuado em meu pescoço lá na Nova Inglaterra e logo me mostraram as próprias tatuagens. Mas as festividades eram pontuadas por telefonemas tensos entre Nora e Alaji, ou entre Nora e Jack.

A forma como o negócio funcionava era simples. Da África Ocidental, Alaji informava a algumas pessoas nos Estados Unidos que ele havia “contratos” para unidades de drogas (em geral, malas feitas sob medida com heroína escondida no forro) disponíveis — as entregas podiam sair de qualquer lugar do mundo. Pessoas como Nora e Jack (na prática, empregados terceirizados) se encarregavam de contrabandear as malas para os Estados Unidos, onde as entregavam a coletores anônimos. Eles eram responsáveis por descobrir como lidar com o transporte — recrutando mensageiros, treinando-os para passarem pela alfândega sem ser pegos, pagando suas “férias” e sua comissão.

Nora e Jack não eram as únicas pessoas com quem Alaji trabalhava; na verdade, Nora agora competia com Jonathan Bibby, o *marchand* que originalmente a treinara para os negócios de Alaji. A tensão que observei em Nora derivava da quantidade de “contratos” disponíveis, se ela e Jack poderiam executá-los e se as unidades de drogas realmente chegariam conforme programado — todos fatores que pareciam mudar de uma hora para outra. O trabalho exigia muita flexibilidade e muito dinheiro.

Quando o dinheiro diminuía, eu era enviada para receber transferências feitas por Alaji em bancos variados — o que já era crime, embora eu não tivesse me dado conta. Quando fui enviada para Jacarta em uma dessas tarefas, um mensageiro pediu para me acompanhar. Ele era um jovem gay de Chicago que curtia muito o estilo gótico, mas estava bem disfarçado de mauricinho descolado e ficou entediado com o hotel luxuoso. Durante o percurso longo e quente pela cidade gigante, ficamos deslumbrados com o

engarrafamento, as gaiolas com filhotes de cachorro à venda na beira da estrada e a diversidade humana que a metrópole do Sudeste Asiático oferece. Quando paramos em um sinal, havia um mendigo deitado na rua pedindo esmolas. Sua pele era quase preta por causa do sol, e ele não tinha as pernas. Comecei a abaixar a janela do táxi para lhe dar algumas das centenas de milhares de rupias que eu possuía.

Meu companheiro arfou de surpresa e se encolheu no assento.

— Não! — gritou.

Olhei para ele, enojada e perplexa. O taxista pegou meu dinheiro e o entregou para o mendigo. Viajamos em silêncio.

★ ★ ★

TÍNHAMOS MUITO tempo para matar. Saímos para nos divertir em clubes de praia de Bali, em bares de sinuca de Jacarta frequentados por militares e em boates como o Tanamur, que eram quase bordéis. Nora e eu fizemos compras, limpeza de pele, ou viajamos para outras partes da Indonésia — só nós duas, as meninas. E nem sempre nos dávamos bem.

Durante uma viagem para Krakatoa, contratamos um guia para nos acompanhar em uma caminhada pelas montanhas, que eram cobertas por mata densa e úmida. Estava quente, e suávamos muito. Paramos para almoçar perto de uma linda piscina natural no topo de uma cascata imensa. Após nadarmos nuas, Nora me desafiou — para ser precisa, ela me desafiou para valer — a pular na cascata, que tinha pelo menos dez metros de altura.

— Você já viu alguém pular daqui? — perguntei ao guia.

— Ah, sim, moça — respondeu ele, sorrindo.

— Você já pulou?

— Ah, não, moça! — respondeu, ainda sorrindo.

No entanto, um desafio era um desafio. Pelada, comecei a descer a rocha que parecia o lugar mais lógico de onde pular. A cascata rugia. Vi a água agitada, opaca e verde lá embaixo. Estava apavorada, e aquilo de repente pareceu uma má ideia. Mas a rocha estava escorregadia e, quando tentei em

vão voltar como um caranguejo, percebi que teria de pular; não havia saída. Reuni toda a minha força física e me atirei da rocha, gritando enquanto mergulhava fundo no desfiladeiro verde abaixo. Emergi na superfície rindo, radiante. Minutos depois, Nora saltou gritando da cascata atrás de mim.

Quando emergiu, arfou:

— Você é *louca!*

— Quer dizer que você não teria pulado se eu tivesse ficado com medo?
— perguntei, surpresa.

— De jeito nenhum! — respondeu.

Naquele momento, eu deveria ter me dado conta de que Nora não era confiável.

A Indonésia parecia oferecer uma gama ilimitada de experiências, mas havia uma ponta de perigo e ameaça. Eu nunca tinha visto tanta pobreza como a exibida em Jacarta, ou tanto capitalismo desenfreado nas fábricas imensas e no sotaque texano arrastado que se ouvia no saguão do hotel onde os executivos das empresas de petróleo bebiam. Era possível passar uma hora agradável no bar conversando com um britânico idoso sobre seus valiosos galgos lá na Grã-Bretanha e os charmes de São Francisco, mas, ao lhe dar o cartão de visitas, ele explicava, casualmente, que era contrabandista de armas. Quando saí do elevador no topo do Jakarta Grand Hyatt ao anoitecer, deparei-me com um jardim exuberante e comecei a correr pela pista que circundava o telhado, ouvi o chamado mulçumano para orações ecoando de mesquita em mesquita pela cidade toda.

Após várias semanas, fiquei ao mesmo tempo triste e aliviada ao me despedir da Indonésia e retornar ao Ocidente. Sentia saudades de casa.

Por quatro meses de minha vida, viajei constantemente com Nora, parando de vez em quando nos Estados Unidos por alguns dias. Vivemos em uma tensão constante, mas também sentimos um tédio imenso. Eu quase não tinha nada para fazer a não ser acompanhar Nora enquanto ela lidava com as “mulas”. Eu ficava vagando pelas ruas daquelas cidades estranhas completamente sozinha. Sentia-me desconectada do mundo bem à minha frente, uma pessoa sem propósito ou lugar. Não era essa a aventura pela qual

ansiara. Mentia para minha família sobre todos os aspectos de minha vida e estava ficando cansada de minha “família” adotiva do mundo das drogas.

Durante uma breve parada nos Estados Unidos para visitar minha família verdadeira e muito desconfiada, Nora telefonou dizendo que precisava me ver em Chicago. O aeroporto O’Hare era conhecido como “seguro”, seja lá o que isso significasse, e era a porta de entrada das drogas. Encontrei-a no hotel Congress, na avenida Michigan. *Que lugar horrroso*, pensei. Estava acostumada ao Mandarin Oriental. Nora explicou concisamente que precisava que eu pegasse um voo no dia seguinte levando dinheiro para Bruxelas. Ela precisava fazer isso para Alaji, e eu precisava fazer isso por ela. Nora nunca me pedira nada, mas naquele momento estava pedindo. No fundo, senti que eu tinha procurado aquela situação e não podia recusar. Estava apavorada. E concordei.

★ ★ ★

NA EUROPA, as coisas degradingaram. Nora estava com cada vez mais dificuldade para manter seus negócios, assumia riscos exagerados com os mensageiros, e isso era muito assustador. Jack, o sócio dela, nos encontrou na Bélgica, e as coisas foram de mal a pior rapidamente. Achei-o ganancioso, lascivo e perigoso. E via que Nora confiava muito mais nele do que gostava de mim.

Eu estava apavorada e muito triste e, durante nossa viagem da Bélgica à Suíça, não falei quase nada. Caminhei deprimida por Zurique, sozinha e sem amigos, enquanto Nora e Jack tramavam. Vi *O piano* três vezes seguidas, grata por ser transportada para outro lugar e época, chorando baixinho durante o filme todo.

Quando Nora me informou, sem rodeios, que queria que eu transportasse drogas, entendi que meu único valor para ela era como um meio de ganhar dinheiro. Obediente, “perdi” meu passaporte e tirei um novo. Ela me vestiu com pérolas, óculos e um par horrível de sapatos. Tentou em vão usar maquiagem pesada para esconder o peixe tatuado em meu pescoço.

Disseram-me para cortar o cabelo num estilo conservador. Em uma tarde de sábado fria e chuvosa, tentando encontrar um cabelereiro que transformasse minhas tranças loiras enormes em algo apresentável, entrei encharcada em um salão minúsculo, o quinto que tentara. Os quatro primeiros me haviam recebido com uma frieza suíça, mas, no quinto, um agradável sotaque familiar me perguntou:

— Precisa de ajuda?

Quase chorei quando vi a pessoa que perguntava — um americano jovem e gentil chamado Fenwick que se parecia com Terence Trent D'Arby. Ele pegou meu casaco molhado, me fez sentar em uma cadeira, me ofereceu chá quente e cortou meu cabelo. Ele foi curioso, mas compreensivo quando me neguei a dar explicações sobre mim ou minha presença no salão. Ele falou de Nova Orleans, de música e de Zurique.

— É uma ótima cidade, mas temos um problema terrível de heroína aqui. Você vê as pessoas simplesmente deitadas nas ruas, fora de si.

Senti vergonha. Quis voltar para casa. Quando saí do salão, agradei Fenwick profusamente, o único amigo que eu fizera em meses.

A qualquer momento, com um telefonema, minha família teria me ajudado a sair daquela confusão em que eu me enfiara, mas nunca dei esse telefonema. Achei que precisava enfrentar tudo sozinha, contando apenas com a gentileza de estranhos como Fenwick. Sozinha assumira essa desventura e sozinha a levaria até o fim, embora eu estivesse, naquele momento, petrificada de medo pela possibilidade de que o desenlace fosse muito ruim.

Nora e Alaji desenvolveram um esquema elaborado e arriscado para trocar malas dentro do aeroporto de Zurique, mas, felizmente, as drogas que ela queria que eu levasse nunca apareceram e, por pouco, não me tornei uma traficante de drogas. A ocorrência de um desastre era apenas uma questão de tempo, e aquilo tudo era muito para mim. Eu sabia que precisava escapar. Quando voltei aos Estados Unidos, peguei o primeiro voo para a Califórnia. Na segurança da Costa Oeste, rompi todos os laços com Nora e deixei minha vida criminosa para trás.

CAPÍTULO 2

Tudo mudou num instante



São Francisco era um bom refúgio — eu podia ser uma figura estranha, mas pelo menos estava cercada de muitas outras. Fui morar no bairro de Lower Haight com minha velha amiga da Costa Leste, Alfie; ela havia trabalhado comigo no bar e agora estava morando em São Francisco. Eu ainda estava traumatizada e me sentia como um satélite fumegante que tinha atravessado a atmosfera e caído na Terra. Quando Alfie não estava por perto, eu costumava me sentar no chão do nosso apartamento e ficar ruminando sobre o que tinha feito, espantada com quanto havia me desviado e como, ao longo daquele caminho, estivera disposta a abandonar minha própria identidade. Prometi a mim mesma jamais voltar a abrir mão de quem eu era, por nada nem ninguém.

Depois de passar meses vivendo no submundo, precisei de algum tempo para me habituar à vida normal. Eu tinha passado um longo período vivendo à base de serviço de quarto, exotismo e ansiedade. Mas agora contava com muitos bons amigos dos tempos de faculdade em São Francisco, e eles me acolheram, me levaram para um mundo de trabalho, churrascos, esportes e outros rituais saudáveis. Larguei o cigarro.

Eu vivia o tempo todo aterrorizada pela questão do dinheiro e logo arrumei dois trabalhos. Levantava de manhã bem cedo para chegar ao emprego número um, no bairro de Castro, abrindo o Josie's Juice Joint and Cabaret às sete horas, e chegava tarde da noite em casa depois de trabalhar

como *hostess* num restaurante italiano chique do outro lado da cidade, em Pacific Heights. Finalmente acabei conseguindo um emprego “de verdade” numa produtora de TV especializada em infomerciais. O trabalho incluía convencer transeuntes na rua a experimentar produtos e equipamentos bizarros em lugares públicos, atender a pedidos de pseudocelebridades no estúdio e aplicar cera de depilação no rosto de completos estranhos. Voei pelo país inteiro, filmando pessoas que queriam ser menos gordas, menos pobres, menos enrugadas, menos solitárias ou menos peludas. Descobri que podia falar com qualquer um, fosse Bruce Jenner ou uma mãe com buço, e encontrar rapidamente algo em comum com as pessoas — eu também queria ser menos pobre, solitária e peluda. À custa de muito trabalho, deixei de ser a garota que quebrava galhos para todo mundo e me tornei uma produtora de verdade, lidando com pré-produção, filmagens e edição final. Adorava meu emprego, para grande diversão dos meus amigos, que costumavam debochar de mim, perguntando sobre a última novidade das madrugadas, que aparelho, esquema ou creme inovador transformaria a vida das pessoas.

Tive alguns namoros, mas ainda estava um tanto fragilizada e reticente depois do desastre da minha relação com Nora. Eu me sentia confortável na condição de solteira convicta, com um romance inconsequente de vez em quando só para me distrair um pouco do trabalho.

Nunca falei com meus novos amigos sobre meu envolvimento com Nora, e o círculo de pessoas que sabia do meu segredo permanecia bem restrito. À medida que o tempo foi passando, fui relaxando. Comecei a me sentir mais segura, acreditando que aquilo tudo não passara de um entreato de loucura. Pensei que soubesse o que era risco. Considerei meu período com Nora no exterior um curso intensivo sobre as realidades do mundo, sobre quão feias as coisas podem ficar e como era importante permanecermos fiéis a nós mesmos, ainda que em meio a aventuras ou experiências. Em minhas viagens, eu tinha encontrado todo tipo de gente cuja dignidade parecia ter um preço — bastante variável — e concluí que na vez seguinte trataria de determinar para a minha um preço mais alto do que qualquer um se dispusesse a pagar.

Conservando na memória todas aquelas lições extraídas da vida, eu me sentia muito sortuda. Um ótimo emprego, ótimos amigos, ótima cidade, ótima vida social. Por meio de amigos comuns, conheci Larry, o único que trabalhava tanto quanto eu numa cidade que cultuava o lazer como São Francisco. Ele dirigia uma agência de notícias chamada AlterNet, numa organização sem fins lucrativos na área de comunicação. Quando eu me arrastava exausta para fora da sala de edição, já de madrugada, podia contar sempre com Larry para um jantar ou uma bebida tarde da noite.

Na verdade, ele estava sempre disposto a fazer qualquer coisa. Ingressos para uma festival de música? Larry topava. Que tal acordar bem cedo num domingo para ir à igreja em Glide no Tenderloin e depois partir para uma caminhada urbana de seis horas pontuadas por paradas para tomar *bloody marys*? Ele era judeu, mas claro que topava, iria à igreja e acompanharia o canto dos hinos. Não era meu único amigo heterossexual, mas compartilhávamos certa afinidade de senso de humor, e ele logo se tornou minha maior fonte de diversão.

Na condição de nova melhor amiga lésbica de Larry, acostumei-me a ouvi-lo falar a respeito de cada nova conquista romântica e dos subsequentes fiascos, contados nos seus mínimos e mais dolorosos detalhes, o que era ao mesmo tempo terrível e fascinante. E eu não me fazia de rogada nas minhas avaliações sobre seu desempenho. Ele retribuía esse favor me tratando como uma rainha. Certa noite, um mensageiro chegou ao meu escritório de bicicleta com um embrulho contendo um autêntico *pretzel* da Filadélfia, incluindo o molho de mostarda picante que Larry trouxera pessoalmente de uma recente viagem ao leste. Que fofo, pensei, enquanto mastigava.

Mas então aconteceu algo preocupante. Larry ficou obcecado com uma das mulheres que vinha tentando conquistar, uma que era particularmente melodramática. Ele se tornou nitidamente menos divertido. Não fui a única a perceber isso.

— Ela o está trazendo na coleira! — debocharam outros amigos.

Gozávamos dele sem piedade, mas isso não parecia estar surtindo muito efeito. Então precisei tomar o caso em minhas próprias mãos e assim, no

canto escuro de uma boate de quinta categoria, eu me sacrifiquei pela dignidade de Larry, beijando em cheio sua boca piadista e surpresa.

Isso atraiu sua atenção. E a minha. Que diabo eu estava pensando? Continuei a agir durante vários meses como se nada tivesse acontecido, enquanto tentava pôr em ordem meus sentimentos. Larry não se parecia nem de longe com nenhum dos caras com quem eu tinha me envolvido no passado. Em primeiro lugar, eu gostava dele. E em segundo, ele era baixo, desengonçado, sempre ávido por agradar, com grandes olhos azuis, um grande sorriso e cabelo grande demais. Até então eu só me dignara a dormir com narcisistas altos e bonitos. Não estava especialmente a fim de namorar um homem, e aquele sujeito não era nem o meu tipo!

A não ser pelo fato de que era. Larry era exatamente o meu tipo. Mesmo depois daquele beijo estranho na boate, continuávamos inseparáveis, ainda que ele se mostrasse confuso, o que era compreensível. Mas ele não forçava a barra, não exigia respostas ou clareza, apenas esperava. Ao me lembrar daquele *pretzel*, compreendi que, naquela época, Larry já estava apaixonado por mim e eu por ele. Meses depois já formávamos oficialmente um casal de verdade, para espanto de nossos amigos um tanto céticos.

Na verdade, aquele era de longe o relacionamento mais fácil que eu já tivera. Estar com ele era algo que me deixava inegavelmente feliz, de modo que, quando Larry veio me procurar, parecendo confuso e dividido, para contar que tinham lhe oferecido um ótimo emprego numa revista na Costa Leste, aquilo não chegou a me abalar. Meu passo seguinte pareceu tão óbvio, tão natural, que a decisão praticamente se formou sozinha. Larguei meu adorado emprego para me mudar para o leste com ele — era de longe o melhor risco que eu assumira.

★ ★ ★

LARRY E eu aterrissamos em Nova York em 1998 — ele era editor numa revista masculina, eu trabalhava como produtora *freelancer* — e fomos morar

num edifício sem elevadores no West Village. Numa tarde quente de maio, alguém tocou a campainha. Eu estava trabalhando em casa, de pijama.

— Quem é? — perguntei pelo interfone.

— Srta. Kerman? Somos policiais, agentes Maloney e Wong.

— Sim?

Fiquei imaginando o que a polícia de Nova York estaria querendo no edifício.

— Podemos falar com a senhora por um momento?

— Sobre o quê?

De repente, comecei a ficar desconfiada.

— Srta. Kerman, acho que seria melhor se conversássemos pessoalmente.

Maloney e Wong, homens grandes à paisana, subiram os cinco lances de escada e se sentaram na minha sala. Maloney se encarregou de falar, enquanto Wong me encarava, impassível.

— Srta. Kerman, somos agentes da alfândega dos Estados Unidos. Estamos aqui para notificá-la de que a senhora foi indiciada num tribunal federal, em Chicago, por tráfico de drogas e lavagem de dinheiro.

Ele me entregou uma folha de papel.

— Precisa comparecer ao tribunal nessa data, nesse lugar. Se não aparecer, será presa.

Fiquei olhando para ele, em silêncio, e as veias nas minhas têmporas de repente começaram a latejar como se eu tivesse corrido quilômetros em alta velocidade. O barulho dentro da minha cabeça me assustou. Eu tinha deixado o passado para trás, mantido tudo aquilo em segredo, escondido de todos, inclusive de Larry. Mas agora tudo estava acabado. Fiquei chocada ao perceber como meu medo se manifestava de forma física.

Maloney tirou um bloco do bolso e perguntou num tom casual:

— Gostaria de fazer uma declaração, Srta. Kerman?

— Acho que seria melhor se eu falasse com um advogado, não acha, Sr. Maloney?

Cambaleei até o escritório de Larry, quase me esquecendo de tirar o pijama. Gaguejando, eu o levei para fora, até a rua West 22ª.

— O que houve? Está zangada comigo? — perguntou ele.

Respirei fundo, pois de outro modo não conseguiria falar.

— Fui indiciada num tribunal federal por lavagem de dinheiro e tráfico de drogas.

— O quê?

Ele parecia divertido. Olhou à sua volta, como se esperasse ser surpreendido pela pegadinha de alguma câmara indiscreta.

— É verdade. Não estou inventando. Acabei de vir de casa. Os federais foram lá. Preciso usar o telefone. Preciso de um advogado. Posso usar um telefone?

Ei, espera aí. Talvez eu não pudesse usar o telefone. Talvez todos os telefones remotamente associados à minha pessoa, inclusive os do escritório de Larry, estivessem grampeados. Cada uma das coisas doidas e paranoicas que Nora tinha me contado agora pareciam gritar dentro da minha cabeça. Larry me olhava como se eu tivesse ficado louca.

— Tenho de usar o celular de outra pessoa! Que telefone posso usar?

Minutos depois, eu estava na escada de incêndio do lado de fora do escritório de Larry ligando para um amigo meu em São Francisco, que era o advogado de maior prestígio que eu conhecia. Ele atendeu.

— Wallace, é Piper. Dois agentes federais acabaram de bater lá em casa e me disseram que fui indiciada por lavagem de dinheiro e tráfico de drogas.

Wallace riu. Essa era uma reação à qual eu acabaria por me habituar à medida que meus amigos tomavam conhecimento da situação difícil em que me encontrava.

— Porra, Wallace, estou falando sério. Não tenho a menor ideia do que fazer. Estou enlouquecendo!! Você precisa me ajudar.

— De onde está me ligando?

— Da escada de incêndio.

—Vá procurar um telefone público.

Voltei à sala de Larry.

— Preciso de um telefone público.

— Querida, que história é essa?

Ele parecia irritado, preocupado e um pouco contrariado.

Mais tarde, ao ouvir uma explicação resumida (e talvez não muito coerente) da situação, Larry ficou estranhamente quieto. Não gritou comigo por eu não ter contado sobre minha vida no crime antes de decidirmos viver juntos. Não me censurou por eu ser uma idiota egocêntrica, imprudente e insensata. Enquanto eu esvaziava minha poupança para pagar honorários do advogado e a fiança, ele não sugeriu que eu tinha arruinado a minha vida e a dele. Disse:

— Vamos dar um jeito de sair dessa. Tudo vai dar certo. Porque eu amo você.

★ ★ ★

AQUELA MANHÃ marcou o início de uma longa e tortuosa expedição pelos labirintos do sistema penitenciário americano. Wallace me ajudou a encontrar um advogado. Ao ver-me confrontada com o fim da vida que eu conhecia, adotei minha postura padrão de pessoa assustada e perdida: isolei-me, dizendo a mim mesma que eu tinha me metido naquela encrenca, que a culpa era toda minha e que cabia a mim encontrar uma solução.

Mas eu não estava sozinha — minha família e meu namorado, que foi pego de surpresa, iriam embarcar comigo nessa viagem terrível. Larry, meus pais, meu irmão, meus avós — todos permaneceram ao meu lado ao longo de toda essa jornada, ainda que horrorizados com meu passado criminoso até então oculto. Meu pai veio até Nova York, e levamos quatro horas sofridas indo de carro até a Nova Inglaterra, onde meus avós estavam passando o verão. Eu não estava me sentindo descolada, interessante, aventureira, contracultural ou rebelde. Tudo o que sabia era que havia deliberadamente magoado todas as pessoas que mais amava e jogado fora minha vida. O que eu tinha feito era algo quase completamente incompreensível para eles, e me sentei na sala dos meus avós, rígida de vergonha em meio àquela reunião familiar de emergência, enquanto eles passaram horas me fazendo perguntas, tentando entender de alguma forma o que havia acontecido.

— Que diabos você fez com o dinheiro? — perguntou minha avó finalmente, perplexa.

— Bem, vó, na verdade não me meti naquilo por dinheiro — respondi, envergonhada.

— Pelo amor de Deus, Piper! — retrucou ela.

Eu não era apenas uma vergonha e uma decepção. Era também uma idiota.

Ela não disse que eu era idiota. Na verdade, ninguém chegou a dizer também que eu era uma vergonha e uma decepção. Não precisavam. Eu sabia. Por incrível que parecesse, minha mãe, meu pai e meus avós — toda a minha família —, todos disseram que me amavam. Estavam preocupados comigo. Eles me ajudariam. Quando saí, minha avó me deu um abraço apertado, contraindo minhas costelas com seus braços pequeninos.

Apesar de minha família e de meus novos amigos terem levado a sério a situação, eles duvidavam que uma “loura simpática” como eu pudesse acabar na cadeia, porém meu advogado logo me fez ver a gravidade do problema. A acusação num tribunal federal por formação de quadrilha para importar heroína havia sido provocada pelo colapso da operação de tráfico de drogas montada por minha ex-amante. Nora, Jack e outros treze (alguns eu conhecia, outros não), incluindo o chefe Alaji, tinham sido indiciados também. Tanto Nora como Jack estavam presos, e alguém estava entregando nomes.

As coisas não tinham terminado bem entre mim e Nora, mas eu jamais imaginaria que ela fosse me entregar para salvar a própria pele. Porém, quando meu advogado me enviou o material em poder do promotor — as provas que o governo tinha reunido contra mim —, havia uma declaração detalhada dela descrevendo de que forma eu levava dinheiro para a Europa. Naquele momento, eu estava num mundo inteiramente novo, um mundo em que “acusações de formação de quadrilha” e “penas mínimas obrigatórias” iriam determinar meu destino.

Aprendi que formação de quadrilha, diferentemente de atos ilegais individuais, é quando um grupo de pessoas é acusado de se organizar para cometer um crime. É comum que alguém seja acusado de formação de

quadrilha com base apenas na força do testemunho de um “cúmplice” ou, pior, de um “informante confidencial”, alguém que aceitou denunciar outras pessoas em troca de imunidade. Procuradores adoram acusações de formação de quadrilha porque facilitam bastante a autorização de indiciamentos pelo tribunal e representam um instrumento eficaz para fazer acusados admitirem a culpa: uma vez que uma pessoa tenha sido indiciada por formação de quadrilha, fica muito fácil convencer os outros réus de que eles não têm chance num julgamento público. Sob a acusação de formação de quadrilha, eu seria condenada com base no total de drogas envolvidas no conjunto da operação, e não levando em conta apenas o pequeno papel que eu tinha desempenhado.

Nos Estados Unidos, a instituição de penas mínimas obrigatórias foi parte vital do projeto de “Guerra contra as drogas”, do fim do século XX. Os princípios estabelecidos pelo Congresso na década de 1980 exigiam que juízes federais impusessem penas pré-estabelecidas para crimes relacionados às drogas, sem levar em conta as circunstâncias específicas de cada caso e sem considerar uma avaliação da pessoa condenada. Muitos estados criaram legislação análoga às leis federais. A extensão das penas me deixou horrorizada: dez, doze, vinte anos. Longas penas mínimas obrigatórias para crimes relacionados a drogas são o principal motivo da explosão da população carcerária nos Estados Unidos desde os anos 1980, alcançando mais de 2,5 milhões de pessoas, um aumento de quase 300%. Hoje, um em cada cem adultos está preso, muito mais do que qualquer outro país no mundo.

Meu advogado me explicou com todo o cuidado que, se eu desejasse ir a julgamento, seria uma das melhores réis com quem ele já tinha trabalhado, uma pessoa simpática e com uma história para contar; porém, se perdesse, eu correria o risco de receber a pena máxima, provavelmente uma década na cadeia. Se eu admitisse culpa, iria para a prisão com certeza, mas por muito menos tempo.

Escolhi a última opção. Tive algumas conversas angustiadas com Larry e com minha família, ainda atônita. Mas cabia a mim decidir. Meu advogado

negociou com empenho e inteligência, acabando por conseguir que a promotora me permitisse admitir culpa por lavagem de dinheiro, em vez de formação de quadrilha, que exigiria uma pena mínima de trinta meses numa prisão federal.

No Halloween de 1998, Larry e eu viajamos até Chicago fantasiados de “adolescentes”; talvez minha infelicidade tenha ficado mascarada sob o disfarce. Naquela noite chegamos à cidade acompanhados por nossos amigos Gab e Ed, que não faziam a mínima ideia da minha situação, pensando que eu ia a Chicago a trabalho. Na manhã seguinte, eu estava firme, ainda que pálida, e com meu melhor *tailleur*, a caminho do prédio onde ficava o tribunal federal. Sob os olhos de Larry, balbuciei as duas palavras que selaram meu destino:

— Culpada, meritíssimo.

★ ★ ★

POUCO DEPOIS de me declarar culpada, aconteceu algo muito surpreendente. “Alaji”, o chefe africano das drogas, foi preso em Londres com base em um mandado expedido nos Estados Unidos. De repente, a data da minha prisão foi adiada — por tempo indeterminado — enquanto os Estados Unidos tentavam fazer com que ele fosse extraditado para ser julgado pela justiça americana. Eles queriam que eu usasse roupas normais na hora de depor, não o uniforme laranja de presidiária.

Não havia um fim à vista. Passei quase seis anos sob a supervisão dos federais, me apresentando todo mês à minha “supervisora pré-julgamento”, uma jovem séria com um penteado cacheado exuberante que trabalhava numa sala no edifício do tribunal federal na rua Pearl, em Manhattan. Uma vez por mês, eu tinha de passar pela segurança do edifício, ir de elevador até o setor de procedimentos pré-julgamento e assinar a presença, e depois esperar numa sala lúgubre decorada com cartazes motivacionais aconselhando Perseverança e Use Camisinha. Não era raro eu ficar sozinha na sala de espera. Às vezes tinha a companhia de algum jovem negro ou latino, que me

examinava em silêncio ou se limitava a olhar direto para a frente. Ocasionalmente aparecia um ou outro sujeito branco, mais velho e de pescoço largo, cheio de joias douradas — esses me olhavam completamente surpresos. De vez em quando aparecia outra mulher, nunca branca, às vezes acompanhada de crianças. Elas sempre me ignoravam. Quando minha Srta. Finnegan finalmente vinha me chamar, eu a seguia até sua sala, onde ficávamos sentadas numa atmosfera de constrangimento por alguns minutos.

— E então... Alguma novidade sobre seu caso?

— Nada.

— Bem... Esse é dos demorados.

Veza ou outra, quase se desculpando, ela me submetia a um exame antidrogas. Eu sempre estava limpa. A Srta. Finnegan acabou deixando o departamento para cursar a faculdade de direito, e fui transferida para a igualmente afável Srta. Sanchez. Ela tinha unhas compridas no formato de Doritos e pintadas de rosa Barbie.

— Você é minha mais fácil! — dizia ela todos os meses, sorridente.

Durante mais de cinco anos de espera, pensei a respeito da prisão sob todos os aspectos possíveis e imagináveis. Meu problema permaneceu um segredo para quase todas as pessoas que eu conhecia. No começo a situação era terrível demais, opressiva demais e incerta demais para que eu contasse a alguém. Com o adiamento provocado pelo processo de extradição, a situação tornou-se bizarra demais para ser mencionada a amigos que nada sabiam a respeito: “Estou para ser presa... um dia desses, quem sabe.” Eu sentia que precisava simplesmente aguentar tudo em silêncio. Os amigos que sabiam do caso tiveram a delicadeza de não mencionar o assunto à medida que os anos se arrastavam, como se Deus tivesse me deixado em espera.

Eu me esforçava muito para esquecer o que me esperitava mais adiante, canalizando minhas energias como diretora de criação para empresas de internet e explorando o centro de Nova York com Larry e nossos amigos. Precisava de dinheiro para pagar minhas enormes despesas jurídicas, então trabalhei com clientes que meus colegas moderninhos achavam

desinteressantes e pouco charmosos — grandes empresas de telecomunicação, petroquímicas e holdings gigantescas e obscuras.

Ao interagir com as pessoas — com exceção de Larry —, eu me mostrava parcialmente ausente. Só a ele eu revelava meu medo e minha vergonha. Com os que nada sabiam do meu crime secreto e da minha prisão iminente, eu simplesmente não conseguia ser eu mesma — era agradável, às vezes encantadora, porém ausente, distante, talvez até indiferente. Mesmo com amigos íntimos que tinham conhecimento da minha situação, eu não me envolvia plenamente — estava sempre observando a mim mesma com certa presciência implícita, uma sensação de que tudo que estivesse acontecendo no momento não tinha tanta importância em vista do que estava por vir. Ao longe, no horizonte, eu sabia que a devastação estava a caminho, que os cossacos e os índios hostis se aproximavam.

Com o passar dos anos, minha família quase começou a acreditar que eu acabaria sendo milagrosamente poupada. Minha mãe com certeza passou muitas horas na igreja. Mas jamais, nem por um minuto, eu me permiti alimentar essa fantasia — eu sabia que iria para a prisão. Vivi períodos de profunda depressão. Porém, a grande revelação foi o fato de que minha família e Larry ainda me amavam apesar da merda federal que eu havia aprontado; de que os amigos que sabiam da verdade nunca se afastaram de mim; e de que eu ainda era capaz de me manter ativa tanto no aspecto profissional quanto no social, apesar de ter claramente arruinado minha vida. Comecei a encarar com menos medo o futuro, minhas chances de ser feliz e até mesmo a prisão, à medida que o tempo foi passando.

A principal razão disso foi Larry. Quando fui indiciada, estávamos decididamente apaixonados, mas, com apenas 28 anos e recém-chegados a Nova York, não pensávamos no futuro além do dia em que teríamos de nos mudar quando o cara que nos sublocava o apartamento voltasse de Londres. Quando meu passado criminoso ressurgiu, quem poderia culpar Larry se ele tivesse se virado para mim e dito “Não quero essa maluquice da porra para mim. Eu achava que você fosse maluca do bem, não uma louca psicopata”? Quem poderia prever que um rapaz judeu simpático de Nova Jersey iria

processar a informação de que sua namorada ex-lésbica, branquela e baladeira fosse uma delinquente prestes a ir para a cadeia?

Quem diria que meu namorado extrovertido, inconstante e viciado em caféina viria a se mostrar tão paciente, capaz e engenhoso? Que quando eu chorasse até quase sufocar, ele seguraria minha cabeça e me consolaria? Que viria a guardar meu segredo como se fosse dele mesmo? Que quando eu viesse a me afundar na depressão por períodos muito longos, deixando que a autopiedade me arrastasse pelos tornozelos para lugares horríveis nas profundezas, ele lutaria para me trazer de volta à superfície, mesmo que isso significasse batalhas terríveis e dias e noites difíceis em casa?

Em julho de 2003, estávamos em Massachusetts na casa de praia da minha família. Num lindo dia de sol, Larry e eu fomos de caiaque até a ilha Pea, um pedaço de pedra e areia numa pequena enseada perto da baía Buzzard. A ilha era tranquila e estava deserta. Nadamos e depois nos sentamos numa pedra, olhando a enseada. Larry mexia no short, e olhei para ele de soslaio, imaginando porque estaria agindo de modo tão estranho. Então ele tirou um saco plástico de dentro do short e, de dentro deste, uma caixa de metal.

— P, comprei esses anéis porque amo você, e quero que use esses anéis porque você significa muito para mim. São sete, um para cada ano em que estivemos juntos. Não precisamos nos casar se você não quiser. Mas quero que fique com eles...

É claro que não consigo me lembrar de mais uma palavra do que ele disse, porque fiquei tão surpresa e espantada e comovida e entusiasmada que não ouvi mais nada. Só gritei: “Sim!” A caixa continha sete anéis martelados de ouro, cada um fino como papel pardo, para serem usados juntos. E ele tinha arrumado um anel para si também, um aro fino de prata que o deixava pouco à vontade.

Minha família ficou louca de alegria. Os pais de Larry também, mas, apesar de eu estar com o filho deles por bastante tempo, havia muita coisa que eles não sabiam a respeito da sua futura nora. Sempre tinham me tratado com carinho e gentileza, mas eu estava aterrorizada ao imaginar qual seria sua reação ao meu segredo desagradável. Carol e Lou eram diferentes dos meus

pais ex-hippies: tinham namorado ainda na escola nos anos 1950, numa era pré-contracultura. Ainda viviam na mesma vizinhança bucólica onde tinham sido criados e continuavam a frequentar jogos de futebol americano e jantares da associação dos advogados. Eu não achava que fossem compreender meu fascínio adolescente pelo submundo da sociedade, meu envolvimento com o narcotráfico internacional ou meu iminente encarceramento.

Àquela altura, mais de cinco anos haviam se passado desde meu indiciamento. Larry achava que seria importante contar a eles o que estava acontecendo. Decidimos treinar com outras pessoas, uma tática que Larry batizou de “conte a verdade e fuja”. As reações mostraram-se bem coerentes — nossos amigos a princípio riam às gargalhadas, depois precisavam ser convencidos, e então se mostravam horrorizados e preocupados comigo. Apesar da reação deles, eu estava profundamente assustada, achando que minha sorte acabaria quando chegasse a vez dos meus futuros sogros.

Larry ligou para eles e disse que precisávamos conversar pessoalmente sobre algo importante. Fomos de carro até lá numa noite de agosto, chegamos tarde e comemos um clássico jantar de verão — filé, espigas de milho, grandes e suculentos tomates frescos, uma torta de pêssego deliciosa. Larry e eu nos sentamos um de frente para o outro à mesa da cozinha. Carol e Lou pareciam mais do que nervosos, porém não exatamente aterrorizados. Acho que imaginavam que era sobre mim, não sobre Larry. Finalmente, Larry disse:

— Más notícias, mas não é câncer.

A história foi saindo de mim aos borbotões, com algumas interrupções por parte de Larry, nem sempre coerentes, mas pelo menos tinha saído, como uma farpa.

Carol estava sentada ao meu lado. Ela pegou minha mão, apertou com força e disse:

— Você era jovem!

Lou tentou organizar aquela informação radicalmente nova na sua cabeça ativando o modo advogado, perguntando sobre o indiciamento, quem estava

encarregado da minha defesa, o tribunal em questão e o que eles poderiam fazer para ajudar. E eu era viciada em heroína?

O que havia de ironicamente belo na família de Larry era o fato de que, quando algo insignificante dava errado, era como se o Titanic estivesse naufragando, mas quando um verdadeiro desastre acontecia, eles eram as pessoas que você gostaria de ter no bote salva-vidas. Eu tinha esperado por uma explosão de recriminação e rejeição e no final recebi um enorme abraço.

★ ★ ★

NO FINAL das contas, a Grã-Bretanha se recusou a extraditar o chefe Alaji para os Estados Unidos e resolveu libertá-lo. Meu advogado explicou que, sendo nigeriano, ele era um cidadão da Commonwealth e gozava de certas proteções sob a lei britânica. Uma rápida pesquisa na internet revelou que ele era um próspero e poderoso empresário e gângster na África, e imaginei que certamente ele deveria dispor de contatos capazes de fazer com que detalhes menores, como pedidos de extradição, sumissem.

Finalmente, a promotoria de Chicago resolveu dar prosseguimento ao meu caso. Ao me preparar para receber a sentença, escrevi uma declaração pessoal dirigida ao tribunal e rompi meu silêncio, procurando outros amigos e colegas de trabalho para que escrevessem cartas depondo a favor do meu caráter e pedindo leniência ao juiz. Foi uma experiência incrivelmente difícil e um exercício de humildade abordar pessoas que eu conhecia havia anos, confessar minha situação e pedir ajuda. A resposta foi fantástica; eu havia me preparado para ser rejeitada, sabendo que seria perfeitamente razoável para qualquer pessoa recusar por qualquer motivo. No entanto, fui inundada por manifestações de gentileza e preocupação e chorei ao ler cada uma daquelas cartas, quer descrevessem minha infância, minhas amizades ou minha ética profissional. Cada um se esforçou para transmitir o que julgava importante e positivo na minha pessoa, o que bateu de frente com o modo como me sentia: profundamente indigna.

Uma das minhas melhores amigas de faculdade, Kate, escreveu para o juiz:

Acredito que sua decisão de aderir a uma atividade criminosa tenha sido parcialmente motivada pela sensação de que ela estava sozinha no mundo e precisava se virar por conta própria. Desde a época dessas decisões, seu relacionamento com as outras pessoas mudou e se aprofundou. Acredito que agora ela saiba que sua vida está entrelaçada com as das pessoas que a amam...

Finalmente, a data em que minha sentença seria estabelecida começou a se aproximar. Ainda que durante os quase seis anos de espera tivesse ecoado na minha cabeça o clichê “O que não mata engorda”, eu me via obrigada a ponderar sobre quanto de verdade haveria nisso, como a maior parte das ideias velhas e surradas. Eu havia tirado as cartas da dissimulação, exposição, vergonha, quase falência e um isolamento autoimposto. Era uma mão nada promissora para se baixar na mesa. E, no entanto, de algum modo eu não me encontrava sozinha àquela altura do jogo. Minha família, meus amigos, meus colegas de trabalho — todas aquelas pessoas boas tinham se recusado a me abandonar, apesar do comportamento execrável, alucinado e insensato do passado e a despeito do meu método eu-sou-uma-ilha de lidar com meus problemas. Já que todas essas pessoas boas me amavam o suficiente para me ajudar, talvez eu não fosse tão ruim quanto me sentia. Talvez houvesse uma parte de mim que merecesse o amor deles.

Larry e eu voamos novamente para Chicago, onde nos encontramos com meu advogado, Pat Cotter, na véspera do anúncio da sentença. Tínhamos esperança de conseguir uma pena menor do que trinta meses, e o promotor havia concordado, tendo em vista a longa demora. Mostrei a Pat as opções do meu guarda-roupa para o tribunal: um dos meus *tailleurs* de diretora de criação; um conjunto de estilo meio militar que devia ser a peça mais conservadora do meu armário; e uma terceira opção, um conjunto de saia e

paletó dos anos 1950, que eu tinha comprado no eBay, de cor creme e um delicado padrão xadrez, bem tradicional.

— É esse — disse Pat, apontando para o conjunto de saia e paletó. — Queremos que, ao olhar para você, ele se lembre da própria filha ou sobrinha ou vizinha.

Não consegui dormir naquela noite, e Larry ligou a TV do hotel num canal de ioga, onde um iogue esguio e bonito fazia poses de *pretzel* numa praia havaiana hipnótica. Desejei fervorosamente estar lá também.

No dia 8 de dezembro de 2003, levantei-me diante do juiz Charles Norgle com um pequeno grupo de familiares e amigos sentados atrás de mim no tribunal. Antes que ele me comunicasse a sentença, fiz uma declaração.

— Meritíssimo, há mais de uma década tomei decisões erradas, tanto no plano prático como no moral. Agi de maneira egoísta, sem mostrar consideração pelos outros, conscientemente violei a lei, menti para minha família que me amava e me afastei dos meus verdadeiros amigos.

“Estou preparada para enfrentar as consequências de meus atos e aceitar qualquer punição que o tribunal definir. Sinto muito por todo o mal que causei e sei que esse tribunal me concederá um tratamento justo.

“Gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer a meus pais, meu noivo e meus amigos e colegas que estão aqui hoje e que me deram amor e apoio, e gostaria de pedir desculpas por todo o sofrimento, pelas preocupações e pelo constrangimento que lhes causei.

“Meritíssimo, obrigada por ouvir minha declaração e por considerar o meu caso.”

Fui condenada a quinze meses numa prisão federal e ouvi o choro de Larry, meus pais e minha amiga Kristen atrás de mim. Achei que era um milagre eu não ter recebido uma pena maior e estava tão exausta pela espera que estava ansiosa para resolver aquilo tudo o mais rápido possível. Mas o sofrimento dos meus pais foi pior do que qualquer tensão, fadiga ou depressão provocada pelo longo atraso.

No entanto, a espera continuou, dessa vez para definir para qual prisão eu iria. A sensação era muito parecida com a da espera pela carta de aceitação na

faculdade: Espero que consiga entrar em Danbury, Connecticut! Qualquer outro lugar teria se revelado desastroso, impedindo que Larry ou minha família me vissem com alguma frequência. West Virginia, a oitocentos quilômetros de distância, era a outra prisão feminina federal mais próxima. Quando o envelope fininho chegou da justiça pedindo que eu me apresentasse na Instituição Correcional Federal (ICF) em Danbury no dia 4 de fevereiro de 2004, meu alívio foi enorme.

Procurei pôr meus assuntos em ordem, preparando-me para desaparecer durante um ano. Já tinha lido todos os livros disponíveis na Amazon a respeito de como sobreviver à prisão, mas todos haviam sido escritos para homens. Visitei meus avós, tentando reprimir o medo de que talvez nunca voltasse a vê-los. Cerca de uma semana antes do dia em que deveria me apresentar, Larry e eu encontramos um pequeno grupo de amigos no Joe's Bar, na rua Sixth, em East Village, para uma despedida bastante improvisada. Eram nossos bons amigos da cidade, que conheciam meu segredo e tinham feito de tudo para ajudar. Nós nos divertimos — jogamos sinuca, contamos histórias, bebemos tequila. Avançamos noite adentro — eu não estava disposta a ir com calma, não ia limitar a tequila. A noite virou madrugada, e finalmente alguém começou a se despedir. E, enquanto abraçava cada um deles com a força de uma garota que tomou um porre de tequila, eu me dei conta de que aquilo era realmente um adeus. Eu não sabia quando veria meus amigos novamente ou como estaria ao reencontrá-los. E comecei a chorar.

Nunca chorei na frente de ninguém a não ser Larry. Mas agora eu estava chorando, e então meus amigos começaram a chorar. Devíamos estar parecendo um bando de loucos, uma dúzia de pessoas sentadas num bar do East Village às três da manhã, soluçando. Eu não conseguia parar. Chorei e chorei, enquanto me despedia de cada um deles. Levamos uma eternidade. Eu me acalmava por um minuto e então me virava para outro amigo e começava a chorar de novo. Já muito além do constrangimento, eu estava triste demais.

Na tarde do dia seguinte, mal conseguia me enxergar pelas fendas entreabertas dos meus olhos inchados. Minha aparência estava horrível. Mas eu me sentia um pouco melhor.

Meu advogado, Pat Cotter, tinha visto uma boa leva de seus clientes de colarinho branco ir para a prisão. Ele me aconselhou:

— Piper, acho que o mais difícil para você vão ser as regras escrotas impostas por gente escrota. Ligue para mim se tiver alguma encrenca e não faça nenhuma amizade.

CAPÍTULO 3

11187-424

||||

Em 4 de fevereiro de 2004, mais de uma década após eu ter cometido meu crime, Larry me levou até a prisão feminina de Danbury, Connecticut. Passamos a noite anterior em casa; Larry preparou um jantar elaborado e, depois, ficamos deitados em conchinha na cama, chorando. Agora, nos encaminhávamos rápido demais por uma manhã cinzenta de fevereiro em direção ao desconhecido. Quando viramos à direita, entramos em uma reserva federal e subimos a colina até o estacionamento, onde vimos um prédio grande de aspecto malévolo e cercado por três camadas de arame farpado. Se aquilo era segurança mínima, eu estava ferrada.

Larry parou o carro em uma das áreas de estacionamento. Olhamos um para o outro, olhos esbugalhados. Quase imediatamente uma picape branca com luzes de polícia no teto parou atrás de nós. Abaixei a janela.

— Hoje não é dia de visita — disse o policial para mim.

Botei a cabeça para fora, encobrendo meu pavor com um tom de desafio.

— Vim para me apresentar.

— Ah. Tudo bem então — respondeu ele e foi embora.

Ele ficou surpreso? Eu não tinha certeza.

No carro, tirei todas as joias — sete anéis de ouro; os brincos de diamantes que Larry me dera no Natal; o anel de safira de minha avó; o relógio masculino da década de 1950 que estava sempre em meu pulso; todos os

brincos dos furos extras que tanto irritavam meu avô. Eu vestia jeans, tênis e camiseta de manga comprida. Com falsa coragem, falei:

— Vamos lá.

Entramos no saguão. Uma mulher serena de uniforme estava sentada atrás de uma escrivaninha elevada. Havia cadeiras, alguns armários com fechaduras, um telefone público e uma máquina de refrigerante. Tudo era imaculado.

— Estou aqui para me apresentar — anunciei.

— Só um minuto. — Ela pegou um telefone e falou com alguém brevemente. — Sente-se.

Nós nos sentamos. Por várias horas. Devia ser o horário do almoço. Larry me deu um sanduíche de *foie gras* que ele havia preparado com as sobras da noite anterior. Eu não estava com fome nenhuma, mas retirei-o do papel-alumínio e mastiguei cada pedaço gastronômico, deprimida. Tenho quase certeza de que fui a primeira formada da Smith a comer fígado de pato e tomar Coca Diet no saguão de uma penitenciária federal. Mas nunca se sabe.

Por fim, uma mulher com uma aparência consideravelmente menos agradável entrou no saguão. Tinha uma cicatriz horrível em um dos lados do rosto e no pescoço.

— Kerman? — esbravejou ela.

Larry e eu nos levantamos de um salto.

— É, sou eu.

— Quem é esse? — perguntou ela.

— Meu noivo.

— Bem, ele precisa ir embora antes de eu receber você. — Larry pareceu afrontado. — Essa é a regra, evita problemas. Você tem algum objeto pessoal?

Eu segurava um envelope pardo, que entreguei a ela. Continha as instruções de apresentação enviadas pelo departamento de justiça, alguns documentos legais, 25 fotografias (uma quantidade constrangedora de imagens de meus gatos), listas de endereços de amigos e parentes e um cheque ao portador de 290 dólares que me aconselharam a trazer. Eu sabia que precisaria de dinheiro em minha conta da cadeia para fazer chamadas telefônicas e comprar... algo? Não conseguia imaginar o quê.

— Não pode levar isso — disse ela, entregando o cheque para Larry.

— Mas telefonei na semana passada e me mandaram trazer!

— Ele precisa enviar isso para a Geórgia, e lá o cheque será descontado — respondeu ela com determinação absoluta.

— *Para onde* mandamos o cheque? — perguntei. De repente, fiquei furiosa.

— Ei, você tem aquele endereço na Geórgia? — perguntou a guarda por cima do ombro para a mulher na escrivania enquanto examinava o interior de meu envelope. — O que é isso, fotografias? Tem alguma coisa de sacanagem aqui? — Ela levantou uma sobrancelha em seu rosto já torto. Sacanagem? Sério isso? Ela se virou para mim, como se perguntasse: *Será que preciso verificar todas as fotografias para ver se você é uma safadinha?*

— Não. Nada de sacanagem — respondi.

Três minutos após me apresentar, eu já me sentia humilhada e derrotada.

— Muito bem, você está pronta? — Confirmei com a cabeça. — Bem, despeçam-se. Como vocês não são casados, vai demorar para ele poder fazer uma visita.

Ela se afastou com um passo simbólico, acho que para nos dar privacidade.

Olhei para Larry e me atirei nos braços dele, segurando-o com toda a minha força. Eu não fazia ideia de quando o veria novamente ou do que aconteceria comigo nos próximos quinze meses.

Ele parecia prestes a chorar; no entanto, ao mesmo tempo, também estava furioso.

— Eu amo você! Amo você! — falei em seu pescoço e no suéter bege-claro que eu escolhera para ele vestir.

Ele me apertou e disse que me amava também.

— Telefone assim que puder — acrescentei baixo.

— Tudo bem.

— Por favor, ligue para meus pais.

— Pode deixar.

— Envie esse cheque imediatamente!

— Eu sei.

— Amo você!

Em seguida, ele saiu do saguão, esfregando os olhos com a base da mão. Bateu as portas com força e se afastou rapidamente em direção ao estacionamento.

A guarda e eu o observamos entrar no carro. Assim que ele sumiu de nosso campo de visão, senti uma onda de medo.

Ela se virou para mim:

— Pronta?

Eu estava sozinha com ela e com o que pudesse estar à minha espera.

— Estou.

— Então vamos.

Ela me levou pela porta pela qual Larry acabara de passar, virou para a direita e andou ao longo da cerca alta e malévola. A cerca tinha várias camadas; entre cada uma delas havia um portão que abria com um controle externo e uma campainha. Ela segurou o portão e passei para dentro. Olhei por cima do ombro, para o mundo livre atrás de mim. O portão seguinte também se abriu com uma campainha. Passei por ele, cercada por arame farpado e telas. Senti uma nova onda de pânico. Aquilo não era o que eu esperara. Não era como as prisões de segurança mínima das quais eu tinha ouvido falar; não parecia nem um pouco uma “colônia de férias”. Aquilo estava me apavorando.

Chegamos à porta do prédio e, novamente, ela se abriu com uma campainha. Passamos por um pequeno corredor e entramos em uma sala neutra de azulejos e luz fluorescente forte. Parecia velha, deprimente, estéril e completamente vazia. A guarda apontou para uma cela com bancos presos às paredes e telas de metal cobrindo todas as pontas agudas visíveis.

— Espere aí.

Em seguida, ela passou por uma porta e entrou em outra sala.

Sentei-me no banco de costas para a porta. Fiquei olhando a janela pequena e alta através da qual não conseguia ver nada além de nuvens. Pensei se um dia veria algo bonito de novo. Meditei sobre as consequências de minhas ações de tanto tempo antes e questionei vigorosamente minha decisão de não fugir para o México. Bati os pés. Pensei em minha pena de

quinze meses, o que não ajudou em nada a aplacar meu pânico. Tentei não pensar em Larry. Depois, desisti e tentei imaginar o que ele estaria fazendo, sem sucesso.

Eu tinha apenas uma ideia muito tênue do que poderia acontecer em seguida, mas sabia que precisava ser corajosa. Não imprudente, não louca pelo risco ou pelo perigo, não me exibindo de forma ridícula só para mostrar que não estava apavorada — precisava ser genuinamente corajosa. Corajosa o bastante para ficar calada quando apropriado, corajosa o bastante para observar antes de me lançar em algo, corajosa o bastante para não abandonar minha identidade quando alguém tentasse me seduzir ou me obrigar a tomar um rumo que eu não queria, corajosa o bastante para mostrar firmeza de maneira discreta. Esperei um tempo imensurável enquanto tentava ser corajosa.

— Kerman! — Como eu não estava acostumada a ser chamada como um cachorro, ela precisou gritar algumas vezes até eu me dar conta de que isso significava “Anda”. Levantei-me com um sobressalto e espiei cautelosamente para fora da cela. — Vamos.

Era difícil entender a voz rouca da guarda.

Ela me levou para outra sala, onde seus colegas de trabalho descansavam. Os dois eram carecas, homens e brancos. Um deles era impressionantemente alto, com mais de dois metros de altura; o outro era muito baixo. Ambos olharam para mim como se eu tivesse três cabeças.

— Apresentação voluntária — explicou a guarda para eles enquanto dava entrada em minha documentação. Ela falava comigo como se eu fosse idiota, mas não me forneceu qualquer explicação durante o processo. Todas as vezes que eu demorava para responder ou pedia para ela repetir a pergunta, o Baixinho bufava com desdém, ou pior, me imitava. Eu olhava para ele, incrédula. Era irritante, claramente de acordo com seu objetivo, e isso me deixou furiosa, o que era uma boa distração do medo que eu enfrentava.

A guarda continuou a cuspir perguntas e preencher formulários. Permaneci em posição de sentido e respondi, mas não conseguia evitar que meus olhos voltassem à janela, para a luz natural do lado de fora.

— Vamos.

Segui a guarda na direção do corredor ao lado da cela em que eu estava antes. Ela remexeu em uma prateleira cheia de roupas, depois me entregou calcinhas grandes, um sutiã pontudo de náilon barato, calças cáqui com cintura elástica, uma blusa cáqui que parecia um jaleco de hospital e meias grossas.

— Quanto você calça?

— Trinta e nove.

Ela me entregou um par de sapatos de tecido, do tipo que se encontraria vendendo nas ruas de qualquer bairro chinês.

Indicou uma área com vaso sanitário e pia, atrás de uma cortina de plástico.

— Tire a roupa. — Tirei tênis, meias, jeans, camiseta, sutiã e calcinha, e ela pegou tudo. Estava frio. — Levante os braços. — Obedeci, mostrando as axilas. — Abra a boca e bote a língua para fora. Vire, abaixe-se, afaste as bandas da bunda e tussa. — Nunca me acostumei à parte de tossir desse exercício, o qual, supostamente, revelaria contrabando escondido nas partes íntimas... Era simplesmente abominável. Virei-me, nua. — Vista-se.

Ela colocou minhas roupas dentro de uma caixa — seriam enviadas por correio para Larry, como os bens pessoais de um soldado morto. O sutiã pontudo, embora feio e incômodo, servia. Na verdade, para minha surpresa, todas as roupas cáqui da prisão serviram. A guarda realmente tinha um bom olho. Em questão de minutos, fui transformada em uma detenta.

Naquele momento, ela pareceu abrandar um pouco comigo. Enquanto tirava minhas impressões digitais (um processo sujo e estranhamente íntimo), perguntou:

— Há quanto tempo você está com aquele cara?

— Sete anos — respondi soturna.

— Ele sabia o que você estava aprontando?

Aprontando? Que diabos ela sabia de minha vida? Minha ira ressurgiu quando respondi em tom de desafio:

— O crime foi há dez anos. Ele não teve nada a ver com isso.

Ela pareceu surpresa, o que considerei uma vitória moral.

— Bom, você não é casada, então provavelmente não vai vê-lo por bastante tempo, até ele entrar na lista de visitantes.

A terrível realidade de não saber quando eu veria Larry de novo me assolou. A guarda estava indiferente ao golpe devastador que acabara de desferir.

Ela estivera distraída pelo fato de que ninguém parecia saber usar a máquina fotográfica. Todo mundo se alternou nela até, por fim, tirarem uma fotografia que me deixou muito parecida com a assassina em série Aileen Wuornos. Meu queixo ficou erguido em uma pose de desafio, e eu estava com uma aparência péssima. Mais tarde, descobri que, em fotografias de identificação da prisão, todo mundo fica com cara de criminosa e assassina ou de apavorada e deprimida. Tenho orgulho em dizer que, apesar de tudo, me enquadrei na primeira categoria, embora me sentisse na segunda.

A carteira de identidade era vermelha, com código de barras e o título “Departamento de Justiça dos Estados Unidos Departamento Federal de Prisões — DETENTA”. Além da fotografia pouco lisonjeadora, nela também constava meu novo número de registro em algarismos grandes: 11187-424. Os últimos três dígitos indicavam o distrito de minha sentença — Norte de Illinois. Os primeiros cinco números eram exclusivos meus, minha nova identidade. Assim como quando fui ensinada a decorar o número de telefone de meus tios aos seis anos, agora em silêncio tentei decorar o número de registro. 11187-424, 11187-424, 11187-424, 11187-424, 11187-424, 11187-424, 11187-424, 11187-424, 11187-424, 11187-424.

Após os problemas para tirar a fotografia de identificação, a Sra. Simpatia disse:

— O Sr. Butorsky vai falar com você, mas primeiro você precisa passar pelo exame médico.

Ela apontou para outra sala pequena.

O Sr. *Quem?* Entrei e fiquei olhando para fora da janela, obcecada com a cerca de arame farpado e o mundo além dela, do qual eu havia sido arrancada, até que um médico — um filipino gorducho — apareceu. Ele fez a consulta mais básica que já tive, bem rápida, uma vez que fui abençoada por

uma saúde mais ou menos perfeita. Ele disse que precisava realizar um teste de tuberculose, e estendi o braço.

— Veia boa! — disse ele, em tom de genuína admiração. — Nenhuma marca!

Dada a total falta de ironia, agradei.

O Sr. Butorsky era um homem compacto de cerca de cinquenta anos, bigode e olhos azuis inquietos e úmidos; ao contrário do pessoal da prisão que eu tinha visto até então, ele mostrava sinais de inteligência. Estava recostado numa cadeira, com documentos espalhados à sua frente. Era minha PPS — a pesquisa pré-sentença da polícia sobre pessoas como eu. O objetivo é documentar os fatos básicos do crime cometido, delitos anteriores, situação familiar e filhos, qualquer história de abuso de substâncias, histórico profissional, tudo que seja relevante.

— Kerman? Sente-se. — Ele apontou para uma cadeira, me olhando de uma forma que, suspeitei, havia sido muito treinada para lhe dar um ar calculado, penetrante e avaliador. Obedeci. Ele ficou me observando por alguns segundos em silêncio. Mantive o queixo firme e não olhei para ele. — Como vai?

Fiquei surpresa por ver alguém mostrar o mínimo de interesse em como, exatamente, eu ia. Senti uma onda de gratidão apesar de minha relutância.

— Bem.

— Bem?

Confirmei com a cabeça, decidindo que essa era uma situação apropriada para me fazer de dura.

Ele olhou pela janela.

— Daqui a pouco vou mandar levarem-na para o Pavilhão — disse ele.

Meu cérebro relaxou um pouco e meu estômago desembulhou. Segui o olhar dele para fora da janela, sentindo um alívio profundo por não precisar ficar ali com o Baixote do mal.

— Serei seu supervisor no Pavilhão. Você sabe que andei lendo sua ficha. — Ele apontou para minha PPS sobre a mesa. — Meio incomum. Um caso muito importante.

Era? Percebi que não fazia a menor ideia de que o meu caso era tão digno de atenção. Se eu era um peixe graúdo, quem exatamente seriam minhas companheiras de cela?

— E já faz muito tempo desde que você se envolveu em tudo isso — continuou ele. — É bastante incomum. Vejo que você amadureceu desde então.

Ele olhou para mim.

— É, acho que sim — murmurei.

— Veja bem, trabalho há dez anos naquele Pavilhão. Dirijo ele. É minha casa, e não há nada que aconteça lá que eu não saiba.

Fiquei envergonhada pelo tamanho do alívio que senti: não queria considerar aquele homem, ou nenhum funcionário da prisão, meu protetor, mas, naquele momento, ele era a coisa mais próxima de um ser humano que eu encontrara.

— Temos todos os tipos lá. O que você realmente precisa é ficar atenta com as outras detentas. Algumas delas são tranquilas. Ninguém vai mexer com você a não ser que você permita. Agora, as mulheres, elas não brigam muito. Elas falam, fazem fofoca, espalham boatos. Então, podem falar de você. Algumas dessas garotas vão pensar que você acha que é melhor do que elas. Vão dizer: “Ah, ela tem dinheiro.”

Senti-me desconfortável. Era assim que me viam? Eu seria considerada uma vadia rica e esnobe?

— E há lésbicas lá. Tem algumas, mas elas não vão incomodar você. Algumas vão tentar ser suas amigas, ou algo parecido... Fique longe delas! Entenda, você não precisa fazer sexo com elas. Sou antiquado. Não aprovo nada dessas coisas esquisitas.

Tentei muito não dar um sorriso de escárnio. Ele não deve ter lido minha ficha com tanta atenção.

— Sr. Butorsky?

— Pois não.

— Queria saber quando meu noivo e minha mãe poderão me visitar.

Não consegui controlar o tom queixoso em minha voz.

— Os dois estão em sua PPS, não é?

Minha PPS apresentava detalhes de todos os integrantes de minha família mais próxima, incluindo Larry, que haviam sido entrevistados pelo departamento de liberdade condicional.

— Qualquer um que conste de sua PPS está autorizado a fazer visitas. Eles podem vir este fim de semana. Vou tomar providências para que a lista esteja disponível na sala de visitas. — Ele se levantou. — Fique na sua e vai ficar bem.

Ele juntou minha papelada e saiu.

Fui pegar meus novos artigos pessoais com a guarda: dois lençóis, uma fronha, dois cobertores de algodão, duas toalhas brancas baratas e uma toalhinha de rosto. Esses itens foram enfiados em um saco de lavanderia de malha. Além de tudo isso, recebi também um casaco marrom horrível com zíper quebrado e um saco plástico transparente que continha uma pequena escova de dente, tubos minúsculos de pasta de dente e xampu, e um retângulo diminuto de sabonete de hotel.

Ao sair e passar pelos vários portões da cerca monstruosa, senti-me exultante por não ficar atrás dela, mas, agora, o mistério do Pavilhão avançava em minha direção, implacável. Uma van me esperava. A motorista, uma mulher de meia-idade vestida com roupas civis que pareciam do exército e óculos de sol, me cumprimentou calorosamente. Estava maquiada, tinha pequenas argolas de ouro nas orelhas e parecia uma senhora ítalo-americana simpática chamada Ro de Nova Jersey. *As guardas estão ficando mais amigáveis*, pensei enquanto ocupava o assento do carona. Ela fechou a porta e me deu um sorriso acolhedor. Era animada. Olhei para ela.

Ela levantou os óculos.

— Sou Minetta. Também sou detenta.

— Ah!

Fiquei impressionada por ela ser prisioneira e estar dirigindo — e usando maquiagem!

— Qual é seu nome, seu sobrenome? As pessoas usam o sobrenome aqui.

— Kerman — respondi.

— É sua primeira vez aqui?

— Minha primeira vez aqui?

Eu estava confusa.

— Sua primeira vez na cadeia.

Confirmei com a cabeça.

— Você está bem, Kerman? — perguntou enquanto guiava a van até o topo de uma pequena colina. — Não é tão ruim, você vai ficar bem. Vamos tomar conta de você. Todo mundo é legal aqui, mas você precisa tomar cuidado para não ser roubada. Pegou quanto tempo?

— Quanto tempo? — resmunguei.

— De quanto tempo é a sua pena?

— Ah! Quinze meses.

— Não é mau. Vai passar rápido.

Demos a volta até os fundos de um prédio longo e baixo que lembrava uma escola primária da década de 1970. Ela chegou perto de uma rampa para pessoas com necessidades especiais e parou. Segurei minha sacola de roupas e segui a mulher até o prédio, evitando os trechos de gelo do chão enquanto o frio penetrava as finas solas emborrachadas de meus sapatos. Pequenos grupos de mulheres que vestiam casacos marrons horrorosos idênticos fumavam no frio de fevereiro. Elas pareciam mal-encaradas e deprimidas e usavam sapatos pretos pesados e grandes. Percebi que uma delas estava em estado avançado de gravidez. *O que uma mulher grávida desse jeito faz em uma prisão?*

— Você fuma? — perguntou Minetta.

— Não.

— Que bom para você! Vamos só pegar a localização de sua cama e instalar você. Ali fica o refeitório.

Ela apontou para a esquerda, onde havia uns degraus. Ela falava o tempo inteiro, explicando tudo sobre o Pavilhão Penitenciário Federal de Danbury, mas não absorvi nada. Subimos um lance de escadas e entramos no prédio.

— ... sala de televisão. Aquela é a sala de ensino e ali, a sala dos AP. Oi, Sr. Scott! AP significa agente penitenciário. Ele é legal. Ei, Sally! — Ela

cumprimentou uma mulher branca e alta. — Esta é Kerman, ela é nova, apresentação voluntária. — Sally me cumprimentou também com delicadeza, perguntando como eu estava. Assenti com a cabeça, muda. Minetta prosseguiu: — Ali tem mais escritórios, aquelas são as celas lá em cima, os Dormitórios ficam lá embaixo. — Ela se virou para mim, séria. — Você não tem permissão para ir lá embaixo, está proibido. Entendeu?

Confirmei com a cabeça, sem entender nada. Mulheres me cercavam, brancas, negras, latinas, de todas as idades, aqui em minha nova casa, e faziam uma algazarra tremenda naquele interior revestido de linóleo e blocos de concreto. Todas usavam uniformes cáqui diferentes do meu e sapatos pretos enormes que pareciam pesados. Percebi que meu vestuário tornava extremamente óbvio que eu era nova. Olhei para meus pequenos sapatos de tecido e tremi de frio em meu casaco marrom.

Enquanto andamos pelo longo corredor principal, mais mulheres vieram me receber com a mesma frase padrão (“Você é nova... está tudo bem?”) e uma preocupação aparentemente genuína. Eu quase não sabia como responder, mas dei sorrisos fracos e as cumprimentei também.

— Muito bem, aqui é a sala dos supervisores. Quem é o seu?

— O Sr. Butorsky.

— Ah. Bem, pelo menos ele cuida da papelada. Espere aí, vou ver onde eles colocaram você. — Ela bateu à porta com alguma autoridade. Abriu-a e enfiou a cabeça para dentro, sem hesitar. — Onde você colocou Kerman?

Butorsky deu-lhe uma resposta que ela entendeu, e ela me levou para a Cella 6.

Entramos em uma cela que tinha três beliches e seis armários metálicos que chegavam à altura da cintura. Duas mulheres mais velhas estavam deitadas nas camas mais baixas.

— Ei, Annette, esta é Kerman. Ela é nova, apresentação voluntária. Annette vai tomar conta de você — disse Minetta para mim. — Essa é sua cama.

Indicou uma das camas superiores, a única sem lençol.

Annette se sentou. Era pequena, escura, com uns cinquenta anos e cabelos pretos espetados. Parecia cansada.

— Ei — falou ela com uma voz roufenha e um sotaque de Nova Jersey. — Como vai? Como você se chama mesmo?

— Piper. Piper Kerman.

O trabalho de Minetta parecia ter acabado. Agradei profusamente, sem disfarçar minha gratidão, e ela se foi. Fiquei com Annette e a outra mulher silenciosa, que era miúda, careca e parecia muito mais velha, talvez na casa dos setenta anos. Com cuidado, coloquei a sacola de roupa sobre minha cama e olhei pela cela. Além dos beliches e dos armários, por todo lado havia varais com roupas, toalhas e sacolas penduradas. Parecia uma caserna.

Annette se levantou da cama, e vi que ela devia medir 1,5 metro.

— Essa é a Srta. Luz. Algumas coisas minhas estão no seu armário. Preciso tirar. Aqui tem papel higiênico, você precisa levar.

— Obrigada.

Eu ainda segurava meu envelope com a papelada e as fotografias e, agora, também um rolo de papel higiênico.

— Eles falaram para você sobre a contagem? — perguntou.

— Contagem?

Eu estava começando a me acostumar com a sensação de que era uma completa idiota. Era como se eu tivesse sido educada em casa a vida inteira e, depois, largada em uma grande escola de ensino médio lotada. *Dinheiro para almoço? O que é isso?*

— A contagem. Eles contam a gente cinco vezes por dia, e você precisa estar aqui, ou no lugar onde deveria estar, e a contagem das quatro da tarde é em pé, as outras são à meia-noite, às duas e às cinco da manhã e às nove da noite. Eles deram a você seu código de acesso?

— Código de acesso?

— É, vai precisar dele para fazer ligações telefônicas. Eles deram um formulário de telefone? NÃO? Você precisa preencher para telefonar. Mas talvez Toricella a deixe ligar se você pedir. O turno dele é tarde da noite. Ajuda se você chorar. Peça depois do jantar. O jantar é depois da contagem das quatro horas, o que é muito cedo, e o almoço é às onze. O café da manhã é das 6h15 às 7h15. Quanto tempo você pegou?

— Quinze meses... quanto tempo você pegou?

— Cinquenta e sete meses.

Se havia uma resposta apropriada para essa informação, eu não sabia qual era. O que essa ítalo-americana de classe média e meia-idade de Nova Jersey poderia ter feito para pegar 57 meses numa prisão federal? Ela era Carmela Soprano? Cinquenta e sete meses! Pelas pesquisas que fiz antes de me entregar, eu sabia que era estritamente proibido perguntar a qualquer detenta sobre seus crimes.

Ela viu que eu não sabia o que dizer e me ajudou.

— É, é muito tempo — comentou um pouco secamente.

— É sim — concordei.

Virei para começar a retirar os itens de minha sacola.

Foi quando ela gritou:

— Não faça a cama!!!

— O quê?

Virei-me para ela, alarmada.

— Nós fazemos para você.

— Ah... não, não precisa, eu faço.

Virei de volta para os lençóis de algodão e poliéster finos que me haviam sido fornecidos.

Ela veio até minha cama.

— Querida. Nós. Fazemos. A. Cama. — Ela foi muito firme. — Sabemos como fazer.

Fiquei totalmente perplexa. Olhei pela cela. Todas as cinco camas estavam muito bem arrumadas, e tanto Annette quanto a Srta. Luz estavam deitadas sobre os lençóis antes.

— Eu sei fazer uma cama — protestei, sem muita convicção.

— Olha, deixe a gente fazer. Sabemos a forma certa para passar na inspeção.

Inspeção? Ninguém me disse nada sobre inspeção.

— A inspeção acontece sempre que Butorsky quer, e ele é maluco — avisou Annette. — Ele sobe nos armários tentando encontrar poeira nas

luminárias. Ele pisa na sua cama. Ele é louco. E aquela ali — ela apontou para a cama debaixo da minha — não quer colaborar na limpeza!

Oh-oh. Detesto fazer limpeza também, mas com certeza não estava disposta a provocar a ira de minhas novas colegas de cela.

— Então precisamos fazer as camas todas as manhãs? — perguntei, outra questão penetrante.

Annette olhou para mim.

— Não, dormimos por cima dos lençóis.

— Vocês não usam os lençóis?

— Não, você dorme sobre os lençóis e se cobre com o cobertor.

Pausa.

— Mas e se eu quiser dormir coberta com os lençóis?

Annette olhou para mim com a exasperação de uma mãe diante de um filho rebelde de seis anos.

— Olha, se quiser fazer isso, pode fazer. Vai ser a única em toda a prisão!

Esse tipo de pressão social era irresistível; eu não me deitaria sob os lençóis pelos próximos quinze meses. Abandonei a questão da cama — naquela altura, a ideia de centenas de mulheres dormindo em camas perfeitamente arrumadas no estilo militar era estranha demais para minha capacidade de entendimento. Além disso, em algum lugar ali perto, um homem gritou:

— Hora da contagem, hora da contagem, hora da contagem! Hora da contagem, senhoras!

Olhei para Annette, que parecia nervosa.

— Está vendo aquela luz vermelha? — No corredor, perto do posto dos guardas, havia uma lâmpada vermelha gigantesca que agora estava acesa. — Essa luz acende durante a contagem. Quando a luz vermelha está ligada, é melhor você estar onde esperam que esteja e não se mexer até ela apagar.

Por todos os lados, mulheres corriam pelo corredor, e duas latinas jovens entraram depressa na cela.

Annette fez uma rodada de apresentações rápidas.

— Essa é Piper.

Elas olharam muito rapidamente para mim.

— Onde está a mulher que dorme aqui? — perguntei a respeito de minha colega de beliche ausente.

— Essa aí! Ela trabalha na cozinha, então é contada lá. Você vai conhecer.
— Ela sorriu. — Está bem, xiiii! É uma contagem em pé, calada!

Nós cinco nos levantamos em silêncio e ficamos em pé ao lado de nossos beliches. O prédio inteiro ficou silencioso de repente; o único barulho era o chacoalhar de chaves e o som de botas pesadas. Depois de um tempo, um homem enfiou a cabeça para dentro da cela e... nos contou. Alguns segundos mais tarde, outro homem entrou e nos contou. Quando ele saiu, todas nos sentamos nas camas e em alguns banquinhos, mas imaginei que não convinha usar a cama de minha colega ausente, então me apoiei em meu armário vazio. Minutos se passaram. As duas latinas começaram a sussurrar no ouvido da Srta. Luz em espanhol.

De repente, ouvimos:

— Recontagem, senhoras!

Todas voltaram a ficar em pé, e fiz posição de sentido.

— Eles sempre fazem besteira — murmurou Annette baixinho. — É tão difícil assim contar?

Fomos contadas novamente, dessa vez com aparente sucesso, e a recompensa pelas inspeções ficou clara para mim.

— Hora do jantar — disse Annette.

Eram 16h30, uma hora inimaginavelmente deselegante para se jantar, segundo os padrões de Nova York.

— Somos as últimas.

— Como assim, “últimas”?

Pelo sistema de alto-falantes, o agente penitenciário chamava uns números:

— A12, A10, A23, hora de comer! B8, B18, B22, hora de comer! C2, C15, C23, hora de comer!

Annette explicou:

— Ele está chamando os cubículos de honra. Elas comem primeiro. Depois, chamam os Dormitórios na ordem de seu desempenho na inspeção. As celas são sempre as últimas. Sempre somos as piores nas inspeções.

Espiei para fora da porta, para as mulheres que se encaminhavam para o refeitório, e tentei imaginar o que seria um cubículo de honra, mas perguntei:

— O que tem para jantar, afinal?

— Fígado.

Após jantar fígado e feijão-verde, servido em um refeitório que me fez lembrar todas as histórias terríveis dos tempos da escola, mulheres de todos os formatos, tamanhos e cores invadiram o corredor principal do prédio, gritando em inglês e espanhol. Todas pareciam esperar algo, sentadas em grupos na escada ou fazendo fila. Achando que eu também deveria estar presente, tentei me fazer invisível e ouvir as palavras que me cercavam, mas não consegui entender o que diabos estava acontecendo. Por fim, timidamente, perguntei à mulher a meu lado.

— É o correio, querida! — respondeu ela.

Uma negra muito alta parecia estar distribuindo itens de higiene no pé da escada. Alguém à minha direita gesticulou na direção dela.

— Glória está indo para casa, só mais uma noite!

Olhei fixamente para Glória com interesse renovado enquanto ela tentava dar para alguém um pequeno pente roxo. *Indo para casa!* A ideia de ir embora me fascinava. Ela parecia muito bem e muito feliz enquanto distribuía todos os seus pertences. Senti-me um pouco melhor por saber que era possível, algum dia, sair daquele lugar horrível e ir para casa.

De repente, quis desesperadamente o pente roxo dela. Parecia um daqueles pentes que costumávamos carregar no bolso da calça jeans na escola e usávamos para ajeitar a franja. Fitei o pente, envergonhada demais para me aproximar e pedir. E, em seguida, ele sumiu, pego por outra mulher.

Um guarda, diferente daquele que Minetta me mostrara antes, saiu da sala dos AP. Ele parecia um ator de filme pornô gay, com um bigode curto e cabelo preto cortado à escovinha. Começou a gritar:

— Correio! Correio! — E então passou a distribuir a correspondência. — Ortiz! Williams! Kennedy! Lombardi! Ruiz! Skelton! Platte! Platte! Platte! Espere um pouco, Platte, tem mais. Mendoza! Rojas! — Cada mulher dava

um passo à frente para pegar sua correspondência com um sorriso no rosto e em seguida se dirigia a algum lugar para lê-la, talvez algum espaço com mais privacidade do que os que eu tinha visto até o momento. A população do corredor diminuía à medida que ele remexia no cesto de correspondência até restarem apenas as esperançosas. — Talvez amanhã, senhoras! — gritou, virando o cesto de cabeça para baixo. Ele não chamou meu nome.

Após o correio, circulei pelo prédio, sentindo-me vulnerável com meus pequenos e ridículos sapatos de tecido, que denunciavam de forma muito óbvia minha condição de novata. Minha cabeça girava por causa das novas informações e, pela primeira vez em horas, fiquei mais ou menos sozinha com meus pensamentos, os quais se voltaram de imediato para Larry e meus pais. Eles deviam estar nervosos. Eu precisava descobrir como avisá-los de que estava bem.

Muito tímida, me aproximei da porta fechada da sala dos supervisores, segurando um formulário azul para telefonemas que Annette me ensinara a preencher; estava repleto de números de pessoas com quem eu desejava falar nos telefones públicos em algum momento no futuro. O celular de Larry, os de minha família, o de minha melhor amiga, Kristen, o de meu advogado. As luzes da sala estavam acesas. Bati de leve e ouvi um ronco abafado lá dentro. Cuidadosamente, girei a maçaneta.

O supervisor, que se chamava Toricella e sempre exibia um olhar de surpresa, piscou os olhinhos para mim, irritado com a minha interrupção.

— Sr. Toricella? Sou Kerman, acabei de chegar. Elas disseram que eu precisava falar com o senhor...

Minha fala foi morrendo, e engoli em seco.

— Algum problema?

— Disseram que devo entregar minha lista de telefones... e não tenho um código de acesso...

— Não sou seu supervisor.

Minha garganta estava ficando muito apertada, e não havia necessidade de fingir choro — minhas lágrimas estavam a ponto de transbordar.

— Sr. Toricella, disseram que o senhor talvez me permitisse ligar para o meu noivo para ele saber que estou bem.

Eu estava implorando.

Ele olhou para mim, em silêncio. Finalmente, grunhiu.

— Entre e feche a porta. — Meu coração começou a bater com força redobrada. Ele pegou o telefone e passou para mim. — Diga o número e eu disco. Só dois minutos!

O celular de Larry tocou; fechei os olhos e torci para ele atender. Se eu perdesse essa oportunidade de ouvir a voz dele, poderia morrer na hora.

— *Alô?*

— Larry! Larry, sou eu!

— Querida, você está bem?

Senti que ele ficara aliviado.

As lágrimas caíram, e eu tentava não estragar meus dois minutos ou assustar Larry com meu descontrole. Funguei.

— Sim, estou bem. Estou bem mesmo. Estou bem. Amo você. Muito obrigada por me trazer hoje.

— Querida, que bobagem. Tem certeza de que está bem, que não está dizendo isso apenas por dizer?

— Não, estou bem. O Sr. Toricella me deixou ligar para você, mas não vou poder ligar de novo por um tempo. Mas, olha, você pode me visitar no próximo fim de semana! Seu nome deve estar numa lista.

— Amor! Vou na sexta-feira.

— Mamãe também, por favor, ligue para ela, e para meu pai, ligue para eles assim que desligarmos e diga que falou comigo e que estou bem. Não vou poder falar com eles por um tempo. Ainda não tenho direito a fazer ligações. E mande aquela ordem de pagamento logo.

— Já botei no correio. Querida, você tem certeza de que está bem? Está tudo certo? Você me diria se não estivesse?

— Estou bem. Tem uma moça do sul de Nova Jersey na minha cela. Ela é legal. É italiana.

O Sr. Toricella pigarreou.

— Amor, preciso ir. Só tenho dois minutos. Amo muito você, estou com tanta saudade.

— Querida! Amo você. Estou muito preocupado.

— Não se preocupe. Estou bem, juro. Amo você, querido. Por favor, venha me ver. E ligue para mamãe e papai!

— Vou ligar para eles assim que desligarmos. Alguma outra coisa que eu possa fazer, meu bem?

— Amo você! Preciso ir, querido!

— Também amo você!

— Venha me ver na sexta, e obrigada por ligar para os meus pais... amo você!

Desliguei o telefone. O Sr. Toricella me olhava enquanto eu tentava não chorar, e seus olhos pequenos e brilhosos pareciam compreensivos.

— É sua primeira vez? — perguntou.

Depois de agradecer, saí para o corredor limpando o nariz no braço, esgotada, porém exponencialmente mais feliz. Olhei para as portas dos Dormitórios proibidos e examinei com cuidado os quadros de avisos cobertos de informações incompreensíveis sobre eventos e regras que eu não entendia — turnos de lavanderia, horários de atendimento de vários funcionários, autorizações de crochê e a programação de filmes do fim de semana. O próximo filme seria *Bad Boys II*.

Evitei fazer contato visual. Apesar disso, volta e meia era abordada por mulheres: “Você é nova aqui? Como está, querida? Está bem?” A maior parte delas era branca. Esse era um ritual tribal que eu veria se repetir centenas de vezes no futuro. Quando uma detenta nova chegava, a tribo dela — brancas, negras, latinas ou as raras “outras” — imediatamente observava a sua situação e a ajudava a se ambientar e se orientar durante o processo de chegada. Se você fizesse parte daquela categoria “outras” — indígena, asiática, árabe —, receberia um comitê de boas-vindas misto, composto pelas mulheres mais gentis e compassivas das tribos dominantes.

As outras mulheres brancas me trouxeram sabonete, escova e pasta de dente de verdade, xampu, alguns selos e materiais para escrever, café solúvel, uma

caneca de plástico e talvez o mais importante, sandálias de borracha para evitar pegar algum fungo no chuveiro. Fiquei sabendo que todos esses itens precisavam ser comprados na cantina da prisão. Você não tem dinheiro para comprar pasta de dente ou sabão? Problema seu. Torça para ganhar de alguma outra detenta. Eu quase chorava cada vez que uma moça me trazia um item de higiene pessoal e me assegurava que “Tudo vai dar certo, Kerman”.

A essa altura, havia conflitos intensos em minha cabeça e em minhas entranhas. Será que alguma vez eu já estivera tão fora do meu habitat natural quanto agora em Danbury? Numa situação em que eu simplesmente não sabia o que dizer ou quais seriam as consequências de um gesto equivocado. O ano seguinte pairava diante de mim como a montanha da Perdição, ainda que eu logo percebesse que, comparados à maioria das sentenças dessas mulheres, quinze meses não eram nada, e eu não tinha motivo para reclamar.

Então, apesar de saber que não havia razão para reclamar, eu estava desolada. Sem Larry, sem amigos, sem família para conversar comigo, me fazer companhia, me fazer rir, me dar apoio. Todas as vezes que uma mulher desdentada me dava um sabonete, eu oscilava violentamente entre a exultação e o desespero diante da perda da vida que eu tinha antes. Alguma vez em minha vida eu ficara tão dependente da generosidade de estranhos? E, no entanto, elas eram generosas.

A jovem que me deu as sandálias de borracha se apresentara como Rosemarie. Ela era branquela, tinha cabelos castanhos curtos e encaracolados e usava óculos com lentes grossas diante dos olhos castanhos travessos. Reconheci o sotaque imediatamente — ela era instruída, mas com um forte toque das classes operárias de Massachusetts. Rosemarie conhecia Annette, que me contou que ela era de origem italiana, e já fizera questão de me cumprimentar várias vezes e, agora, veio até a Cella 6 para trazer materiais de leitura.

— Eu me apresentei voluntariamente e fiquei apavorada. Tudo vai dar certo.

— Você é de Massachusetts? — perguntei timidamente.

— Meu sotaque deve ser muito forte. Sou de Norwood.

Ela riu.

Seu sotaque me fez sentir muito melhor. Começamos a falar sobre o Red Sox e o tempo em que ela trabalhou como voluntária na última campanha de Kerry para o senado.

— Quanto tempo você vai ficar aqui? — perguntei com um tom inocente.

Rosemarie fez uma cara estranha.

— Cinquenta e quatro meses. Por fraude em leilão de internet. Mas vou para o campo de treinamento correcional, então quando isso é levado em conta...

Ela começou a calcular bom comportamento, redução de pena e tempo em regime semiaberto. Fiquei chocada novamente tanto com a revelação casual de seu crime quanto com sua pena. Cinquenta e quatro meses em uma prisão federal por fraude no eBay?

A presença de Rosemarie era reconfortantemente e familiar — aquele sotaque, o amor por Manny Ramirez, a assinatura do *Wall Street Journal*, tudo isso me lembrava de lugares que não eram aquele onde eu me encontrava.

— Avise se precisar de alguma coisa — disse ela. — E não se sinta mal se precisar de um ombro amigo. Chorei sem parar durante minha primeira semana aqui.

Passei a primeira noite na cama da prisão sem chorar. A verdade é que eu não sentia mais vontade, estava chocada e cansada demais. Mais cedo, eu entrara discretamente em uma das salas de televisão colada à parede, mas havia notícias do julgamento da Martha Stewart, e ninguém prestou atenção em mim. Olhando para a prateleira cheia de livros de James Patterson e V.C. Andrews e de histórias de amor, finalmente encontrei uma edição velha de *Orgulho e preconceito* e me recolhi à minha cama — em cima dos lençóis, claro. Mergulhei, agradecida, no mundo mais familiar da Inglaterra da época hanoveriana.

Minhas novas colegas de cela me deixaram em paz. Às dez da noite, as luzes se apagaram de repente, e coloquei Jane Austen em cima do armário e fiquei olhando para o teto, ouvindo o aparelho respirador de Annette — ela

sofrera um ataque cardíaco logo após chegar a Danbury e precisava usá-lo à noite. A Srta. Luz, quase imperceptível no outro beliche inferior, se recuperava de um tratamento contra um câncer de mama e não tinha sequer um fio de cabelo na cabeça pequenina. Eu começava a suspeitar que a coisa mais perigosa que poderia acontecer na cadeia era ficar doente.

CAPÍTULO 4

O laranja é o novo preto



Na manhã seguinte, eu e outras oito recém-chegadas nos apresentamos numa das salas de televisão menores para uma sessão de orientações que duraria o dia inteiro. Fazia parte do grupo uma das minhas colegas de cela, uma garota roliça dominicana cuja atitude parecia uma mistura estranha de mau humor e boa vontade. Ela tinha no braço uma pequena tatuagem de um Mefistófeles dançante, acompanhada das letras *JC*. Hesitante, perguntei se as letras significavam Jesus Cristo — talvez como uma proteção contra o diabo festivo?

Ela me olhou como se eu fosse completamente louca e revirou os olhos.

— São as iniciais do meu namorado.

Sentada à minha esquerda, encostada na parede, estava uma jovem negra com quem simpatizei instantaneamente, por nenhum motivo. Suas tranças afro e seu queixo proeminente não disfarçavam o fato de que ela era muito jovem e bonita. Puxei conversa, perguntei como ela se chamava, de onde era, de quanto tempo era sua pena, a pequena lista de perguntas que eu considerava apropriadas. Seu nome era Janet, ela era do Brooklyn e tinha de cumprir uma pena de sessenta meses. Ela parecia me achar muito esquisita pelo fato de querer conversar.

Por outro lado, uma mulher branca, baixinha, no canto oposto da sala, mostrava-se extremamente falante. Cerca de dez anos mais velha do que eu, com o aspecto de uma bruxa simpática, cabelos ruivos desgrenhados, nariz

aquilino e rosto enrugado, ela parecia viver nas montanhas ou à beira-mar. Fora mandada de volta à prisão por violação de condicional.

— Cumpri dois anos em West Virginia. Lá é como se fosse um grande campus, a comida era decente. Isso aqui é uma pocilga.

Ela disse isso com uma entonação alegre, e fiquei espantada com o fato de que alguém voltando à prisão pudesse transmitir tanta naturalidade e animação. Outra mulher branca no grupo também tinha voltado por violação da condicional e estava amargurada, o que para mim parecia mais compreensível. O resto do grupo era composto por um sortimento variado de mulheres negras ou latinas que se mantinham recostadas na parede ou olhando para o teto ou para o chão. Todas estávamos vestidas do mesmo jeito, com aqueles estúpidos sapatos de tecido.

Fomos submetidas a uma penosa palestra de cinco horas apresentada por representantes de todos os principais departamentos da ICF Danbury — finanças, telefones, recreação, cantina, segurança, educação, psiquiatria —, uma variada gama de cuidados profissionais que, de algum modo, resultavam num padrão de vida espantosamente baixo para as detentas. Os palestrantes se encaixavam em duas categorias: os que pareciam estar se desculhando e os que se mostravam condescendentes. Entre os do primeiro tipo estava o psiquiatra do presídio, Dr. Kirk, que tinha mais ou menos a minha idade e era bonito. Podia ser marido de alguma amiga minha. Pouco à vontade, ele nos informou que só passaria algumas horas às quintas-feiras no Pavilhão e “não poderia oferecer realmente” um atendimento psiquiátrico a não ser em caso de “emergência”. Ele era o único responsável pelos cuidados psiquiátricos disponíveis às 1.400 mulheres no complexo de Danbury, e sua principal função era distribuir medicamentos. Se você quisesse ser sedada, o Dr. Kirk era o cara.

Na categoria dos condescendentes se incluía o Sr. Scott, um agente penitenciário jovem e metido que insistiu em brincar de questionário a respeito das normas mais elementares de relações interpessoais, advertindo-nos repetidamente para não aderirmos ao “lesbianismo circunstancial”. Porém, o pior de tudo foi a mulher do departamento de saúde, que era tão

antipática que me deixou chocada. Ela insistiu firmemente que não ousássemos fazê-los perder tempo e que eles decidiriam se nós estávamos doentes ou não e o que era necessário em termos de atendimento médico, e ainda que não deveríamos esperar cuidados para qualquer condição pré-existente a menos que oferecesse risco de vida. Em silêncio, dei graças a Deus por gozar de boa saúde. Se ficássemos doentes, estávamos fodidas.

Depois que a representante do departamento de saúde saiu da sala, a mulher ruiva que tinha violado a condicional cochichou:

— Jesus Cristo, quem mijou no sucrilhos dela?

Em seguida foi a vez de um homem grande e animado com sobrancelhas enormes, que era o responsável pelas instalações.

— Olá, senhoras! — gritou ele. — Meu nome é Sr. Richards. Só queria dizer a vocês todas que sinto muito pelo fato de estarem aqui. Não sei o que as trouxe para este lugar, mas, seja o que for que tenha acontecido, gostaria que as coisas tivessem sido diferentes. Sei que no momento isso não serve de grande consolo a vocês, mas é o que realmente sinto. Sei que têm famílias e filhos e que o lugar de vocês é em casa, com eles. Torço para que passem pouco tempo aqui.

Depois de horas sendo tratadas como crianças mal-agraçadas e dissimuladas, aquele homem desconhecido havia demonstrado uma notável sensibilidade. Todas nos sentimos um pouco mais animadas.

— Kerman! — Outra detenta, munida de uma prancheta, enfiou a cabeça pela porta. — Uniformes!

Foi sorte minha chegar à prisão numa quarta-feira. Os uniformes eram liberados nas quintas, de modo que, se a pessoa tivesse se apresentado no presídio numa segunda-feira e suasse muito quando nervosa, poderia ficar bem fedorenta dali a alguns dias. Segui a moça da prancheta ao longo do corredor até uma pequena sala onde os uniformes eram distribuídos, sobras do tempo em que o complexo era um presídio masculino. Recebi quatro calças cáqui com elástico na cintura e cinco blusas cáqui de abotoar, ainda com o nome de suas antigas donas no bolso da frente; Marialinda Maldonado, Vicki Frazer, Marie Saunders, Karol Ryan e Angel Chevasco. E

mais: um jogo de ceroulas térmicas brancas, um gorro de lã que pinicava, um cachecol e um par de luvas, cinco camisetas brancas, quatro pares de meias, três sutiãs, dez calcinhas grandes (cujos elásticos logo descobri que ficariam frouxos depois de algumas lavagens) e uma camisola tão grande que me fez rir.

Finalmente, o guarda que estava me passando as roupas sem falar nada perguntou:

— Que tamanho você calça?

— Trinta e nove.

Ele empurrou na minha direção uma caixa de sapato vermelha e preta contendo meu próprio par de sapatos pretos pesados e reforçados. Não sentia tamanha felicidade ao calçar alguma coisa desde que achara um par de Manolo Blahnik *peep-toe* por 50 dólares numa liquidação. Aquelas belezinhas eram calçados sólidos e prometiam ser resistentes. Amei-os no mesmo instante. Devolvi os de tecido com um grande sorriso no rosto. Agora sim eu era uma presidiária durona de verdade. Passei a me sentir infinitamente melhor.

Voltei à sala da palestra com meus sapatos reforçados. As outras detentas ainda estavam lá, revirando os olhos enquanto ouviam aquela ladainha interminável. O sujeito simpático responsável pelas instalações tinha dado lugar a Toricella, o supervisor colega de Butorsky que havia me deixado ligar para Larry na noite anterior. Logo comecei a pensar nele como o “Senhor Resmungão”. Seu rosto, que lembrava um leão-marinho, raramente apresentava alguma alteração; nunca o ouvi elevando a voz, mas era difícil interpretar seu estado de espírito, que nunca ia além de uma leve irritação. Ele nos informou que a diretora do presídio, Kuma Deboo, logo nos concederia a graça de sua presença.

De repente fiquei interessada: eu não sabia nada a respeito da diretora, a chefona, uma mulher, e ainda por cima com um nome exótico. Não ouvira uma palavra sequer sobre ela nas 24 horas em que tinha estado presa. Será que se pareceria com Wendy O. Williams ou com a enfermeira Ratched de *Um estranho no ninho*?

Nenhuma das duas. A diretora Deboo entrou na sala e se sentou diante de nós. Era só uns dez anos mais velha do que eu, no máximo, e parecia estar em forma, era bonita, de pele morena, provavelmente de ascendência árabe. Usava um terninho brega e bijuteria de mau gosto. Falou conosco num tom informal de falsa simpatia, e na mesma hora pensei que ela parecia uma candidata em época de eleição.

— Senhoras, sou a diretora Kuma Deboo e estou aqui para lhes dar as boas-vindas a Danbury. Sei que não é o lugar ideal em que vocês gostariam de estar. Enquanto estiverem aqui, serei responsável pelo seu bem-estar. Sou responsável por sua segurança. Sou responsável por garantir que cumpram de maneira adequada as suas sentenças. Então, senhoras, eu sou a instância máxima.

Ela prosseguiu mais um pouco dentro dessa linha, tocou no assunto de responsabilidade pessoal (nossa), e então chegou ao sexo.

— Se qualquer uma de vocês for pressionada sexualmente por alguém desta unidade, se alguém estiver ameaçando ou machucando vocês, especialmente em termos de sexo, quero que falem diretamente comigo. Estou aqui toda quinta-feira, na hora do almoço, então podem vir falar comigo sobre qualquer coisa que esteja acontecendo. Aqui em Danbury mantemos uma política de tolerância zero em relação a qualquer tipo de abuso sexual.

Ela estava falando dos guardas, não de lésbicas agressivas. Era evidente que sexo e poder eram inseparáveis atrás das grades da prisão. Vários amigos meus haviam manifestado o receio de que, na prisão, eu corria mais perigo por causa dos guardas do que das outras detentas. Olhei à minha volta para as outras presas. Algumas pareciam assustadas; a maioria, indiferente.

A diretora Deboo acabou seu discurso e nos deixou. Uma das detentas arriscou um comentário:

— Ela parece legal.

A mulher amargurada que tinha violado a condicional e já havia cumprido pena em Danbury debochou:

— A Srta. Vaselina. Não espere vê-la de novo, exceto por quinze minutos numa fila quinta sim, quinta não. Ela é boa de conversa, mas não faz a menor diferença por aqui. Não é ela que dirige este lugar. Toda essa merda de tolerância zero? Lembrem só uma coisa, *senhoras*... É a sua palavra contra a deles.

★ ★ ★

AS RECÉM-CHEGADAS a uma prisão federal passam um tempo numa espécie de purgatório durante o primeiro mês, período em que estão sob a condição “A&O” — status de Admissão e Orientação. Quando você é uma A&O, não pode fazer nada — não dá para ter um trabalho, não dá para cursar o supletivo, tem que comer depois de todo mundo, não pode dizer uma palavra se mandarem sair ao pátio com uma pá para tirar neve no meio da madrugada. A justificativa oficial é que a vida como detenta só pode começar de verdade depois que os exames médicos e a papelada voltarem do lugar misterioso para onde foram. Nada que envolva burocracia acontece rapidamente no presídio (exceto os envios à solitária), e não há como uma detenta conseguir que um funcionário agilize qualquer procedimento. Nunca.

Existe um número estonteante de rituais, regulamentos e horários formais ou informais. É preciso aprendê-los logo ou sofrer as consequências, como: ser considerada uma idiota, ser chamada de idiota, conquistar a antipatia de outra detenta, conquistar a antipatia de um guarda, conquistar a antipatia de seu supervisor, ser obrigada a limpar os banheiros, ficar por último na fila do refeitório e só chegar quando tudo que era comestível já tiver acabado, ter alguma ocorrência incluída na sua ficha ou ser mandada para Unidade de Alojamento de Segurança ou UAS (mais conhecido como Solitária, o Buraco ou Seg.). E, no entanto, a resposta mais comum a qualquer pergunta que não seja sobre alguma regra oficial é: “Querida, você não sabe que não se deve fazer perguntas na prisão?” Tudo o mais — as regras informais — temos de

aprender por observação, dedução ou sondando cuidadosamente pessoas que esperamos que sejam confiáveis.

Ser uma A&O naquele mês de fevereiro — de um ano bissexto, ainda por cima — era uma estranha mistura de confusão e monotonia. Eu me esgueirava pelo edifício do Pavilhão, aprisionada não apenas pelos guardas, mas também pelo clima. Sem trabalho, sem dinheiro, sem pertences, sem direito a telefonemas, eu estava à beira de ser uma não pessoa. Graças a Deus havia livros, papéis e selos que ganhei das outras detentas. Eu mal podia esperar pelo fim de semana e pelo momento de ver Larry e minha mãe.

Na sexta-feira nevou. Annette, com uma cara de preocupação, me acordou sacudindo o meu pé.

— Piper, eles estão chamando o pessoal A&O para tirar a neve! Levante!

Sentei-me na cama, confusa. Ainda estava escuro. Onde eu estava?

— KERMAN! KERMAN! APRESENTE-SE NA SALA DOS AGENTES PENITENCIÁRIOS, KERMAN! — gritou o alto-falante.

Annette estava com os olhos arregalados.

— Você precisa ir agora! Ponha a roupa!

Desajeitada, calcei os sapatos reforçados e me apresentei na sala dos agentes penitenciários totalmente desarrumada e sem escovar os dentes. A guarda em serviço era uma loura com jeito de sapatão. Parecia capaz de trucidar novatas como eu sem sequer fazer esforço.

— KERMAN?

Assenti com a cabeça.

— Chamei os A&Os há meia hora. Precisamos tirar a neve. Onde você estava?

— Estava dormindo.

Ela me olhou como se eu fosse um verme rastejando pela calçada depois de uma chuva de primavera.

— Ah, é? Pegue seu casaco e uma pá.

E o café da manhã? Vesti minha ceroula térmica e o horroroso casaco com zíper quebrado e fui me juntar às outras no vento gelado para limpar o calçamento. Àquela altura o sol já havia nascido e tinha uma luz ainda pálida.

Não havia pás suficientes para todo mundo, e a minha estava quebrada, mas nós só poderíamos voltar para dentro depois de terminar o serviço. Tinha mais gente espalhando o sal pelo gelo do que pessoas ocupadas com as pás.

Uma das A&Os era uma senhora dominicana pequenina de setenta e poucos anos que quase não falava inglês. Nós a enrolamos toda com nossos cachecóis e a deixamos no umbral de uma porta, protegida do vento — ela estava com muito medo de entrar, embora fosse uma loucura ficar conosco lá fora, no frio. Uma das outras mulheres me contou que a senhora recebera uma sentença de quatro anos por anotar recados para um parente traficante. Que o promotor ficaria satisfeito com mais esse ponto no currículo.

Eu receava que o mau tempo impedisse a vinda de Larry, mas não tinha como saber, então, antes do horário das visitas, que começava às três da tarde, tentei me acalmar. Depois de tomar banho e vestir o uniforme que parecia ser o menos feio, fiquei parada à luz da lâmpada fluorescente daquele banheiro caindo aos pedaços e examinei a mulher desconhecida do espelho. Eu parecia pouco enfeitada e, aos meus olhos, nada feminina — nenhuma joia, nenhuma maquiagem, nenhum tipo de embelezamento. Havia o nome de outra pessoa no bolso da frente da minha blusa cáqui. O que Larry pensaria ao me ver agora?

Fui esperar do lado de fora da grande sala de recreação onde ocorriam as visitas. Havia uma lâmpada vermelha na parede da sala de visitas. Depois que uma prisioneira via seu pessoal subindo a colina para entrar no presídio, ou se ouvisse seu nome pelo alto-falante, ela devia apertar um interruptor ao lado da porta dupla da sala para que uma luz vermelha do outro lado se acendesse também, avisando ao agente penitenciário que a presidiária estava pronta para ver suas visitas. Quando o guarda estivesse a fim, ele se levantaria, caminharia até as portas, chamaria a detenta e a deixaria entrar na sala de visitas.

Depois de mais ou menos uma hora esperando ao lado da sala de visitas, comecei a circular pelo corredor principal, entediada e nervosa. Quando ouvi meu nome no alto-falante — “Kerman, apresente-se para visita!” —, corri até a sala. Uma guarda de cabelos encaracolados e sombras azuis nos olhos esperava por mim. Estiquei meus braços e pernas, e ela passou as pontas

dos dedos pelas minhas extremidades, debaixo do meu colarinho, debaixo do meu sutiã e em torno da minha cintura.

— Kerman? Primeira vez, né? Certo, ele está esperando por você. Cuidado com o contato!

Ela abriu a porta da sala de visitas.

Para receber os visitantes, haviam colocado mesas e cadeiras dobráveis na sala. Quando cheguei, metade delas já estava ocupada, e Larry estava sentado em uma cadeira, parecendo nervoso e ansioso. Ao me ver, ele se levantou de repente. Andei o mais rápido que pude na sua direção e o abracei. Fiquei tão satisfeita por ele parecer feliz. Eu parecia ter voltado a ser eu mesma.

Era permitido abraçar e beijar seus visitantes (nada de língua!) no começo e no fim da visita. Alguns guardas deixavam que as pessoas ficassem de mãos dadas; outros não. Se um guarda estivesse tendo um dia, uma semana ou uma vida ruim, todos saberíamos naquela sala de visitas sombria de piso forrado com linóleo. Sempre havia também duas detentas trabalhando na sala, ajudando os agentes penitenciários, e elas precisavam passar horas conversando com os guardas.

Larry e eu nos sentamos à mesa, e ele apenas ficou me olhando, sorrindo. De repente, fui tomada pela timidez e fiquei imaginando se ele tinha percebido alguma diferença em mim. Então começamos a conversar, tentando pôr em dia de uma só vez uma quantidade impossível de assuntos. Contei o que havia acontecido desde o momento em que ele fora embora, e ele falou como tinha sido precisar sair. Contou que havia falado com meus pais, que eles estavam bem e que minha mãe viria me visitar no dia seguinte. Listou todas as pessoas que tinham ligado para saber como eu estava e quem tinha enviado pedidos de autorização para me visitar. Expliquei que minha lista de visitantes era limitada a 25 pessoas. Nosso amigo Tim havia criado um site, www.thepipebomb.com, e Larry estava postando todas as informações relevantes (inclusive uma seção de Perguntas Frequentes).

Conversamos durante horas (o horário de visitação ia das três da tarde às oito da noite às sextas-feiras), e Larry mostrou curiosidade a respeito de todos os detalhes sobre como estava sendo minha vida no presídio. Junto com ele,

naquela mesa, pude relaxar e abandonar a postura tensa de atenção e cautela que havia ditado cada um de meus movimentos pelos últimos três dias, e quase me esqueci de onde estava, mesmo enquanto relatava todas as descobertas que a minha nova vida me oferecera. Eu me senti muito amada, sentada ali com ele, e mais confiante de que algum dia seria capaz de deixar para trás aquele lugar horrível. Tranquilei Larry inúmeras vezes, assegurando-lhe de que eu estava bem. Pedi que desse uma olhada à sua volta — as outras detentas pareciam assim tão terríveis? Ele achou que não.

Às 19h45 era chegada a hora de Larry e os outros visitantes irem embora. Meu coração se apertou. Eu precisava sair daquela bolha de amor que envolvia nossa mesa. Eu só veria Larry dali a uma semana.

— Recebeu minhas cartas? — perguntou ele.

— Não, ainda não. Nada de correio. Tudo aqui acontece no ritmo da prisão... em câmera lenta.

As despedidas eram difíceis. E não apenas para nós. Uma menininha não queria largar a mãe e esperneava enquanto o pai se esforçava para enfiá-la novamente no agasalho. Visitantes e detentas se mexiam, inquietos, enquanto tentavam dizer adeus. Todas tínhamos permissão para um último abraço, e depois ficávamos vendo as costas da pessoa amada desaparecer na escuridão da noite. As detentas mais experientes já estavam desamarrando os sapatos e se preparando para a revista.

Esse ritual, que eu viria a repetir centenas de vezes no decorrer do ano, nunca mudava. Tirar sapatos, meias, blusa, calças e camiseta. Erguer o sutiã e mostrar os seios. Mostrar as solas dos pés. Então dar as costas para a guarda, abaixar a calcinha e se agachar. Depois, forçar uma tosse, o que teoricamente faria qualquer contrabando oculto cair no chão. Sempre achei ríspida e burocrática a interação entre a pessoa que é obrigada a tirar roupa e a guarda que dá a ordem, mas algumas mulheres acham a revista uma experiência tão humilhante que chegam ao ponto de evitar as visitas para não serem submetidas àquilo. Eu jamais conseguiria sobreviver sem minhas visitas, de modo que cerraria os dentes e faria o necessário. Era o *quid pro quo* do

sistema penitenciário: quer manter contato com o mundo exterior? Esteja preparada para mostrar o rabo — sempre.

Já vestida, voltei para o corredor principal caminhando nas nuvens, levando na memória tudo o que Larry havia falado. Alguém disse:

— Ei, Kerman, chamaram seu nome na lista do correio!

Fui direto ao posto do guarda, que me entregou dezesseis cartas maravilhosas (incluindo as de Larry!) e meia dúzia de livros. Alguém lá fora me amava.

Minha mãe viria no dia seguinte. Eu mal podia imaginar quão horríveis as últimas 72 horas deviam ter sido para ela e me preocupava com o que ela pensaria ao ver a cerca de arame farpado — aquilo evocava uma espécie de medo primal. Quando chamaram meu nome pelo alto-falante, mal consegui ficar parada enquanto esperava autorização para entrar. Voei pelas portas da sala de visitas em busca do rosto da minha mãe. Quando a vi, foi como se tudo à nossa volta saísse de foco. Ela começou a chorar ao me ver. Eu não me lembrava de tê-la visto tão aliviada em todos os meus 34 anos.

Passei a maior parte das duas horas seguintes tentando convencê-la de que estava tudo bem comigo; de que ninguém estava me perturbando nem me machucando; de que minhas colegas de cela estavam me ajudando; e de que os guardas estavam me deixando em paz. A presença de outras famílias na sala de visitas, muitas com crianças pequenas, serviam como lembrete de que nós não éramos as únicas. Na verdade, éramos apenas uma das milhões de famílias americanas tentando lidar com o sistema penitenciário. Minha mãe ficou em silêncio ao ver uma menininha brincando com os pais em outra mesa. A tensão no rosto dela fez com que sumisse do meu íntimo qualquer vestígio de reclamação ou autopiedade. A menina estava sendo corajosa, mas eu sabia que ela choraria durante todo o caminho de volta até o carro.

As horas que eu viria a passar na sala de visitas da prisão seriam das mais reconfortantes de toda a minha vida. Elas voavam — a única ocasião no presídio em que o tempo parecia passar rápido. Eu podia esquecer completamente tudo a respeito da massa humana do outro lado das portas da

sala de visitas e carregava esse sentimento comigo ainda por várias horas depois de cada visita.

Mas eu percebia quão terrível e assustador era para minha família me ver no uniforme cáqui e sentir uma pequena amostra do que eu estava enfrentando, cercada por guardas, gente desconhecida e eficientes sistemas de controle. Eu detestava expô-los a esse mundo. A cada semana precisava renovar minhas promessas à minha mãe e a Larry de que eu ia conseguir, de que estava bem. Sentia mais culpa e vergonha vendo a preocupação deles do que quando estive diante do juiz — e havia sido terrível ficar lá naquele tribunal.

★ ★ ★

PERCEBI QUE a vida no Pavilhão alternava períodos de movimentação frenética com hiatos de tranquilidade, como uma escola de ensino médio ou o setor de emergência de um hospital. Em surtos de atividade, as mulheres iam e vinham em algazarra, aglutinavam-se em grupos, apressavam-se, vagavam ao acaso, muitas vezes esperavam e quase sempre tagarelavam numa torrente incontrolável de barulho, sotaques e emoções que se misturavam em redemoinhos de linguagem.

Em outras ocasiões, o lugar ficava tranquilo e silencioso... sonolento durante algumas horas do dia, quando a maioria das detentas estava ocupada trabalhando e as encarregadas da limpeza já haviam terminado e iam tirar uma soneca, fazer crochê ou jogar cartas. À noite, depois de as luzes serem apagadas às dez, os corredores ficavam em sua maior parte silenciosos, cruzados por uma ou outra mulher de camisolão a caminho do banheiro ou da caixa de correio, orientando-se em meio à escuridão graças à luz distante de uma sala comum onde alguém estivesse sentada, talvez assistindo indevidamente à TV de madrugada.

Minha compreensão das causas desses padrões de movimento — refeições, o correio, trabalho, a fila dos remédios, os dias da cantina, a hora do telefone

— ainda era tênue. Mas a cada dia eu aprendia mais, reunindo informações e tentando descobrir meu lugar.

Cartas e bons livros — uma enorme quantidade de bons livros — começaram a chegar do mundo exterior quase que imediatamente. Na hora do correio, quase todos os dias o Ator Pornô Gay gritava “Kerman!” e empurrava com a bota uma caixa de plástico transbordando de livros para mim, ao mesmo tempo enjoado e perplexo. A população inteira do presídio ficava olhando enquanto eu buscava minha correspondência, disparando de vez em quando a piadinha: “Está conseguindo dar conta?”

Por um lado ficavam impressionadas com esse indício de que havia pessoas fora da cadeia que se importavam comigo. Por outro, a avalanche literária era uma prova de que eu era diferente: “É a tal dos livros.” Annette e algumas outras ficaram encantadas com o afluxo de novo material de leitura e pegavam emprestado da minha biblioteca com entusiasmo (e com a minha permissão). Jane Austen, Virginia Woolf e *Alice no País das Maravilhas* definitivamente serviram para encher meu tempo e me fazer companhia no interior da minha cabeça, mas eu me sentia realmente solitária na minha vida física de verdade. Com cautela, procurava fazer amigas, mas, como tudo o mais na prisão, era complicado; havia lugares demais onde uma novata como eu podia facilmente dar um passo em falso. Como no refeitório.

O refeitório era como o bandeirão de uma escola de ensino médio, e quem é que tem boas lembranças dessa época? Uma ampla sala com piso de linóleo repleta de mesas com quatro cadeiras giratórias fixas, e em duas paredes janelas davam para a entrada dos fundos do Pavilhão, onde havia vagas de estacionamento, uma rampa para deficientes e uma melancólica cesta de basquete abandonada. O café da manhã ocorria numa atmosfera de tranquilidade, frequentado apenas por uma pequena parte das detentas, principalmente as mais idosas, que apreciavam a paz quase meditativa do ritual matutino das seis e meia. Não havia fila de espera — a gente pegava uma bandeja e talheres de plástico e se aproximava da janela da cozinha, de onde a comida era servida por outras presas, algumas indiferentes, outras mais falantes. A comida podia ser cereal ou aveia fria ou, num dia muito bom, ovos

cozidos. Geralmente havia um pouco de fruta para cada pessoa, uma maçã ou banana, ou às vezes um pêsego duro que nem pedra. Grandes tanques de café aguado ficavam ao lado de reservatórios de bebidas frias, cheios de água e de algo que parecia refresco diluído.

Logo adquiri o hábito de ir ao café da manhã, onde costumava me sentar sozinha e em paz, sem beber aquele café horrível, observando o ir e vir das outras detentas e admirando o nascer do sol através das janelas que davam para o lado leste.

Almoço e jantar eram outros quinhentos: a fila de mulheres esperando pela comida se estendia ao longo de uma parede inteira sob as janelas, saindo às vezes porta afora, e o barulho era tremendo. Essas refeições eram uma provação para os meus nervos, e eu costumava avançar cuidadosamente com a minha bandeja, olhando de um lado para o outro em busca de alguém conhecida perto de uma cadeira vazia ou, melhor ainda, uma mesa vazia que eu pudesse ocupar. Sentar-me com alguém que eu não conhecia era um empreendimento arriscado. Eu poderia ser recebida por um olhar mal-encarado, um silêncio ostensivo ou um incisivo “tem gente nesse lugar”. Mas também podíamos encontrar uma tagarela ou perguntadeira, e, quando eu me aventurava, muitas vezes Annette chamava minha atenção.

— Melhor ficar longe dessa aí, Piper. Logo ela vai começar a pedir que você compre coisas para ela na cantina.

Annette era dotada de um instinto maternal que parecia uma força da natureza e me ajudava a me orientar pelas regras oficiais, como lembrar as contagens, os códigos de acesso e em qual dia eu tinha permissão para levar minhas roupas para a lavanderia. Mas ela encarava com desconfiança a maior parte das outras detentas que não eram brancas e de classe média. Mais tarde vim a saber que, assim que chegou à prisão, Annette foi enganada por uma jovem, que se aproveitou da piedade dela para fazê-la comprar várias coisas na cantina. Na verdade a garota era conhecida por passar a perna nas detentas novatas, então Annette ficou escaldada e passou a exagerar na cautela. Ela me incluía nas intermináveis partidas de canastra com seu grupo de amigas italianas que, a contragosto, toleravam meu desempenho medíocre. As

mulheres negras jogavam partidas mais barulhentas de copas algumas mesas à frente; as italianas queixavam-se de que todas elas trapaceavam.

Annette me apresentou a Nina, uma italiana que tinha a minha idade e ocupava uma cela não muito longe da minha, e ela também me acolheu. Nina acabara de passar um mês na UAS (tinha se recusado a tirar neve) e estava esperando voltar aos Dormitórios. Annette parecia ter medo da maior parte das outras detentas, mas Nina era do Brooklyn, malandra e tão desconfiada em relação às outras como Annette.

— São todas piradas, são de dar nojo.

Ela levara uma vida dura e tinha experiência como detenta; era também muito engraçada e surpreendentemente tolerante em relação à minha ingenuidade, e eu a seguia como se fosse uma mascote. Prestava muita atenção em seus conselhos sobre como não ser enganada pelas outras detentas. Eu estava definitivamente interessada em descobrir quem eram as não piradas.

Eu me dei bem com algumas das mulheres do meu grupo de A&O (e era capaz de lembrar seus nomes): a latina tatuada da minha cela, que estava cumprindo seis meses de prisão por ter sido flagrada com seis quilos de pó no carro (o que para mim não fazia nenhum sentido); a ruiva cínica, que continuava a falar sobre como a prisão de West Virginia era melhor do que Danbury, “ainda que aqui tenha mais gente do norte, se é que você me entende...”.

E havia também a pequena Janet, do Brooklyn, que aos poucos se mostrava mais receptiva em relação a mim, embora ainda parecesse estranhar minha simpatia. Tinha apenas vinte anos e era uma universitária que fora presa durante as férias por ter trabalhado como mula para traficantes. Ela havia passado um ano perturbador trancafiada numa prisão caribenha até a polícia americana ir buscá-la. Agora estava cumprindo uma pena de sessenta meses — ela ficaria atrás das grades durante boa parte da juventude.

Certo dia, almocei com outra Janet, de cinquenta anos, alta, loura, atraente. Eu vinha observando-a, tentando imaginar qual seria sua história — ela me lembrava uma tia minha. Janet era como eu — uma pessoa de classe média

envolvida com o tráfico de drogas. Cumpria uma sentença de dois anos por um crime relacionado à maconha. Enquanto conversávamos, ela se mostrara amistosa, mas nunca insistente, demonstrando respeito pelo espaço da outra pessoa. Fiquei sabendo que ela era uma pessoa viajada, uma clássica intelectual ecopacifista, uma fanática da boa forma e especialista em ioga, e também uma budista praticante, munida de um senso de humor cortante — todas características incrivelmente bem-vindas numa detenta.

A comida do presídio exigia uma abordagem zen. A sala do refeitório algumas vezes estava aquecida, outras não; sendo as refeições mais populares um hambúrguer ao estilo McDonald's ou o supremo — e raro — sanduíche de frango frito. As pessoas eram absolutamente loucas por frango em qualquer formato. Com muito mais frequência, o almoço era mortadela e um queijo amarelo borrachudo sobre pão branco, além de infinitas quantidades de amido sob a forma de arroz, batatas e terríveis pizzas congeladas. As sobremesas variavam imensamente, às vezes deliciosos biscoitos ou bolos caseiros, às vezes gelatina, ou então tigelas com pudim, contra o qual logo fui alertada: “Eles vêm em latas com a inscrição TEMPESTADE NO DESERTO, e se tem mofo em cima eles só raspam essa parte e servem o resto.” Para as poucas vegetarianas, havia Proteína Vegetal Texturizada. PVT era uma versão asquerosa de soja em pó que alguém na cozinha se esforçava em vão para transformar em algo comestível. Normalmente tinha a aparência de minhocas. Às vezes, se acrescentavam cebolas, dava para engolir. A coitada da Janet Ioga era vegetariana e na maior parte do tempo se resignava a uma dieta básica de subsistência.

Tanto no almoço como no jantar havia um bufê de saladas que costumava oferecer alface, pepino fatiado e couve-flor crua. Apenas algumas mulheres, como a Janet Ioga, eram habituês do bufê de salada. Eu as cumprimentava timidamente, minhas companheiras de forragem. Às vezes apareciam outros legumes no bufê — pedaços de brócolis, brotos de feijão em lata, aipo, cenouras e, muito raramente, espinafre cru. Estes logo eram saqueados, removidos do refeitório para serem aproveitados em experiências culinárias das detentas, que usavam os dois micro-ondas instalados perto dos

Dormitórios. A única comida disponível era a oferecida no refeitório e o que fosse possível comprar na cantina.

Presença constante no refeitório, Pop, antiga companheira de cela de Nina, era uma cinquentona marrenta casada com um gângster russo e governava a cozinha com mão de ferro. Certa noite eu estava com Nina já no fim do horário do jantar quando Pop sentou-se conosco vestindo seu avental de cozinha personalizado com um POP branco bordado na altura do coração. Completamente por fora de tudo, comecei a falar mal da comida. Na ocasião, não havia me ocorrido que alguém pudesse sentir orgulho do trabalho na prisão, mas esse era o caso de Pop. Quando fiz uma piadinha sobre greve de fome, pronto, foi o que bastou.

Pop me encarou enfurecida e me apontou o dedo.

— Escute aqui, querida, sei que você acabou de chegar e que não tem a mínima noção sobre nada. Vou falar só uma vez. Existe aqui um negócio chamado “incitar revolta”, e você está falando essa merda, greve de fome, essa merda, isso é incitar revolta. Você pode se meter numa bela encrenca por causa disso, eles vão trancar você numa UAS sem pensar duas vezes. Da minha parte, não estou nem aí, mas você não conhece esses caras, querida. Basta que a pessoa errada escute você falando uma merda dessas e pronto, ela conta para os agentes e você vai ver com que rapidez vão trancafiar esse seu rabo numa solitária. Então fica a dica: cuidado com o que fala.

E em seguida se afastou. Nina olhou para mim, como se dissesse *Sua idiota*. Daquele momento em diante procurei ficar fora do caminho de Pop, abaixando a cabeça para evitar seus olhos na fila do refeitório.

Fevereiro foi o Mês da História Negra, e alguém colou nas paredes do refeitório cartazes com as imagens de Martin Luther King Jr.; George Washington Carver e Rosa Parks.

— Ninguém colou porra nenhuma no Dia de Colombo — resmungou uma mulher chamada Lombardi atrás de mim na fila certo dia.

Ela estava realmente fazendo uma objeção ao Dr. King? Mantive minha boca fechada. O presídio de segurança mínima de Danbury abrigava, em média, aproximadamente duzentas mulheres, ainda que às vezes esse número

subisse para uma assustadora superlotação de 250. Cerca de metade delas era latina (porto-riquenhas, dominicanas, colombianas), em torno de 24% eram brancas, 24% eram afro-americanas e jamaicanas, e o resto de origem bem variada: uma indiana, algumas árabes, algumas indígenas, uma pequenina senhora chinesa de sessenta e poucos anos. Sempre fiquei imaginando como seria estar trancada ali sem pertencer a nenhuma tribo específica. Era tudo muito *Amor, sublime amor* — fique com os seus, Maria!

O racismo era descarado; os três Dormitórios principais seguiam princípios de organização supostamente instituídos pelos supervisores, que determinavam quem dormiria onde. O Dormitório A era conhecido como “Condomínio”, o Dormitório B era apelidado de “Gueto” e o Dormitório C era o “Distrito Hispânico”. As Celas, para onde todas as novatas eram mandadas inicialmente, apresentavam uma curiosa mistura. Butorsky manipulava como uma arma o poder de decidir onde alocar as presas, de modo que, se alguém pisasse no calo dele, acabaria metida numa das celas. As mulheres mais doentes do Pavilhão, ou as grávidas como a que eu tinha visto logo ao chegar, ocupavam as camas da parte de baixo do beliche; as de cima eram ocupadas pelas novatas ou pelas que apresentassem problemas de comportamento, o que nunca faltava por ali. A Cella 6, onde eu dormia, estava servindo mais como ala para doentes do que como cela de punição — eu estava com sorte. À noite, eu ficava deitada no escuro, ouvindo os roncos da polonesa abaixo de mim e o zumbido do aparelho respirador de Annette e olhando pelas janelas, situadas na mesma altura da minha cama. Quando havia lua, dava para ver as pontas das copas das figueiras e as colinas brancas no vale ao longe.

Eu passava a maior quantidade possível de horas do lado de fora, no frio, virada para o leste, olhando um enorme vale de Connecticut. O Pavilhão ficava no topo de uma das colinas mais altas da área, e dali dava para enxergar morros, fazendas e vilarejos quilômetros adentro no vale gigantesco lá embaixo. Durante o mês de fevereiro, vi o nascer do sol todos os dias. Eu enfrentava a escada frágil coberta de gelo que levava a uma academia coberta e à pista de atletismo congelada do Pavilhão, onde eu corria um pouco com

meu casaco marrom feio, o gorro verde que pinica, cachecol e luvas, antes de entrar no ginásio frio para levantar peso, quase sempre — felizmente — sozinha. Escrevi cartas e li livros. Contudo o tempo era um monstro grande, indolente e imóvel que não parecia interessado em meus esforços para acelerá-lo.

Havia dias em que eu mal falava, mantendo meus olhos abertos e a boca fechada. Tinha medo não tanto de sofrer violência física (não vira nenhum indício disso), mas de vir a ser estigmatizada publicamente por fazer merda, como violar alguma regra da prisão ou das detentas. Bastava estar no lugar errado na hora errada, sentar-se no lugar “de alguém”, meter-se onde não foi chamada, fazer a pergunta errada, e então alguém vinha berrar, fosse um guarda aterrorizante ou uma detenta aterrorizante (às vezes em espanhol). A não ser para encher Nina de perguntas e teorizar e trocar observações com as outras novatas de A&O, eu ficava na minha.

Porém, minhas colegas de prisão na verdade estavam tomando conta de mim. Rosemarie me trazia seu exemplar do *Wall Street Journal* todos os dias e perguntava como eu estava. Janet Ioga fazia questão de se sentar comigo nas refeições, e conversávamos sobre o Himalaia, Nova York e política. Ela ficou horrorizada quando recebi pelo correio uma assinatura da *New Republic*.

— Dava na mesma ler a *American Standard*! — disse ela, com repugnância.

★ ★ ★

NUM DOS dias de cantina — as compras eram permitidas duas vezes por semana à noite, metade do Pavilhão na segunda, a outra metade na terça —, Nina apareceu na porta da Cela 6. Ainda sem dinheiro na minha conta da prisão, eu tomava banho com um sabonete emprestado e sentia enorme inveja das excursões semanais das outras detentas à cantina.

— Ei, Piper, que tal um milk-shake? — perguntou Nina.

— O quê?

Eu estava espantada — e faminta. O jantar tinha sido rosbife com um tom perturbador de verde metálico. Comi só arroz e pepino.

— Vou comprar sorvete na cantina, podemos fazer um milk-shake.

Meu coração começou a pular de alegria e então se apertou.

— Não posso comprar nada, Nina. Ainda não regularizaram minha conta.

— Quer fazer o favor de calar a boca? Vamos.

Dava para comprar um pote de sorvete barato na cantina — baunilha, chocolate ou morango. Era preciso comer na hora porque é claro que não havia freezer, apenas um grande reservatório de gelo para as detentas. Ai daquela que enfiasse um sorvete no reservatório e fosse flagrada por uma companheira! Levaria uma bronca por ser asquerosa e anti-higiênica. Como muitas outras coisas, era algo que, simplesmente, não se fazia.

Nina comprou sorvete de baunilha e duas latas de refrigerante. Minha boca se encheu de água enquanto ela preparava nossos milk-shakes em canecas de plástico e a espuma assumia um aspecto marrom delicioso. Ela me passou uma caneca, e dei um gole e fiquei com um bigode de espuma. Aquilo era a melhor coisa que eu tinha saboreado desde que entrara na prisão. Senti lágrimas vindo aos olhos.

— Obrigada, Nina. Obrigada mesmo.

★ ★ ★

NO CORREIO, eu continuava a ser abençoada com uma avalanche de cartas, as quais eu apreciava uma a uma. Algumas tinham sido enviadas pelos meus melhores amigos, algumas eram de parentes e outras vinham de amigos de amigos que tinham ouvido falar de mim e arranjado algum tempo para oferecer consolo a uma completa desconhecida usando papel e caneta. Larry me disse que uma amiga nossa tinha contado à própria família a meu respeito, e o pai dela resolvera ler cada um dos livros na minha lista de desejos da Amazon. Em pouco tempo, eu acabara por acumular pelo correio: lindos cartões postais de Kelly, minha antiga colega de trabalho, e mensagens escritas nos lindos papéis de carta de minha amiga Arin, que eram como que um tesouro em meio à feiura geral do presídio; sete páginas de piadas enviadas por Bill Graham; um livrinho sobre café, com ilustrações feitas à mão por

meu amigo Peter; e um monte de fotos de gatos de outras pessoas. Essas eram as minhas riquezas e, na verdade, minhas únicas posses de valor.

Meu tio Winthrop Allen III escreveu:

Pipes,

Seu site foi bem recebido. Eu o recomendei a alguns amigos e conhecidos, portanto não se surpreenda se receber pacotes com livros velhos enviados por desconhecidos.

Segue junto com esta carta *Japanese Street Slang* (*Gírias urbanas japonesas*). Nunca se sabe quando a gente vai precisar do xingamento certo. *Joe Orton* — dispensa apresentação, mas por via das dúvidas tem uma no início do livro. *Parkinson* foi um velho idiota e divertido, inventor da Lei de Parkinson — que eu meio que esqueci qual é. Não, lembrei, tem a ver com o aumento das tarefas para ocupar o tempo disponível. Quando você acabar as sessões de terapia em grupo, as palestras sobre sexo seguro e os sermões motivacionais, talvez possa testar a hipótese.

O *príncipe*, meu favorito do Maquiavel. Como você e eu, ele sempre será malvisto.

O *arco-íris da gravidade*, todos os meus amigos literatos consideram esse o maior romance desde *A sombra do vulcão*. Não consegui terminar nenhum dos dois.

Também incluí alguns pôsteres para que você possa começar a decorar o alojamento antes que Martha Stewart apareça por aí com as firulas dela.

Com os cumprimentos, Winthrop, o Pior Tio

Comecei a receber cartas de um homem chamado Joe Loya, um escritor amigo de um amigo meu de São Francisco. Joe explicou que tinha cumprido

sete anos numa prisão federal por assalto a banco, que sabia o que eu estava enfrentando e esperava que eu lhe escrevesse de volta. Disse que o ato de escrever literalmente salvara sua vida quando ele passou dois anos numa solitária. Fiquei espantada com a intimidade demonstrada em suas cartas, mas também comovida, e era reconfortante saber que havia alguém lá fora que entendia alguma coisa do mundo surreal que eu agora habitava.

Só a freira recebia mais cartas do que eu. No meu primeiro dia no Pavilhão, alguém me informou que havia uma freira ali — em meu estado de perturbação, imaginei que era uma freira que decidira viver entre as detentas. De certo modo, era mesmo. A irmã Ardeth Platte era uma prisioneira política, uma das várias freiras militantes pacifistas que cumpriam longas penas em prisões federais por entrarem em área proibida num protesto não violento num silo de mísseis Minuteman II, no Colorado. Todas respeitavam a Irmã (como era conhecida), uma freira forte de 69 anos cuja presença era adorável, delicada, alegre e amorosa. De modo mais do que apropriado, a Irmã era a companheira de beliche de Janet Ioga — ela gostava de ser aconchegada debaixo das cobertas por Janet todas as noites, com um abraço e um beijo na testa suave e enrugada. As detentas ítalo-americanas eram as mais indignadas com a provação da Irmã.

— A porra da polícia não tem nada melhor para fazer do que mandar *freiras* para a cadeia? — falavam, enojadas.

A Irmã recebia numerosas cartas pacifistas de todo o mundo.

Certo dia, recebi uma carta de minha melhor amiga, Kristen, que eu tinha conhecido em nossa primeira semana na faculdade. No envelope havia um breve recado, rabiscado a bordo de um avião, e um recorte de jornal. Eu o desdobrei cuidadosamente e vi a coluna “On the Street”, de Bill Cunningham, do *New York Times*, do dia 8 de fevereiro. Metade da página estava ocupada por umas dez fotos de mulheres de todas as idades, raças, tamanhos e formas, todas vestindo peças de um laranja berrante. A manchete era “Oranginas destampadas”, e Kristen havia anotado num *post it* azul: “Os nova-iorquinos usam laranja em solidariedade à situação de Piper! Bj, K.” Colei com todo o carinho aquele recorte no lado de dentro da porta do meu

armário, e cada vez que o abria era saudada pela caligrafia da minha querida amiga e pelos rostos sorridentes de mulheres que usavam casacos, chapéus, echarpes e até carrinhos de bebê laranja. Aparentemente, o laranja era o novo preto.

CAPÍTULO 5

Na toca do coelho



Após duas semanas, meu desempenho na limpeza havia melhorado muito por causa das inspeções realizadas duas vezes por semana e da forte pressão social para não fazer besteira — as vencedoras da inspeção comiam antes do resto, e certos “cubículos de honra” ultra bem-arrumados eram os primeiros da fila do refeitório. Era incrível o número de utilidades de um absorvente — eles eram nossos principais utensílios de limpeza.

Havia uma tensão na Cella 6 com relação a quem limpava e quem não limpava. Não se esperava que a Srta. Luz, que já passara dos setenta anos e tinha câncer, ajudasse na limpeza. A porto-riquenha que ocupava um dos beliches de cima não falava inglês, mas ajudava a mim e Annette a varrer e esfregar. A polonesa arrogante que ocupava o beliche embaixo do meu se recusava a ajudar, o que deixava Annette furiosa. A A&O tatuada ajudara, mas sem grande entusiasmo — até descobrir que estava grávida e logo ser transferida para um beliche inferior em outra cela. O DFP não gosta de processos judiciais.

A garota nova que a substituiu na Cella 6 era uma moça hispânica grande. No começo, eu usava o termo politicamente correto “latina”, como aprendera a fazer na faculdade, mas todas as detentas, sem distinção de cor, me olhavam como se eu fosse louca. Por fim, uma dominicana me corrigiu severamente:

— Por aqui, nós nos chamamos de espanholas, querida, mômis espanholas.

A jovem novata mami espanhola se sentou no colchão descoberto do beliche superior e parecia confusa. Era minha vez de ajudar alguém a se adaptar.

— Como você se chama?

— Maria Carbon.

— De onde você é?

— Lowell.

— Em Massachusetts? Eu sou de lá, fui criada em Boston. Quanto tempo você pegou? — Ela olhou para mim, sem entender. — Qual é a duração de sua sentença?

— Não sei.

Fiquei perplexa. Como é que alguém podia desconhecer a duração da própria pena? Eu não achava que o problema era linguístico — ela falava inglês sem sotaque. Fiquei preocupada. Ela parecia em estado de choque.

— Olhe, Maria, tudo vai dar certo. Nós vamos ajudá-la. Você tem que preencher a papelada, e o pessoal vai lhe dar o que você precisa rapidinho. Quem é o seu supervisor?

Maria simplesmente me olhou, sem reação e, por fim, recuei em busca de uma das outras mamis espanholas para me ajudar com a recém-chegada.

★ ★ ★

CERTA NOITE, os alto-falantes retumbaram “Kerman!”, e corri para a sala do Sr. Butorsky.

— Você vai ser transferida para o Dormitório B! — gritou ele. — Cubículo 18! A Srta. Malcolm será sua colega de beliche.

Eu nunca tinha ido aos Dormitórios (“proibido” para as A&Os). Em minha imaginação, eram cavernas sombrias povoadas por condenadas experientes.

— Ele gosta de você — comentou Nina, minha perita em assuntos penitenciários, que ainda esperava voltar para seu cubículo no Dormitório A juntamente com Pop. — Por isso decidiu colocar você no mesmo cubículo

da Srta. Malcolm. Ela está aqui há muito tempo. Além disso, você será sempre cubículo de honra.

Eu não tinha ideia de quem era a Srta. Malcolm, mas aprendera que, na prisão, “senhorita” era um termo honorífico conferido apenas às idosas ou às que eram muito respeitadas.

Recolhi meus poucos pertences e descii, nervosa, a escada até o Dormitório B, também conhecido como “Gueto”, segurando meu travesseiro e uma sacola cheia de uniformes. Precisaria pegar minha pilha de livros em uma segunda viagem. Descobri que os dormitórios eram celas semissubterrâneas grandes divididas em um labirinto de cubículos beges, cada um dos quais acomodava duas detentas, um beliche, dois armários de metal e uma escadinha. O Cubículo 18 era perto do banheiro, na única parede com janelas estreitas. A Srta. Malcolm esperava por mim, uma mulher miúda de meia-idade, pele escura e sotaque caribenho carregado. Ela foi bastante direta.

— Esse é o seu armário — disse, indicando o armário vazio — e esses são os seus ganchos. Estes ganchos são meus, e é assim que vai ser. — As roupas dela estavam impecavelmente penduradas, inclusive as calças quadriculadas de cozinheira e o avental grená. Ela trabalhava na cozinha. — Não me importo se você é gay ou sei lá o quê, mas não quero saber de gracinhas no beliche. Eu limpo nas noites de domingo. Você tem que ajudar na limpeza.

— Claro, Srta. Malcolm — concordei.

— Pode me chamar de Natalie. Vou fazer sua cama.

De repente, uma cabeça loura surgiu por cima da parede do cubículo.

— Oi, vizinha nova! — Era a garota branca, alta e com cara de bebê que lavava louça no refeitório. — Eu sou Colleen! — Ela olhou para a minha nova colega de cela cautelosamente. — Como vai, Srta. Natalie?

— Oi, Colleen.

O tom de Natalie mostrava tolerância com garotas bobas, mas uma tolerância limitada. Não era hostil nem maldoso, apenas um pouco austero.

— Como você se chama, vizinha?

Eu me apresentei, e ela pulou do beliche de cima e veio até a porta do cubículo que eu agora dividia com a Srta. Malcolm. Fui bombardeada com

perguntas sobre o meu nome diferente e bacana, quanto tempo eu tinha para cumprir e de onde eu era, e tentei responder a todas, uma de cada vez. Colleen era a artista residente do Pavilhão, especializada em flores, princesas e caligrafia rebuscada. Ela disse:

— Ah, merda, vizinha, preciso fazer sua etiqueta! Soletre aí para mim.

Colleen ilustrava etiquetas de cubículos para todas as recém-chegadas ao Dormitório B em uma caligrafia feminina com detalhes cintilantes — exceto para as que já haviam passado um tempo na ICF e, portanto, tinham placas oficiais de plástico preto com letras brancas, como a de Natalie.

Eu ganhara na loteria das colegas de beliche. Natalie, uma mulher que estava perto do fim de uma pena de oito anos, era um modelo de dignidade discreta e bons conselhos. Por causa do sotaque carregado, eu precisava me esforçar bastante para entender tudo o que dizia, e ela nunca falava nada supérfluo. A mulher era padeira-chefe na cozinha. Levantava-se às quatro da manhã para começar o turno e só se misturava com algumas amigas escolhidas a dedo entre as caribenhas e suas colegas da cozinha. Passava o tempo livre lendo, caminhando na pista e escrevendo cartas, e se deitava cedo, às oito da noite. Falávamos muito pouco sobre a vida fora da prisão, mas ela era capaz de responder a quase qualquer pergunta que eu fizesse sobre a vida em Danbury. Ela nunca falou sobre a razão pela qual estava encarcerada, e eu também nunca perguntei.

Como Natalie conseguia ir dormir às oito da noite era um mistério completo para mim, porque o Dormitório B era BARULHENTO. Durante minha primeira noite lá, fiquei quieta em meu beliche, tentando acompanhar a gritaria que ressoava naquela sala grande cheia de mulheres. Eu achava que nunca conseguiria dormir e que enlouqueceria com a cacofonia. Porém, quando as luzes principais foram desligadas, tudo logo ficou quieto, e consegui pegar no sono, embalada pelo som da respiração de 47 pessoas.

Na manhã seguinte, algo me acordou antes da alvorada. Tonta e confusa, sentei-me na cama; ainda estava escuro, e o sono coletivo das ocupantes do dormitório dominava tudo. Algo estava acontecendo. Ouvi alguém não exatamente gritar, mas expressar raiva. Olhei para baixo — Natalie já saíra

para o trabalho. Inclinei-me para a frente muito devagar, com muito cuidado, e espiei para fora.

A dois cubículos de distância, vi uma espanhola que fizera muito barulho na noite anterior. Ela não estava satisfeita. Eu não sabia o que a irritava. De repente, ela se agachou por alguns segundos, depois se levantou e se afastou, deixando para trás uma poça na frente do cubículo de minha vizinha.

Esfreguei os olhos. Será que vi mesmo o que achei que vi? Cerca de um minuto depois, uma negra saiu do cubículo.

— Lili! Cabrales! *Lili Cabrales!* Volte aqui agora mesmo e limpe isto! LILIIIIIIIIII!!!

As pessoas não ficaram satisfeitas por serem acordadas daquela maneira, e um coro estrondoso de “CALA A PORRA DA BOCA!” tomou conta do salão. Abaixei a cabeça para não ficar à vista — não queria que nenhuma das duas soubesse que eu vira tudo. Ouvi alguém xingando baixinho. Espiei com cuidado: a mulher negra rapidamente limpou a poça com um bolo enorme de papel higiênico. Ela me viu espiando e pareceu ficar envergonhada. Voltei a me deitar e fiquei olhando para o teto. Eu caíra na toca do coelho.

O dia seguinte era Dia dos Namorados, meu primeiro feriado na prisão. Ao chegar a Danbury, fiquei surpresa com o fato de que, aparentemente, não havia qualquer atividade lésbica. As Celas, tão perto do posto dos guardas, eram bastiões de decoro. Não havia carícias, beijos ou qualquer ato sexual óbvio em nenhuma das áreas comuns e, apesar de alguém ter me falado de uma história sobre uma ex-presidiária que transformara a academia em ninho de amor, eu sempre a encontrava vazia quando ia lá.

Assim, fiquei espantada com a explosão afetiva no Dormitório B na manhã do Dia dos Namorados. Cartões e doces caseiros foram trocados, fazendo-me lembrar das intrigas inflamadas de uma sala de aula cheia de pré-adolescentes. Alguns dos cartões amorosos afixados no exterior dos cubículos eram claramente platônicos. Mas o esforço envidado na criação de alguns deles, elaborados com esmero a partir de recortes de revistas e materiais descartados, sugeria paixão de verdade.

Eu decidira, desde o começo, que não revelaria nada sobre meu passado sáfico para nenhuma detenta. Se contasse para uma sequer, o Pavilhão inteiro acabaria sabendo, e o resultado não poderia ser bom. Então falei bastante sobre meu querido noivo Larry, e todas no Pavilhão ficaram cientes de que eu não era “daquele jeito”, mas eu não tinha problema algum com mulheres que eram “daquele jeito”. Para mim, francamente, a maior parte daquelas mulheres estava longe de ser “lésbicas de verdade”. Elas eram, nas palavras do agente Scott, adeptas de “lesbianismo circunstancial”, a versão prisional de “experimentação na faculdade”.

Era difícil imaginar como uma pessoa poderia manter um relacionamento íntimo em um ambiente tão populoso, quanto mais um relacionamento ilícito. Em termos práticos, onde diabos era possível ficar a sós no Pavilhão sem ser pega? Muitos dos relacionamentos românticos que observei mais pareciam paixões adolescentes, e um casal raramente durava mais do que um ou dois meses. Era fácil distinguir entre as mulheres que se sentiam sozinhas e queriam consolo, atenção e romance e as lésbicas de verdade: havia algumas. Existiam outras barreiras enormes para as amantes a longo prazo, como penas de duração extremamente diferente, viver em Dormitórios separados ou se interessar por alguém que não era lésbica de verdade.

Minha vizinha Colleen e sua colega de beliche receberam muitos cartões de outras prisioneiras. Eu não ganhei nenhum, mas o correio daquela noite revelou muitas provas de que eu era amada. A melhor de todas foi um pequeno livro de poemas de Neruda enviado por Larry, *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. Decidi ler um poema por dia.

*Perdemos até mesmo este crepúsculo.
Ninguém nos viu ao entardecer com as mãos dadas
enquanto a noite azul caía sobre este mundo.
E tenho visto de minha janela
uma festa do poente entre as serras distantes.*

*Às vezes, como uma moeda
um pouco de sol queima minhas mãos.*

*Lembro-me de ti com o coração apertado
Pela tristeza que conheces.*

*Onde estavas nessa hora?
Quem mais estava presente?
Falando que palavras?
Por que me atinge todo este amor de um golpe
quando me sinto triste e te sinto longe?*

*Caiu o livro que sempre leio ao crepúsculo,
e como um cão ferido, minha capa se enrosca aos meus pés.*

*Sempre, sempre te distancias ao entardecer
onde o crepúsculo corre obliterando as estátuas.*

Em 17 de fevereiro, finalmente pude fazer compras na cantina e adquirir:

Calças de moletom XG, 24,70 dólares, que recebi por engano e não me deixaram devolver

Um bastão de manteiga de cacau, 4,30 dólares

Pacotes de atum, sardinha e cavala, cada um aproximadamente 1 dólar

Miojo, 25 centavos

Pasta de queijo, 2,80 dólares

Pimentas jalapeño em conserva, 1,90 dólar

Molho picante, 1,40 dólar

Blocos de papel, canetas, envelopes e selos, não tem preço

Eu estava desesperada para comprar um rádio portátil fajuto com fones de ouvido por 42,90 dólares. O rádio custaria 7 dólares fora da prisão. Pela renda de uma presidiária federal, que é de 14 centavos por hora, aquele rádio podia valer mais de trezentas horas de trabalho. Eu precisava do rádio para ouvir o filme do fim de semana ou qualquer coisa na televisão, e para usar na academia, mas o agente que administrava a cantina me comunicou, bruscamente, que os rádios estavam esgotados. *No más*, Kerman.

Uma vez que eu podia contar com dinheiro do mundo exterior, pude comprar itens para retribuir cada pessoa que me ajudara na minha chegada — sabão, pasta de dente, xampu, chinelos de borracha, pacotes de café solúvel. Algumas mulheres tentaram recusá-los (“Não se preocupe, Kerman”), mas insisti.

— Por favor, esqueça! — disse Annette, que me emprestara muitas coisas durante as primeiras semanas. — Você é como uma filha para mim! Ei, recebeu algum livro novo hoje?

Os livros continuavam a chegar aos montes pelo correio. Eu já estava até constrangida, e também nervosa; era uma demonstração clara de que eu era “bem de vida” lá fora, com uma rede de pessoas que se preocupava comigo e tinha tempo e dinheiro para me comprar livros. Até aquele momento, ninguém me ameaçara com nada mais intimidador do que uma cara feia ou palavras ásperas e nenhuma das outras detentas me pedira nada. Ainda assim, eu me precavia para não ser enganada ou virar um alvo. Vi que algumas das mulheres quase não tinham recursos de fora para amenizar sua vida lá dentro, e muitas presidiárias eram vigaristas experientes.

Um dia depois de minha mudança para o Dormitório B, uma desconhecida enfiou a cabeça para dentro de meu cubículo. A Srta. Natalie não estava lá, e eu colocava mais livros em meu pequeno armário, que quase transbordava de tão lotado. Olhei para aquela mulher — negra, meia-idade, aparência normal, porém desconhecida. Fiquei em estado de alerta.

— Oi, colega nova. Cadê a Srta. Natalie?

— Hum, ela está na cozinha, acho.

— Qual é seu nome? Eu sou Rochelle.

— Piper. Kerman.

— Qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Piper.

O que ela queria de mim? Eu me sentia encurralada no cubículo. Tinha certeza de que ela planejava algo.

— Ah, você é a dos livros... você tem muitos livros!

De fato, tinha um livro na minha mão e uma pilha em cima do armário. Eu já estava com medo do que essa mulher queria de mim e o que faria comigo.

— V-você quer um livro?

Eu estava sempre disposta a emprestar, mas apenas algumas pessoas aceitavam a oferta e examinavam minha coleção a cada remessa do correio.

— Legal. O que você tem?

Olhei para a coleção. A obra completa de Jane Austen. Uma biografia de John Adams. *Middlesex*, *O arco-íris da gravidade*. Eu não queria presumir que ela não desejaria nenhum daqueles livros, mas como podia saber do que ela gostava?

— Que tipo de coisa que você prefere? Pode pegar qualquer um, é só escolher.

Ela examinou os títulos com hesitação. Foi um momento longo, lento e constrangedor para nós duas.

— Que tal esse aqui? É muito, muito legal.

Peguei um exemplar de *Seus olhos viam Deus*, de Zora Neale Hurston. Eu me senti racista ao extremo por escolher “o livro dos negros” de minha pilha para Rochelle, mas havia uma boa chance de ela gostar dele, levá-lo e me deixar em paz, pelo menos por um tempo.

— Parece legal, parece legal. Valeu, Pipe!

E ela saiu do meu cubículo.

Cerca de uma semana depois, Rochelle voltou. Viera devolver o livro.

— Parece bom, mas não me prendeu — disse ela. — Você tem *The Coldest Winter Ever*? Sister Souljah?

Eu não tinha, e ela foi embora. Quando pensei no medo que tive de Rochelle, e no motivo, fiquei me sentindo uma tremenda idiota. Eu estudara, morara, namorara e trabalhara com negros de classe média a vida toda, mas, ao ficar frente a frente com uma mulher negra que não vinha do mesmo ambiente que eu, me senti ameaçada, absolutamente convencida de que ela tiraria algo de mim. Na verdade, Rochelle era uma das pessoas mais tranquilas e agradáveis daquele lugar, com um amor profundo pela igreja e por romances baratos. Envergonhada, decidi deixar de ser idiota.

Ao mesmo tempo em que era apresentada a essas novas pessoas em minha vida, também me esforçava mais para passar tempo com Annette. Quando me mudei para o Dormitório B, ela suspirou, resignada:

— Agora nunca mais vou ver você.

— Annette, isso é ridículo. Estou literalmente a alguns metros de distância.

— Já vi isso antes... quando uma garota se muda para um Dormitório, ela não tem mais tempo para mim.

Annette estava restrita às Celas por causa de problemas de saúde, então eu fazia questão de passar pela Cella 6 para dar um oi e jogar baralho na sala de recreação. Mas eu estava oficialmente cansada de canastra e menos disposta a gastar meu tempo com um punhado de mulheres brancas ranzinhas de meia-idade. Talvez eu devesse aprender a jogar copas. As meninas pareciam se divertir mais.

★ ★ ★

NATALIE ERA respeitada por todas no Dormitório B e, já que eu obviamente não iria lhe causar nenhum problema, ela pareceu gostar de mim também. Apesar de ser reservada e discreta, tinha um senso de humor sarcástico, porém jovial, e me regalava com suas observações astutas e irônicas sobre a vida cotidiana no Dormitório B:

— Você está no Gueto agora, colega!

Ginger Solomon, sua melhor amiga e também jamaicana, era como o *yang* para o *yin* de Natalie: extravagante, de pavio curto e barulhenta. A Srta.

Solomon era uma cozinheira fantástica e, depois que ela e Natalie decidiram que eu era gente boa, passou a preparar para mim um prato do jantar especial de sábado, em geral um *curry* delicioso feito com ingredientes contrabandeados da cozinha. Em ocasiões especiais, Natalie arranjava pão sírio como num passe de mágica.

A culinária extracurricular da prisão acontecia principalmente em dois micro-ondas comunais que ficavam em pequenas áreas entre os dormitórios; usá-los era um privilégio que os funcionários sempre (e com grande prazer) ameaçavam revogar. Pratos extraordinários emergiam desses micro-ondas, sobretudo os preparados pelas espanholas e caribenhas com saudades de casa. Isso me impressionou muito, tendo em vista os recursos limitados dessas cozinheiras — comida de lanchonete e frango processado, pacotes de cavala e atum, e qualquer legume que pudesse ser roubado da cozinha. Salgadinhos à base de milho podiam ser transformados em purê, após o acréscimo de água, virando deliciosos *chilaquiles*, minha comida prisional favorita. Cebolas contrabandeadas eram especialmente raras, e as cozinheiras precisavam ficar de olho para evitar guardas com olfato aguçado. Não importa o que cozinhassem, o cheiro era de comida preparada com amor e carinho.

Infelizmente, a Srta. Solomon cozinhava apenas aos sábados. Eu perdera cinco quilos em um mês, graças à dieta da prisão — muito fígado, feijão-verde e alface! No dia em que entrei na prisão, aparentava meus 34 anos, talvez um pouco mais. Nos meses antes de eu me apresentar, afogara as mágoas em vinho e comida caseira de Nova York; agora, meu maior prazer era passar o tempo sozinha na pista de corrida gelada e levantar peso na academia. Era o único lugar no Pavilhão onde liberdade e controle pareciam estar ao meu alcance.

★ ★ ★

UMA DAS coisas boas da vida no Dormitório B era a possibilidade de se escolher entre dois banheiros. Ambos eram equipados com seis chuveiros, cinco pias e seis cabines com vasos sanitários. E as semelhanças acabavam aí.

Natalie e eu ficávamos ao lado do banheiro que eu gostava de chamar de Boca do Inferno. Os azulejos e a fôrmica eram de tons variados de cinza, as varas das cortinas estavam enferrujadas, as cortinas de plástico praticamente em frangalhos, e nem todas as fechaduras das cabines funcionavam. Porém, não era por isso que o banheiro do Dormitório C era a Boca do Inferno. O motivo que tornava aquele lugar impróprio para qualquer coisa que não fosse urinar ou escovar os dentes rapidamente era a infestação. Durante os meses mais quentes, quando o chão não estava congelado, apareciam pequenas larvas pretas de vez em quando no chão dos chuveiros, se contorcendo nos azulejos. Nada era capaz de eliminá-las, embora o arsenal das encarregadas pela limpeza do banheiro não fosse grande coisa — os produtos de limpeza eram distribuídos com enorme parcimônia. Com o tempo, as larvas chocavam e se transformavam em mosquinhas malditas. Elas eram um sinal de que o banheiro fora construído bem em cima de uma rota direta para o inferno.

Eu preferia tomar banho no banheiro que ficava do outro lado do Dormitório B, que era ligado ao Dormitório A. Parecia um spa em comparação com o outro e havia sido renovado recentemente em tons de bege. As ferragens eram novas. A iluminação era melhor. O clima era mais alegre, muito embora as cortinas do chuveiro estivessem em estado igualmente precário.

Tomar banho era um ritual complexo. Era preciso levar todos os itens de higiene para o banheiro — xampu, sabão, gilete, toalhinha e tudo que fosse necessário. Isso requeria um grande minimalismo ou algum porta-xampu. Algumas mulheres tinham bolsas de crochê clandestinas para guardar suas coisas; outras possuíam bolsas de náilon compradas na cantina; e uma delas tinha um grande porta-xampu rosa de plástico, um porta-xampu de verdade. Eu não ia perguntar nada, porque sabia que aquilo viera da cantina em um passado distante ou de uma fonte clandestina. Os horários de pico de uso do chuveiro eram de manhã e à noite, momentos em que as reservas de água quente baixavam gradualmente. Se você tomasse banho durante a tarde ou no começo da noite, a concorrência era menor. Não podíamos tomar banho

depois que as luzes fossem apagadas, às dez da noite, para evitar que alguém transasse lá.

Muitas detentas faziam fila de até três pessoas para ter acesso ao “seu” chuveiro. No banheiro bom, havia um chuveiro que indiscutivelmente tinha a melhor pressão de água. Algumas pessoas importantes, como Pop, mandavam uma emissária para ver se o chuveiro estava livre ou para reservar um lugar na fila. Se você interferisse no ritual de banho de uma das madrugadoras e entrasse no chuveiro “dela”, receberia um olhar gélido.

Após conseguir um chuveiro, era a hora da verdade. Algumas mulheres desapareciam atrás das cortinas plásticas ainda vestindo suas camisolas, devido à modéstia; outras se despiam na frente de todo mundo e entravam e saíam sem qualquer constrangimento. Um bocado delas tomava banho com a cortina aberta, oferecendo um espetáculo para quem quisesse ver.

No começo, eu fazia parte do primeiro grupo, mas a água estava sempre gelada no início e me fazia gritar quando tocava minha pele nua.

— O que está acontecendo aí, Kerman? — debochava alguém, inevitavelmente. — Piper está se divertindo.

Depois de um tempo, me convenci de que a cena de estupro de Linda Blair em *Inocência ultrajada* nunca seria recriada no Pavilhão, então comecei a abrir o chuveiro antes de entrar, verificando se a água estava pelo menos morna para então tirar a camisola enorme e entrar. Isso me granjeou algumas admiradoras, principalmente minha nova vizinha Delicious, que gritou, surpresa:

— P-I Piper! Você tem peitinhos lindos! Você tem peitinhos de tevê!! Eles ficam em pé sozinhos, durinhos! Nossa!

— Hum, obrigada, Delicious.

Não havia absolutamente ameaça alguma na atenção demonstrada por Delicious. Na verdade, era ligeiramente lisonjeiro ela sequer ter reparado em mim.

Toda a limpeza no Pavilhão era muito ritualizada, incluindo a faxina geral de nossos cubículos nas noites de domingo. Um dia por semana, alguém lavava as roupas do Dormitório B (lavadeira era um emprego de detentas,

dirigido por uma idosa que todas chamavam de Vovó) e, portanto, na noite anterior, eu enchia minha sacola com meias sujas e um pacotinho de sabão em pó. Natalie me acordava às 5h15, antes do horário da lavanderia, para que eu pudesse entregar as minhas primeiro. Caso contrário, eu faria parte do atropelo usual de mulheres semiadormecidas que formavam fila no corredor ainda escuro para entregar suas sacolas de roupas. Qual a razão para a urgência? Não estava claro. Eu precisava que minhas roupas fossem devolvidas no começo da tarde em vez de no começo da noite? Não. Acabei participando desses rituais sem sentido de evitar a corrida da lavanderia porque tudo na prisão envolvia filas. Percebi que, para muitas mulheres, isso não era nenhuma novidade. Se a pessoa tivesse tido o infortúnio de depender do governo, seja por viver em um conjunto habitacional, utilizar a rede pública de saúde ou fazer parte de algum programa assistencial, então, provavelmente, passou uma parte insana de sua vida em filas.

Eu já fizera duas vezes minha peregrinação mensal até o armazém para pegar os oito pacotes de sabão em pó com a presidiária sisuda encarregada. A entrega ocorria uma vez ao mês — em um determinado dia da semana, todas as “pares” marchavam até o armazém durante a hora do almoço para receber seus oito pacotes; no dia seguinte, era a vez das “ímpares”. As detentas que trabalhavam no armazém, um grupo reservado, levavam sua tarefa muito a sério. Elas consideravam o dia do sabão uma invasão de território, então permaneciam em silêncio, sentadas ou em pé, enquanto as outras detentas formavam fila para pegar a única coisa gratuita que a prisão oferecia.

Nunca entendi por que o sabão em pó era a única coisa que recebíamos de graça (além das cotas de papel higiênico, que eram distribuídas uma vez por semana, e dos absorventes internos e externos, que ficavam estocados no banheiro). A cantina vendia sabão em pó; algumas mulheres compravam um sabão de marca e davam os oito pacotes gratuitos para outras que não tinham nada. Por que não sabonetes? Por que não pasta de dente? Em alguma parte da burocracia monstruosa do Departamento Federal de Prisões, isso tudo fazia sentido para alguém.

★ ★ ★

ESTUDEI ATENTAMENTE veteranas como Natalie. Como ela conseguira? Como conseguira passar oito anos naquele lugar podre com a elegância, a dignidade e a sanidade incólumes? De onde ela tirara forças para sobreviver àquilo, faltando apenas nove meses até sua liberdade? O conselho que recebi de várias detentas era “acabe sua sentença, não deixe que sua sentença acabe com você”. Como todo mundo na prisão, eu precisava aprender com os mestres.

Adotei rituais, que melhoraram a qualidade de minha existência incomensuravelmente. O ritual de preparo e consumo de café foi um dos primeiros. No dia em que cheguei, uma ex-corretora espalhafatosa me dera uma sacolinha com café solúvel e uma lata de creme de leite. Larry, extremamente esnobe com relação a tudo ligado ao café, era muito fastidioso quanto aos métodos de preparo, preferindo usar uma prensa francesa. O que ele faria se estivesse na prisão? Será que desistiria de tomar café ou se adaptaria ao Nescafé? De manhã, eu preparava meu café no reservatório de água quente, que nem sempre funcionava bem, e o levava até o refeitório.

Depois do jantar, no fim da tarde, Nina costumava aparecer e indagar se eu queria “tomar um café”. Eu sempre queria. Preparávamos nossas canecas e nos sentávamos onde o clima permitia, às vezes atrás do Dormitório A, viradas para o sul, na direção de Nova York. Falávamos sobre o Brooklyn, os filhos dela, Larry e livros; fofocávamos sobre as outras detentas; eu fazia minhas perguntas intermináveis sobre como cumprir a pena. Algumas vezes, Nina não tinha vontade de tomar café. Com certeza ela ficou cansada de minha tendência a ser pegajosa, mas sempre estava disponível quando eu precisava de sua sabedoria.

★ ★ ★

EU DEVORAVA todos os livros que recebia, ficava longe das salas de televisão e olhava com inveja enquanto várias pessoas iam para o trabalho na prisão.

Havia limite para as possibilidades de se rearrumar um armário. Achei que um emprego me ajudaria a passar o tempo. Tentei descobrir quem fazia o quê e por que algumas detentas tinham o privilégio de usar vistosos macacões verde-oliva. Algumas prisioneiras trabalhavam na cozinha do Pavilhão; outras, que trabalhavam como serventes, lavavam pisos e limpavam o banheiro e as áreas comuns. O benefício do emprego de servente era que se trabalhava apenas algumas horas por dia e, em geral, sozinha. Um grupo de prisioneiras participava de um programa conhecido tragicamente como “Cachorrinhos atrás das grades”, trabalhando como adestradoras de cães-guia, com os quais conviviam 24 horas por dia. Algumas mulheres trabalhavam para os SCM (Serviços de Construção e Manutenção) e pegavam um ônibus todas as manhãs para cuidar de encanamentos e das instalações. Um grupo de elite ocupava o armazém, ponto de parada obrigatório para tudo que entrava ou saía da prisão, e onde as oportunidades de contrabando eram fartas.

Algumas detentas trabalhavam na Unicolor, a empresa industrial que opera dentro do sistema penitenciário federal. A Unicolor fabrica uma extensa gama de produtos que são vendidos para o governo por milhões de dólares. Em Danbury, a ICF produzia componentes de rádio para o exército. A Unicolor pagava bem mais do que os outros trabalhos na prisão, mais de 1 dólar por hora em vez do valor básico de 14 centavos por hora, e o uniforme das trabalhadoras da Unicolor estava sempre passado e alinhado. As mulheres da Unicolor se enfiavam em um armazém imenso diante do qual sempre havia caminhões grandes estacionados. Algumas garotas flertavam em silêncio com os caminhoneiros, que pareciam nervosos, porém curiosos.

Rosemarie conseguira uma vaga no programa de Cachorrinhos, que ficava no Dormitório A. Isso significava que ela vivia com um labrador que estava sendo adestrado para ser cão-guia ou farejador de bombas. Os cachorros eram lindos, e os filhotes, adoráveis. Um filhote dourado se agitando no colo, lambendo, mordendo e descaradamente feliz, fazia qualquer desespero se dissolver, por maior que fosse.

Eu não tinha direito a participar do programa de Cachorrinhos — minha sentença de quinze meses era curta demais. Fiquei decepcionada a princípio,

mas, após refletir, cheguei à conclusão de que isso não era necessariamente ruim. O programa atraía algumas das mulheres mais obsessivo-compulsivas do Pavilhão, e o TOC delas realmente aflorava ao longo do trabalho com os cachorros, à medida que elas formavam vínculos profundos com seus companheiros caninos e brigavam com as vizinhas humanas. Rosemarie logo ficou obcecada com o adestramento de sua cadela, Amber. Eu não me importava, porque ela costumava me deixar brincar com a cachorrinha, algo que algumas das outras adestradoras desaprovavam.

A decana do programa de Cachorrinhos era a Sra. Jones, a única pessoa no Pavilhão que era chamada de “Senhora”. A Sra. Jones estava na prisão havia muito tempo, e isso era óbvio. Irlandesa de cabelos grisalhos e com seios enormes, ela estava lá fazia quase quinze anos para cumprir uma sentença relacionada a drogas. Diziam que o marido a espancava terrivelmente e que morrera na prisão. Que o diabo o carregue. A Sra. Jones era um pouco doida, mas a maior parte das detentas e dos guardas era mais tolerante com ela do que talvez seria com outras — depois de quinze anos, qualquer uma teria ficado um pouco maluca. As detentas gostavam de cantar alguns versos de “Me and Mrs. Jones” de vez em quando. Algumas das mais jovens a chamavam de VC, a Veterana do Crime, e ela adorava.

— Essa sou eu... a VC! Eu sou doida... varrida! — falava ela, batendo com o indicador nas têmporas.

Ela parecia não ter nenhum filtro e dizia exatamente o que pensava a qualquer momento. Apesar de as interações com a Sra. Jones exigirem paciência, eu gostava dela — e de sua sinceridade.

Eu não podia adestrar cachorros, mas devia haver um trabalho certo para mim em algum lugar. Danbury tinha uma hierarquia trabalhista bem definida, e eu estava no degrau mais baixo. Queria dar aulas no programa de supletivo, que era supervisionado por uma professora contratada e incrementado por prisioneiras com a função de “tutoras”.

Algumas detentas instruídas de classe média com as quais eu costumava comer me alertaram para não fazer isso. Embora a professora encarregada fosse querida, elas disseram que a combinação de um programa ruim com

estudantes detentas e muitas vezes rabugentas transformava tudo aquilo em um ambiente de trabalho pernicioso. “Uma experiência nada agradável.” “Uma cagada geral.” “Eu desisti após um mês.” Parecia o trabalho de meu amigo Ed como professor de uma escola pública em Nova York. Apesar disso, me candidatei, e o Sr. Butorsky, que controlava a distribuição dos cargos, disse que daria tudo certo. Acabei descobrindo que a palavra dele não valia grande coisa.

CAPÍTULO 6

Alta voltagem



Certa manhã, Pequena Janet, minha companheira de A&O, veio me falar:
— Temos empregos!

Havíamos sido designadas para a oficina elétrica, nos Serviços de Construção e Manutenção. Fiquei decepcionada. Por que não ensinar — alimentando as mentes famintas daquelas pessoas oprimidas, que estavam à espera da libertação?

O programa obrigatório de educação supletiva havia sido interrompido temporariamente. As duas salas de aula tinham sido tomadas por um tipo virulento de bolor tóxico assassino que se espalhara sobre livros didáticos, paredes e mobília e deixara as pessoas doentes. Diziam que as professoras detentas tinham vazado para alguém de fora da prisão uma amostra para análise e registrado queixa. Para fúria da administração do presídio, a professora contratada tinha se colocado do lado das detentas. A turma adorou o fechamento, já que a maioria preferia mesmo não estar na sala. Então me restou a voltagem.

No dia seguinte, no frio de março, Pequena Janet e eu saímos com as outras integrantes do SCM e entramos em um grande ônibus escolar branco estacionado atrás do refeitório. Depois de mais de um mês presa nos limites do Pavilhão, o passeio de ônibus foi emocionante. Fomos até os fundos do ICF e lá nos deixaram junto a uma série de edifícios baixos. Ali ficavam as

oficinas da SCM — garagem, bombeiro hidráulico, segurança, construção, carpintaria, manutenção e elétrica, cada uma alojada em seu próprio edifício.

Janet e eu entramos na oficina elétrica, e nossos olhos precisaram se adaptar à súbita escuridão do interior. O chão de cimento estava parcialmente coberto por cadeiras, muitas delas quebradas, uma escrivaninha, com uma televisão em cima, e quadros-negros, nos quais alguém mantinha um grande calendário mensal feito à mão, e os dias iam sendo riscados. Havia uma geladeira, um micro-ondas e um vaso com uma planta de aspecto frágil. Um espaço cercado por uma grade e intensamente iluminado estava cheio de ferramentas suficientes para abastecer uma pequena loja de ferragens. Na porta de um escritório fechado havia vários adesivos de sindicatos. Minhas companheiras de prisão ocuparam todos os assentos aproveitáveis, e eu me sentei na escrivaninha, ao lado da TV.

A porta se abriu de repente.

— Bom dia.

Um homem alto, barbado, com um olhar de louco e boné de caminhoneiro atravessou a sala e entrou no escritório. Joyce, que se dava bem com Janet, disse:

— Esse é o Sr. DeSimon.

Mais ou menos dez minutos mais tarde, DeSimon saiu do escritório e começou a fazer a chamada. À medida que lia nossos nomes, nos examinava de alto a baixo.

— A encarregada vai explicar as regras da sala de ferramentas — disse ele.
— Se vocês violarem essas regras, vão direto para a UAS.

E entrou novamente no escritório.

Olhamos para Joyce.

— A gente vai trabalhar?

Ela deu de ombros.

— Às vezes sim, às vezes não. Depende do astral dele.

— Kerman!

Pulei da mesa. Olhei para Joyce.

Ela arregalou os olhos para mim.

— Entre lá! — sussurrou ela.

Desconfiada, eu me aproximei da porta do escritório.

— Sabe ler, Kerman?

— Sim, Sr. DeSimon, eu sei ler.

— Ótimo. Leia isto. — Ele jogou uma apostila na mesa. — E faça com que suas colegas de cadeia que são novatas leiam também. Vai ter uma prova sobre o que está aí.

Saí do escritório. O material era um curso básico de eletricista: geração de energia, correntes elétricas e noções elementares de sistemas de circuitos. Por um momento, pensei nos requisitos básicos de segurança para aquele trabalho e olhei para as minhas colegas com certa preocupação. Havia algumas pessoas mais experientes, como Joyce, que era filipina e incrivelmente sarcástica. Todas as outras eram tão novas quanto eu: além de Pequena Janet, havia Shirley, uma italiana extremamente nervosa que parecia achar que seria esfaqueada a qualquer momento; Yvette, uma porto-riquenha muito meiga que, apesar de já ter cumprido metade da sua sentença de catorze anos, dominava (no máximo) umas dezessete palavras de inglês; e Levy, uma judia baixinha de origem franco-marroquina que dizia ter sido educada na Sorbonne.

Apesar de toda a pompa sobre a Sorbonne, Levy mostrou-se completamente incapaz em nossos estudos sobre eletricidade. Passamos umas semanas estudando as apostilas (bem, pelo menos algumas de nós) e depois tivemos que fazer uma prova. Todo mundo colou. Eu tinha absoluta certeza de que não haveria consequências se não passássemos na prova ou se fôssemos pegas colando. Tudo aquilo parecia absurdo para mim — ninguém seria demitido por incompetência. No entanto, por uma questão de segurança pessoal, tentei ler e me lembrar das explicações sobre como controlar correntes elétricas sem acabar me fritando. Não era aquele o fim que eu desejava, esparramada no chão de linóleo em meu uniforme de poliéster cáqui com um cinturão de ferramentas amarrado à cintura.

★ ★ ★

CERTO DIA de neve, mais ou menos uma semana mais tarde, nós nos apresentamos na oficina elétrica depois do almoço e encontramos DeSimon mexendo nas chaves da grande van branca da oficina.

— Kerman... Riales... Levy. Subam na van.

Nós o seguimos devagar até o carro e entramos atrás dele. A van desceu uma colina, contornou uma construção que abrigava uma creche para os filhos dos agentes penitenciários e passou por umas dez pequenas casas oficiais onde alguns dos agentes moravam. Muitas vezes passávamos nossas jornadas de trabalho trocando lâmpadas externas ou checando quadros elétricos desses edifícios, porém naquele dia DeSimon não parou. Em vez disso, saiu dos limites do presídio e pegou a estrada que margeava o complexo. Pequena Janet e eu trocamos olhares, espantadas. Para onde afinal ele estaria nos levando?

A cerca de uns quatrocentos metros do terreno do presídio, a van parou junto a uma pequena construção de concreto numa área residencial. Seguimos DeSimon até o edifício, cuja porta ele destrancou. Um ruído de máquinas vinha lá de dentro.

— Que lugar é este, Sr. DeSimon? — perguntou Levy.

— A bomba d'água. Controla o fornecimento do presídio — explicou ele. Depois de dar uma olhada pelo interior do edifício, trancou a porta novamente. — Fiquem aqui.

E então subiu na van e foi embora.

Pequena Janet, Levy e eu ficamos ali, boquiabertas. Eu estava alucinando? Ele tinha mesmo acabado de nos deixar ali no mundo exterior? Três detentas uniformizadas, largadas — era algum tipo de teste doentio? Pequena Janet, que, antes de Danbury, estivera presa durante dois anos em condições extremamente terríveis, parecia chocada.

Levy estava agitada.

— O que ele está pensando? E se as pessoas virrem a gente? Elas vão saber que somos prisioneiras!

— Isso só pode ser uma violação das regras — falei.

— Vai dar problema! — gritou Pequena Janet.

Fiquei imaginando o que aconteceria se saíssemos dali. Com certeza daria um problema imenso, e a gente seria mandada para a UAS e provavelmente ganharia um acréscimo na sentença pela “fuga”. Mas quanto tempo levaria até que eles nos capturassem?

— Olhem parra essas casas! Ah, meu Deus... um ônibus escolar! Ai! Estou com saudade das minhas crrianças!

Levy começou a chorar.

Eu sentia muita pena de quem tinha se separado dos filhos por causa da prisão, mas sabia também que os filhos de Levy moravam perto dali e que ela não permitia que a visitassem porque não queria que a vissem na prisão. Eu achava isso terrível e que, para uma criança, a visão desagradável de uma prisão seria mais do que compensada pela confirmação direta de que a mãe estava bem. De qualquer modo, eu queria que Levy parasse de chorar.

— Vamos dar uma olhada por aí — falei.

— Não! — gritou Pequena Janet. — Piper, vai dar um baita problema! Não ouse nem mexer os pés!

Ela parecia tão estressada que concordei.

Ficamos ali feito idiotas. Não havia nada acontecendo. A vizinhança de subúrbio estava silenciosa. De vez em quando passava algum carro. Ninguém apontou para nós, nem freou de repente ao ver três presidiárias fora da cadeia. Depois de um tempo, um homem passou acompanhado de um cachorro enorme e peludo. Fiquei animada.

— Não tenho certeza se é um terra nova ou um montanhês dos pireneus... cachorro bonito, hein?

— Não acredito que você está olhando para aquele cachorro! — disse a Pequena Janet.

O homem estava olhando para nós.

— Ele está vendo a gente!

— É claro que está vendo a gente, Levy. Somos três presidiárias paradas numa esquina. Como ele vai deixar de ver?

O homem ergueu a mão e acenou para nós, todo simpático.

Depois de uns 45 minutos, DeSimon voltou com vassouras e nos mandou limpar o edifício da bomba d'água. Na semana seguinte tivemos de limpar o depósito subterrâneo, um armazém comprido e baixo no terreno do presídio. Ali ficava guardado todo tipo de equipamento das várias oficinas. Em meio às sombras descobrimos enormes peles de cobras, o que nos deixou aterrorizadas e fez DeSimon dar risada. Estava marcada uma inspeção para dali em breve, e os funcionários da prisão queriam que tudo estivesse em ordem.

Havia lixo de verdade a ser removido daquele depósito, um trabalho sujo e muitas vezes pesado, e passamos dias tirando tubos enormes de metal, pilhas de ferragens, peças e componentes e jogando tudo dentro de uma caçamba gigantesca. Foram parar na caçamba: banheiras e pias de cerâmica ainda nas embalagens, peças novas de aquecedores de rodapé e caixas de vinte quilos de pregos ainda lacradas.

— Eis o dinheiro do contribuinte — murmurávamos baixinho.

Eu nunca tinha feito um trabalho braçal tão pesado na vida. Quando acabamos, o depósito estava vazio, imaculado e pronto para ser inspecionado.

Ainda que eu logo aprendesse que mesmo na prisão as regras eram feitas para serem quebradas, tanto pelos funcionários como pelas detentas, havia um determinado aspecto obedecido e exigido meticulosamente na oficina elétrica. Uma grande “jaula” contendo ferramentas, onde ficava a encarregada, guardava de tudo, desde serras de cinta a furadeiras e uma infinidade de tipos especiais de chaves de fenda e alicates, e cinturões individuais carregados de conjuntos básicos de ferramentas — uma sala inteira repleta de possíveis armas letais. Havia um sistema para checar essas ferramentas: a cada detenta era atribuído um número e um respectivo punhado de plaquinhas metálicas que pareciam plaquetas de identificação para cachorros. Ao sair para fazer um serviço, cada presidiária entregava uma plaquinha para retirar uma ferramenta e ficava responsável pela devolução. Ao fim de cada turno, DeSimon inspecionava a jaula das ferramentas. Ele havia deixado claro que, se uma ferramenta sumisse, tanto a encarregada da jaula quanto a detenta cuja plaquinha ocupasse o espaço vago acabariam na UAS.

Aquela parecia ser a única regra que ele levava a sério. Certa vez deram falta de uma broca, e reviramos a oficina e a van pelo avesso à procura dela, enquanto ele vigiava e a encarregada quase chorava, até que finalmente encontramos o pedacinho de metal rolando na tampa de uma das caixas de ferramentas.

DeSimon também se mostrava bastante desagradável com os funcionários da prisão, que o chamavam de “caipira” (e coisas piores). Ele podia ser amplamente odiado, mas também era o líder da representação local do sindicato, o que significava que a administração o deixava fazer o que bem entendesse.

— DeSimon é um babaca — admitiu outro chefe de oficina. — Foi por isso que o elegemos.

Sob a tutela indiferente do Babaca, aprendi os princípios básicos do trabalho de eletricitista.

Um bando de mulheres totalmente inexperientes trabalhando com alta voltagem e quase sem nenhuma supervisão proporcionava momentos de intensa comédia e só de vez em quando alguma lesão corporal. Além de um cinturão grosseiro de ferramentas, o trabalho na prisão me deu um sentido maior de normalidade, uma maneira nova de passar o tempo, e pessoas com quem eu tinha algo em comum. E, melhor de tudo, fui mandada para a garagem para tirar uma carteira de motorista para a prisão, que me permitiria dirigir os veículos do SCM. Apesar de odiar DeSimon, eu achava ótimo ficar semicupada cinco dias por semana e adorava a liberdade de movimento ao conduzir a van da oficina pelas áreas do presídio.

Numa sexta-feira, depois de voltarmos do trabalho para o Pavilhão, Big Boo Clemmons, do Dormitório B, saiu para receber o ônibus do SCM.

— Culpada das quatro acusações! — informou ela, muito empolgada.

Do lado de dentro, vimos as salas de televisão abarrotadas porque um júri havia considerado Martha Stewart culpada por obstrução e por mentir à polícia a respeito de uma venda de ações oportuna. A diva do estilo teria de passar um tempo na cadeia. Seu caso havia sido acompanhado com interesse

em Danbury — a maior parte das detentas achava que ela estava sendo visada por ser uma mulher famosa:

— Homens fazem essa porra o tempo todo e nunca se dão mal.

★ ★ ★

CERTA TARDE, Levy, nossa colega nervosa Shirley e eu, equipadas com nossos cinturões, fomos até as casas dos funcionários do presídio para conferir o quadro elétrico de cada uma. DeSimon nos escoltava de casa em casa, onde ficávamos puxando conversa com os moradores enquanto cumpríamos nossas tarefas. Era muito estranho entrar nas casas de nossos carcereiros e ver coleções de anjos, fotos familiares, bichos de estimação, roupa suja e porões cheios de tralhas.

— Eles não têm classe nenhuma — comentava Levy, com desprezo.

Eu não gostava dos guardas, mas ela era insuportável.

Quando voltamos à oficina, DeSimon saiu, e coube a nós a tarefa de esvaziar o carro e colocar as ferramentas de volta na jaula. Foi quando descobri que havia uma chave de fenda a mais no meu cinturão.

— Levy, Shirley, peguei uma chave de fenda de vocês.

As duas conferiram seus cinturões — não, as delas continuavam no lugar. Segurei as duas chaves de fenda, confusa.

— Mas se vocês estão com as suas, então onde... — Eu estava perplexa. — Será que... peguei esta numa das casas?

Meu olhar cruzou com o de Levy e Shirley Nervosa, que estavam de olhos arregalados.

— O que você vai fazer? — murmurou Shirley.

Meu estômago se contraiu. Comecei a suar. Comecei a me imaginar na UAS, sem direito a visitas de Larry, com mais uma acusação nas costas por roubar uma perigosa chave de fenda. E ainda por cima estavam envolvidas na história essas duas sonsas, cúmplices que ninguém escolheria.

— Não sei o que vou fazer, mas vocês duas não sabem nada, entendido? — murmurei.

Elas correram para dentro da oficina, e fiquei do lado de fora, olhando para todos os lados. Que porra eu ia fazer com aquela maldita chave de fenda? Eu estava aterrorizada porque sabia que ela poderia ser considerada uma arma. Como eu me livraria dela? E se a escondesse em algum lugar e alguém a encontrasse? Como é que se destrói uma chave de fenda?

Meus olhos se detiveram na caçamba do SCM. Era enorme, e todas as oficinas jogavam lixo, todo tipo de lixo, ali. Era esvaziada com frequência, e o lixo era levado embora — no que me dizia respeito, podiam levá-lo para Marte. Peguei o lixo da oficina e avancei na direção da caçamba. Fiquei mexendo no saco enquanto esfregava loucamente a chave de fenda de uma forma disfarçada para apagar as impressões digitais. Então joguei os dois na caçamba, que infelizmente não parecia muito cheia. Pronto. Com o coração aos pulos, voltei à oficina e guardei meu cinturão de ferramentas. Sequer olhei para Shirley Nervosa ou Levy.

Naquela noite fiquei remoendo mentalmente a questão da chave de fenda. E se um dos guardas desse falta dela e se lembrasse de que as detentas tinham passado pela sua casa? Ele faria soar o alarme, e aí o que aconteceria? Investigação, interrogatórios, e então Levy e Shirley Nervosa me entregariam num segundo. Fechei os olhos. Eu já era.

Na manhã seguinte, na oficina, uma sirene perturbadora ecoou. Quase vomitei. Shirley parecia pálida. Levy parecia completamente despreocupada. Em geral, a sirene era usada para “convocações” — chamadas para voltarmos aos nossos alojamentos para uma contagem de emergência ou para exercícios especiais de contagem. Só que daquela vez nada aconteceu; o alarme continuou a soar por longos e torturantes minutos até que simplesmente parou. Shirley saiu para fumar um cigarro com as mãos trêmulas.

Na hora do almoço, muito abalada, contei a Nina o que tinha acontecido.

Ela revirou os olhos.

— Jesus, Piper! Depois do almoço vamos procurá-la. Você a entrega a DeSimon e explica tudo. Não vão trancafiar você.

Só que a caçamba já estava vazia. Nina franziu as sobrancelhas e olhou para mim.

Eu estava com vontade de chorar.

— Nina, você acha que a sirene que tocou hoje de manhã foi...?

Ainda que ela estivesse preocupada, a ideia lhe pareceu hilariante.

— Não, Piper. Não acho que a sirene hoje de manhã tenha sido para você. Acho que o lixo já foi embora, e a chave de fenda também, e se a prova sumiu, então ninguém pode afirmar nada contra você. O mais provável é que nada aconteça, e se rolar alguma coisa, é a sua palavra contra a de Levy ou Shirley e, sejamos francas, elas são piradas; quem vai acreditar nelas?

★ ★ ★

CERTA TARDE, voltei ao Dormitório B e encontrei minha vizinha Colleen num estado de grande agitação.

— Minhas amigas Jae e Bobbie acabaram de chegar do Brooklyn! Pipestar, tem alguma pasta de dente sobrando para elas; ou qualquer outra coisa?

Colleen explicou que, antes de ser designada para Danbury, ela havia passado algum tempo com as duas amigas no Centro Correcional Metropolitano do Brooklyn, uma prisão federal. Agora, suas colegas tinham acabado de descer do ônibus do presídio.

— As duas são legais de verdade, Piper, você vai gostar delas.

A caminho da academia, vi uma mulher negra e uma branca paradas atrás do Pavilhão, olhando para o céu, sob uma chuva fina do início da primavera. Não as reconheci; cheguei à conclusão de que deviam ser as amigas de Colleen.

— Oi, meu nome é Piper. Vocês são as amigas de Colleen? Ela é minha vizinha. É só me dizer se precisarem de alguma coisa.

Elas abaixaram a cabeça e olharam para mim. A mulher negra devia ter uns trinta anos, era bonita e encorpada, com maçãs do rosto salientes. Parecia ter sido esculpida de alguma madeira supermacia. A mulher branca era menor e mais velha, talvez com 45, e tinha uma pele áspera como coral e olhos azuis como o mar. Naquele momento seus olhos pareciam ter a cor de água-marinha.

— Obrigada — disse a branca. — Eu sou Bobbie. Essa é Jae. Você tem algum cigarro?

O forte sotaque nova-iorquino trazia a sugestão de muitas noitadas e muitos cigarros.

— Oi, Jae. Não, sinto muito. Não fumo. Mas tenho alguns itens de higiene pessoal, se precisarem. — Eu estava ficando molhada e fazia frio. Mesmo assim estava curiosa a respeito daquelas duas. — Tempinho de merda aqui fora.

Ao ouvir isso as duas se entreolharam.

— Há dois anos não sentimos a chuva — disse Jae, a negra.

— O quê?

— No Brooklyn somos levadas para uma área de recreação pequena, mas é toda coberta, com arame farpado e tal, e não dá para ver o céu — explicou ela. — Então a chuva não nos incomoda. Estamos adorando.

E voltou a levantar a cabeça e olhar para cima, o mais perto possível do céu.

★ ★ ★

NA OFICINA elétrica, as coisas estavam mudando. Vera, a mulher mais experiente, saiu para o único programa feminino de campo de treinamento correcional, no Texas (um programa de redução das sentenças, desde então desativado). Eram seis meses duros em meio ao calor do Texas, onde diziam que as mulheres ficavam numa tenda gigantesca e tinham de raspar os pelos púbicos para facilitar a detecção de insetos.

Com a ida de Vera para o Texas, a liderança na oficina foi transferida para Joyce. Joyce era uma substituta razoavelmente confiável, já que aprendera com Vera o básico cotidiano do trabalho elétrico — trocar lâmpadas fluorescentes de 2,5 metros, substituir os reatores das luminárias, instalar novos letreiros luminosos e checar os painéis de circuitos.

Logo Levy se tornou um fator de união na oficina: todas nós contra ela. Ela era insuportável, chorando diariamente e sempre reclamando em altos

brados sobre sua ínfima pena de seis meses, fazendo perguntas pessoais inconvenientes, tentando mandar em todo mundo e fazendo declarações terríveis e estrondosas sobre a aparência das outras detentas, sua falta de educação, sofisticação ou “classe”, como ela dizia. Mais de uma detenta precisou ser convencida a não bater nela, lembrando que Levy não valia a ida até a UAS. Na maior parte do tempo, ela estava à beira de um ataque histérico, o que se manifestava em sintomas físicos espantosos; um inchaço disforme acabou lhe dando a aparência do Homem Elefante, e suas mãos sempre suadas a tornavam inútil para trabalhar com eletricidade.

DeSimon mantinha uma TV na oficina. De tempos em tempos ele saía do escritório e jogava uma fita de vídeo na nossa direção, resmungando “Vejam isso”, e nos deixava sozinhas por horas. Esses vídeos didáticos explicavam os rudimentos das correntes elétricas e também princípios bem básicos de instalações elétricas. Nada interessadas no conteúdo desses vídeos, minhas colegas de trabalho logo arrumaram um jeito de acoplar à TV uma antena ilegal improvisada. Era assim que conseguíamos assistir a Jerry Springer; uma pessoa ficava de sentinela junto à janela, vigiando para detectar a aproximação de qualquer guarda.

Eu estava tentando aprender um pouco de espanhol e minha colega de oficina, Yvette, procurava, com muita paciência, me ensinar, mas quase tudo o que consegui aprender tinha a ver com comida, sexo ou palavrões. Yvette era de longe a mais competente da oficina, e muitas vezes nós duas trabalhávamos juntas em tarefas que exigiam habilidade com as ferramentas. Isso levava a conversas em que cada frase sofria fraturas múltiplas, somadas a uma infinidade de mímicas cautelosas — nenhuma das duas estava a fim de tomar um choque. Eu havia aprendido do jeito mais difícil — a cabeça vai para trás como se tivesse levado um chute no queixo.

Jae, a amiga de minha vizinha Colleen, foi designada para a oficina elétrica — ela já havia obtido autorização para trabalhar na prisão no Brooklyn, então a burocracia acabou sendo rápida. Deixaram-na encarregada da jaula de ferramentas.

— Contanto que eu não tenha que pôr as mãos em fios, para mim está bem.

Por definição, ela ficava sempre comigo no trabalho — eu era muito amiga de Pequena Janet, que era a outra única negra na oficina. A primavera da Nova Inglaterra demorava bastante para chegar, e nós três ocupávamos o banco em frente à oficina, fumando e olhando o ir e vir das outras detentas. Os guardas entravam e saíam da academia VIP deles, que ficava bem atrás do edifício da oficina. Havia longos hiatos de inatividade nos quais jogávamos conversa fora... sobre o mundo do tráfico de drogas (memórias bastante distantes minhas), sobre Nova York (de onde nós três vínhamos), sobre homens, sobre a vida.

Pequena Janet se dava com a gente, apesar de ser quinze anos mais nova, e eu me dava com elas, apesar de ser branca. Pequena Janet era empolgada, sempre aflita para sustentar uma opinião, demonstrar um passo de dança ou apenas fazer palhaçada, enquanto Jae era divertida, delicada e risonha. Ela havia cumprido apenas dois de uma sentença de dez, mas nunca se mostrava amargurada, apenas contida e pensativa. Porém, havia uma tristeza tranquila e um quê de sereno e profundo que ela parecia determinada a proteger de seu entorno e das circunstâncias. Quando Jae falava dos filhos, um adolescente e um garoto de oito anos, o rosto se iluminava.

Eu admirava o humor e o modo calmo com que ela lidava com suas perdas e o nosso mundo da prisão — sua dignidade não era tão discreta como a de Natalie, mas era igualmente encantadora.

★ ★ ★

JOYCE, DA oficina elétrica, não demoraria a ir para casa. Ela tinha rabiscado um calendário no quadro-negro da oficina e riscava com um giz cada dia que passava. Mais ou menos uma semana antes de ser libertada, ela me perguntou se eu poderia pintar o seu cabelo. Devo ter demonstrado minha surpresa diante de um pedido tão íntimo.

— Você parece ser a única por aqui capaz de não fazer merda no meu cabelo — explicou ela com seu jeito direto e franco.

Fomos até o salão de beleza, no corredor principal do Pavilhão, um espaço que ocupava uma área comparável à da biblioteca de livros de direito — mais ou menos o tamanho de um armário espaçoso. Havia dois lavatórios cor-de-rosa velhos equipados com chuveirinhos para cabelo, algumas cadeiras de salão caindo aos pedaços e alguns secadores de pedestal que pareciam ter sido cuidados no início dos anos 1960. Tesouras e outros instrumentos cortantes ficavam num armário fechado preso à parede — só um agente penitenciário podia destrancá-lo. Uma das cadeiras estava ocupada por uma mulher, cujos cabelos estavam sendo cuidados por uma amiga. Enquanto eu trabalhava em partes do cabelo liso e brilhante de Joyce, seguindo cuidadosamente as instruções da embalagem, fiquei orgulhosa por ela ter me escolhido, e também me senti um pouco mais normal, fazendo tratamento de beleza com as amigas. Quando, sem querer, perdi o controle do chuveirinho do lavatório, espalhando água para todo lado, fiquei surpresa ao ver que todas riram em vez de me xingar. Talvez — só um pouquinho — eu estivesse começando a me enturmar.

★ ★ ★

NO MUNDO livre, sua casa pode ser um refúgio tranquilo depois de um longo dia de trabalho; na prisão, nem tanto. Estava rolando no Dormitório B uma discussão exaltada a respeito de peidos. Tinha sido iniciada por Asia, que na verdade não morava ali no B e acabou sendo expulsa.

— Asia, você passou dos limites! Sai fora daqui, vadia! — gritou alguém enquanto ela ia embora.

Eu vinha conseguindo sobreviver no “Gueto” do Dormitório B, graças à sorte de ter sido alojada com Natalie, e talvez à minha teimosa convicção de que estaria agindo como uma pirralha racista se tentasse pedir transferência, e talvez também ao fato de ter passado por uma faculdade feminina de elite. Viver na companhia de pessoas do mesmo sexo tem certas constantes, seja

para o lado bom ou para o ruim e sujo. Na Smith College, a obsessão onipresente em torno de comida se manifestava nos jantares à luz de velas e chás das tardes de sexta-feira; em Danbury, ela se fazia presente no uso do micro-ondas e nos alimentos roubados. Em muitos aspectos eu me encontrava mais preparada para viver na intimidade com um bando de mulheres do que algumas das minhas companheiras de prisão, que enlouqueciam com o convívio feminino. Havia menos bulimia e mais brigas do que eu vira nos meus tempos de faculdade, porém existia o mesmo conjunto de valores femininos — um espírito de camaradagem e um senso de humor obsceno nos melhores dias, e melodramas histéricos acompanhados de fofocas maliciosas nos piores.

Era um lugar estranho aquele, uma sociedade exclusivamente feminina com um punhado de homens estranhos, o estilo de vida militar, a atmosfera predominante de “gueto” (tanto urbano como rural) por um viés feminino, a mistura de todas as idades, desde garotinhas bobas até avós idosas, todas juntas e demonstrando graus variados de tolerância. Concentrações loucas de gente dão margem a comportamentos loucos. Só agora posso ter o distanciamento necessário para entender aquela singularidade surreal, mas, para voltar a Nova York e ficar com Larry, eu teria sido capaz de percorrer o caminho inteiro descalça sobre cacos de vidro e neve.

★ ★ ★

O SR. Butorsky, meu supervisor, tinha inventado uma prática. Uma vez por semana, ele convocava todas as detentas sob sua supervisão — metade do Pavilhão — para uma reunião de um minuto com ele. A gente precisava se apresentar no escritório que ele dividia com Toricella e assinar um grande livro de registro para comprovar a presença.

— Algum problema? — perguntava ele.

Essa era a oportunidade para fazer perguntas, desabafar ou reclamar. Eu me limitava a fazer perguntas, geralmente para aprovar um novo visitante.

Às vezes ele estava curioso.

— Como está indo, Kerman?

Eu estava bem.

— Está tudo certo com a Srta. Malcolm?

“Sim, ela era ótima.”

— É uma senhora muito simpática. Nunca me dá problema. Não é como outras do mesmo tipo.

“Hum... Sr. Butorsky?”

— Para alguém como você, Kerman, é uma grande mudança. Mas parece que você está suportando bem.

“Mais alguma coisa, Sr. Butorsky? Senão, acho que já posso ir...”

Ou estava falante.

— Já estou quase no fim aqui, Kerman. São quase vinte anos trabalhando nisto. As coisas mudaram. O pessoal da diretoria tem ideias diferentes sobre como fazer as coisas. É claro que eles não têm a mínima noção do que acontece realmente com essas pessoas.

“Bem, Sr. Butorsky tenho certeza de que o senhor vai apreciar sua aposentadoria.”

— É, estou pensando num lugar como Wisconsin... onde há mais gente do norte, como nós, se é que você me entende.

Minetta, a motorista do presídio que tinha me trazido até o Pavilhão no meu primeiro dia, estava para ser libertada em abril. À medida que se aproximava o dia de sua saída, a linha de sucessão virou tema frequente por ali, já que a motorista era a única autorizada a sair do presídio diariamente. Era ela a encarregada de realizar pequenas tarefas para os funcionários da prisão, levar detentas e os guardas acompanhantes para consultas médicas e conduzir as detentas libertadas até o ponto de ônibus — e quaisquer outras missões. Nunca, jamais, tinham escolhido uma motorista que não fosse alguém “do norte”.

Certo dia entrei na sala dos supervisores para minha entrevista de um minuto. Enquanto eu assinava o livro, o Sr. Butorsky olhou para mim.

— Kerman, o que acha de se candidatar para a função de motorista? Minetta está indo embora. Precisamos de alguém responsável para esse posto.

É um trabalho importante.

— Hum... posso pensar um pouco a respeito, Sr. Butorsky?

— Claro, Kerman, fique à vontade para pensar no assunto.

Por um lado, ser a motorista do presídio significava a possibilidade de encontrar Larry no banheiro de postos de gasolina no mundo exterior. Por outro, a motorista costumava ser considerada a informante oficial do Pavilhão. Eu não era nenhuma dedo-duro, nem pensar, e era óbvio que nada de bom viria de ganhar mais intimidade com os funcionários do presídio, uma condição exigida para aquele trabalho. Eu não tinha estômago para aguentar o privilégio incômodo e a reputação presumida de “colaboradora”. Além disso, depois do episódio com a chave de fenda, eu não tinha coragem para me envolver em nenhuma atividade ilícita, nem mesmo encontros secretos, não importa quanto eu desejasse Larry. Na semana seguinte, na sala de Butorsky, recusei educadamente a oferta — para grande surpresa dele.

★ ★ ★

QUANDO CHEGUEI ao Pavilhão, Pop, que dirigia a cozinha, costumava assistir ao filme da semana ladeada por Minetta e Nina, colega de beliche de Pop. Elas se sentavam num lugar privilegiado no fundo da sala, batendo papo e saboreando iguarias surrupiadadas da cozinha, cortesia de Pop. Quando Minetta foi para o centro de reinserção social, sua cadeira cativa foi tomada durante um período curto por uma jovem branca alta, imponente e quase sempre calada que fazia muito crochê e também estava para ser solta. Nina também estava se preparando para nos deixar, só que para entrar num programa residencial de nove meses de reabilitação “lá embaixo”. Era voltado para prisioneiras com dependência comprovada em drogas ou álcool que tiveram a sorte de ser designadas para o programa pelo juiz que ditara sua sentença. Tratava-se do único programa sério de reabilitação em Danbury (sem contar o dos cachorros), e atualmente é o único modo de se reduzir substancialmente a pena no sistema federal. As detentas encaminhadas para esse programa estavam sempre assustadas, já que ele não ficava no Pavilhão,

mas sim numa prisão “de verdade”: segurança alta, controle cerrado e 1.200 mulheres cumprindo penas sérias, algumas inclusive de prisão perpétua.

Nina estava preocupada também com a necessidade de encontrar uma substituta aceitável para ocupar seu lugar ao lado de Pop. Depois de minha gafe no refeitório, nem me ocorreu que eu pudesse ser uma candidata, porém, num sábado à noite, Nina acenou para mim na sala comunal. Ela e a garota calada estavam sentadas com Pop.

— Piper, venha comer alguma coisa!

A comida clandestina era irresistível — não dava para ignorar a singela oportunidade de comer algo diferente da comida institucional, preparada com um pouco de amor. No entanto, eu estava bastante tímida depois da ameaça velada de Pop no refeitório.

Elas tinham guacamole e salgadinho. Eu sabia que os abacates haviam sido comprados na cantina e não eram clandestinos. Provei um pouquinho, mas não queria parecer gulosa.

— Está muuuuuuito bom! Obrigada!

Pop estava me olhando de lado.

— Vai, pega mais! — disse Nina.

— Para mim está bom, estou meio cheia, mas obrigada!

Comecei a me afastar.

— Vai, Piper, fique aqui um pouco.

Agora eu estava nervosa. Mas confiava em Nina. Puxei uma cadeira e me sentei, pronta para dar o fora ao menor sinal de contrariedade por parte de Pop. Batemos papo sobre a iminente volta da outra mulher ao mundo exterior, e sobre como seria fantástico ela estar novamente com o filho adolescente e sobre a possibilidade de ela encontrar trabalho no sindicato dos carpinteiros. Quando o filme começou, pedi licença e me afastei.

Na semana seguinte, elas fizeram o mesmo gesto. Naquela noite me ofereceram hambúrgueres, gordos e suculentos em comparação com os servidos no refeitório. Devorei um sem hesitar, saboreando o orégano e o tomilho. Pop pareceu se divertir com o meu prazer e se inclinou para confidenciar:

— Coloco uns temperos extras.

Um ou dois dias depois, Nina me perguntou:

— Que tal assistir aos filmes com Pop depois que eu sair para o programa de reabilitação?

O quê?

— Ela precisa de alguém para fazer companhia quando eu for embora, pegar gelo e refrigerante para ela, essas coisas.

Pop realmente desejava minha companhia?

— Bem... você não é uma louca, sabe? É por isso que somos amigas, porque posso conversar com você.

O convite parecia aceitação definitiva... e não era algo que pudesse ser simplesmente recusado. Ao ver Pop, procurei me mostrar simpática, e talvez tenha sido bem-sucedida. O contingente das não piradas não devia ser muito numeroso naquele momento, porque mais ou menos uma semana depois Nina me perguntou se eu queria assumir o lugar dela como colega de beliche de Pop no Dormitório A, o “Condomínio”.

Fiquei perplexa.

— Mas já estou no Dormitório B, não posso sair dali.

Nina revirou os olhos, impaciente com a minha ingenuidade.

— Piper, Pop consegue qualquer companheira de beliche que quiser.

Fiquei espantada com a revelação de que uma detenta podia conseguir o que queria. É claro que, se essa detenta é a responsável pela ordem da cozinha da instituição...

— Quer dizer que eles vão me transferir?

Nina revirou novamente os olhos. Franzi a testa, perdida entre impulsos contraditórios.

Com certeza o Dormitório B fazia por merecer o apelido de “Gueto”, com todos os aspectos irritantes de qualquer gueto. Um dos hábitos dali me fazia ranger os dentes de raiva e me deixava à beira da loucura: as pessoas penduravam seus headphones e colocavam seus rádios de bolso para tocar a todo volume nessas “caixas de som” improvisadas, impondo a todo mundo

aquela música cheia de estática. Não era à música que eu fazia objeção, mas à qualidade horrível do áudio.

No entanto, o Dormitório A parecia povoado por uma proporção exagerada de senhorinhas encrenqueiras, além do pessoal do programa de cachorrinhos, na maioria um bando de loucas. E eu não queria que ninguém pensasse que eu era racista — ainda que no Pavilhão nenhuma detenta tivesse o menor pudor em manifestar as generalizações raciais mais amplas.

— Querida — disse uma presa com um sotaque arrastado —, todo mundo aqui está só tentando fazer jus aos piores estereótipos culturais possíveis.

Na realidade, esse era em parte o motivo desse novo convite.

— Pop não quer nenhuma lésbica lá — disse Nina, com sua franqueza habitual. — E você é uma garota branca simpática.

Por um lado, algumas vantagens seriam proporcionadas pelo fato de ter Pop como companheira de beliche, já que ela dispunha de enorme influência no Pavilhão. No entanto, eu tinha uma forte suspeita de que o convívio seria bem difícil — bastava ver todo o esforço que Nina estava fazendo por ela.

Por último, pensei em Natalie: em como ela fora gentil comigo e como era fácil conviver com ela — e faltavam apenas nove meses para ela ser solta. Se eu a deixasse, quem sabe que maluca iriam enfiar no Cubículo 18?

— Nina, acho que não posso simplesmente abandonar Natalie — respondi. — Ela tem sido muito boa para mim. Espero que Pop entenda.

Nina pareceu surpresa.

— Bem... então me ajude a pensar em alguma outra. Que tal Toni? Ela é italiana.

Falei que parecia uma ótima ideia, que as duas se dariam perfeitamente bem, e me retirei para o Dormitório B, meu lar no gueto.

CAPÍTULO 7

As horas



Havia uma série de oportunidades para praticar religião em Danbury: uma missa de sexta-feira para as católicas e, às vezes, uma no domingo também (geralmente rezada pelo “padre gato”, um sacerdote jovem que tocava guitarra e falava italiano e, por isso, era adorado por todas as ítalo-americanas); um culto cristão hispânico nos fins de semana; um grupo de meditação budista e visitas de rabinos às quartas-feiras; e um encontro semanal ecumênico estranho organizado por voluntários armados de violões e velas aromáticas. Mas a maior era o culto “cristão” (em outras palavras, fundamentalista) que ocorria na sala de visitas domingo à noite após o final do horário de visitas.

Em março, perguntei à irmã Rafferty, a freira alemã que era a capelã-chefe, se havia previsão de alguma celebração episcopal no domingo de Páscoa. Ela me olhou como se eu tivesse três cabeças e respondeu que, se eu quisesse arrumar meu próprio pastor e colocá-lo na minha lista de visitas (cheia), poderíamos usar a capela. Obrigada por nada, irmã!

Eu achava tediosa a veneração religiosa de minhas vizinhas evangélicas agressivas. Algumas fiéis tinham o hábito de alardear aos brados que iam orar sobre uma série de tópicos, que Deus andava ao seu lado durante o encarceramento, que Jesus amava os pecadores e assim por diante. Por mim, as pessoas podiam agradecer a Deus em um volume mais baixo e, talvez, com um pouco menos de autocongratulação. Era possível exaltar louvores e, ainda

assim, se comportar de maneira abominável, e havia demonstrações abundantes disso nos Dormitórios.

Não havia brincadeiras tradicionais na prisão, mas na semana anterior à Páscoa alguém montou uma cruz de madeira gigantesca e assustadora perto do Pavilhão, bem atrás do refeitório. Vi aquilo no café da manhã, e minha reação foi perguntar “Que diabos é isso?” à Srta. Jones, a rainha idosa e grosseira do Programa dos Cachorrinhos e uma das senhoras que sempre apareciam para o café da manhã. Fiquei surpresa ao descobrir que ela tinha apenas 55 anos. A prisão envelhece as pessoas.

— Eles sempre montam isso — respondeu ela. — Foi algum palhaço dos SCM que fez.

Alguns dias depois, Nina e eu discutíamos as festas iminentes enquanto saboreávamos uma caneca de café solúvel. Levy e Gayle Greenman, a única outra judia no presídio e definitivamente mais agradável, receberam caixas de matzás da freira alemã para a Páscoa judaica. Isso atraiu o interesse das outras prisioneiras.

— Por que elas ganharam esses biscoitos grandes? — perguntou-me uma vizinha do Dormitório B, sondando os mistérios da fé. — Esses biscoitos ficariam gostosos com geleia.

Nina, com a franja enrolada em bobes, inclinou a cabeça enquanto relembrava Páscoas judaicas do passado.

— Teve um ano que passei na penitenciária de Rikers. Matzá era a única coisa comestível que nos davam lá — murmurou ela, remexendo o cigarro entre os dedos, pensativa. — Eram deliciosos com manteiga.

Esse ano eu não estaria indo e vindo entre o *seder* da família de Larry e minhas próprias tradições pascais. Que pena — adoro as dez pragas.

Pop e sua turma capricharam no jantar de Páscoa. Foi um verdadeiro banquete, um milagre da primavera. O cardápio: frango assado e repolho com bolinhos maravilhosos, tão massudos que poderiam ser usados como armas; ovos bem temperados com mostarda; e hortaliças de verdade no bufê de saladas. De sobremesa, comemos um doce muito especial preparado por Natalie que parecia um ninho: uma base feita de tortilha frita que acomodava

um montinho de pudim, um punhado de “grama” de coco tingida de verde, “ovos” de jujuba e um passarinho de marshmallow todo colorido. Fiquei olhando para aquilo, incapaz de acreditar no que via, enquanto todas ao meu redor comiam animadas. Eu não queria devorar aquele diorama incrível. Queria envernizá-lo e preservá-lo para sempre.

★ ★ ★

LOGO DEPOIS da Páscoa, Nina foi à prisão de segurança máxima para participar do programa de reabilitação. Eu ia sentir sua falta. Ela havia passado semanas tricotando um cachecol, e eu vinha prestando consultoria.

— Qual que você acha que deve ser a próxima cor? — perguntava ela, pegando uma coleção impressionante de pedaços de lã que ela arranjara em um lugar ou outro.

— Roxo! — Eu apontava. — Verde!

O Pavilhão inteiro estava preparando as oito mulheres que entrariam no rígido programa de reabilitação de nove meses. Esse processo incluía eliminar qualquer produto clandestino delas, adquirir coisas novas na cantina e encher as detentas de lanchinhos e mensagens para as mulheres que estavam cumprindo pena na prisão de segurança máxima. Era um pouco como mandá-las para uma colônia de férias apavorante.

Nina estaria a apenas algumas centenas de metros de distância, do outro lado daquela cerca horrível, mas pareciam milhares de quilômetros. Eu talvez nunca mais a visse.

Junto com as outras sete mulheres, sua sacola foi colocada na van do presídio, e eu a abracei.

— Muito obrigada, Nina, por tudo.

— O cachecol é para você, Piper! Vou terminá-lo!

Pop estava chorando.

Quando Nina desceu o morro em direção à ICF, senti uma verdadeira sensação de perda. Ela foi minha primeira amiga de verdade ali dentro, e eu não teria mais nenhum contato com ela. Estar presa é, em grande parte, estar

afastada das pessoas de sua vida, pessoas que invadem sua imaginação. Algumas dessas pessoas ausentes estavam do outro lado do mesmo terreno da prisão — eu conhecia meia dúzia de mulheres que tinham irmãs ou primas no presídio de segurança máxima. Um dia, enquanto eu voltava para o trabalho depois do almoço, vislumbrei Nina pelo portão traseiro da ICF e fiz um alvoroço, pulando e acenando. Ela me viu e acenou também. O caminhão que patrulhava o perímetro da prisão freou bruscamente entre nós.

— Vamos parar com essa babaquice! — esbravejou o guarda dentro do veículo.

Pop, que passara muitos anos “no pé do morro” antes de ser transferida para o Pavilhão, recrutara várias mensageiras para entregar guloseimas às suas amigas do outro lado da cerca. Por morar no Dormitório A, “o Condomínio”, Pop tinha no cubículo um armário enorme, duas vezes maior que o meu e o de Natalie. Estava lotado com uma coleção de suas coisas favoritas: alimentos como carne enlatada, que não eram mais vendidos na cantina, roupas muito antigas que ninguém mais tinha e, principalmente, perfume. Ela gostava de preparar uma mistura própria — um pouco de White Diamonds, um pouco de Opium. *Eau de Pop*.

— Estou quase acabando — disse Pop, enquanto escolhia alguns preciosos sutiãs de renda clandestinos para mandar a uma amiga que estava cumprindo prisão perpétua no pé do morro. — Por que ainda estou guardando esses? Vou para casa em janeiro; vou comprar sutiãs novos e bem bonitos para minhas joias.

Pop era uma fonte de espanto, mistério e revelações. Eu não sabia na época, mas Nina me aproximara da mulher que me ajudaria a cumprir minha pena em todos os sentidos da palavra, que me mimaria quando eu mais precisasse e me mandaria aguentar o rojão quando eu não tivesse escolha. Ela havia me encarado com ceticismo no começo. Mas, quando consegui uma tábua da oficina dos SCM para colocar debaixo de seu colchão e apoiar suas costas, subi bastante no conceito dela. Minha perícia em escrever seus pedidos de licença também ajudou. Mas foi meu apetite voraz pela comida dela e por suas histórias que a conquistou.

Pop havia passado por uma vida doida fora da prisão, tendo emigrado da Rússia para os Estados Unidos aos três anos. Ela saiu de casa aos dezoito para se casar com um gângster russo. Sua vida conjugal abarcara todo o esplendor excessivo da era das discotecas em Nova York nos anos 1970 e 1980 e vários anos fugindo da polícia.

— A polícia tentou nos prender de tudo que é jeito... meu marido só ria. Bem, se eles querem tanto pegar você, vão conseguir. Eles nunca desistem.

Seu marido estava preso em algum lugar no sul do país, e os filhos já eram crescidos. Ela perdera tudo, mas conseguiu aguentar uma dúzia de anos na cadeia sem entrar em parafuso e levava a vida da melhor maneira possível. Pop era perspicaz e exuberante. Era gentil, mas podia ser cruel. Sabia como tirar proveito do sistema e também como não se deixar ser humilhada. E eles sempre tentavam.

Os filhos crescidos de Pop vinham visitá-la todas as semanas, e também vários outros parentes, murmurando em russo. A sala de visitas era o único lugar onde eu a via no uniforme cáqui padrão — o resto do tempo, ela vestia as calças xadrez de cozinheira, o avental grená com Pop bordado em branco no peito e uma rede nos cabelos. No entanto, para as visitas ela sempre arrumava o cabelo e se maquiava para parecer elegante, quase uma mocinha.

Todas as detentas que recebiam visitas com regularidade geralmente mantinham um uniforme apenas para esse fim — um que vestisse bem, que estivesse bem passado e sem manchas e, em certos casos, ajustado nas medidas. Fazer qualquer tipo de alteração no uniforme era contra as regras da prisão, mas isso nunca impediu as detentas de tentarem achar formas de transformar o uniforme masculino nada atraente em algo um pouco mais bonito, um pouco mais feminino. Algumas mulheres usavam o ferro para fazer pregas estilizadas nas costas das camisas largas e folgadas. Todas sabiam quais presidiárias costuravam, e era possível trocar produtos da cantina por um uniforme mais ajustado — as mômis espanholas tinham uma grande predileção por calças muito, muito, muito apertadas. Eu fiquei empolgada quando alguém me deu uma cobiçada calça social, apertada na cintura e com

boca estreita. Estavam gastas na parte interior das coxas, mas as outras prisioneiras aprovavam quando eu as vestia e me exibia nos dias de visita.

— P-I Piper — gritava minha vizinha Delicious, com apreço.

— Gostosona — concordou Larry, com os olhos esbugalhados, quando me viu usando a calça apertada.

O cabelo era pelo menos tão importante quanto os uniformes. Isso não era um problema para uma garota loura de cabelos lisos como eu, mas era uma fonte de preocupação constante e objeto de horas de trabalho para as negras e hispânicas. Em geral, dava para determinar quem esperava uma visita só pelo estado de seu cabelo. Havia disputas frequentes pelo tempo passado na cadeira do salão, travadas em meio ao cheiro forte de produto para permanente e de cabelo queimado. A carga de eletricidade do salão era insuficiente para a demanda, e faltava luz toda hora. Mas o repreensível DeSimon se recusava a tomar qualquer providência.

— Aquele tal de “salão de beleza” devia ser fechado — rosnou quando as garotas que trabalhavam no salão sugeriram que a equipe de eletricitas poderia consertar a fiação. — Não adianta nada para essas detentas!

Após a presidiária terminar de fazer o cabelo, ela passava para a maquiagem. Aproximadamente um terço da população usava maquiagem quase todos os dias — fosse por hábito, para tentar se sentir normal ou ficar mais atraente para um funcionário ou outra presidiária. Os produtos de maquiagem eram comprados na cantina ou, no caso de uma ex-corretora viciada em Borghese, contrabandeados por um visitante. Antes de partir para o programa de reabilitação, Nina me deu um pó compacto em formato de coração, do tipo que poderia ser encontrado em uma loja de 1,99, e experimentei algumas cores de sombra muito pálidas. Uma porcentagem grande das espanholas tinha tatuado o traço do delineador, o contorno dos lábios e as sobrancelhas, um efeito que eu achava desconcertante — associava aquilo às prostitutas transexuais de um bairro de Nova York. As sobrancelhas tatuadas nunca acompanhavam a linha das reais, que então precisavam ser tiradas ou raspadas, e com o tempo desbotavam do preto para o azul.

Quase todas que esperavam uma visita, de roupas bem passadas, cabelo feito e maquiadas, ficavam no patamar ao lado dos telefones públicos, de onde era possível ver seus entes queridos subindo o morro, vindos do estacionamento. Aquelas que não esperavam visitas plantavam-se nas escadas também para observar as idas e vindas, uma forma improvisada de entretenimento — elas costumavam ser capazes de identificar as presenças mais regulares. “Ah, lá estão os filhos de Ginger! Olha os pais de Angela — ele sempre deixa a mãe dela saltar do carro antes de estacionar, ela tem um problema no quadril.”

Os visitantes tinham que preencher um formulário dizendo que não portavam armas ou drogas. O AP então conferia a lista da presidiária para verificar se o nome do visitante estava lá. Você tinha que rezar para que a lista estivesse em dia, algo que dependia exclusivamente do supervisor da detenta. Ele providenciara toda a papelada? Ele se dera ao trabalho de passá-la adiante? Caso contrário, azar o seu. Não importava quem era seu visitante ou quanto ele viajara para vê-la — não entrava. Larry me contou que era doloroso ver cada visitante — idoso ou jovem, molambo ou mauricinho — precisar aguentar aquela atmosfera e puxar o saco do guarda na esperança de conseguir algum tipo de favor. Os joguinhos de poder que permeavam a relação detenta-guarda estendiam-se até a sala de visitas.

Larry vinha me ver toda semana, e eu esperava ansiosamente por aquelas visitas — elas eram o ponto alto de minha vida em Danbury, uma confirmação reconfortante do quanto eu o amava. Minha mãe fazia a viagem de carro, que durava seis horas ida e volta, até eu implorar para que ela viesse a cada duas semanas. Eu a vi mais vezes durante os onze meses em que fiquei em Danbury do que em toda a minha vida adulta.

Janet Ioga e a Irmã Platte sempre recebiam muitas visitas, hipsters de meia-idade da contracultura e jovens esquerdistas vestindo algodão guatemalteco confeccionado à mão. A Irmã Platte estava frustrada por causa da censura do DFP à sua lista de visitas — figuras importantes do movimento pacifista internacional tentaram receber permissão para visitar a Irmã Platte, mas sem sucesso.

Algumas mulheres nunca recebiam visitas porque haviam cortado os laços com o mundo exterior. Sem filhos, pais, amigos, nada. Algumas delas estavam a milhares de quilômetros de casa, e outras não tinham lar. Algumas mulheres afirmavam terminantemente que não queriam que seus conhecidos as vissem em um lugar como aquele. Em geral, quanto maior a sentença, mais raras as visitas. Fiquei preocupada por minha colega de cela, Natalie, que estava terminando sua pena de oito anos; ela falava com o filho jovem pelo telefone todas as noites e recebia muitas cartas, mas não teve sequer uma visita no ano em que estivemos juntas. Eu respeitei a muralha de privacidade que erguemos entre nós em nosso espaço de dois por três metros e nunca perguntei nada.

★ ★ ★

APESAR DE cada dia parecer infundável, cada semana terminava antes do que eu esperava, acelerada pelos horários de visitas. Eu tinha a imensa sorte de receber alguém na quinta ou na sexta e também no sábado ou no domingo. Isso era resultado da dedicação de Larry e da minha mãe, além de um grupo grande de amigos de Nova York que estavam ansiosos para me ver. Larry organizava meu complexo horário de visitas com a habilidade de um promotor de cruzeiros.

Quando meu supervisor Butorsky pediu demissão de repente, temi outro pesadelo burocrático. Aparentemente, ele preferiu pedir aposentadoria antecipada a se submeter às determinações da diretora Deboo — uma mulher muito mais jovem que “não era do norte” — e foi substituído por outro “perpétuo”, o Sr. Finn, que se aproximava da marca de vinte anos na prisão. Imediatamente Finn fez inimigos entre as detentas e os funcionários do Pavilhão ao exigir uma sala particular e importunar as serventes pela forma como elas encravavam o chão. Ao se transferir para sua sala particular sofisticada, pendurou uma placa de latão com seu nome na porta. É lógico que a coisinha maldita imediatamente desapareceu, o que resultou na

chegada de um exército de APs para revistar o Pavilhão. Eles não descansariam até que a placa do agente Finn fosse encontrada!

— Você saiu da panela para o fogo, colega — disse Natalie, que conhecia Finn de anos anteriores na prisão de segurança máxima. — Aquele homem não é nada bom. Pelo menos Butorsky cuidava da papelada. Finn odeia papelada.

Isso me deixou estressada, tendo em vista o malabarismo que eu tentava fazer na minha lista de visitas. Mas o cabelo louro e os olhos azuis me ajudaram, assim como haviam feito com Butorsky. O Sr. Finn se dispôs a gostar de mim de imediato, e quando eu chegava perto com o meu novo formulário de visitas e um pedido tímido para ele autorizar uma visita especial ou alterar minha lista, como o Sr. Butorsky fazia, ele bufava.

— Passa isso para mim. Estou me lixando para quantas pessoas você tem em sua lista de visitas. Vou incluir todas elas.

— Vai?

— Claro — Finn me olhou de cima a baixo. — Que diabos está fazendo aqui? Não vemos muitas mulheres como você por aqui.

— Envolvimento com drogas dez anos atrás, Sr. Finn.

— Que desperdício. É um desperdício manter metade de vocês nesse Pavilhão. A maior parte das pessoas que cometeram crimes relacionados a drogas não deveria estar aqui. Não como aquelas vagabundas lá no pé do morro... tem uma que matou os dois filhos. Eu acho um desperdício mantê-la viva.

Eu não sabia como responder àquilo.

— Então o senhor vai colocar aquele visitante na minha lista, Sr. Finn?

— Claro.

E assim ele fez. Minha lista de visitas ultrapassou 25 rapidamente, outro exemplo bizarro de como nenhuma regra na prisão é sagrada.

★ ★ ★

LARRY E a minha mãe eram minha ligação com o mundo exterior, mas eu também tive muita sorte de ter amigos que vinham me ver. As visitas deles eram muito revigorantes porque não eram acompanhadas pelo sentimento de culpa por tudo que eu fazia Larry e minha família passar. Eu podia relaxar e dar gargalhadas enquanto meus amigos me traziam notícias, perguntas e observações sobre suas vidas milagrosamente normais.

David, meu amigo do clube do livro de São Francisco e ex-colega de quarto de Larry, era presença constante na sala de visitas. Ele agora morava no Brooklyn e pegava o trem até Connecticut uma vez por mês. O aspecto mais maravilhoso de suas visitas era que ele agia como se tudo estivesse perfeitamente normal, olhando o cenário com curiosidade e aceitação. Ele adorava as máquinas de comida. “Vamos até lá pegar alguma coisa para comer!” Eu queria chorar por causa do jeito tranquilo como meus amigos lidavam com minha calamidade.

David atraía muita atenção no Pavilhão. Talvez fosse a combinação de cabelo ruivo, charme blasé e óculos sofisticados que provocavam tantos comentários maldosos. Ou talvez elas não estivessem muito acostumadas a ver judeus gays de Nova York naquele lugar.

— Aquele é um amigo e tanto que você tem — comentou um dos APs após uma visita.

O Sr. Finn debochava:

— Finja que eu sinto pelas mulheres o mesmo que aquele seu amigo da sala de visitas.

Mas as outras detentas adoravam David, que sempre batia papo com elas.

— Você se divertiu hoje com seu amigo veado? — perguntou Pop depois de uma das visitas de David; claro que me diverti. — Os veados são ótimos amigos — afirmou ela, filosoficamente. — São muito leais.

Meu querido amigo Michael escrevia para mim todas as terças-feiras em seu lindo papel de carta da Louis Vuitton; suas missivas pareciam artefatos de uma cultura distante e exótica. Em sua primeira visita, ele teve o azar de chegar ao mesmo tempo que o ônibus que trazia detentas do aeroporto e viu um espetáculo de mulheres desgrenhadas e acorrentadas de macacão

entrando na ICF, supervisionadas por guardas com fuzis de grosso calibre. Quando me juntei a ele na sala de visitas, feliz em meu uniforme cáqui limpo, ele parecia abalado, porém aliviado.

Também vieram amigos de Pittsburgh, Wyoming e Califórnia para me visitar. Minha melhor amiga, Kristen, largava seu negócio recém-aberto em Washington para me ver todos os meses e examinava meu rosto, preocupada, em busca de sinais de problemas que outros talvez não tivessem percebido. Éramos amigas inseparáveis desde a primeira semana da faculdade, uma dupla bastante inusitada: ela, uma sulista muito respeitável, toda certinha, esforçada e com o desejo de agradar a todos; e eu, nada certinha. Mas, bem no fundo, éramos muito parecidas — famílias e valores semelhantes; houve uma empatia entre nós. Ela passava por um momento difícil; seu casamento estava acabando enquanto sua empresa nascia; e, para ter uma conversa honesta com sua melhor amiga, ela precisava se deslocar até uma prisão em Connecticut. Notei que, todas as vezes em que Kristen vinha me ver, o agente Scott aparecia na sala de visitas e ficava olhando para ela como se fosse um adolescente.

Certa vez, um amigo meu veio me visitar, um advogado alto com cabelos encaracolados. Ele fora encontrar um cliente *pro bono* em uma prisão masculina nas redondezas e decidiu passar por lá no caminho de volta. Em geral, ele e a esposa vinham me ver juntos. Naquela tarde de quinta-feira tranquila, nós nos divertimos muito, falando e rindo durante horas.

Mais tarde, Pop me chamou em um canto:

— Vi você na sala de visitas. Você parecia estar se divertindo. Então, quem é aquele cara? Larry sabe que ele está visitando você?

Tentei não rir enquanto assegurava a Pop de que meu visitante era um velho amigo de faculdade de Larry e que sim, meu noivo sabia da visita. Fiquei pensando se Larry tinha ideia do número de fãs que eu tinha atrás das grades.

Quando o horário de visitas chegava ao fim, as últimas prisioneiras abraçavam, beijavam e se despediam de seus entes queridos, e ficávamos sozinhas, algumas vezes perdidas em pensamentos, torcendo para que o AP

estivesse com preguiça e dispensasse as revistas íntimas. Se alguém estivesse chorando, você sorria solidariamente ou botava a mão no ombro dela. Se alguém estivesse sorrindo, você perguntava “Como foi a visita?” enquanto desamarrava os sapatos. Após se agachar pelada e tossir, você passava pelas portas grandes em direção ao interior do Pavilhão, para o patamar, onde sempre havia várias mulheres à toa, esperando para usar os telefones e vendo os visitantes descerem até os estacionamentos. Se a gente fosse rápida, dava para correr até a janela e vislumbrar pela última vez seu visitante indo embora. Larry só me contou mais tarde, quando eu estava a salvo em casa, como era devastador para ele se virar e me ver acenando atrás da vidraça, e depois dar meia-volta, descer o morro e me deixar sozinha.

CAPÍTULO 8

Para deixar as vadias morrendo de ódio



Um hobby ao qual não aderi foi o crochê, uma obsessão entre as presidiárias por todo o sistema. Algumas das peças feitas eram mesmo impressionantes. A detenta que administrava a lavanderia era uma mulher branca mal-humorada, de origem rural, chamada Nancy, que não fazia questão de esconder sua antipatia por todos que não fossem “do norte”. Sua personalidade deixava muito a desejar, mas ela era uma notável crocheteira. Certo dia no Dormitório C, topei com Nancy, minha vizinha Allie B. e a deprimida Sally às gargalhadas.

— O que foi? — perguntei inocentemente.

— Mostra para ela, Nancy! — disse Allie, rindo.

Nancy abriu a mão. Na palma havia um pênis incrivelmente realista feito em crochê. De tamanho mediano, estava ereto, confeccionado com uma linha rosa, com bolas e um tufo de pelos púbicos marrons de algodão, com um jato de linha branca ejaculada na ponta.

— É mais sentimental do que funcional, não é? — foi tudo o que consegui dizer.

Allie B. vivia vários cubículos adiante, no Dormitório B, e era uma mulher alta, magra, de ombros largos e queixo proeminente, que oscilava entre esquisita e bonita. Ela adorava doces e me lembrava o personagem Dudu, do *Popeye*: “Com prazer eu pago na terça se você me der uma barra de chocolate hoje!” Louca por sexo e drogada inveterada, ela contava os dias para a sua

libertação, quando poderia ir para casa, transar e ficar doidona, nessa ordem. Allie B. era franca e decidida a respeito da sua paixão por narcóticos. Preferia heroína, mas se dispunha a ficar chapada com o que pintasse e muitas vezes ameaçava cheirar os solventes na oficina da prisão. Acho que lá não havia nada que valesse a pena ser cheirado.

Allie tinha uma aliada, uma jovem do oeste da Pensilvânia que assumia com orgulho sua condição de caipira. Eu a chamava de Pennsatucky. Certo dia, Pennsatucky e eu estávamos no meu cubículo no Dormitório B, quando minha vizinha Colleen e sua amiga Carlotta Alvarado passaram pelo corredor. Com um sorriso enorme e idiota, Colleen perguntou a Carlotta:

— E aí? O que achou daquele brinquedinho que eu dei para você na semana passada? Bem legal, né?

Carlotta riu, uma gargalhada de quem estava deliciada e saciada, e continuou andando.

Lancei um olhar para Pennsatucky.

— Consoooooooooooooooooos — disse ela, arrastando as vogais em seu sotaque do interior.

Devo ter parecido intrigada, porque ela logo explicou:

— Colleen deve ter esculpido algo maluco em uma cenoura ou coisa parecida. Algo diferente do habitual.

— E o habitual seria...?

— Um lápis com uma atadura enrolada, e um dedo de luva roubado da enfermaria em volta da coisa toda.

— Não parece muito prazeroso.

— Ah. Quando eu estava na outra cadeia, elas costumavam fazer consolos com uma colher, um absorvente e um dedo de luva de borracha!

Revelado mais um uso para absorventes. As diligentes artesãs do sistema penal seriam capazes de usar qualquer material que encontrassem pela frente.

— Para momentos de desespero, medidas desesperadas, não é, Pennsatucky?

— Sei lá o que é *isso*.

LOGO DEPOIS de mandarmos oito detentas colina abaixo para o programa de reabilitação, a ICF nos retribuiu o favor mandando uma nova leva de mulheres que se “graduaram” na prisão de segurança máxima. Algumas delas estavam muito próximas de serem libertadas e outras ainda tinham uma boa parte da pena a cumprir. Qualquer que fosse o caso, elas costumavam ficar todas juntas, a não ser que tivessem amigas no presídio, tanto das ruas quanto dali de dentro.

Uma das recém-chegadas era Morena, uma hispânica que parecia uma princesa maia ensandecida. Ensandecida não porque tivesse uma aparência geral desleixada ou alucinada. Tinha todo o jeito de alguém que sabia cumprir pena, e seu aspecto era imaculado, com uniforme “bom”, passado e arrumado. Porém, Morena tinha um olhar perturbador. Ela ficava encarando a gente; aqueles olhos castanhos estranhos eram incrivelmente expressivos, e seria impossível dizer que mensagem eles estavam transmitindo. Era como se ela precisasse se esforçar muito para conter o que quer que estivesse se passando dentro da sua cabeça, e isso transparecia no olhar. Eu não fui a única a reparar no olhar bizarro.

— Aquela ali não bate bem — disse Pop, tocando a lateral da cabeça. — Cuidado.

Imaginem minha surpresa quando Morena me perguntou se poderia me acompanhar de manhã, a caminho do trabalho — ela havia sido designada para a oficina do setor de segurança do SCM. Sempre optei por caminhar sozinha pelos oitocentos metros que nos separavam da oficina, um pequeno momento de liberdade que para mim era precioso. Eu não fazia a menor ideia do que conversar com ela. Achei que ela era mais ou menos da minha idade, não sabia de onde vinha (ela falava bem, mas com muito sotaque), e por nada nesse mundo eu começaria a fazer perguntas pessoais.

— O que você está achando da oficina de segurança?

Era algo bastante neutro. Olhos Loucos não poderia se sentir ofendida por isso.

— É tranquilo — respondeu ela com algum desdém. — Conheço o chefe da ICF. Sem problemas. De onde você é, *chica*?

Dei a ela as informações mínimas de costume: Nova York, quinze meses.

— Você tem filhos?

Não. E ela?

Morena riu, uma gargalhada rouca, doida, que significava: *Ah, sua garota ingênua, bobinha e hétero, não consegue nem ver que sou uma sapatona marrenta por aqui onde não há nenhum pau à vista... e vou adorar tirar você do armário.*

— Não, gata, não tenho filhos.

Ao longo das duas semanas seguintes, Morena foi minha companhia constante na caminhada até a oficina, quer eu gostasse ou não. Ouvi um sermão sobre o que ela achava das mulheres do presídio.

— Elas parecem menininhas, acham que esta merda aqui é um jogo — falou, torcendo os lábios.

Eu era rigorosamente educada e neutra, porque Olhos Loucos me deixava nervosa. Além das diversas conversas entrecortadas a caminho do trabalho, as interações dela comigo no Pavilhão aumentaram drasticamente. Morena aparecia de repente na entrada do meu cubículo e se dirigia a mim demonstrando uma intimidade bizarra: “Oi, gataaaa!”

Quando me mudei para o Dormitório B, decidi que não queria ninguém me visitando no meu cubículo; o espaço era mínimo e compartilhado com Natalie, e aquilo era o máximo de privacidade que eu conseguiria por ali. Para socializar, eu saía dali. Se estivesse no meu cubículo, estava lendo, escrevendo cartas ou dormindo. Outras mulheres, especialmente as jovens, adoravam ter um monte de gente nos seus cubículos, sentadas na cama, no banquinho, tagarelando; aquilo não era para mim.

— Parece que você tem uma nova amiga, parceira — observou Natalie, secamente.

Certo dia, enquanto caminhávamos para o trabalho, Olhos Loucos cortou o papo furado. Mais uma vez ela reclamava sobre a imaturidade e a futilidade das mulheres no Pavilhão.

— Elas agem como se estivessem de férias ou coisa parecida, correndo para lá e para cá, fazendo palhaçada. Elas precisam se comportar como mulheres.

Com muito tato, sugeri que a maior parte das mulheres estava muito entediada e talvez não fosse tão instruída, e então de fato se distraía com bobagem.

Essa observação levou a uma declaração súbita e intensa:

— Piper, elas parecem crianças, e eu estou procurando uma mulher de verdade! Não posso perder tempo com essas bobagens, com essas idiotas! Nas ruas, sou uma traficante da pesada! Faço negócios a sério, coisa grande mesmo! Minha vida é séria! Mesmo aqui não posso me dar ao luxo de perder tempo com essas vadias idiotas. Preciso de uma mulher de verdade!

Abri a boca e depois fechei. Eu me sentia como se tivesse caído no meio de uma novela mexicana. O busto de Morena estava praticamente inflando sob seu uniforme cáqui. Ei, eu entendia o que ela estava dizendo. Sua vida era realmente séria, seus desejos eram sérios, e eu compreendia por que ela não queria ficar de sarro com alguma moçoila fútil que estava experimentando o lesbianismo só para se distrair na prisão. Mas comigo não!

Tentei escolher minhas palavras com a maior delicadeza possível.

— Eh, bem, Morena, tenho certeza de que você vai achar a mulher certa. Pode ser que demore um pouco, quem sabe? Não é?

Ela me olhou com aquele olhar maluco indecifrável. Tinha ficado irritada? Magoada? Vingativa? Eu não saberia dizer.

Fiquei imensamente aliviada quando chegamos às oficinas — aqueles dez minutos de caminhada nunca me pareceram tão longos. Não falei para ninguém sobre a conversa.

Morena ensaiou mais algumas tentativas para expressar sua necessidade de ter uma verdadeira mulher, acreditando talvez que eu não tivesse sacado, mas minha reação permaneceu a mesma — com certeza a mulher certa para ela estava em algum lugar no sistema penal e a providência divina iria levá-la a Danbury logo. Para mim, quanto mais rápido isso acontecesse, melhor.

Assim que ficou claro que eu não seria sua futura garota, Olhos Loucos rapidamente perdeu o interesse por mim. As caminhadas e as visitas ao cubículo pararam. Ela ainda me cumprimentava, mas de uma forma neutra. Senti que eu tinha lidado com o caso da maneira mais cuidadosa possível e

não parecia que minha rejeição tácita fosse ter alguma repercussão desagradável. Respirei um pouco mais aliviada, torcendo para que Olhos Loucos espalhasse entre as outras lésbicas praticantes a notícia de que eu “não era daquele jeito”, mesmo que, numa outra vida minha, tivesse sido.

★ ★ ★

PELA PRIMEIRA vez em muitos anos estava levando uma vida inteiramente livre de substâncias químicas — incluindo pílulas anticoncepcionais. Meu corpo estava voltando ao seu estado orgânico natural. E, depois de dois meses de celibato forçado, eu estava subindo pelas paredes. Se alguém cuspiasse em mim, daria para ouvir o chiado.

Estava claro que Larry também vinha sentindo a pressão da distância. Seus beijos na sala de visitas se tornaram mais ardentes e seus pés procuravam os meus debaixo da mesa. Meu desejo de brincar com os pés era cerceado pelo medo que eu sentia dos guardas. Eu compreendia de um modo visceral (diferentemente de Larry) que eles realmente podiam terminar com uma visita e retirar todos os meus privilégios de visitantes. Isso foi demonstrado para Larry um dia, quando Ator Pornô Gay (também conhecido como agente Rotmensen) apareceu de repente durante o horário de visitas. Ator Pornô Gay era um sádico arrogante, com cabelo escovinha, olhos próximos e bigode denso que parecia ex-membro de uma banda cover do Village People. Ele tinha vindo à sala de visitas para ver seu amigo, o guarda Jesus É Meu Parceiro, que estava ali no lugar da AP responsável, chateando as duas detentas ajudantes com previsões sobre a iminente volta do Messias.

Ao entrar na sala de visitas, beijei Larry, e ele me deu outro beijo ao nos sentarmos à mesa.

Ao ver isso, Ator Pornô Gay atravessou a sala apontando para Larry.

— *Ei!!!* Mais uma dessas e você vai ter que dar o *fora!*

Todas as cabeças se voltaram e nos olharam em silêncio.

Larry ficou agitado.

— Qual é o problema desse sujeito?

Ele tentou pegar meu joelho por baixo da mesa.

— É só o jeito deles, querido... *Não me toque!* Ele *não* está brincando!

Foi horrível falar com ele daquele jeito, quando o que eu mais queria era tocá-lo, mas Larry não compreendia que forçar a barra na prisão podia ter sérias consequências. Aqueles homens detinham o poder não apenas de pôr um fim nas nossas visitas, mas também de me colocar na solitária sempre que quisessem; minha palavra não valeria contra a deles.

Mais tarde, ainda traumatizada, perguntei a Elena, uma das presas que trabalhava na sala de visitas, o que tinha acontecido.

— Ah, o baixinho estava olhando para você e ficando vermelho — contou ela. — Então Rotmensen ficou irritado ao notar que o amiguinho estava constrangido vendo vocês se beijarem.

Na semana seguinte, a agente penitenciária habitual estava de volta à sala de visitas.

— Ouvi dizer que você saiu da linha na semana passada — disse ela, dando um tapinha no meu ombro antes de me deixar ver Larry. — Vou ficar de olho.

Num ambiente tão severo, corrupto e contraditório, a gente costuma andar numa linha bem fina entre as exigências da prisão e a nossa própria ternura e humanidade. Às vezes, em meio a uma visita de Larry, o peso de tudo aquilo me dominava, de repente cheia de tristeza pelo que era a minha vida naquele momento. Será que nosso relacionamento suportaria essa loucura? Larry se mantivera firme todos aqueles anos, enquanto esperávamos minha ida para a prisão; agora que eu estava ali, será que conseguiríamos passar no teste de verdade? Nossos minutos na sala de visitas eram tão preciosos que nunca podíamos nos dar ao luxo de discutir um assunto difícil ou negativo. Queríamos que cada segundo naquela sala fosse terno e perfeito.

Mulheres diferentes tinham maneiras diferentes de lidar com o impacto provocado pela prisão sobre os seus relacionamentos. Numa tarde sonolenta de fim de semana, eu estava perto do micro-ondas com minha amiga Rosemarie. Ela estava ocupada com um complexo projeto culinário, preparando queijo derretido com *enchiladas* de frango, e eu “ajudava”. Ainda

que eu fosse capaz de picar uma cebola (algo complicado com uma faca sem corte), minha ajuda consistia sobretudo em ouvi-la falar sobre nossos futuros casamentos. Rosemarie estava noiva de um sujeito tranquilo e gentil que a visitava fielmente todas as semanas, e ela estava obcecada com os planos para o casamento. Tinha assinatura de todas as revistas de noivas, que jaziam empilhadas em seu cubículo, e adorava sonhar e planejar o seu Grande Dia.

Ela também queria fazer planos para o meu Grande Dia — Larry e eu estávamos noivos havia quase dois anos. Mas eu não tinha nenhum interesse numa cerimônia tradicional; e sabia que não poderíamos nos casar tão cedo, então isso afetava minha disposição de pensar a sério em planos para o casamento. O que deixava Rosemarie louca. Quando lhe contei que pensava em usar um vestido de noiva vermelho, ela quase gritou de indignação.

Naquele dia em particular, Rosemarie estava preocupada com o que eu iria usar na cabeça. Se não me dispunha a usar um véu (o que ela achava uma pena), então uma tiara seria o mais apropriado.

— Rosemarie — debochei —, você acha mesmo que vou botar uma coroa na cabeça para entrar na igreja?

Na imaginação de uma futura planejadora de casamentos, tudo é possível.

Enquanto Rosemarie enchia as *tortillas* e defendia de modo exaltado o uso de pérolas, Carlotta Alvarado se aproximou: ela queria saber quem era a próxima na fila do micro-ondas. Essa era uma pergunta estratégica. Carlotta, uma usuária compulsiva do micro-ondas, estava sondando para saber quem a deixaria furar fila, e Rosemarie era uma candidata promissora. As duas trabalhavam juntas treinando cães-guias, e, ainda que Carlotta, uma garota descolada do Bronx, e Rosemarie, uma típica garota de classe média da Nova Inglaterra, não parecessem ter muito em comum, elas se davam muito bem. Rosemarie aceitou esperar com as *enchiladas* para que Carlotta pudesse fritar algumas cebolas com um tempero latino que deixa tudo laranja, salgado e picante.

— Carlotta também está noiva! — disse Rosemarie, enquanto as cebolas chiavam. Eram raros os noivados no Pavilhão.

— Isso é fantástico, Carlotta. Qual é o nome do seu homem?

Carlotta abriu um sorriso enorme.

— Rick. É meu lindinho, sempre vem me visitar. É, vou casar. Mal posso esperar.

— É *tão* legal! — exclamou Rosemarie. Então, sorriu. — Fala para ela o que você me disse, Carlotta.

Carlotta exibiu um sorriso triunfante.

— É, não vejo a hora de me casar. Sabe por quê?

Eu não sabia.

Carlotta recuou um passo, para melhor comunicar a verdade que fazia seu coração bater mais rápido quando ela pensava na sagrada instituição do matrimônio. Ela estendeu a mão espalmada na minha direção, com o dedo indicador para cima, para dar ênfase.

— Para deixar as vadias morrendo de ódio!

Eh... vadias?

— É isso aí. Vou voltar para o meu bairro e vou me casar, e isso vai ensinar uma coisa a todas aquelas vadias que ficam falando merda de mim. Vou ser uma mulher casada, com meu homem, e sabe o que elas vão ter? Não vão ter homem nenhum. Só um monte de bebês com um monte de caras. Mal posso *esperar* para me casar, só para deixar aquelas vadias morrendo de ódio!

Examinei Carlotta, seu rosto bonito iluminado e animado enquanto visualizava seu futuro — um futuro que incluía seu homem, algumas vadias e um anel no dedo. Eu tinha plena certeza de que ela alcançaria seus objetivos. De todas as mulheres do Pavilhão, era a única que sempre sabia dar um jeitinho. Tinha um trabalho de primeira, treinando os cachorros, conseguia todas as cebolas que queria, fazia bicos como pedicure e, diziam, tinha até um celular escondido em algum lugar do presídio, para falar com seu homem na hora que quisesse, sem precisar esperar na fila nem pagar as taxas estratosféricas da prisão. Ela era mesmo esperta e olhava o mundo de uma maneira nada sentimental. Rick, concluí, era um cara de sorte.

★ ★ ★

QUANTO A mim, eu me sentia dividida entre o mundo em que vivia naquele momento e o mundo para o qual desejava voltar. Eu percebia que aquelas que não conseguiam lidar com o fato de estarem presas enfrentavam muitas dificuldades com os funcionários do presídio e as outras detentas. Viviam num conflito constante porque não conseguiam se dar bem com as outras presas. Vi moças que, acostumadas a uma vida rebelde em meio à pobreza, contrariavam a autoridade, e vi mulheres de meia-idade de classe média inconformadas com o fato de estarem vivendo entre pessoas que elas consideravam inferiores. Eu achava que todas elas eram infelizes sem necessidade. Eu odiava o controle que a prisão exercia sobre a minha vida, mas sabia que o único modo de lutar contra isso era dentro da minha cabeça. E sabia que eu não era melhor do que nenhuma das outras presas ali, mesmo aquelas de quem eu não gostava.

Por outro lado, algumas pessoas ficavam à vontade demais na prisão. Pareciam ter esquecido que o mundo continuava a existir do lado de fora. A gente procura se ajustar e se adequar, mas ainda assim, a cada dia, continua pronta para voltar para casa. Isso não é fácil. A verdade é que a prisão e seus habitantes ocupam os nossos pensamentos, e é difícil lembrar como é a vida em liberdade, mesmo após alguns poucos meses. Passamos muito tempo pensando em quão horrível é a prisão, em vez de procurarmos visualizar o futuro. Nada no dia a dia do sistema penitenciário faz com que seus habitantes concentrem a atenção em como será a vida quando voltarem ao mundo exterior, quando voltarem a ser livres. Essa é uma das terríveis verdades a respeito do encarceramento, o fato de que o horror, as lutas e os interesses ligados à nossa vida imediata atrás das grades afastam o “mundo real” da nossa cabeça. Para muitas detentas, isso dificulta a tarefa de voltar para o mundo lá fora.

Então passei a ficar obcecada com as partidas quase diárias daquelas que deixavam o presídio e me pegava pensando: *Quem é que vai para casa semana que vem?* Eu mantinha uma programação sempre atualizada na cabeça e, se gostava da pessoa, ia direto para a porta da sala de visitas depois do café da manhã para me despedir, um ritual que um bocado de detentas realizava cada

vez que alguém ia embora. Vê-las saindo proporcionava um sentimento a um só tempo de felicidade e melancolia, porque eu daria qualquer coisa para ir com elas. As pessoas planejavam a roupa que iriam vestir ao voltar para casa e que alguém de fora trataria de enviar para o setor de Recepção e Desligamento (R&D); suas amigas preparariam uma refeição especial; e começariam a distribuir todas as suas coisas — roupas da cantina e uniformes “bons”, cobertores e outros objetos de valor acumulados durante a pena. Eu ficava me imaginando distribuindo minhas coisas.

Ver as pessoas chegarem era menos agradável, mas também interessante. É claro que eu lamentava por elas, mas minha preocupação era tingida de um ligeiro e curioso sentimento de superioridade, porque eu pelo menos sabia mais do que elas a respeito da rotina do Pavilhão, o que me dava uma vantagem. Esse impulso muitas vezes se revelava equivocado, quando aparecia alguém que estava de volta a Danbury depois de violar os termos da liberdade condicional — muitas vezes elas iam direto para a sala do supervisor e pediam para ter a mesma colega de cela e o mesmo trabalho. Eu sabia que pelo menos dois terços de todas as presas que eram soltas acabavam voltando, um fato que a princípio me deixou perplexa — por nada nesse mundo eles me fariam voltar para a prisão. Jamais. Ainda assim... ninguém se surpreendia ao ver um rosto conhecido de volta a Danbury.

Era fácil distinguir as detentas que chegavam ao Pavilhão por “apresentação voluntária”. Geralmente eram mulheres brancas, de classe média e que pareciam completamente perdidas e aterrorizadas. Eu pensava: *Eu também parecia tão perturbada?* E então pegava um tubo de pasta de dente e um chinelo para banho dos que eu estocava no meu armário para essas ocasiões.

Porém, a maioria das recém-chegadas tinha passado algum tempo detida, às vezes desde que receberam voz de prisão, caso não tivessem saído sob fiança. Vinham, então, de cadeias municipais ou federais, conhecidas como CCM ou CDM — centros correcionais metropolitanos ou centros de detenção metropolitanos. As cadeias municipais eram sempre descritas como nojentas, cheias de bêbados, prostitutas e drogados — abaixo do nosso padrão de *federales*. Então não era de espantar que as mulheres que chegavam a Danbury

daquelas prisões parecessem calejadas. Davam a impressão de que estavam felizes por estar em Danbury pelo fato de que as condições ali eram melhores — o que me deixava deprimida.

Também me intrigavam as mulheres, como Morena, que tinham “conquistado” sua promoção, passando do presídio de segurança máxima para o Pavilhão, de segurança mínima — eram, em tese, as criminosas experientes e potencialmente perigosas. Em termos de aparência física, eram sempre muito arrumadas — cabelos feitos e uniformes em ordem, com seu próprio nome e número de registro bordados no bolso da blusa. (As detentas do Pavilhão não tinham isso.) Elas nunca pareciam assustadas. Mas muitas vezes piravam, por estranharem o nosso grau de “liberdade”, e nos diziam que ali havia bem menos opções disponíveis em termos de atividades e recreação. Na verdade, muitas delas sentiam-se infelizes e queriam voltar ao presídio de segurança máxima. Uma das mulheres, Coco, foi direto para a sala do supervisor e explicou que não conseguia lidar com aquela liberdade e que gostaria, por favor, de voltar para a outra prisão, porque não queria aumentar sua pena graças a uma tentativa de fuga. Ouvi dizer que na verdade ela não aguentava ficar longe da namorada, que continuava na prisão de segurança máxima. Coco foi mandada de volta no dia seguinte.

★ ★ ★

LENTAMENTE, A primavera ia chegando às colinas de Connecticut e começávamos a espantar o frio. O fato de ficar restrita à companhia de tantas “piradas” estava afetando minha visão de mundo, e eu temia que fosse voltar à vida lá fora também um pouco desequilibrada. Mas a cada dia eu aprendia algo novo, elucidando algum outro mistério ou alguma nova sutileza mediante observação ou orientação.

A pista de atletismo perto da academia coberta era pura lama, mas eu seguia correndo com determinação em volta dela, encorajada pelo fato de que estava ficando cada vez mais magra e de que todo visitante ao me ver anunciava, espantado: “Você está com uma aparência fantástica!” Eu descrevia

aqueles círculos lamacentos em silêncio, porque na cantina ainda não havia aqueles malditos rádios com headphones que custavam 42 dólares. A cada semana eu incluía o item na minha lista de compras, e a cada semana eu descobria que não havia rádio. O AP da cantina, que era um babaca em público e simpático em particular, se limitava a rosnar “Nada de rádios!” quando eu perguntava se havia alguma previsão. Todas as outras novatas estavam no mesmo barco, e nós lamentávamos amargamente. Para mim, a noite de cinema se resumia a praticar leitura labial, e o tempo que eu passava na pista ou nos equipamentos da academia me deixava com os pensamentos ecoando com força dentro da cabeça. Eu precisava arrumar um rádio daqueles!

Lionnel, a detenta responsável pelo armazém, era uma das vizinhas mais próximas no nosso alojamento apertado. Sua cela fora o lugar do xixi de protesto de Lili Cabrales na minha primeira manhã no Dormitório B, e tinha sido Lionnel quem havia secado a poça. Ela possuía uma plaquinha preta de identificação, como a de Natalie, indicando que viera da prisão de segurança máxima, provavelmente com uma sentença longa. Tinha certa imponência, mas ainda assim parecia amistosa, bastante pragmática em relação à vida na prisão, e uma cristã alegre que gostava de lançar tiradas irônicas. Lionnel defendia enfaticamente o que poderíamos chamar de “temas comunitários” — não roubar, “agir direito” durante a contagem, tratar as outras detentas com respeito. Ela não iria se esforçar para fazer amizade com uma garota branca como eu, mas dava bom-dia e de vez em quando sorria diante das minhas tentativas de fazer graça quando estávamos lado a lado em frente às pias do banheiro.

Em uma tarde tranquila, quando eu estava consertando umas lâmpadas no Dormitório B, Lionnel apareceu de repente do lado de fora do seu cubículo. Isso era algo incomum, já que ela normalmente trabalhava no armazém. Aproveitei a oportunidade para descobrir mais alguma coisa a respeito dos misteriosos rádios.

— Lionnel, odeio incomodar você, mas tenho uma pergunta.

Resumidamente, expliquei meu problema com os rádios.

— Estou enlouquecendo ao ficar sem música. Não consigo fazer com que o AP me diga quando eles vão chegar. O que você acha?

Lionnel me olhou de banda de um jeito cético.

— Você *sabe* que não pode fazer esse tipo de pergunta ao pessoal do armazém, que estamos proibidas de falar das coisas que tem lá, né?

Aquilo me pegou de surpresa.

— Não, Lionnel. Eu não sabia. Não queria botar você numa situação difícil. Desculpa.

— Sem problemas.

Faltava uma semana para maio. O sol agora estava começando a aparecer de verdade e a secar a lama. Havia folhas nas árvores, aves migratórias e um monte de plantas brotando por toda a pista de atletismo. Percebi que não era tão ruim ouvir meus próprios pensamentos quando havia tanta coisa para se ver. Eu já havia cumprido três meses, quase um quarto da minha sentença. Se tivesse que ver filmes mudos pelos outros dez meses, tudo bem. Quase nem me dei ao trabalho de incluir o rádio na minha lista de compras da cantina naquela semana; alguém que acabara de fazer compras havia reclamado que eles ainda estavam em falta. Então, quando um rádio daqueles passou voando por cima da caixa registradora para aterrissar na minha pilha de compras, eu me limitei a ficar olhando.

— Você tem algum problema, Kerman? — gritou o AP. — Será que é verdade o que dizem sobre as louras?

Olhei atrás dele, pela janela de vidro da cantina, e vi Lionnel lá dentro. Ela não olhou para mim. Mas sorri comigo mesma, assinei o recibo e o devolvi. Era engraçado o jeito como as coisas aconteciam por ali, como as outras detentas faziam com que as coisas acontecessem. Eu não sabia exatamente o que tinha feito de certo, mas e daí?

Naquela semana a população inteira do Pavilhão foi convocada ao corredor principal para um encontro-surpresa com a equipe do presídio — um bando de homens brancos que pareciam entediados demais até para simular um sorriso. Fomos comunicadas de que:

1. A higiene está deixando a desejar! Vamos fazer mais inspeções.
2. Nada de fumar debaixo da janela do administrador da unidade!
Considerem-se avisadas!
3. Nada de sexo no Pavilhão! Sem exceção! Tolerância zero! E isso quer dizer vocês!

Não ficamos nada impressionadas. Todas as detentas sabiam que Finn, o supervisor principal, era preguiçoso demais para se dar ao trabalho de inspecionar os dormitórios para além do mínimo necessário e não fazia questão de fazer vigorar a maior parte dos regulamentos. A única coisa com a qual Finn parecia realmente se importar era a hierarquia (como ficou claro pelo fiasco de sua iniciativa com a placa com seu nome). E o administrador da unidade não estava nem aí para qualquer coisa que acontecesse no Pavilhão.

Contudo, em relação às acusações dos agentes, de fato as práticas sexuais haviam aumentado um pouco entre as moças desde que Butorsky saiu, o que levou à formação de alguns pares cômicos. Big Mama era um leviatã alegre que vivia no Dormitório A — espirituosa e ágil ao usar as palavras, benevolente e de constituição prodigiosa. Mas não esbanjava modéstia, como ficou provado pela maneira descarada com que ela seduzia uma série de mulheres muito mais jovens e magras do que ela no seu cubículo aberto. Eu simpatizava com Big Mama e ficava fascinada com o sucesso de sua vida amorosa. Como ela conseguia? Quais eram suas técnicas? Seriam as mesmas dos homens gordos de meia-idade que queriam transar com mocinhas? Depois as garotas não a rejeitavam, nem a desrespeitavam, então tinha sido por mera curiosidade? Eu ficava curiosa, mas não tinha coragem de perguntar.

O tempo todo as detentas e os funcionários da prisão dançavam para contornar os regulamentos. Quando um novo conjunto de funcionários substituiu o antigo, a dança começou do zero. Fiquei imensamente aliviada por ter me livrado do Ator Pornô Gay; era fantástico como a atmosfera se tornou muito mais suportável depois que ele foi embora.

No lugar do Ator Pornô tínhamos agora o Sr. Maple, que parecia ser o exato oposto do seu antecessor. O Sr. Maple era jovem, recém-saído do serviço militar no Afeganistão, e mostrava-se exageradamente amigável e cortês. Fez sucesso instantâneo entre as mulheres do Pavilhão. Eu ainda considerava que todos os APs eram, em essência, inimigos, mas começava a compreender por que uma presidiária poderia vir a enxergar um deles com algo mais do que ódio. Apesar das “lésbicas circunstanciais”, a ampla maioria das mulheres presas é heterossexual e sente falta de companhia, perspectiva e atenção masculinas. Uma minoria afortunada conta com um marido ou namorado que as visitam regularmente, porém a maioria não tem tanta sorte. Os únicos homens que elas veem são os guardas, e, se um AP for minimamente decente, as detentas vão acabar tendo alguma queda por ele. Se for um babaca arrogante, mais ainda.

É difícil conceber algum relacionamento entre dois adultos nos Estados Unidos que seja mais desigual do que aquela entre um detento e um guarda. O relacionamento formal, imposto pela instituição, é o de que a palavra de um significa tudo e a do outro, nada; uma pessoa pode mandar a outra fazer praticamente tudo, e uma recusa pode resultar em total cerceamento físico. Esse fato é um tapa na cara. Fora da prisão, mesmo com pessoas de autoridade — policiais, governantes, soldados — temos nossos direitos. Temos o direito de falar à autoridade, ainda que possamos não exercê-lo. Porém, quando cruzamos os muros de um presídio na condição de detentos, perdemos esse direito. Ele se evapora, e isso é apavorante. E não é nem um pouco surpreendente o fato de que a extrema desigualdade das relações diárias entre prisioneiras e seus carcereiros dê margem a abusos de todos os tipos, desde pequenas humilhações até crimes terríveis. Todos os anos, guardas em Danbury e em outras prisões femininas em todo o país são flagrados abusando sexualmente de detentas. Anos depois que voltei para casa, um dos guardas em Danbury, um veterano com dezessete anos de experiência em instituições correcionais, foi um deles. Processado, pegou um mês de cadeia.

Quando o Sr. Maple estava de serviço durante a noite, ele constantemente patrulhava os Dormitórios. Para mim era algo perturbador o fato de um

guarda — homem — me ver vestida apenas com aquela camisola enorme. Era mais perturbador ainda quando, acabando de me trocar na academia, de short e top, eu percebia um guarda me olhando. Não era tanto a ideia de eles estarem vendo o meu corpo, ainda que isso me desse nojo. Era mais a noção de que meus momentos íntimos — como trocar de roupa, ficar deitada na cama, ler, chorar — eram todos públicos, disponíveis para serem observados por aqueles homens estranhos.

Num dos seus primeiros dias de serviço, Maple estava entregando correspondências.

— Platte! Platte! Rivera! Montgomery! Platte! Esposito! Piper!

Eu me apresentei, ele passou minhas cartas, e fui me juntar ao resto do grupo. Algumas das mulheres estavam dando risinhos e cochichando. Fiquei ao lado de Annette e olhei para ela, intrigada.

— Ele chamou você de Piper!

Outras presas estavam me olhando com curiosidade. Não tinha acabado. Constrangida, fiquei muito vermelha, o que provocou mais cochichos.

— É que ele não sabe. Ele acha que é o meu sobrenome — expliquei, me defendendo.

No dia seguinte, na chamada da lista do correio, ele fez a mesma coisa.

— Esse é o *primeiro* nome dela — disse alguma espertinha, enquanto eu ficava vermelha de novo.

— É mesmo? — perguntou ele. — Não é muito comum.

Mesmo assim, ele continuou a me chamar de Piper.

CAPÍTULO 9

Dia das Mães



O Dia das Mães era celebrado com grande entusiasmo no Pavilhão. Desde o momento em que acordávamos, desejávamos um “Feliz Dia das Mães” umas às outras... repetidas vezes. Logo desisti de explicar que não tinha filhos e comecei a responder apenas: “Feliz Dia das Mães para você também!” Aproximadamente 80% das mulheres encarceradas nos Estados Unidos têm filhos, então era provável que eu acertasse.

Muitas mulheres haviam feito rosas vermelhas com caules longos em crochê para suas “mães de prisão” ou amigas. Algumas se organizaram em relacionamentos do tipo “família” um tanto formalizados com outras prisioneiras, sobretudo em duplas mãe-filha. Havia muitos pequenos clãs em Danbury. As mais jovens dependiam de suas “mães” para lhes dar conselhos, atenção, comida, empréstimos na cantina, afeto, orientação e até mesmo disciplina. Se uma das jovens se comportasse mal, ela poderia receber uma ordem de outra prisioneira irritada: “Fala com a sua mãe e vê se toma jeito!” Ou, se a garota estivesse fora de controle, seja por falar demais, por colocar o volume do rádio no máximo ou por qualquer outra coisa, a mãe poderia receber um pedido: “Você precisa falar com a sua filha, porque, se ela não se comportar, vou meter a porrada nela!”

Minha verdadeira “família” na prisão girava em torno de Pop. Ela exemplificava as formas complexas em que as árvores genealógicas crescem atrás das grades, como topiarias forçadas a assumir formatos bastante

estranhos. Minha “irmã” mais próxima era Toni, a nova motorista do presídio, que substituíra Nina como colega de cela de Pop. Por extensão automática, Rosemarie, a melhor amiga de Toni, era outra irmã — eu as apelidei de Gêmeas Italianas. Mas Pop tinha muitas outras “filhas”, incluindo Big Boo Clemmons, a ainda maior Angelina Lewis e Yvonne, que trabalhava com Pop na cozinha. Eu tinha uma afeição especial por Yvonne; chamávamos uma à outra de “a irmã que nunca quis”. Todas as “filhas” negras de Pop a chamavam de “mama”. Todas as brancas a chamavam de Pop. Ela não tinha filhas latinas, apesar das latinas em seu círculo de amizades.

A maternidade era venerada no presídio, mas muito complicada pela separação, pela culpa e pela vergonha. Para mim, as prisioneiras eram, em sua maioria, mães, avós e até mesmo bisavós de classe baixa ou média comuns. No entanto, algumas delas cumpriam penas muito longas — cinco, sete, doze, quinze anos. Eu sabia que, por estarem no Pavilhão de segurança mínima, havia pouca chance de terem sido condenadas por crimes violentos. Enquanto observava minhas vizinhas, jovens que não haviam nem completado o ensino médio, com os filhos na sala de visitas, perguntei-me repetidas vezes, *O que será que fizeram para terem sido trancafiadas aqui por tanto tempo?* Elas, certamente, não eram mestres do crime.

Nos três meses desde minha chegada em Danbury, eu vi várias mulheres grávidas tornarem-se mães; em fevereiro, a jovem Doris foi a responsável pelo primeiro parto que testemunhei na prisão. Eu nunca tinha observado uma mulher dar à luz antes e fiquei ao mesmo tempo fascinada e horrorizada ao ver Doris entrar em um estado em que seu corpo e seu bebê assumiram o controle, independentemente do ambiente. Para meu espanto, a população do Pavilhão foi prestativa e tentou ajudá-la o máximo possível — ela tinha meia dúzia de parteiras improvisadas à sua volta o tempo todo, verificando se ela precisava de alguma coisa, dando conselhos sobre como ficar mais confortável, contando histórias sobre os próprios partos e relatando o progresso dela para uma plateia de prisioneiras ansiosas. Os funcionários, certamente, não davam muita atenção ao que estava acontecendo; parto na prisão não era algo importante para eles.

Era o primeiro filho de Doris, e tudo o que ela queria era ficar deitada em seu beliche, o que, aparentemente, não era bom para ela ou para o bebê que lutava para nascer. Mulheres mais velhas se revezavam andando com ela de um lado para o outro no longo corredor principal do Pavilhão, conversando carinhosamente com ela, contando histórias e piadas. Observando atentamente estava a colega de cela de Doris, cuja barriga imensa abrigava o primeiro filho, também prestes a nascer. Ambas pareciam assustadas.

Na manhã seguinte, quando o tempo entre as contrações começou a diminuir, Doris foi levada para o hospital algemada. Em muitos lugares nos Estados Unidos, as prisioneiras grávidas ficam acorrentadas durante o parto, uma prática brutal e bárbara, embora esse não tenha sido o caso da pobre Doris. Após muitas horas de trabalho de parto, ela deu à luz um bebê de quatro quilos no hospital de Danbury e foi imediatamente levada de volta à prisão, pálida, abatida e triste. Sua mãe levou o bebê para a zona rural onde morava, a oito horas de distância. Não havia grande chance de o recém-nascido ver o pai num futuro próximo — Doris me disse que ele acabara de ser preso para cumprir três mandados de prisão. Felizmente, estava previsto que ela voltaria para casa ainda naquele ano.

Eu não havia testemunhado nada em Danbury que diminuísse meu medo de partos, mas, pela primeira vez, tive um vislumbre do que era o relacionamento entre mãe e filho. A única forma realmente segura de fazer outra prisioneira sorrir era perguntar a ela sobre seus filhos. Sempre havia famílias na sala de visitas, e essa era tanto a melhor quanto a pior parte das muitas horas que passei lá. Crianças pequenas cresciam enquanto as mães cumpriam pena, tentando manter um relacionamento através de telefonemas de quinze minutos e das horas passadas na sala de visitas. Nunca vi essas mulheres parecerem mais felizes do que quando estavam com os filhos, brincando com a pequena coleção de brinquedos de plástico que ficava num canto da sala e dividindo salgadinhos e doces comprados na máquina. Quando o horário de visitas acabava, era devastador assistir às despedidas. Em um ano, uma criança podia passar de um bebê chorão a uma criança impetuosa e falante; e as mães acompanhavam, de longe, jogos de futebol

americano e bailes de formatura, assim como as formaturas, os casamentos e os funerais de seus filhos.

Por mais duro que fosse para uma prisioneira receber a visita dos filhos, também era difícil para os pais ver suas filhinhas presas. Havia muitas garotas jovens entre nós, com dezoito e dezenove anos. Algumas delas já vinham se encaminhando para um lugar como Danbury havia algum tempo, mas uma decisão infeliz podia, repentinamente, atirar uma jovem em um sistema impiedoso e inflexível. A falta de antecedentes criminais e um histórico de boa conduta geral não tinham a mínima importância — as regras federais de sentenças mínimas determinavam a duração das penas. Se você confessasse a culpa (o que a maioria de nós fez), a única pessoa com alguma flexibilidade para determinar o tempo que você cumpriria era o promotor, não o juiz. Conseqüentemente, havia pais com semblante triste na sala de visitas — mas não os meus. Minha mãe parecia um raio de sol naquela sala.

Em suas visitas semanais, minha mãe sempre se vestia de forma impecável, com cores alegres, seus cabelos louros cuidadosamente penteados, maquiagem perfeita e com joias que eu havia lhe dado de presente em um Natal ou aniversário distante. Conversávamos por horas sobre meu irmão, seus alunos, meus tios e minhas tias e sobre o cachorro da família. Eu lhe contava sobre alguma habilidade de eletricitista que havia aprendido naquela semana. Minha mãe sempre parecia totalmente à vontade na sala de visitas e, depois que ela partia, eu sempre ouvia comentários das outras prisioneiras: “Sua mãe é tão legal, você tem muita sorte!” Ou: “Aquela é sua mãe? Fala sério! Pensei que fosse sua irmã!”

Eu já havia ouvido esses comentários durante a maior parte de minha vida adulta. Ela também, e, apesar de ter recebido esse elogio cerca de três mil vezes antes, ele sempre a deixava radiante. Antes, eu ficava ressentida. *Será que pareço uma quarentona ou cinqüentona?*, bufava. Mas, agora, gostava de ver a alegria dela quando as pessoas a comparavam a mim. Apesar do desastre em que eu havia nos metido, ela ainda tinha orgulho de ser minha mãe. Percebi que eu nunca tinha visto minha mãe parecer derrotada, nem mesmo quando

a vida lhe trazia dificuldades e decepções. Eu esperava que nossa semelhança não se limitasse ao azul de nossos olhos.

Meu pai, que estava a mais de 1.500 quilômetros de distância, conseguiu me visitar após o final do ano letivo. Seu alívio quando me viu foi palpável. Sempre fui uma filhinha de papai e pude perceber quanto ele sofria por ver sua garotinha, mesmo que uma garotinha com mais de trinta anos, num lugar como aquele. Ainda assim, nos divertimos comendo M&Ms de amendoim enquanto eu relatava todas as fofocas do lugar para ele absorver. A diferença entre nossos telefonemas semanais e as conversas presenciais era a mesma entre uma mensagem de texto e uma visita de fim de semana prolongado. Se houve um aspecto positivo nessa desgraça toda, foi que eu me dei conta, outra vez, da grandeza de minha família.

A visita de minha mãe naquele Dia das Mães foi maravilhosa — embora a sala de visitas estivesse uma loucura. Nunca a vira tão apinhada de grupos familiares grandes. As famílias de muitas mulheres em Danbury não tinham recursos para fazer visitas frequentes, apesar de viverem na cidade de Nova York. Avós e tias cansadas, que cuidavam das filhas de suas filhas ou irmãs durante a estadia na prisão, tinham uma grande dificuldade para arregimentar crianças pequenas e adolescentes para dentro dos ônibus, trens e táxis necessários para chegar a Danbury — cada trajeto da viagem podia demorar quatro horas, e ficava cara. Mas o Dia das Mães era especial: crianças de todas as idades invadiam o lugar e uma cacofonia de conversas fluía em diversos sotaques e línguas. No meio de tudo aquilo, estava minha mãe, sorrindo alegremente ao me ver entrar naquela confusão.

★ ★ ★

PARA MEU horror, recebi dois exemplares da revista *New Yorker* pelo correio. Alguém lá fora havia me enviado uma segunda assinatura. A Srta. Esposito, do Dormitório C, também recebeu uma, e ela já havia ficado zangada comigo quando o primeiro exemplar apareceu em março — ela achava um

desperdício de dinheiro o fato de nós duas recebermos a mesma publicação. As malditas revistas estavam tomando conta da prisão.

Esposito era estranha. Mulher grande e corpulenta, na casa dos cinquenta anos, ela tinha um cabelo *à la garçonne* desconcertantemente juvenil. Fazia questão de participar do comitê de boas-vindas a qualquer nova detenta, independentemente da raça — ela era de origem ítalo-americana. Certa vez, revelou ter sido líder da gangue Latin Kings (Reis Latinos), uma alegação que eu, inicialmente, encarei com ceticismo — por que os Latin Kings teriam uma Rainha Italiana? —, mas acabei descobrindo que era verdade. Ela era uma ex-intelectual radical dos anos 1960 que havia se envolvido em atividades de gangues atuantes em nível regional. Esposito estava cumprindo uma pena muito, muito longa.

Rapidamente entendi que, apesar de carente, ela não estava atrás de nada que eu não estivesse disposta a dar, além de gostar muito de minhas revistas e livros. Um dia, ela me procurou segurando um ventilador. Era um ventilador de mesa oscilante, de tamanho médio e feito de plástico, do tipo que você encontra em uma loja de eletrodomésticos baratos. Era parecido com o de Natalie.

— Colega, você vai ficar feliz por ter isso aqui quando o verão chegar — disse. — Já não dá mais para conseguir um desses. Pararam de vender eles na cantina.

A cantina agora vendia um ventilador bem menor, uma porcaria minúscula que custava 21,80 dólares. Os mais antigos eram muito valorizados, sobretudo pelas mais velhas, que pareciam sentir mais calor.

O ventilador de Esposito estava quebrado. O calor ainda não havia começado, mas ela estava estressada.

— Você pode dar uma olhada nisso aqui, lá na oficina elétrica? Faço qualquer coisa para consertar ele.

Minha resposta foi: não prometo nada, mas claro. Levei a geringonça para meu local de trabalho, no ônibus, na manhã seguinte, e o desmontei, enquanto minhas colegas observavam atentamente. Acabou sendo fácil consertá-lo, e fiquei feliz por meu acesso a ferramentas ter sido útil a outra

prisioneira. De volta ao Pavilhão, quando liguei o ventilador na tomada, triunfantemente, e ele começou a girar, Esposito quase desmaiou de felicidade. Eu me recusei a receber qualquer pagamento em artigos da cantina, mas Esposito me pagou em prestígio.

Quase imediatamente outra veterana me procurou, em busca de uma tábua que pudesse colocar por baixo de seu colchão para ajudar a diminuir sua dor nas costas. Havia várias mulheres mais velhas cumprindo penas muito longas — Pop, Esposito, Srta. Jones — e, se eu fizesse um favor para alguma, elas espalhavam a notícia para todo mundo. Logo fiquei cercada por mulheres com rádios e ventiladores quebrados e que pediam para eu consertar coisas em seus cubículos — ganchos para pendurar roupas, conduítes soltos, sapateiras quebradas, todo tipo de coisa.

Pequena Janet achava que aquilo tudo estava indo longe demais.

— Isso não é trabalho nosso, Piper. Não tem nada a ver com eletricidade, então por que temos de consertar?

— Ninguém mais vai fazer isso, querida. Os policiais não vão tomar conta de nós nesta merda. Temos que cuidar umas das outras.

Ela aceitava essa lógica e, além disso, estava preocupada com outras coisas naquele momento. Pequena Janet havia atraído para si uma admiradora, uma baixinha branca e desbocada chamada Amy. Amy era uma nova integrante do onipresente subgrupo de prisioneiras que eu chamava de Eminemetes, garotas brancas, vindas de bairros pobres, desbocadas e insolentes, que não aturavam desaforos de ninguém (exceto dos homens em suas vidas). Tinham sobancelhas muito finas, cabelos em tranças afro, vocabulário hip-hop, seus filhos não sabiam quem eram os pais, e elas consideravam Paris Hilton o suprassumo da beleza feminina. Amy era a mais baixa e a mais atrevida da nova geração de Eminemetes e havia se apaixonado por Pequena Janet, que, apesar de estar na prisão havia dois anos, parecia não ter a menor ideia de como lidar com uma paixão adolescente. Pequena Janet não se envolvia com mulheres, então Amy estava mirando o alvo errado. Pequena Janet não era tão malvada a ponto de dar um gelo em Amy; ela tolerava sua veneração imatura.

Porém, quando Amy foi designada para a oficina elétrica, Pequena Janet teve de impor as regras. Se Amy não parasse de escrever cartas de amor e agir como uma tola apaixonada, Pequena Janet pararia de falar com ela. Amy pareceu deprimida, mas resignada. Na minha opinião, Amy não era uma lésbica de verdade, e que aquilo era paixão de adolescente. Eu me sacrifiquei, por pena de Janet, e levava Amy comigo em algumas de minhas tarefas de limpeza. Não recusava um pedido de conserto, nem mesmo de pessoas de quem não gostava. É provável que tenhamos instalado centenas de ganchos de roupa adicionais, o que providenciávamos com um martelo e alguns ganchos em forma de “C”, enquanto Amy reclamava e xingava o tempo inteiro.

Apesar da boca suja e dos frequentes acessos de raiva dela, descobri em mim uma reserva surpreendente de paciência e passei a adotar com Amy uma abordagem suave, porém firme. Ela era como uma bala de tamarindo — açucarada, mas ao mesmo tempo muito azeda. Ninguém lhe dava qualquer apoio. Amy se apegou a mim, alternando entre me chamar de mãe e esposa — e as duas opções me faziam bufar com indignação fingida:

— Amy, eu não sou velha o suficiente para ser sua mãe e, quanto à outra parte, você não faz meu tipo!

Ser prestativa aumentou minha popularidade, e passei a receber bem mais sorrisos e acenos por todo o Pavilhão, o que diminuiu minha timidez. Após quase quatro meses na prisão, eu ainda era cautelosa, supercautelosa, e mantinha distância da maior parte das pessoas. Várias vezes, precisei responder à pergunta: “O que essa garota toda certinha está fazendo num lugar como este?” Todas presumiram que eu cumpria pena por algum delito financeiro, mas, na verdade, eu estava na mesma situação que a maioria das mulheres naquele lugar: condenada por envolvimento não violento com o narcotráfico. Isso não era nenhum segredo, já que havia muitas outras como eu; apenas no sistema federal (uma fração da população prisional dos Estados Unidos), havia mais de noventa mil prisioneiros condenados por crimes ligados a drogas, comparado com aproximadamente quarenta mil condenados

por crimes violentos. Manter um prisioneiro federal custa no mínimo 30 mil dólares por ano, e as mulheres, na verdade, custam mais ainda.

A maior parte das mulheres do Pavilhão era pobre, tinha pouca instrução e vinha de bairros onde mal havia negócios tradicionais, e o tráfico de drogas proporcionava a maioria das oportunidades de emprego. Os crimes típicos eram o narcotráfico em pequena escala, permitir o uso de seus apartamentos para atividades ligadas a drogas e trabalhar como “avião” e mensageiras, tudo por uma remuneração irrisória. Um mínimo envolvimento com o narcotráfico podia render uma pena de muitos anos, sobretudo se você tivesse um péssimo defensor público. Mesmo se você contasse com um ótimo advogado, ele ou ela certamente tinha uma carga de trabalho imensa e recursos limitados para usar em sua defesa. Era difícil acreditar que a natureza de nossos crimes fosse responsável por minha pena de quinze meses, em comparação com as penas muito mais longas de algumas das minhas vizinhas. Eu tive um advogado particular fantástico e um terninho elegante para combinar com meu cabelo louro.

Em comparação com as mulheres envolvidas em crimes de drogas, as criminosas de “colarinho branco” haviam demonstrado muito mais ganância, embora seus crimes raramente fossem glamorosos — fraude bancária; fraude de seguro; golpes com cartão de crédito; emissão de cheques sem fundos. Uma loura de cinquenta e poucos anos e voz rouca estava lá por fraude na bolsa de valores (ela gostava de me manter a par das desventuras dos filhos no internato); uma ex-banqueira de investimentos apropriou-se de dinheiro alheio para sustentar seu vício em jogo; e a casamenteira Rosemarie estava cumprindo uma pena de 54 meses por fraudar um leilão na internet.

Eu soube desses crimes porque as próprias autoras os revelaram, espontaneamente, ou porque outra prisioneira me contara. Algumas detentas, como Esposito ou Rosemarie, discutiam seus crimes com naturalidade; outras não falavam sequer uma palavra sobre o que as enviara para Danbury.

Eu ainda não tinha a menor ideia da razão pela qual Natalie havia sido condenada a oito anos naquele buraco. Nós nos dávamos bem e, certas noites, passávamos algumas horas agradáveis em nosso cubículo. Eu sentava

em meu beliche, lendo ou escrevendo cartas, enquanto Natalie escutava rádio lá embaixo. Ela anunciava:

— Colega, vou deitar na minha cama, ouvir música e relaxar!

Todos os domingos, limpávamos o cubículo juntas — usávamos sua preciosa bacia plástica cheia de água morna e sabão em pó. Ela limpava o chão com panos especiais surrupiados da cozinha, enquanto eu limpava as paredes e o teto com absorventes da caixa que ficava no banheiro, tirando toda a poeira e a sujeira das barras metálicas inclinadas e do sistema de *sprinklers* que passava por cima da minha cama. Em seguida, fazíamos minha cama juntas. Ninguém que estivesse lá havia muito tempo deixava a colega mais novata fazer a cama, como aprendi em meu primeiro dia.

Fiquei muito apegada a Natalie em pouco tempo — ela foi muito gentil comigo. E percebi que ser sua colega me conferiu uma credibilidade estranha entre as outras prisioneiras. Mas apesar de vivermos tão próximas uma da outra, ou mesmo por causa disso, eu não sabia quase nada sobre ela — apenas que era da Jamaica e tinha dois filhos, uma menina e um menino mais novo. Isso era tudo. Quando perguntei a Natalie se ela havia começado a cumprir sua pena na ICF, ela respondeu:

— Não, colega, naquela época as coisas eram um pouco diferentes. Estive lá por algum tempo, e não foi nada legal.

Isso era tudo que eu viria a saber. Estava claro que, em relação à Natalie, assuntos pessoais eram tabu, e eu tinha de respeitar isso.

No entanto, num mundo de mulheres confinadas em um espaço tão pequeno, histórias e segredos interessantes acabavam surgindo, fosse porque a prisioneira em questão, em algum momento, confiou seus segredos a uma fofoqueira ou porque os agentes penitenciários faziam fofocas. Claro, os funcionários não deveriam divulgar informações pessoais de prisioneiras, mas isso acontecia o tempo todo. Certas histórias eram amplamente difundidas. Francesca LaRue, uma fanática religiosa, violenta e doida do Dormitório B, havia sido desfigurada por cirurgias plásticas extremas. Com uma aparência bizarra, seios enormes, lábios de pato e até mesmo implantes na bunda, corria um boato de que ela havia realizado procedimentos de cirurgia plástica de

fundo de quintal e “injetado óleo de embreagem em pessoas” para dissolver celulite. Eu suspeitava de que a história verdadeira era uma simples fraude médica. Diziam que uma loura manipuladora de meia-idade havia roubado dezenas de milhões de dólares num golpe complexo. Uma idosa com seu andador mal havia chegado e os rumores começaram a se espalhar como fogo em um palheiro. Diziam que ela havia afanado uma soma considerável de sua sinagoga. A maioria das prisioneiras condenava seu comportamento. (“Não se pode roubar de uma igreja!”)

Qualquer história que você ouvisse de outra prisioneira precisava ser encarada com muito ceticismo. Pense no seguinte: junte esse tanto de mulheres em um espaço confinado, dê-lhes poucas coisas para fazer e muito tempo ocioso — o que mais seria de se esperar? Mesmo assim, fossem verdadeiras ou não, as fofocas ajudavam a passar o tempo. Pop sabia as melhores, as mais antigas e as mais reveladoras. Foi através dela que descobri a razão pela qual Natalie havia sido mandada para a ICF tantos anos antes: ela tinha jogado água fervente em outra prisioneira na cozinha. Não acreditei.

— A vadia estava ferrando ela e, você não sabe, Piper, sua colega é bem irritadinha!

Era difícil identificar esse tipo de raiva e agressão na minha colega quieta e digna, e que me tratava com tanta gentileza. Nas palavras de Pop, porém:

— Natalie não é fácil!

Ao perceber como eu havia ficado perplexa e perturbada ao saber sobre essa nova faceta de Natalie, Pop tentou me explicar alguns fatos da vida na prisão.

— Olha, Piper, as coisas estão bem calmas por aqui agora, mas nem sempre foi assim. Algumas vezes, dá merda. E lá embaixo, esquece. Algumas daquelas vadias são animais. Além disso, tem gente com pena perpétua por lá. Você precisa cumprir um aninho aqui, e sei que parece difícil para você, mas quando alguém está cumprindo uma pena de verdade, ou prisão perpétua, as coisas parecem diferentes. Você não pode aturar desaforo de ninguém, porque essa é sua vida: se aturar desaforo de alguém, sempre vai ter problemas.

“Eu conhecia uma mulher lá embaixo... Uma baixinha, bem quieta, ficava na dela, não incomodava ninguém. Ela estava cumprindo prisão perpétua. Ela trabalhava, andava na linha, ia para a cama cedo, e só. Aí uma garota apareceu lá; essa garota era um problema. Ela começou a encher o saco da baixinha, ficava sacaneando, perturbando o tempo inteiro. Era uma garota muito idiota. Bom, essa baixinha, que nunca causou problemas a ninguém, enfiou dois cadeados em uma meia e mandou ver na garota. Nunca vi nada parecido com aquilo antes, aquela garota ficou mal, sangue por todo lado, se ferrou. Mas, sabe o quê, Piper? Esse é o tipo de lugar onde estamos. E nem todas estão na mesma situação. Vê se lembra disso.”

Quando Pop me contava uma história como essa, eu escutava com atenção. Não tinha como verificar se era verdade ou não, como a maioria das coisas que ouvi na prisão, mas entendia que esses relatos tinham seu próprio grau de precisão. Descreviam nosso mundo como ele era e como o vivíamos. Essas lições eram sempre inestimáveis e permanentes.

Por sorte, o mais perto que cheguei de brigar não envolveu uma meia cheia de cadeados, mas comida fibrosa. Sempre que alguma coisa que não fosse couve-flor ou alface-americana aparecia no bufê de saladas, eu me esbaldava. Um dia, havia um monte de espinafre misturado com a alface, e alegremente comecei a selecionar folhas escuras para o meu jantar. Cantarolava uma melodia baixinho, tentando ignorar o barulho do refeitório. Mas, enquanto escolhia cuidadosamente o espinafre, evitando a alface, algumas palavras começaram a se destacar na barulheira, perto de meus ouvidos.

— Ei! Ei! Ei, você! Para de ficar escolhendo! Para de garimpar!

Olhei ao redor para ver de onde vinham os gritos e a quem eram dirigidos. Para minha surpresa, uma jovem musculosa com uma rede no cabelo me encarava. Olhei ao redor e gesticulei com os garfos de salada.

— Você está falando comigo?

— Claro que sim. Você não pode ficar escolhendo as folhas desse jeito. Enche o prato e continua andando!

Olhei para minha adversária de bufê de saladas, perguntando-me quem diabos ela pensava que era. Tinha uma vaga ideia de que era uma nova, com fama de encrenqueira nas celas. Poucos dias antes, Annette, que ainda estava lá, havia reclamado da falta de respeito dessa garota de dezoito anos. Pop me contou que ficar no bufê de saladas era um dos trabalhos de cozinha menos desejados porque exigia muita lavagem e corte para preparação dos pratos. Por isso, ele costumava ser realizado pela detenta menos qualificada na hierarquia da cozinha.

Fiquei furiosa por ela ter a ousadia de me confrontar. A essa altura eu achava que havia me estabelecido bem na ecologia social do Pavilhão. Não causava confusão com as detentas, era amigável, porém respeitosa e, portanto, era tratada com respeito. Assim, o fato de aquela garota me afrontar no refeitório me deixou enfurecida. Não só isso, mas ela também estava violando uma regra fundamental entre as presas: *Não me diga o que fazer — você tem oito números depois do seu nome, eu também*. Brigar em público com uma negra era uma situação muito perigosa, mas nem cogitei recuar diante daquela garota sem noção.

Abri a boca, tão zangada que comecei a cuspir, e gritei:

— Eu não como alface-americana!

Sério?, pensei. *É esse o desafio que você vai lançar?*

— Não estou nem aí para *o que* você come, só não fica aí garimpando!

De repente, percebi que o refeitório havia silenciado e que pessoas pararam para assistir àquele conflito incomum. Todas as brigas entre prisioneiras eram eventos esportivos, mas meu envolvimento numa delas constituía um fato bizarro. Fui transportada, instantaneamente, para o estacionamento da minha escola de ensino fundamental, quando Tanya Cateris me chamou para brigar, e eu sabia que a única opção era lutar ou passar um atestado de covardia para todos da escola. Nos bairros tranquilos de Massachusetts, escolhi ser covarde; aqui, eu não tinha essa opção.

Mas antes que pudesse respirar para enfrentar aquela desaforada e elevar o confronto a outro nível, Jae, minha amiga do trabalho e do Dormitório B, apareceu ao meu lado. Seu rosto, normalmente sorridente, estava sombrio.

Olhei para ela, que encarou a desaforada sem dizer uma palavra. E assim, imediatamente a desaforada virou-se e foi embora com o rabo entre as pernas.

— Você está bem, Piper? — perguntou Jae.

— Estou muito bem, Jae! — respondi, zangada, olhando na direção da desaforada. Decepcionadas, todas se voltaram para suas refeições, e o volume do falatório retornou ao nível normal imediatamente. Eu sabia que Jae acabara de me salvar de uma baita encrenca.

★ ★ ★

AGORA QUE eu tinha um rádio com headphone, mal podia acreditar como era fácil encontrar diversão durante o dia. Passei a correr na pista de atletismo diariamente, usando os tênis brancos que comprei na cantina. Conseguia ignorar o pandemônio do Dormitório B quando quisesse e dar muitas voltas adicionais na pista de oitocentos metros agora que tinha música nos ouvidos.

Rosemarie recomendou a WXCI, 91,7, a estação de rádio da Universidade Estadual de Western Connecticut. Eu havia esquecido os prazeres das rádios universitárias — a aleatoriedade deliciosa das músicas, as falas de vinte minutos de estudantes de dezenove anos entre as canções, a batida do som que eu nunca tinha ouvido antes contra minha cavidade cerebral. Eu me sentia no paraíso enquanto dava voltas naquela pista de atletismo, rindo de piadas bobas sobre Dick Cheney e ouvindo bandas novas, como a Kings of Leon, sobre a qual havia lido na revista *SPIN*, mas nunca tinha ouvido em meio à repetição infinita de rock clássico *versus* hip-hop *versus* música latina que era a trilha sonora da vida na prisão.

O melhor de todos era um programa semanal, *90s Mixtape*, que apresentava as melhores músicas de cada um dos anos 1990, um ano por semana. As dez melhores de 1991 incluíam Pavement, N.W.A., Naughty By Nature, Teenage Fanclub, Blur, Metallica, Nirvana e LL Cool J. Essas músicas me faziam pensar em Larry e na garota encrenqueira que eu era quando elas foram lançadas. Quando corria, revivia cada canção que tinha ouvido enquanto rodava pelo

mundo; uma jovem inconsequente e ignorante, que se meteu em uma encrenca tão grande que terminou naquela pista de cascalho treze anos mais tarde. Não importava quanto a minha situação atual era estúpida, sem sentido e dolorosa: enquanto ouvia *Mixtape* todas as semanas, não podia negar o amor que ainda sentia por aquela garota idiota, imprudente e audaz que ainda havia dentro de mim, embora apenas em minha mente.

★ ★ ★

DIA 17 de maio era meu aniversário de namoro com Larry. Era impossível negar a infelicidade de estarmos separados e de que essa realidade era minha culpa, mas quando encontrei as palavras certas na coleção de cartões gratuitos distribuídos na capela, me senti um pouquinho melhor.

*Esse é você, Coração,
Um negro tão bonito —
Que sabe quem ele é
E tem confiança em si mesmo.
Que não tem tempo
Para ficar de joguinhos,
Que merece meu respeito
E me respeita também.
Que dá muito de si mesmo
Para aumentar a confiança
E compromete seu coração
Com grandes sonhos para nós dois.
Que pode me deixar excitada
E me acalmar com amor,
E em cujos braços
Sinto todo o seu calor...*

E no interior:

*Esse é você, Coração
Um negro tão bonito
Essa sou eu, amando você
Com toda a minha paixão.*

Piadas à parte, o sentimento era verdadeiro.

Passei uma noite no beliche esboçando o que escreveria no cartão. Era nosso oitavo aniversário de namoro. Escrevi sobre como o tempo havia passado voando — estivemos juntos por um quarto de nossas vidas —, como todas as decisões arriscadas que tomamos juntos foram certas e como eu ansiava por voltar para casa e para ele, o homem da minha vida. Prometi que continuaria contando os dias até poder ficar ao lado dele, seja lá onde fosse.

★ ★ ★

CERTO DIA, quando chegamos ao trabalho, DeSimon saiu de seu escritório e trancou a porta.

— Hoje vamos treinar com a cegonha — anunciou. O que diabos significava aquilo?

No fim das contas, a cegonha era uma plataforma elevatória. Tentei descobrir qual seria sua utilidade — todos os prédios eram bastante baixos, e a própria ICF tinha poucos andares. DeSimon esclareceu minha dúvida. Havia alguns postes de luz com mais de cem metros de altura. A cegonha era usada quando uma lâmpada ou tomada em um deles precisava ser trocada ou consertada.

— Ei, nem pensar! — comentou Jae, que tentava ser transferida para o armazém. — Não tem a menor chance de eu subir nesse troço!

O resto da equipe concordou com ela.

Porém, ainda tínhamos de passar pelo processo elaborado de montar a cegonha corretamente — era, na verdade, uma pequena plataforma metálica, com uma grade de proteção em volta, que subia verticalmente quando se

apertava um botão. Se alguém não cumprisse todas as medidas de segurança, era fácil imaginar o resultado gosmento no chão de concreto.

Quando finalmente acertamos a montagem, DeSimon perguntou:

— Quem quer dar uma voltinha?

Algumas mulheres intrépidas — Amy, Pequena Janet, Levy — entraram na plataforma e apertaram o botão, com longas pausas antes de a cegonha atingir sua altura máxima e, depois, descer.

— Que medo!

— Quero tentar!

Subi na plataforma, e DeSimon me passou o botão de controle. Para cima, para cima, para cima — meu coração batia forte enquanto deixava o concreto lá embaixo, com os rostos de seis mulheres e de um barbudo acompanhando minha subida. Mais e mais alto. Eu conseguia ver tudo, por mais quilômetros do que imaginei, para além dos confins da prisão. Talvez eu pudesse ver meu futuro lá de cima. A plataforma inteira balançava por causa do vento, enquanto mantive o dedo no botão. Queria subir o máximo possível, apesar de estar segurando a grade de proteção com toda a minha força e sentir o sangue pulsar nas têmporas.

No limite de sua extensão, a cegonha parou com um solavanco, me assustando ainda mais. Minhas colegas, que cobriam os olhos por causa do sol, aplaudiram hesitantemente. Algumas saíram das outras oficinas para me ver.

— Ela é doida! — ouvi alguém dizer com admiração.

Olhei por cima da grade à qual me agarrava, sorridente. O Sr. DeSimon parecia tentar esconder um sorriso em sua barba.

— Desce daí, Kerman. Ninguém aqui quer desgrudar você do concreto.

Quase gostei dele naquele dia.

★ ★ ★

O LUGAR ficava cada vez mais vazio. Mais cedo no mês houve um influxo de caras novas, incluindo uma panelinha que havia contrabandeado maconha

para dentro do presídio por meio do expresso vaginal (o procedimento de agachar-se e tossir parece não funcionar tão bem assim), causando uma onda de revistas no Pavilhão inteiro. Mas, em seguida, o fluxo de novas prisioneiras cessou abruptamente. O boato que corria era que o DFP havia “fechado” o Pavilhão, aceitando apenas prisioneiras que já cumpriam pena em outras instalações, porque não queriam que Martha Stewart fosse enviada para Danbury. Não estava claro se essa medida se devia ao fato de o lugar ser um lixo nojento ou se foi tomada por alguma razão mais sinistra. A moratória na chegada de novas detentas parecia real, uma vez que o fluxo de caras novas diminuía até quase zero. Mas as mulheres continuavam a voltar para casa.

Queria que fosse eu a ir embora daquele lugar. A adrenalina do período de “Será que vou aguentar isso?” definitivamente havia esgotado, e o resto de minha pena em Danbury parecia muito longo. Larry e eu gastamos muito tempo e energia tentando diminuir minha pena para um ano, acreditando que isso representaria uma vitória. Agora que eu estava no meio dela, os meses pareciam intermináveis.

Mesmo assim, as novidades da socialização na prisão ainda conseguiam me distrair. Jae, como muitas das minhas pessoas favoritas, era taurina, um fato que descobri quando Big Boo Clemmons veio até o Dormitório B a fim de me convidar para a festa de aniversário dela. Big Boo era uma sapatão enorme, e com isso quero dizer que ela tinha pelo menos 130 quilos. Sua pele era bem sedosa, e ela era a mulher de 130 quilos mais atraente que eu já havia visto. Boo usava todo aquele tamanho para intimidar, mas sua circunferência era menos assustadora do que sua sagacidade. Ela tinha um domínio ferino sobre as palavras — era mestre das rimas do lugar, e seu carisma e charme eram inegáveis. Sua namorada, Trina, que tinha uns noventa quilos, era bonita, mas uma vadia de marca maior, e as outras prisioneiras costumavam chamá-la de “Cara redonda” — mas só pelas costas. Ela adorava brigar, e era tão desagradável quanto Boo era simpática.

Boo me informou a data e o horário da festa e disse que eu podia levar um *cheesecake*.

— Onde vai ser a festa? — perguntei.

Fiquei surpresa quando ela respondeu:

— Aqui mesmo no Dormitório B.

Em geral, as festas de prisão aconteciam nas áreas comuns; caso contrário, havia o risco de serem incomodadas pelos guardas.

Quando chegou o aniversário de Jae, me perguntei como ela devia estar se sentindo. Aquele deve ter sido seu segundo ou terceiro aniversário na prisão, e ela ainda tinha mais sete para enfrentar, como barreiras numa pista de atletismo muito comprida. Fui à festa logo após o jantar, levando o *cheesecake* nas mãos (era a única comida de prisão que eu sabia fazer). As convidadas se reuniram no corredor central do Dormitório B, diante do cubículo que Jae dividia com sua colega Sheena. A maior parte das convidadas vivia no Dormitório B, e levamos cadeiras dobráveis e bancos de nossos cubículos.

Minha vizinha bipolar Colleen estava lá, assim como Bobbie — uma amiga de Jae que pertencia a uma gangue de motoqueiros do Brooklyn —, Pequena Janet, Amy e Lili Cabrales, que eu havia observado em ação em minha primeira manhã no Dormitório B. Lili quase me deixou louca logo após minha mudança, porque gritava o tempo todo para o outro lado do aposento:

— Pookie, o que você está fazendo? Pookie, vem pra cá! Pookie, você tem sopa de miojo? Estou morrendo de fome!

Pookie era sua amiga especial, muito reservada, que vivia a dois cubículos de mim. Eu sentava no meu beliche e perguntava a mim mesma (e às vezes a Natalie):

— Quando será que ela vai calar a boca?

Lili era uma porto-riquenha escandalosa do Bronx, lésbica circunstancial e com jeito de poucas amigas. Mas algo interessante aconteceu, sobretudo depois que Pookie foi para casa e Lili ficou menos barulhenta: comecei a gostar dela. Acho que ela também começou a gostar de mim, até chegarmos ao ponto de ela me apelidar de “Golfinho”, por causa da minha tatuagem, e eu a fazia rir muito com piadas bobas.

Delicious, a animada admiradora de peitinhos, estava lá — ela jogava copas com Jae. Delicious parecia um clone de minha velha amiga Candace. Isso

pode parecer surpreendente, uma vez que Candace é uma branca do norte da Califórnia, formada na Universidade Dartmouth, executiva importante na área de relações públicas numa empresa de tecnologia da Costa Oeste, mãe de um filho e fã de palhaços, enquanto Delicious é uma negra de Washington que parecia ter barba por fazer, com várias tatuagens, unhas excepcionalmente compridas e trabalhava como lavadora de pratos enquanto afiava sua voz excelente e suas gozações improvisadas. Mas elas tinham cabelos, estatura e narizinhos empinados idênticos, e o mesmo jeito tranquilo-meio-hiperativo de olhar o mundo. Isso me dava arrepios. Delicious cantava o tempo inteiro. O. Tempo. Inteiro. Ela preferia cantar a falar. Assim que pisei no Dormitório B, ela me perguntou: “Você tem livros sobre gangues?” Quando contei a ela sobre minha amiga Candace e sobre como elas pareciam gêmeas, Delicious olhou para mim como se eu fosse a pessoa mais estranha que já tinha visto.

Para a festa, Boo havia preparado um jogo para nós. Escreveu charadas rimadas sobre cada uma das convidadas, e tínhamos de adivinhar a identidade da pessoa da charada. Esse jogo era uma novidade irresistível, e logo estávamos rindo umas das outras, apesar de Boo ter tomado o cuidado de conter seu sarcasmo para não ferir ninguém.

*Ela mora bem aqui
Entre você e eu,
E quando você a avistar
No mar vai pensar.*

Quando Boo leu a rima, tive que me controlar para esconder o sorriso, enquanto olhava à minha volta rapidamente. A maior parte das mulheres parecia confusa, mas algumas delas estavam sorrindo, contentes por terem decifrado a charada imediatamente.

— Quem é? — perguntou Boo. Algumas deram de ombros, o que a deixou irritada.

— É Piper! — gritaram Sheena e Amy, em uníssono, triunfantes.

— Não entendi — disse Trina, fazendo beicinho para a namorada. — Isso não faz sentido.

Boo ficou exasperada:

— “Ela mora bem aqui entre você e eu”, isso significa que mora no Dormitório B. “E quando você a avistar, no mar vai pensar”, isso é a tatuagem dela. Entendeu? *Avistar, mar?* O peixe?!

— Ah, entendi! — disse Lili Cabrales, sorrindo. — É o meu Golfinho!

CAPÍTULO 10

Minha aluna VC



Eu tinha aprendido muita coisa desde minha chegada à prisão, cinco meses antes: como fazer faxina usando absorventes, como instalar uma luminária, como distinguir se determinado par era formado por duas grandes amigas ou duas namoradas, quando xingar alguém em espanhol, saber a diferença entre “estar numa boa” (se sentir bem) e “estar meio assim” (se sentir mal), o modo mais rápido de calcular a redução da sentença de alguém por bom comportamento, como perceber uma “Maria Cantina” e como saber com quais guardas dava para conversar e de quais a gente deveria manter distância. Cheguei até a aprender uma receita do cânone culinário da prisão: *cheesecake*.

Minha primeira incursão no campo da culinária para contribuir com a festa de despedida de uma das garotas consistiu em preparar um *cheesecake* de acordo com as instruções — transmitidas em espanhol e mímica — de minha colega de trabalho Yvette. Ao contrário de grande parte das receitas que circulavam pelo presídio, a maioria dos ingredientes podia ser comprada na cantina.

Cheesecake da prisão

1. Prepare o material para a base usando biscoitos de maisena triturados com quatro partes de margarina roubada do refeitório.

Asse dentro de um recipiente de plástico por mais ou menos um minuto no micro-ondas e deixe que esfrie e endureça.

2. Pegue um pedaço de queijo fundido (tipo A Vaca Que Ri), amasse-o com um garfo e misture com um pote de creme de baunilha até ficar macio. Misture aos poucos os ingredientes numa garrafa de plástico grande de iogurte, mesmo que pareça meio grosseiro. Sacuda bastante até amolecer. Acrescente suco de limão tirado do refeitório até que a mistura comece a engrossar. Observação: isso vai exigir o conteúdo de uma garrafa inteira de suco de limão.

3. Despeje o conteúdo numa tigela por cima da crosta já preparada e coloque para gelar no balde de limpeza da sua colega de beliche até que esteja pronto para servir.

Da primeira vez ficou um pouco mole; eu deveria ter usado mais suco de limão. Mas foi um grande sucesso. Yvette ergueu as sobrancelhas ao provar. “*Buena!*”, proclamou ela. Fiquei muito orgulhosa.

Bem, eu não tinha nada contra a culinária do presídio ou as técnicas de sobrevivência, mas já era tempo de aprender alguma coisa mais produtiva. De maneira simpática, porém persistente, Janet Ioga vinha me convidando para participar de sua aula e, quando dei um jeito nas costas, ela colocou gelo enquanto eu ficava deitada no meu beliche.

— Você devia mesmo ter umas aulas de ioga com a gente — ralhou ela de modo afável. — Correr causa impacto demais sobre o corpo.

Eu não estava disposta a abrir mão da pista de atletismo, mas comecei a descer até a academia para ter aulas de ioga várias vezes por semana. Larry riu quando lhe contei. Durante anos ele tinha tentado me convencer a fazer ioga num estúdio chique no centro de Nova York, e ele achou ao mesmo tempo

divertido e irritante que eu tivesse precisado ser presa para fazer a posição do Cachorro Olhando para Baixo.

A academia coberta tinha um piso emborrachado. No início, usávamos pequenos colchões azuis de espuma, porém, com grande esforço e persistência, Janet Ioga fez a mágica de conseguir tapetes de ioga de cor laranja, doados por alguém de fora do presídio. Alta, calma e objetiva, Janet conseguia passar a sensação de que estava nos transmitindo algo importante e valioso, sem levar-se a sério demais.

Camila, do Dormitório B, estava sempre lá. Ao lado das muitas desajustadas em Danbury, Camila chamava a atenção instantaneamente. Meu amigo Eric, ao notá-la um dia na sala de visitas, classificou-a como “a presidiária mais sexy dos Estados Unidos — sem desmerecer você, Pipes”. Ela irradiava saúde e beleza; alta, esguia, com uma lustrosa cabeleira negra, pele morena, um queixo fino e grandes olhos negros, estava sempre rindo, e bem alto. Sua disposição para rir me atraía, mas justamente essa característica não era bem-vista entre algumas mulheres brancas.

— Essas porto-riquenhas parecem nem saber que estão presas; estão sempre rindo e dançando como idiotas! — criticava, sarcástica, Sally, a deprimida, que desejava que todas fossem tão infelizes como ela.

E tão ignorantes como ela: Camila era colombiana, não porto-riquenha. Camila demonstrou uma aptidão natural para ioga, dominando com facilidade a posição do guerreiro e a ponte, rindo sem parar comigo quando tentávamos nos equilibrar em uma perna, enquanto enroscávamos a outra.

No tapete ao lado de Camila costumava ficar Ghada. Ela fazia parte do pequeno grupo de mulheres muçulmanas que conheci na prisão. Era difícil dizer sua idade — seu rosto exibia rugas profundas, mas ela aparentava uma enorme vitalidade —, poderia estar na casa dos cinquenta ou sessenta anos. Seus cabelos eram grisalhos, e ela os escondia debaixo das echarpes improvisadas com que costumava enrolar na cabeça — feitas às vezes com uma fronha, outras vezes com um guardanapo de pano contrabandeado do refeitório. Nunca entendi a história direito, mas parece que os guardas confiscavam as echarpes. Não tínhamos permissão para usar “bandanas” com

o uniforme, apenas bonés de beisebol comprados na cantina ou gorros de lã do uniforme regulamentar que coçavam como o diabo. Eu achava que deveria haver uma exceção para o caso das mulheres muçulmanas. Nunca consegui descobrir se eu é que estava enganada e o *hijab* era realmente proibido no sistema penitenciário ou se Ghada não ficara sabendo como solicitar autorização para usar um lenço de cabeça na prisão. Ela não gostava muito de regras.

Ghada era do Líbano, mas tinha vivido na América do Sul por muitos anos, e por isso era fluente em espanhol, com um inglês bastante fraco. Por ter vivido tanto tempo na América Latina, Ghada era uma espécie de mami espanhola honorária. Isso era bom para ela, já que fazia questão de ignorar a autoridade dos funcionários da prisão e não mostrava interesse pelas regras da instituição. Só os esforços monumentais de suas amigas para protegê-la das consequências de sua indiferença eram capazes de mantê-la fora da UAS. Isso fazia com que ela fosse alvo ao mesmo tempo da admiração e da irritação de suas colegas. Ninguém parecia saber qual era a de Ghada, mas todas concordavam que ela devia ser mais uma VC. Ghada adorava Janet Ioga, sendo essa a principal razão pela qual participava das aulas. Não era tão interessada em fazer as posições de ioga corretamente, mas injetava grande entusiasmo naquele ritual.

A última integrante do nosso grupo eclético de aspirantes a iogue era a Irmã Platte, que encarava os exercícios com grande seriedade. A Irmã tinha os quadris enferrujados, de modo que movimentos de torção e a posição do pombo faziam-na franzir as sobancelhas, e, se ela tivesse abusado das batatas fritas gordurosas na refeição do almoço, costumava ter dificuldades para se curvar. Quando eu me dedicava a um movimento mais arrojado, a pequena freira ficava me examinando antes de perguntar, num tom de queixa:

— O que estou fazendo de errado?

Entre nós cinco vigorava um espírito de camaradagem que transformava essas poucas horas de aula nas mais agradáveis de toda a semana. A cada aula, nós nos encontrávamos para buscar a paz que, em Danbury, só podia ser encontrada no interior de nossos próprios corpos. Cada sessão terminava

com o relaxamento estimulado por Janet, quando ela nos falava calmamente sobre o trabalho que havíamos acabado de concluir e sobre as coisas pelas quais deveríamos ser gratas todos os dias, juntas, na prisão. E, a cada semana, Ghada caía no sono poucos minutos depois de começarmos o relaxamento final, roncando sonoramente até que alguém a acordasse.

★ ★ ★

CERTA NOITE, a Srta. Mahoney, a alegre administradora educacional da FCI, nos deixou muito felizes. A Srta. Mahoney era um dos raros integrantes do quadro de funcionários que parecia estar do nosso lado. Que eu saiba, ela era uma das poucas coisas que se salvavam no departamento educacional. É verdade que ela tinha o hábito irritante de ser espalhafatosa ao falar no sistema de alto-falantes. Naquela noite em particular, ela anunciou que uma aula sobre consciência de gênero seria ministrada no refeitório. Não estava claro o que exatamente seria discutido ali.

Então ela foi ao que interessava:

— As seguintes senhoras poderiam, por favor, comparecer à sala do AP para receber os resultados das provas do supletivo...

E dava para perceber só pelo tom da sua voz que as notícias sobre a prova eram boas para cada um dos nomes chamados.

— Malcolm! — chamou Mahoney.

Pulei do meu beliche. Natalie tinha tentado aquela prova de equivalência do ensino médio mais de dez vezes e, com certeza, já deveria ter passado nela havia muito tempo. Ela ficava nervosa durante a prova e, quase sempre, a parte de matemática se revelava como sua quimera. Onde estava Natalie?

Quando cheguei ao corredor principal, já escutei gritos de alegria, e mulheres saíam das celas e dormitórios para comemorar. Quando uma mulher de 25, 35 ou 45 anos batalhou para conseguir seu diploma de conclusão do ensino médio na prisão, fazendo simulados e mais simulados, tentando aprender alguma coisa num programa mal administrado e em turmas marcadas por todo tipo de comportamento delinquente por parte de

estudantes, e então consegue ser aprovada de verdade, isso representa uma vitória. Algumas dessas mulheres tinham abandonado a escola trinta anos antes e finalmente estavam agora conquistando uma das únicas coisas positivas — uma das únicas formas de reconhecimento — que se pode conseguir numa prisão. Além disso, a aprovação significava que aquelas mulheres podiam finalmente ganhar salários acima do piso pago pelos trabalhos realizados no presídio — quem não tivesse aquele diploma e não recebesse dinheiro de fora estava ferrada. Natalie tinha dado duro durante muitos anos como padeira experiente na cozinha daquela prisão, era considerada uma valiosa integrante da equipe, e, no entanto, não podia receber mais do que 5,60 dólares por quarenta horas de trabalho por semana.

Onde estava a Srta. Natalie? Seu nome já havia sido chamado cinco vezes, mas eu não a tinha visto em meio ao grupo de mulheres eufóricas que gritavam e riam no corredor principal. Onde estava minha enigmática companheira de beliche, aquela mulher dona de si? Eu sabia quanto Natalie desejava aquele diploma, e temia que ela tivesse ficado magoada ao ver quanto tempo tinha demorado para vencer a barreira da matemática. Com certa dignidade constrangida, ela havia recusado minhas ofertas de ajuda com os estudos. Agora, aquele era o seu momento! Será que estaria escondida, com vergonha de se juntar à orgia de congratulações e abraços ilegais que estava acontecendo naquele saguão?

Não, espera, ela estava lá embaixo na pista de atletismo! Eu a tinha visto calçando seus tênis. De sandálias, como estava, disparei pelo corredor, saí do edifício e desci as escadas em alta velocidade para chegar até a pista. Ela sequer sabia o que tinha acontecido! Ainda no meio da escada, eu já gritava lá para baixo, para as outras que estavam na pista:

— Minha companheira de beliche está por aí?

Dei a volta na academia, e lá estava ela com sua amiga maluca, Sheila.

— Amiga! Saiu o resultado da sua prova! — gritei, ofegante.

Natalie sorriu, nervosa.

— Vamos lá, amiga, sobe e vai ver!

— Ok, amiga, já vou — respondeu Natalie, sem pressa, mantendo sempre a postura de uma dama.

Subi as escadas enquanto algumas outras desciam.

— Onde está Natalie? Cadê a Srta. Malcolm? Lá está ela! Vamos lá, Natalie! Minha colega parecia surpresa, mas ainda não se apressou. Tinha no rosto aquela expressão de ceticismo, sem querer se entregar a celebrações até que tivesse visto a causa daquilo tudo com os próprios olhos.

Ao entrar no Pavilhão, com um grande cortejo à sua frente e às suas costas, o barulho no saguão era ensurdecedor, com as pessoas chamando “Cadê a Srta. Malcolm?” Ela se viu imediatamente envolvida pelas pessoas à sua volta abraçando-a e cumprimentando-a. À medida que avançava lentamente pelo saguão, Natalie ria e sorria, parecendo comovida.

Perto da porta da sala do AP, alguém sacudia sua prova no ar:

— Natalie, você conseguiu!

De repente, pensei que iria perder o controle e começar a chorar ali mesmo, e olha que eu não era de chorar fácil. A eclosão de tamanha felicidade coletiva naquele lugar tão infeliz quase foi demais para mim. Era como uma colisão de ar quente e ar frio, criando um tornado bem ali no meio do saguão. Respirei fundo, dei um passo para trás e assisti à minha companheira sendo cercada por uma multidão que lhe dava os parabéns. Quando eu a felicitei, na relativa privacidade do nosso cubículo, ela tentou minimizar seu triunfo, mas eu podia ver que estava muito realizada.

★ ★ ★

O FATO de que eu havia me acostumado à vida na prisão chocou meus amigos e familiares, mas ninguém lá de fora pode realmente compreender o efeito galvanizador de todos aqueles rituais rígidos, sejam os oficiais ou os informais. É esse o paradoxo enganoso e cruel das longas sentenças. Para mulheres que cumprem penas de sete, doze ou vinte anos, a única maneira de sobreviver é aceitar a prisão como o seu universo. Mas como elas poderiam sobreviver no mundo exterior, quando fossem libertadas? “Institucionalizada”

era um dos maiores insultos que poderia ser atirado na cara de outra prisioneira, mas, quando alguém resistia aos sistemas de controle, sofria uma dura retaliação. O lugar onde você se encaixava e em que medida você queria se sentir confortável dependiam da duração da sua sentença, do grau de contato que você mantinha com o mundo exterior e da qualidade da vida de que desfrutava no mundo lá fora. E caso resistisse a encontrar um lugar na sociedade da prisão, acabaria se sentindo terrivelmente solitária e infeliz.

A Sra. Jones estava na prisão havia mais tempo do que qualquer outra presa, mas voltaria para casa no ano seguinte. Seu cubículo, parte do programa de Cachorrinhos, era individual e ficava no canto do Dormitório A, perto da porta de saída. Era tão aconchegante que todas nós tínhamos pelo que aconteceria quando a Sra. Jones fosse embora.

— Gosto deste cubículo. Tenho todo o ar fresco de que preciso e ainda posso passear com os cachorros na hora que quiser! — disse ela, rindo.

Durante o dia, eu gostava de dar uma passada no cubículo da Sra. Jones para brincar com Inky, o labrador que ela estava treinando para ajudar deficientes. Eu me sentava no chão para fazer carinho na barriga de Inky, enquanto a Sra. Jones mexia nas coisas do cubículo, me mostrando fotos de mulheres com as quais tinha cumprido pena ou seus últimos projetos de crochê (ela havia se especializado em meias natalinas) e perguntando se eu gostaria de ficar com algumas das coisas que ela havia acumulado ao longo de quinze anos de prisão.

A Sra. Jones passava muito tempo lá embaixo na pista de atletismo caminhando com Inky e tinha ficado impressionada pelo fato de eu correr. Ela estava muito preocupada por estar acima do peso e por isso começou a correr também.

— Você e eu vamos competir! — brincava ela, batendo com força no meu ombro. — Vamos ver se você aguenta o tranco!

No entanto, o tamanho da Sra. Jones a atrapalhava, e, depois de ofegar ao longo de uma única volta, ela desabou num banco, respirando com dificuldade. Sugeri que, em vez de correr, tentasse uma marcha atlética. Isso

ela conseguiu fazer, e costumava andar num ritmo rápido, arfando a manhã toda, obsessivamente.

Certo dia a Sra. Jones veio me procurar no meu cubículo. Eu estava escrevendo cartas no meu beliche. Ela ficou olhando em volta como uma menina, um gesto que achei perturbador.

— O que foi, Sra. Jones?

— Tá muito ocupada?

— Nunca estou ocupada demais para você, VC. Pode entrar.

Ela chegou mais perto do beliche e murmurou, num tom conspiratório:

— Preciso pedir um favor.

— Manda ver.

— Sabe que estou na turma da faculdade, né?

As aulas eram de um curso básico de administração ministrado por uma dupla de professores de uma universidade da região. Não ajudava muito em termos de aumentar as chances de alguém obter um diploma universitário (para isso era preciso pagar um curso por correspondência), mas pesava na hora de obter créditos no “programa” junto ao agente responsável pela detenta. A estes cabia a tarefa de administrar o cumprimento das nossas sentenças, o que significava recalcular a redução de nossas penas por bom comportamento (esperava-se que cumpríssemos apenas 85% da sentença, se fôssemos avaliadas dessa forma), recolher multas das nossas contas de detentas (quem não pudesse pagar as multas não conseguiria uma redução da pena) e definir as atividades do “programa”, incluindo aulas obrigatórias de reintegração social. Os “programas” disponíveis para as presas eram fracos e escassos. O curso oferecido pelos professores universitários era uma das únicas opções, mas, depois de ler e ajudar várias mulheres a rever seus “deveres de casa”, tornei-me um pouco cética em relação à utilidade daquele curso. O plano de negócios de Camila para abrir uma concorrente da Victoria’s Secret, por exemplo, era um trabalho interessante, embora altamente hipotético e totalmente desvinculado do que ela poderia fazer ao sair da prisão, dentro de cinco anos.

— Como está indo o curso, Sra. Jones?

Ela explicou que não estava indo muito bem. Havia recebido uma nota baixa pelo seu plano de negócios. A VC estava preocupada.

— Preciso de uma tutora. Você pode me ajudar? Temos de entregar um trabalho sobre um filme que vimos. Eu pago a você.

— Sra. Jones, você não vai me pagar nada. É claro que vou ajudar. Pode trazer o que já fez e vamos dar uma olhada nisso juntas.

Quando concordei em ajudar a VC, tinha em mente uma típica relação entre estudante e tutor; eu conversaria com ela sobre suas tarefas, faria perguntas estimulantes, revisaria e corrigiria seus trabalhos. Ela voltou, trazendo seu caderno e papéis, além de um livro que colocou em cima da minha cama: *A administração na próxima sociedade*, de Peter Drucker.

— O que é isso?

— É o livro do nosso curso. Você precisa ler.

— Não, Sra. Jones, *você* precisa ler isso.

Ela me olhou, com uma expressão angustiada e suplicante.

— Isso me dá dor de cabeça.

Eu me lembrei de que, além de ser meio maluquinha após ficar trancafiada por mais de uma década, diziam que a Sra. Jones tinha ficado com um parafuso a menos depois de sofrer maus-tratos nas mãos de um marido violento.

Franzi a sobancelha.

— Vamos dar uma olhada no trabalho que você precisa entregar, aquele sobre o filme.

Isso provocou outro olhar angustiado.

— *Você* tem de fazer isso; eu não consigo! Eles não gostaram do meu último trabalho — disse ela, me mostrando seu plano de negócios, constrangida. Ela tinha recebido uma nota baixa, rabiscada com uma caneta vermelha.

Dei uma folheada no trabalho. A letra da Sra. Jones era difícil de entender, mas percebi que, mesmo que sua caligrafia fosse irrepreensível, o conteúdo do trabalho não faria muito sentido. Senti meu estômago se contraindo. Eu

podia ser uma criminosa condenada, porém, na condição de filha de professores, tinha uma profunda aversão a trapacear em trabalhos escolares.

— Sra. Jones, eu não posso escrever os trabalhos para você. E como poderia escrever sobre um filme que não vi?

— Eu tomei notas! — disse ela, e as atirou na minha direção, triunfante.

Ah, que ótimo. Parece que o filme tinha algo a ver com a Revolução Industrial.

O que era melhor? Deixar que a Sra. Jones fracassasse sozinha ou ajudá-la a trapacear? Eu sabia que nunca iria deixar que ela fracassasse.

— VC, porque não fazemos assim, eu faço perguntas sobre o filme e ajudo você a montar um esboço, e aí então você poderia tentar escrever o trabalho?

A Sra. Jones balançou a cabeça, teimosa.

— Piper, olha o meu plano de negócios. Não consigo escrever isso. Se você não me ajudar, Joanie, no Dormitório A, disse que faria isso para mim. Mas você é mais inteligente do que ela.

Joan Lombardi não era nem de longe uma cientista, e eu sabia que ela iria cobrar a Sra. Jones por seu trabalho como “tutora”. Além disso, meu ego também estava em jogo.

Soltei um suspiro.

— Deixe-me ver suas anotações.

Depois de extrair dela algumas informações sobre o filme, mesmo sem nenhum contexto, comecei a escrever um trabalho incrivelmente genérico de três páginas sobre a Revolução Industrial. Ao terminar, levei o texto, escrito com todo o capricho, até o cubículo da VC, no Dormitório A.

Ela ficou eufórica.

— Sra. Jones, você vai copiar este trabalho com a sua própria letra, certo?

— Bobagem, eles nunca vão perceber.

Fiquei imaginando o que aconteceria comigo se os professores dela descobrissem aquilo. Achava que não fossem me mandar para a UAS ou me expulsar da prisão.

— Sra. Jones, quero que você pelo menos leia o trabalho, para saber do que se trata. Promete que vai fazer isso?

— Juro, Piper, palavra de honra.

A Sra. Jones ficou louca de alegria ao receber o trabalho de volta na sala.

— Um *A*! Recebi um *A*! — disse, orgulhosa.

Também recebemos um *A* no trabalho sobre o filme seguinte, e ela ficou em êxtase. Eu não acreditava que seus professores não tivessem nenhum comentário a fazer sobre a diferença entre aqueles trabalhos e o anterior — sem falar na caligrafia diferente.

E então ela ficou séria.

— Precisamos escrever o trabalho final. Isso vale metade da nota, Piper!

— Qual é a tarefa, VC?

— Tem que ser um trabalho sobre inovação e baseado no livro do curso. E tem que ser mais longo!

Deixei escapar um gemido. Queria evitar a todo custo ler o livro de Peter Drucker. Tinha passado toda a minha carreira, tanto acadêmica como profissional, fugindo daquele tipo de livro sobre negócios, e agora eles finalmente tinham me alcançado na prisão. Se eu quisesse fazer com que VC passasse no curso, não tinha como deixar de ler o livro.

— Inovação é um tema um pouco amplo, Sra. Jones. Tem alguma ideia de um assunto mais específico?

Ela me lançou um olhar desamparado.

— Muito bem, que tal... Automóveis mais eficientes? — sugeri.

A Sra. Jones estava trancada lá dentro desde meados dos anos 1980. Tentei explicar o que vinha a ser um carro do tipo flex.

— Parece legal! — disse ela.

Larry não entendeu nada quando lhe pedi que colocasse no correio alguns artigos básicos sobre automóveis híbridos tirados da internet. Tentei explicar a ele a situação do trabalho de fim de curso da VC. Ele estava completamente atolado, tendo acabado de começar no seu novo cargo de editor de uma revista masculina. Nas negociações que tinha feito ao aceitar o emprego, havia pedido o direito de trabalhar meia jornada nas quintas ou sextas, para que pudesse visitar sua namorada na cadeia. Eu ficava tentando imaginar como exatamente teria sido essa conversa. Era incrível quanto ele fazia por

mim. Logo recebi pelo correio um pacote cheio de informações e comecei a me arrastar pelas páginas de *A administração na próxima sociedade*.

★ ★ ★

ENTRE AS últimas presas que chegaram em maio, antes de a prisão ser “fechada” para desviar Martha Stewart para outra instituição, estavam três novas presas políticas, pacifistas como a Irmã Platte. Tinham sido detidas e enviadas para o presídio por protestarem na Escola das Américas, o centro de treinamento dos Estados Unidos para militares latino-americanos (leia-se: polícias secretas, torturadores e assassinos), localizada na Geórgia. Essas novatas especiais eram protagonistas do movimento de esquerda, com seus rostos pálidos e sinceros, que se mostravam dispostas e ávidas a se sacrificar pela causa — e a discuti-la *ad nauseam*. Uma parecia com o Sr. Burns, dos *Simpsons*, com olhos azuis lacrimejantes, postura caída e pomo de adão, e parecia irritada pela situação em que se encontrava; a outra era como uma jovem noviça num convento, com cabelos curtos e uma expressão de permanente surpresa; e havia Alice, que tinha cerca de 1,5 metro e os óculos de lentes de fundo de garrafa mais grossas que eu já havia visto. Ela era tão amistosa quanto os filhotes do programa de Cachorrinhos, e tão falante quanto suas colegas eram retraídas. Às vezes elas se juntavam a nós nas aulas de ioga.

Essas três formavam uma fila atrás da Irmã Platte, seguindo-a como filhotes de pato seguem sua mãe. Eu achava ótimo que a Irmã Platte contasse com um grupo de pacifistas — sim, o governo tinha gasto milhões de dólares dos contribuintes processando e prendendo pessoas por participarem de protestos não violentos, mas agora, aqui dentro da prisão, os presos políticos formavam uma comunidade de pessoas com as mesmas ideias. Com certeza a Irmã apreciava a companhia delas, discutindo horas a fio no refeitório teorias e estratégias para derrotar o complexo industrial-militar. Alice e as outras acusadas conseguiram trabalhos de tutoras no curso supletivo, a vaga que anteriormente eu havia cobiçado, mas que agora não me interessava mais.

Eu me sentia culpada por preferir o trabalho no SCM, mas tinha observado os desdobramentos desagradáveis no departamento educacional e vinha mantendo distância dele. Após o fechamento do curso supletivo no inverno, graças ao mofo, todos os livros e materiais didáticos contaminados tinham sido jogados fora sem serem substituídos. A prisão havia transferido uma professora especialmente popular entre nós para o ICF — acho que ela havia demonstrado uma simpatia excessiva pelas presas. Para o seu lugar, foi designado um novo diretor do setor de educação, um tipo vulgar, que usava *mullets*, dirigia um carro esportivo — eu o chamava de Tampinha — e que, segundo rumores, teria fracassado no serviço de correios antes de ser aproveitado no novo cargo pelo Departamento Federal de Prisões. Ele era um péssimo professor, que costumava ameaçar e agredir verbalmente seus estudantes (e estava claro que gostava disso). Era universalmente odiado por todos os que viviam na prisão e, acima de tudo, pelas detentas tutoras que trabalhavam com ele. Segundo elas, sua atitude em relação às estudantes era simples: “Não estou nem aí se elas nunca aprenderem que dois mais dois são quatro. Recebo por oito horas de trabalho.”

Certo dia, voltei da oficina elétrica para encontrar o Pavilhão em polvorosa. Tampinha havia passado dos limites na aula daquele dia, desrespeitando as alunas mais do que o normal, e Alice, a pacifista, tinha finalmente decidido chutar o balde. Queria ser dispensada do trabalho de tutora. Tampinha ficou furioso, gritando e ameaçando-a com uma advertência escrita por desacato por resistir a uma ordem direta ou algo nessa linha.

Pennsatucky, que estava presente na aula (e que provavelmente tinha sido alvo das grosserias iniciais), disse que a cara de idiota de Tampinha tinha ficado roxa. Ele havia saído do prédio aos gritos, mas agora os boatos diziam que ele pretendia trancar Alice na UAS, o que deixou todas nós indignadas.

Como era de esperar, depois do jantar e da entrega do correio, ouvimos o barulho das botas pesadas e o arrastar de correntes. Homens enormes, seus passos produzindo o som mais estereotipado e ameaçador possível das tropas de choque, entraram no prédio carregando algemas. Passaram pelos telefones,

desceram as escadas e o corredor na direção da sala do agente penitenciário. Todas as presas, de qualquer lugar do prédio, ouviram o barulho, e o corredor principal rápida e silenciosamente se encheu de mulheres, que se juntaram para ver o que iria acontecer. Às vezes, quando alguém estava sendo trancado por ter feito alguma merda, ou quando ninguém gostava da ordinária, predominava o silêncio que precedia a ida para a guilhotina. Mas não foi o que aconteceu daquela vez.

O sistema de som estalou quando o Sr. Scott chamou a condenada: “Gerard!” A pequena Alice Gerard foi até a sala dele e entrou. A porta se fechou, e ela ficou lá dentro, trancada com aqueles três homens enormes, enquanto o agente lia a queixa apresentada contra ela.

Um burburinho crescia entre as mulheres.

— Isso é um absurdo!!

— Isso não é motivo para UAS... Essa menina não fez nada que não precisasse ser feito.

Alguém começou a chorar.

— Não dá para acreditar que esses veados desses tiras branquelas não têm nada de melhor para fazer do que trancar Alice!

A porta da sala se abriu. Alice saiu, seguida pelos três carcereiros. Eles pairavam sobre ela, fazendo com que ela parecesse ainda menor enquanto olhava para a multidão que se formara à sua volta. Piscando por trás das lentes de fundo de garrafa, ela disse em alto e bom som:

— Estou indo!

Um dos capangas do agente a algemou de forma não muito gentil, e o murmúrio entre as mulheres transformou-se num urro em voz baixa. Então Sheena começou a puxar um coro, entoando “A-li-ce, A-li-ce, A-li-ce. A-li-ce!”, enquanto eles levavam a pequena pacifista embora. Nunca tinha visto aqueles guardas da prisão tão assustados antes.

★ ★ ★

NUMA TARDE muito quente, eu estava debaixo de uma árvore, tentando escapar do sol. A Sra. Jones então apareceu com Inky, seu companheiro constante. Eu tinha terminado seu trabalho final, um ensaio bastante objetivo que havia escrito sobre o possível papel dos carros híbridos na economia do futuro. Tinha tentado aproveitar algumas ideias básicas extraídas de *A nova sociedade e o management* na minha argumentação sobre uma economia baseada no conhecimento, a globalização e o modo como os dados demográficos transformam a sociedade. Mas era deprimente pensar sobre o papel que milhões de americanos ex-prisioneiros poderiam desempenhar na sociedade futura — sabia, por meio da *newsletter* publicada pelo grupo Famílias Contra Sentenças Mínimas Obrigatórias, lida por muitas das presas, que todos os anos cerca de seiscentas mil pessoas voltavam para casa vindas das prisões. Os únicos mercados aos quais estavam acostumados a participar eram as economias informais e ilegais, e eu não tinha visto nada no sistema prisional que abrisse outro caminho para eles seguirem quando voltassem às ruas. Podia contar nos dedos das mãos as mulheres em Danbury que tinham participado de algum programa vocacional — Pop, que havia ganhado da ICF um certificado de serviços alimentares; Linda Vega, que trabalhava como higienista dental no Pavilhão; e algumas poucas presas que trabalhavam na Unicolor. Quanto ao resto, talvez o trabalho de esfregar o chão ou de consertar os encanamentos abrisse a perspectiva de um emprego de verdade, mas eu era cética quanto a isso. Não havia continuidade alguma entre a economia da prisão, incluindo os trabalhos feitos ali, e a economia convencional que existia do lado de fora.

— E aí, Sra. Jones, já pegou seu trabalho de volta?

— Estava justamente para falar sobre isso com você. Estou louca de raiva!

Eu me sentei, preocupada. Será que ela tinha sido descoberta? Talvez alguma colega contrariada tivesse dedurado ela? Isso não me surpreenderia.

— O que deu errado?

— Tiramos um A-.

Eu dei uma gargalhada, o que só serviu para deixá-la mais irritada.

— Qual foi o problema? — lamentou ela. — O trabalho estava ótimo! Eu li, como prometi que iria fazer! — disse, muito indignada.

— Talvez ele não quisesse que você ficasse muito convencida, Sra. Jones. Acho que A- ainda é uma ótima nota.

— Hum. Não sei o que eles estavam pensando. Bem, de qualquer forma, queria agradecer. Você é uma ótima menina.

E, ao dizer isso, puxou a coleira de Inky e seguiu adiante.

★ ★ ★

ALGUNS MESES mais tarde, ela se destacou novamente; todas as mulheres que tinham passado na prova do supletivo ou concluído as aulas da faculdade foram homenageadas numa cerimônia realizada na sala de visitas. A Srta. Natalie, Pennsatucky, Camila e — é claro — a Sra. Jones estavam usando capelos, assim como algumas outras. Cada formanda tinha direito a convidar um determinado número de pessoas, vindas de dentro ou de fora da prisão, e eu estaria ali como convidada da VC.

A oradora da turma foi Bobbie, que tinha obtido a nota mais alta na prova do supletivo. Durante as semanas que antecederam a cerimônia, ela sofreu para preparar seu discurso, escrevendo-o e reescrevendo-o. O dia nasceu sob um calor infernal, e a sala estava arrumada com duas fileiras de cadeiras, colocadas frente a frente, uma reservada para as formandas, a outra, para os convidados. Solenemente, as mulheres entraram em fila, muito elegantes em suas becas e capelos — pretos para as estudantes do supletivo, azul brilhante para as que tinham feito o curso de faculdade. Havia uma tribuna, de onde Bobbie faria seu discurso, mas primeiro teríamos de ouvir a diretora Deboo. Aquele seria seu canto do cisne; ela sairia em breve para supervisionar uma prisão novinha em folha na Califórnia, e nós receberíamos um novo diretor, um sujeito da Flórida.

Bobbie fez um ótimo discurso. Ela havia escolhido um tema — “Nós CONSEGUIMOS!” — e seguiu a partir daí, felicitando suas colegas estudantes por terem CONSEGUIDO, lembrando a todos ali presentes quão

difícil era conquistar um diploma naquelas circunstâncias, mas que elas tinham CONSEGUIDO, e proclamando que, agora, todos sabiam que elas CONSEGUIAM, não havia nada mais que não pudessem CONSEGUIR, se realmente se empenhassem. E que cada uma delas tinha a partir daquele momento um diploma para provar ao mundo que tinham CONSEGUIDO. Fiquei impressionada pelo cuidado com que Bobbie tinha escolhido suas palavras e com a sua ótima performance, que apresentava um tom de desafio na medida certa. O discurso foi curto, direto e eficiente, mas confirmou firmemente que aquele dia era para as formandas celebrarem, não a instituição. Ela falou de maneira convincente, com naturalidade e orgulho.

Em seguida, as formandas tiveram autorização para tirar fotos. Tendo como pano de fundo o pôster de uma cerejeira num canto da sala de visitas, apareci de pé ao lado de minhas amigas, com orgulho de conhecer cada uma delas. Bobbie, posando com um grupo formado por nós à sua volta, em nossos uniformes cáquis, parecia séria em seu vestido de oradora com colarinho dourado, mas seus cabelos estavam soltos e lindamente encaracolados. Numa outra foto, Pennsatucky e outra Eminemete sorriam como qualquer garota em seu último dia de aula do ensino médio; eu parecia muito velha ao lado delas, sorrindo no meu uniforme cáqui. Minha foto favorita é a que estou com a Sra. Jones: de pé, apareço alegremente atrás dela, e ela está sentada, radiante em seu vestido azul real e capelo, segurando seu diploma, cheia de orgulho. No verso da foto, na sua caligrafia horrível, está escrito:

Obrigada.

A uma amiga querida. Eu consegui. Deus a abençoe.

Sra. Jones.

CAPÍTULO 11

Ralph Kramden e o Homem Marlboro



Entrei num bom momento da minha vida na prisão, e os dias e semanas pareciam passar mais rapidamente. Ultrapassei algumas marcas — um quarto da minha pena, um terço da minha pena —, e a prisão parecia mais suportável. Ao ar livre, acompanhei a passagem natural do tempo, de uma forma inédita para uma garota criada na cidade grande. Arrastei-me pelo gelo, depois pela lama e, em seguida, pela grama (cortada pelas detentas). Árvores germinaram, junto com flores silvestres e até mesmo peônias. Filhotes de coelho apareceram ao lado da pista de atletismo e viraram adolescentes atrevidos bem na frente dos meus olhos, enquanto corria naquele circuito de meio quilômetro milhares de vezes. Perus-selvagens e veados vagavam livremente pela reserva federal onde a prisão se situava. Desenvolvi uma forte aversão aos gansos-do-canadá, que largavam dejetos verde-escuros em toda a minha pista.

Numa tarde ensolarada, eu pegava sol no banco em frente à oficina elétrica, displicentemente tentando ler *Cândido*, ou o *Otimismo*, um volume fino que algum espertinho havia me mandado. O Sr. DeSimon não tinha vindo trabalhar, um acontecimento felizmente corriqueiro. Naquela manhã, tinha sido difícil conseguir ler por causa do barulho de tiros. Muito perto das oficinas dos SCM, escondido a cerca de meio quilômetro de distância, na floresta, ficava o estande de tiro da prisão. Os agentes penitenciários divertiam-se com suas armas por lá, e as rodadas de múltiplos tiros eram a

trilha sonora típica de nossos dias de trabalho. Era um tanto perturbador trabalhar arduamente numa prisão ouvindo os carcereiros treinarem atirar em pessoas como nós.

Quando voltamos do almoço, os tiros tinham parado, e a placidez havia voltado àquele dia na área rural de Connecticut. Uma das picapes brancas da instituição parou ao meu lado, em frente à oficina de carpintaria.

— Que diabos você está fazendo, detenta?

Era o Sr. Thomas, chefe da oficina. As oficinas de construção e carpintaria ficavam no mesmo prédio, à esquerda da oficina elétrica e do outro lado da estufa decrépita. A oficina elétrica não tinha banheiro, e precisávamos andar até lá para usar o do prédio deles. O banheiro era de uso individual, uma sala privativa e espaçosa com paredes onde alguém havia pintado belos desenhos em azul. Eu adorava aquele banheiro. Algumas vezes, quando minhas colegas da oficina elétrica estavam brigando, ou assistindo ilegalmente a programas de televisão horríveis nos momentos em que DeSimon não estava por perto, eu fugia para o banheiro para ter alguns minutos abençoados de privacidade e calma. Era a única porta na prisão que eu podia trancar.

As oficinas de construção e carpintaria eram chefiadas pelo Sr. King e pelo Sr. Thomas, respectivamente. O Sr. Thomas era gordo, temperamental e barulhento, gostava de contar piadas e, de vez em quando, desandava a falar rápido, como um Jackie Gleason contemporâneo. O Sr. King era magro e alto, taciturno e enrugado, e sempre tinha um cigarro na boca. Parecia o Homem Marlboro. Eles dividiam a oficina havia muitos anos e tinham uma relação profissional próxima. Quando eu entrava na oficina para usar o banheiro, o Sr. Thomas marcava minha presença com um grito: “Ei, criminosa!”

Agora, ele queria saber que diabos eu estava fazendo. Minha colega do Dormitório B, Alicia Robbins, estava sentada no banco de carona da picape. Alicia era jamaicana e amiga próxima da Srta. Natalie. Ela estava rindo, então não achei que eu estivesse encrencada.

— Hum... nada?

— Nada?! Aí, você quer trabalhar?

— Claro?

— Então e-n-t-r-a-a-a-a-a-a aqui!!!!

Levantei e entrei na picape. Alicia se ajeitou para abrir espaço para mim. Não pensei que pudesse estar me metendo em encrenca, já que estava com um AP. O Sr. Thomas pisou no acelerador, e a picape partiu. Passamos pelas oficinas de encanamento e de jardinagem, contornamos a ICF e descemos, abruptamente, por uma estrada íngreme de cascalhos. Não fazia a menor ideia de onde ela acabaria. Os prédios desapareceram quase imediatamente, e tudo que eu podia ver pelas janelas abertas de picape era a floresta — árvores, rochas e, de vez em quando, um riacho —, tudo em um forte declive.

O rádio da picape tocava rock clássico. Olhei para Alicia, que ainda ria ao meu lado.

— Para onde ele está levando a gente? — perguntei a ela.

O Sr. Thomas bufou.

— Chefe doido — era tudo que Alicia dizia.

A estrada descia cada vez mais. Já estávamos nela havia bastante tempo. Eu não me sentia mais dentro da prisão; sentia-me como uma garota numa picape rumo a uma aventura. Apoiando meu antebraço nu na porta do veículo, fixei o olhar nas profundezas do bosque, de forma que, enquanto as árvores passavam voando, tudo que via era um borrão verde e marrom.

Depois de vários minutos, a picape adentrou uma espécie de clareira, e vi sinais de pessoas. À nossa frente, havia uma área de piquenique onde algumas mulheres que trabalhavam nas oficinas de construção e carpintaria pintavam mesas de madeira silenciosamente. Mas isso não me interessava nem um pouco, porque o que vi atrás delas me deixou muito, muito animada. A área de piquenique ficava à beira de um lago enorme, e a luz do sol de junho refletia na água que batia suavemente contra um píer.

Engoli em seco. Meus olhos se arregalaram, e não me importei mais em parecer indiferente.

O Sr. Thomas estacionou a picape, e pulei para fora:

— É um lago! Não acredito em como ele é bonito!

Alicia riu de mim, pegou seus materiais de pintura na caçamba da picape e se dirigiu para uma das mesas.

Virei-me para o Sr. Thomas, que também estava observando o lago.

— Posso dar uma olhada no lago? Por favor?

Ele riu de mim também.

— Claro, só não pode mergulhar. Me demitiriam.

Corri para a beira, onde havia docas flutuantes, nas quais estavam atracadas algumas lanchas pequenas dos funcionários da prisão. Tentei olhar para todos os lados ao mesmo tempo. Vi casas na outra margem do lago, casas lindas com gramados que desciam até a beira d'água. O lago parecia bem grande, desaparecendo da vista à direita e à esquerda. Agachei-me e mergulhei as mãos na água fria. Olhei para minhas mãos brancas, com as palmas para baixo, através do colorido marrom da água do lago, e me imaginei submersa, prendendo a respiração, com os olhos abertos embaixo d'água, batendo os pés o mais forte possível para nadar com rapidez. Podia quase sentir a água girando em correntes ao redor de meu corpo, meu cabelo se espalhando como uma auréola ao redor da minha cabeça.

Andei dez metros da margem numa direção e depois voltei, pensando que aquele seria o primeiro verão da minha vida sem nadar. Sempre gostei de água, as ondas nunca me assustaram. Agora eu estava me coçando para tirar a roupa e me atirar naquele lago. Mas isso não seria prudente ou justo com o cara gente boa que me levou até ali. A luz do sol refletida na água me fez cerrar os olhos. Fiquei admirando por um bom tempo, e ninguém me disse nada. Finalmente, virei-me e subi na mureta de concreto.

Aproximei-me de Gisela, que dirigia o ônibus e trabalhava para o Sr. King, e perguntei se havia mais pincéis.

Ela sorriu:

— Claro, mostro para você onde estão.

E passei o resto da tarde pintando, em silêncio, embaixo das árvores, ouvindo os barcos no lago e os sons das aves aquáticas.

Quando chegou a hora de ir embora, o Sr. Thomas nos levou de volta para nossas oficinas. Saí, fiquei do lado do passageiro com minhas mãos no

parapeito da janela e olhei para ele.

— Foi bem legal o senhor me levar até lá. Muito obrigada, Sr. Thomas. Isso foi muito importante para mim.

Ele desviou o olhar; pareceu constrangido.

— É, bem, sei que aquele seu chefe não levaria vocês lá. Obrigado pela ajuda.

Ele partiu. Desde aquele momento, fiquei obcecada em voltar ao lago.

★ ★ ★

CERTO DIA, quando chegamos ao trabalho, ficamos surpresas ao descobrir que DeSimon tinha raspado a barba e o bigode, e agora parecia muito com um pênis perdido, vagando por aí em busca de um corpo para chamar de seu. Minhas interações com ele haviam se tornado desagradáveis, porque eu detestava o fato de trabalhar para o homem mais nojento dos serviços de construção, e ele parecia ter prazer em me tratar da maneira mais degradante que conseguia inventar. Outro dia, no almoço, eu estava reclamando amargamente dele quando Gisela me interrompeu:

— Por que você não vem trabalhar na construção? Vou pra casa em setembro. O Sr. King vai precisar de alguém bom. Ele é tão legal, Piper.

Nem passou pela minha cabeça que eu podia mudar de emprego. Alguns dias depois, me aproximei do Sr. King na frente da oficina. Estava insegura e desesperada. Não estava acostumada a pedir nada aos APs.

— Sr. King? Sei que Gisela vai embora daqui a pouco e queria saber se eu poderia vir trabalhar para você em construção? — perguntei, aguardando esperançosamente.

Sabia que, como empregada de prisão, eu era desejável: tinha minha licença de prisão, estava disposta a trabalhar, nunca fazia “corpo mole” (fingir estar doente), era instruída e capaz de ler manuais, fazer contas e por aí vai. E não era linguaruda.

O Sr. King olhou para mim, mastigando o cigarro, os olhos enigmáticos.

— Claro — respondeu, e meu coração deu um salto, para em seguida parar. — Mas DeSimon precisa assinar sua dispensa.

Preenchi a solicitação de dispensa, um formulário de uma página cujo título oficial era BP-S148.055 SOLICITAÇÃO DE DETENTO PARA ADMINISTRAÇÃO. Na manhã seguinte, fui até o escritório de DeSimon e ofereci o formulário a ele, que se recusou a recebê-lo. Depois de algum tempo, cansei de ficar com o braço estendido e coloquei o documento sobre a mesa.

Ele olhou para o papel com nojo.

— O que é isso, Kermit?

— É uma solicitação de dispensa, pedindo para você me deixar ir trabalhar na construção, Sr. DeSimon.

Ele nem o leu.

— A resposta é não, Kermit.

Olhei para ele, para sua cabeça rosa brilhante e bulbosa, e sorri, desanimada. Certamente não estava surpresa. Saí de seu escritório.

— O que ele falou? — perguntou Amy. Havia apenas eu, minha jovem amiga Eminemete Yvette e algumas outras mulheres que trabalhavam na oficina elétrica escura e abafada.

— O que você acha? — questioneei.

Amy apenas riu, tinha uma sabedoria cínica incompatível com sua tenra idade.

— Piper, aquele homem não vai deixar você ir a lugar nenhum, então é melhor se acostumar com ele.

Eu estava furiosa. Agora que sabia haver uma forma melhor de viver dentro dos confins da prisão, que existiam trabalhos nos quais as prisioneiras não eram alvo de insultos constantes, eu estava desesperada para fazer a mudança. Sair da oficina elétrica e escapar de DeSimon dominavam meus pensamentos.

O verão estava ficando quente, e por meses, a oficina elétrica vinha trabalhando num novo circuito para os aparelhos de ar-condicionado da sala de visitas. As únicas salas do Pavilhão que tinham ar-condicionados eram os

escritórios dos funcionários. A sala de visitas também tinha, mas a carga elétrica disponível era insuficiente e os circuitos viviam desligando. Por isso, instalamos um novo quadro de distribuição, colocamos conduítes pela sala de visitas inteira e fizemos a fiação para as novas tomadas. Estávamos prestes a terminar, e só faltava conectar o quadro de distribuição à fonte central de energia do prédio, um andar abaixo, na sala de equipamentos.

Isso envolvia puxar novos cabos da fonte central na sala de equipamentos para o novo quadro na sala de visitas — levando-os pelas entranhas do prédio. Quando o dia momentoso raiou, juntamos as ferramentas que DeSimon havia nos instruído a levar e ficamos na sala de equipamentos, aguardando suas ordens. Não tínhamos garotas fortes na oficina elétrica e, por isso, pedimos reforços da oficina de encanamento, onde havia várias.

DeSimon se ocupou dos cabos. Eram cabos industriais grandes e grossos, totalmente diferente dos cabos com que eu agora trabalhava diariamente. Ele juntou vários deles e os prendeu com fita isolante, aplicando mais e mais fita até os cabos ficarem presos por uns trinta centímetros. Em uma ponta, ele amarrou uma corda, que foi puxada até a sala de visitas. As mulheres da oficina de encanamento estavam lá em cima, esperando.

Na sala de equipamentos, estávamos eu, Amy, Yvette e Vasquez. Olhamos para DeSimon.

— Elas vão puxar e vocês vão empurrar. Vão empurrar para cima. Mas falta uma coisa. Precisamos de alguém para aplicar o lubrificante.

Pelo jeito com que ele falou aquelas palavras, percebi que devia ser um trabalho desagradável. E sabia quem seria a escolhida.

— Kermit. Você vai ser a responsável. Pega isso aqui — disse ele, me entregando um par de luvas de borracha que vinham até os cotovelos. — Agora pega essa graxa.

Ele apontou para um barril de lubrificante industrial que estava ao seu lado. Eu já previa o que iria acontecer. Meu rosto começou a arder.

— Você vai precisar de muito, Kermit.

Peguei o recipiente. DeSimon empurrou os cabos presos pela fita na minha direção. Eles eram rígidos e inflexíveis, e eu estava enrijecida de humilhação.

— Você vai precisar de muito para espalhar aí, Kermit. Pode botar bastante lubrificante.

Eu me abaixei e peguei dois punhados daquela coisa. Era como uma geleia azul brilhosa. Apliquei-a naquele falo enorme com meio metro de comprimento, antes inócuo mas agora nojento.

DeSimon jogou a cabeça para trás e gritou:

— Puxem!

A corda ficou mais tesa, mas não o bastante para mover os cabos.

— Vamos lá, Kermit, faça seu trabalho!

Estava com tanta raiva que mal podia enxergar. Concentrei-me em transformar o sangue em minhas veias em gelo. Tentei me desligar de tudo, mas a cena era tão feia que minha técnica habitual não funcionou. Peguei mais geleia azul e besuntei os cabos atados.

— Aaah, pirocão. Você gosta de um pirocão, né, Kermit.

Pirocão? Soltei minhas mãos ocultas pelas luvas gosmentas. Amy olhava para seus sapatos, e Yvette fingia não entender inglês.

— Puxem! — gritou DeSimon novamente, e, em algum lugar acima de nós, as presas puxaram a corda e os cabos deslizaram. — Puxem! — repetiu, e eles deslizaram novamente. — Empurrem!

Minhas colegas empurraram os cabos para cima. Ao ver o esforço delas, dobrei meus joelhos e ajudei a empurrar para cima com toda a minha força. Os cabos começaram a deslizar e, então, estava encaminhado, só faltava a parte de puxar. Saí da sala de equipamentos, arranquei as luvas e atirei-as no chão.

Estava cega de ódio, furiosa. E tudo que podia fazer era jogar as escadas, as ferramentas e os outros equipamentos na caçamba da picape com toda a força. Minhas colegas estavam desnorteadas. Não falei com ninguém durante o resto da tarde, e DeSimon não falou comigo. De volta ao Pavilhão, tomei um banho para tentar tirar a sujeira e a humilhação que me cobriam. E aí escrevi outra solicitação de dispensa, dessa vez para o chefe de DeSimon. Ficou mais ou menos o seguinte:

Conforme discuti com o senhor em ocasiões anteriores, às vezes, durante o expediente, o Sr. DeSimon, meu supervisor de trabalho, fala conosco de uma maneira que considero grosseira, desrespeitosa e sexualmente explícita.

No dia 23 de junho de 2004, enquanto eu estava na sala de equipamentos trabalhando no novo quadro de distribuição para a sala de visitas, estávamos usando grandes cabos elétricos unidos com fita isolante. O Sr. DeSimon referiu-se a esses materiais, os quais precisei lubrificar para que fossem puxados pelos canos, como órgãos genitais, o que achei muito ofensivo. Ele não usou a palavra “órgão genital”, mas uma expressão chula.

Isso ocupou todo o espaço disponível para justificar um pedido no formulário de dispensa.

Jurei que não passaria os próximos sete meses sob o comando daquele cara nojento. E esperava que, na forma de um pirocão, ele tivesse me dado o trunfo necessário para eu escapar.

Na próxima oportunidade que tive, fui até o escritório do chefe de DeSimon. Ele era um tipo bem diferente, que fazia carreira no DFP e passava de prisão em prisão, subindo na hierarquia corporativa. Vinha do Texas, onde se conhece prisões muito bem, e era um profissional exemplar. Era bem alto, sempre usava gravata e, muitas vezes, botas de caubói. Era sempre educado. E também muito imparcial, o que lhe granjeava a admiração das prisioneiras. Pop o chamava de “Meu Texas Ranger” e gostava quando ele vinha para o Pavilhão comer a comida que ela preparava.

Bati em sua porta, entrei e lhe entreguei o formulário de solicitação.

Ele o leu, em silêncio, e depois olhou para mim.

— Srta. Kerman, não tenho certeza se entendi bem o que você está tentando dizer. Pode sentar-se, por favor?

Sentei e tirei meu boné de beisebol branco. Senti meu rosto esquentar novamente. Escolhi um ponto de sua mesa para ficar o olhar e, assim, evitar fazer contato visual com ele, para que ele não visse minha vergonha e para

que eu não começasse a chorar na frente de um policial. Expliquei o significado de minha solicitação de dispensa, em pormenores. Quando acabei, respirei fundo. Levantei meus olhos e fitei Tex.

Ele estava tão vermelho quanto eu.

— Vou transferir você imediatamente — disse.

★ ★ ★

JULHO CHEGOU com um sabor amargo. O Pavilhão inteiro parecia sofrer por causa do calor, pois estava sobrecarregado. Os telefones pararam de funcionar repentinamente. As máquinas de lavar roupa quebraram, um horror. De repente, todos os secadores de cabelo desapareceram. Duzentas mulheres, sem telefone, sem máquina de lavar roupa, sem secador de cabelo — era como um *O senhor das moscas* feminino. Eu, definitivamente, não representaria o papel de Porquinho.

Para escapar das tensões que fervilhavam no Pavilhão, eu sentava embaixo de uma fileira de pinheiros, com vista para a pista de atletismo e para o vale atrás dela, sobretudo ao pôr do sol. Agora que conhecia o lago, me imaginava mergulhando em suas águas profundas, e nadando para longe dali. Precisava fazer um grande esforço para tentar ouvir o som das lanchas à distância. Este lugar era tão bonito, por que foi preciso arruiná-lo com uma prisão? Sentia muita falta de Larry naquelas noites, queria estar junto dele.

Compareci à chamada todos os dias para ver se meu posto de trabalho havia mudado. Depois de uma semana, descobri que a minha tentativa de escapar da oficina elétrica tinha sido frustrada porque aquele nojento do DeSimon havia tirado férias inesperadamente, e Tex não podia me transferir para a construção antes de seu retorno. Não entendia nada daquilo.

Mas quando o pressionei, soando tão desesperada quanto realmente estava, o texano levantou as mãos como se me mandasse parar.

— Você vai ter de confiar em mim e ser paciente, Srta. Kerman. Vou tirar você de lá.

★ ★ ★

MILAGROSAMENTE, MINHA transferência da oficina elétrica para a construção finalmente aconteceu, e apareceu na chamada no final de julho. Tex cumpriu sua palavra. Fiz uma pequena dança da vitória no corredor principal do Pavilhão.

Minhas novas colegas de trabalho incluíam minha amiga Allie B., uma esquisitona animada do Dormitório B, com 1,80 metro de altura; e Pennsatucky, candidata a branca mais desbocada. A oficina de carpintaria era composta, na maior parte, de mômis espanholas, incluindo Maria Carbon, a garota quase catatônica que eu havia cumprimentado na Cela 6, em fevereiro. Ela havia recuperado o equilíbrio desde então, e a diferença entre aquela garota aterrorizada e essa presidiária um pouco machona e fanfarrona era impressionante. Todas me receberam bem, e não havia sinais da tristeza oprimida à qual me acostumara na oficina elétrica. As oficinas de construção e carpintaria ficavam no mesmo lugar e cheiravam a madeira, tinta e serragem. Eu agora trabalhava para o Sr. King, o Homem Marlboro que tinha sempre um cigarro na boca.

★ ★ ★

EU TINHA uma nova vizinha no Dormitório B, que apelidei de Pompom por causa de seu corte de cabelo. Pompom era uma garota acanhada de 22 anos que passava muito tempo dormindo e logo ganhou a reputação de preguiçosa. Provavelmente, ela dormia tanto porque estava deprimida, uma reação comum à prisão. Havia acabado de ser designada para trabalhar na garagem, onde reabastecia de gasolina os veículos da prisão com entusiasmo; para mim, não parecia preguiçosa. Se sorrissem para ela, Pompom desviava o olhar, mas dava um sorriso tímido.

Um dia, quando eu estava na fila do jantar, Pompom virou-se abruptamente para mim e começou a falar. Como eu mal a conhecia, presumi que ela estivesse falando com outra pessoa, talvez com sua colega

Angel, que estava ao meu lado. Mas não, ela falava comigo, e com certa intensidade.

— O chefe me chamou no escritório dele hoje e me perguntou se eu tive alguma parente aqui antes. — O Sr. Senecal era seu chefe na garagem. — Aí, ele me perguntou isso, e descobrimos que minha mãe trabalhou para ele.

Olhei para Pompom. Naquele momento, havia três grupos de irmãs presas no Pavilhão, além da mãe de outra vizinha que, aparentemente, tinha saído um pouco antes de minha chegada. Naquela altura da minha estadia na prisão, me surpreendeu menos o fato de ela ser uma detenta federal de segunda geração do que não saber que a mãe havia trabalhado na garagem.

— Você não sabia que ela trabalhou na garagem? — perguntei.

— Não, eu sabia que ela esteve aqui, minha tia me contou, mas ela nunca me disse nada sobre isso.

De repente, tive uma sensação horrível de que a mãe de Pompom poderia estar morta.

Angel, sua colega, obviamente estava escutando, e gentilmente fez a pergunta:

— Onde está sua mãe?

— Não tenho a menor ideia — respondeu Pompom.

Senti-me ainda pior, mas ainda estava curiosa:

— Como Senecal soube?

— Ele simplesmente adivinhou. Achou que era minha irmã, mas simplesmente adivinhou.

— Você é parecida com a sua mãe? Ele adivinhou só de olhar para você?

— Acho que sim. Ele me perguntou: “Alta e magra, certo?” — Pompom riu. — Disse que tinha um pressentimento, então me perguntou. Depois, perguntou o que eu estava fazendo aqui.

Pensei se os funcionários da prisão associavam as desgraças da profissão que escolheram com as desgraças dos filhos dos prisioneiros. Será que Mike Senecal ficou perturbado ao encontrar Pompom em Danbury? E será que esperava que os filhos dela também fossem parar lá? Talvez, se sua mãe tivesse recebido tratamento para seus vícios (que estavam implícitos na história) em

vez de trabalhar na garagem em Danbury, Pompom não estivesse no escritório dele naquele dia.

— O que Senecal disse sobre sua mãe?

— Ele disse que ela nunca causou nenhum problema.

Eu não gostava muito do chefe de Pompom, mas gostava de ficar na garagem. Passava por lá todas as manhãs para pegar a picape branca da construção e bater papo com as garotas que trabalhavam enchendo tanques e consertando veículos. Havia um debate em curso sobre qual era a música do verão.

Angel disse que era o hit de reggaeton cantado por Daddy Yankee; eu não sabia que o nome era “Oye mi canto”, mas todas nós sabíamos cantar o refrão:

Boricua, morena, dominicano, colombiano

Boricua, morena, cubano, mexicano

Oye mi canto

Bonnie bufou:

— Vocês estão doidas — disse. — É Fat Joe!

Todas respondemos “Lean Back”, em uníssono, e suavemente inclinamos um ombro para trás.

Kenyatta contrapôs:

— Bem, eu não gosto dela, mas aquela música da Christina Milian: “Pop, Pop, Pop That Thang”? Aquela música está bombando.

Isso me fez rir. Durante a aula de ioga num dia qualquer, Janet Ioga tinha tentado fazer com que soltássemos o quadril.

— Ok, galera, mexam o quadril. Balancem mesmo. Agora gira para a esquerda... e agora para a direita. Ok, agora quero que vocês desloquem o quadril para a frente, a pélvis, com um movimento suave. Quero ver aquela rebolada!

A Irmã Platte ficou confusa.

— Aquela rebolada?

Camila e eu morremos de rir. Pompom se manifestou:

— Não sei onde vocês acham que estão, mas só existe uma música neste verão. E é “Locked Up” (Preso). Olhem ao redor! Fim de papo.

Tínhamos de admitir, ela acertara em cheio. Durante o verão inteiro, em qualquer lugar onde tivesse um rádio, se ouvia a voz sinistra e melancólica de Akon, um rapper senegalês, cantando sobre prisão.

*Só quero sair e seguir minha vida,
Tenho uma família que me ama e quer que eu faça a coisa certa
Mas, em vez disso, estou preso aqui.*

Apesar de a canção não ter sido um grande hit lá fora, ela tinha de ser o hino-guia num lugar como o Pavilhão; você ouvia mulheres que nem eram fãs de hip-hop cantarolando baixinho, desafinadas, enquanto dobravam roupas lavadas: “Estou presa, eles não me deixam sair, nããããã, eles não me deixam sair. Estou presa.”

CAPÍTULO 12

Verdades nuas



Eu era grande fã da minha colega de trabalho Allie B. Ela me fazia rir o tempo todo. Parecia despreocupada — quer dizer, quando não estava furiosa com alguma coisa; seu temperamento oscilava terrivelmente. Não tinha as marcas profundas da prisão, mesmo que aquela não fosse sua primeira vez atrás das grades — na verdade, ela havia violado sua condicional, o que fazia sentido, já que era uma viciada. Mas como não estava presa por um crime relacionado a drogas, não estava recebendo nenhum tipo de tratamento para seus vícios.

Eu costumava perguntar a ela:

— Poxa, você está limpa agora, e ficou sem usar droga nenhuma pelo tempo todo que esteve presa. Então, por que voltar para aquilo?

Ela se limitava a balançar a cabeça e sorrir.

— Você claramente não tem a menor ideia do que está falando, Piper — disse. — Mal posso esperar para sair daqui e dar uma provadinha, naquilo e numa boa pica.

Isso nós sabíamos: Allie adorava ficar doidona tanto quanto gostava de sexo. Ela desandava a fazer os comentários mais obscenos e hilários sobre qualquer homem que visse e que chamasse de alguma forma sua atenção — podia ser um guarda do presídio, um funcionário engravatado ou o entregador que surgia no nosso campo de visão de vez em quando.

Às vezes Allie se referia a mim como sua “esposa”, ao que eu respondia, “Não fode, Allie, nem pensar”. De vez em quando, ela se entregava a arroubos de luxúria fingida (acho eu), e me perseguia pelo Dormitório B, berrando sacanagens e tentando tirar meu short cinza de corrida enquanto eu gritava. Nossas vizinhas rapidamente ficaram irritadas com a bagunça que fazíamos.

A julgar pela maneira como falava e como escrevia, e apesar de sua paixão pelo reality show *Fear Factor*, dava para ver que Allie tinha uma educação melhor do que a da maior parte das presas. Sem fazer à minha colega nenhuma das perguntas pessoais, um tabu até mesmo entre amigas, só me restava supor que suas várias passagens pela cadeia se deviam ao vício. Eu ficava preocupada com Allie; certamente torcia para que ela jamais voltasse a ver uma prisão por dentro, porém, mais do que isso, temia que ela acabasse morrendo.

Meus temores eram semelhantes em relação à colega de Allie, Pennsatucky, que havia sido viciada em crack (dava para ver pelos dentes da frente, mais escuros). Ao contrário de Allie, Pennsatucky não pretendia ficar doidona assim que fosse para as ruas. Ela queria ter sua filha de volta. A criança, um bebê angelical, vivia com o pai. Pennsatucky não tinha direito algum como mãe dela. Ela não era “normal”, segundo as mulheres do presídio, o que se dizia a respeito de pessoas com problemas de comportamento ou, às vezes, algum tipo de distúrbio mental. As condições da prisão só agravavam esses problemas.

Agora que eu conhecia Pennsatucky havia algum tempo e trabalhava com ela, achava que ela era mais do que as outras pessoas supunham. Era perceptiva e sensível, mas tinha muita dificuldade em se expressar de um modo que não fosse ofensivo para os outros, além de ficar escandalosa e raivosa quando se sentia desrespeitada, o que acontecia com frequência. Não havia nada de errado com Pennsatucky que a impedisse de viver uma vida feliz, mas os seus problemas a tornavam vulnerável às drogas e aos homens que as ofereciam.

Se o seu problema com drogas faz com que você tenha problemas com a Lei, você pode acabar desintoxicando no chão de uma cadeia municipal. Quando você chega à prisão que será seu lar por um bom tempo, a primeira coisa que eles querem fazer é avaliar sua condição mental... e receitar alguns remédios — drogas. A fila das pílulas que se formava duas vezes por dia em Danbury era sempre longa, serpenteando do consultório médico até chegar ao corredor principal. Para algumas mulheres, aqueles medicamentos ajudaram enormemente, mas outras pareciam zumbis, completamente dopadas. Essas mulheres me assustavam; o que aconteceria quando fossem para as ruas e não pudessem mais entrar na fila dos remédios?

Ao passar pelos portões aterrorizantes da ICF sete meses antes, eu certamente não parecia uma gângster, mas tinha a mentalidade de uma. Gângsteres só se importam com eles mesmos e com seu grupo. O arrependimento esmagador que eu sentia em relação às minhas ações tinha a ver com o trauma que havia causado às pessoas que amava e com as consequências que eu estava enfrentando. Mesmo quando levaram embora minhas roupas e me entregaram o uniforme cáqui, eu desdenhava a ideia de que a chamada “guerra às drogas” era algo mais do que uma piada. Eu argumentava que as leis antidrogas adotadas pelo governo a cada dia se revelavam completamente ineficazes e eram no mínimo equivocadas, já que centravam sua atuação na oferta, em vez de se preocuparem com a demanda; além disso, eram elaboradas aleatoriamente e aplicadas de forma desigual e injusta, a partir de padrões de raça e classe, e, portanto, eram também intelectual e moralmente condenáveis. Tudo isso era verdade.

Mas agora, ao olhar consternada para Allie, ansiosa para retornar à sua condição de total descaso; ao imaginar se Pennsatucky seria capaz de se controlar e provar que era a boa mãe que tanto queria ser; ao me preocupar com muitas das amigas em Danbury, cuja saúde havia sido devastada pela hepatite e pelo HIV; e quando via na sala de visitas a forma como o vício tinha destruído os vínculos entre mães e filhos, finalmente compreendi as verdadeiras consequências das minhas próprias ações. Eu tinha colaborado para que aquelas coisas horríveis acontecessem.

O que finalmente fez com que eu reconhecesse a crueldade indiferente do meu próprio passado não foi o cerceamento à minha liberdade imposto pelo governo dos Estados Unidos, nem as dívidas que acumulei com os custos legais do meu processo, nem o fato de não poder estar com o homem que amava. Eu estava convivendo, falando e trabalhando com as pessoas que sofriam por aquilo que pessoas como eu tinham feito. Nenhuma daquelas mulheres me repreendia — a maioria delas também havia se envolvido intimamente com o tráfico de drogas. Porém, pela primeira vez realmente compreendi de que forma minhas escolhas me transformaram em cúmplice do seu sofrimento. Eu era uma cúmplice do vício delas.

Um longo período de serviço comunitário trabalhando com viciados no mundo exterior provavelmente teria me levado à mesma verdade e teria sido infinitamente mais produtivo para a comunidade. Mas nossa justiça criminal atualmente não tem espaço para a justiça restaurativa, na qual os criminosos confrontam os danos que provocaram e tentam compensar o mal que causaram às pessoas que prejudicaram. (Tive sorte de chegar a essa conclusão por conta própria, com a ajuda das mulheres que encontrei.) Em vez disso, nosso sistema de “correção” é baseado na noção de vingança e retaliação praticada de forma fria e à distância, sempre. E depois, os administradores desse sistema ainda se perguntam por que as pessoas saem da prisão mais problemáticas do que quando entraram.

★ ★ ★

VANESSA ROBINSON era uma transexual que tinha começado sua pena lá embaixo, na ICF. Sua presença no interior do presídio de Danbury era notória; os agentes penitenciários insistiam em chamá-la de “Richard”, seu nome de batismo. Certo dia, o Pavilhão ficou em polvorosa.

— A trans está vindo aqui para cima!!!

Um grande alvoroço antecedeu a chegada da Srta. Robinson. Algumas mulheres juraram que nunca falaria com ela; outras se diziam fascinadas. As mulheres das Índias Ocidentais e algumas mãmis espanholas manifestavam

repulsa; as evangélicas emitiam sons indignados; e as mulheres brancas de classe média pareciam confusas e nervosas. Já as veteranas adotavam uma atitude blasé.

— Ah, tínhamos por aqui um bando de garotas que estavam tentando fazer o caminho contrário. Elas costumavam protestar — disse a Sra. Jones.

— Caminho contrário? — perguntei.

— Passar de garota para rapaz, sempre reclamando dos seus remédios e toda aquela merda — completou ela, fazendo com a mão um gesto de desprezo.

Logo vi Vanessa de relance, pela primeira vez — com seu 1,80 metro, seus cabelos louros, pele cor de café, seios que pareciam dois balões, uma quase mulher da cabeça aos pés. Uma multidão de jovens admiradoras havia se formado ao seu redor, e ela parecia adorar toda aquela atenção. Não era uma “trans” modesta, presa por uma infelicidade qualquer e que tentava se entrosar. Vanessa era uma autêntica diva. Era como se Mariah Carey tivesse se materializado bem ali entre nós.

Diva ou não, Vanessa dispunha de inteligência e maturidade suficientes para lidar com a sua nova situação de forma discreta. Ela iniciou sua temporada no Pavilhão de forma quase recatada, sem histrionices. Várias outras mulheres tinha vindo da ICF com ela, incluindo uma jovem de beleza estonteante, chamada Wainwright, que era sua melhor amiga — as duas cantavam no coral da igreja. Wainwright era do tipo mignon, tinha olhos felinos e verdes, um sorriso enigmático e educação universitária — a maioria das outras mulheres negras começou imediatamente a adorá-la. As duas formavam um par perceptivelmente cômico, parecidas na teoria, mas completamente diferentes.

Durante as primeiras semanas que passaram no Pavilhão, elas ficavam juntas a maior parte do tempo. Vanessa era amigável quando abordada, porém mais reservada do que sua reputação e aparência poderiam sugerir. Ela foi trabalhar na cozinha.

— *Ele* não sabe cozinhar — debochava Pop, que se incluía na categoria das “enojadas” e não fazia esforço par ser gentil, embora sua opinião culinária fosse em parte verdade.

Houve um episódio de ketchup no molho à marinara que deixou o Pavilhão em polvorosa. Pop sussurrou em meu ouvido quem era o culpado, mas eu guardei segredo.

Eu gostava de Vanessa. O que foi ótimo, já que ela foi instalada no cubículo vizinho ao meu. Demonstrando grande habilidade, ela e Wainwright conseguiram ser acomodadas exatamente onde desejavam. Wainwright dividiu o beliche com Lionnel, que trabalhava no armazém e era a voz da razão e da disciplina em relação às jovens negras rebeldes. (“Garota, acho melhor você criar algum juízo, senão vou arrebentar essa sua cabeça!”) E Vanessa se mudou para o cubículo ao lado do meu com Faith, uma vovó de cabelos brancos, saída diretamente das florestas de New Hampshire, que traficava oxicodona e tinha vindo da ICF com Vanessa e Wainwright. As duas se davam muito bem. A chegada de Vanessa ao Dormitório B fez a Srta. Natalie revirar os olhos, mas ela era mais tolerante do que sua amiga Ginger Solomon, que perguntava:

— É isso que você quer ver no banheiro, Srta. Piper? E aí, é?!

Notei delicadamente que Vanessa havia feito a cirurgia de mudança de sexo, mas não, eu não estava atrás de uma amostra grátis.

E amostras grátis não faltavam. À medida que Vanessa foi se sentindo mais à vontade, ela se tornou mais espalhafatosa, adorava mostrar o glorioso resultado de sua cirurgia à qualquer mera sugestão. Logo, metade do presídio já tinha visto seus atributos. Seus seios enormes eram seu maior orgulho e sua alegria, e, dada a nossa diferença de altura, eles muitas vezes eram a primeira coisa que eu via ao abrir os olhos pela manhã. Com certeza ela era mais bonita do que muitas das prisioneiras que tinham nascido no âmbito do nosso gênero, mas uma observação mais próxima revelava algumas de suas características mais masculinas. Suas axilas eram peludas — ela dizia que, se não podia se depilar com cera, então foda-se — e, no ambiente quente e abafado do Dormitório B, ela exalava o cheiro inconfundível de um homem suado. Na prisão, Vanessa se viu privada dos hormônios que tomava, e por isso várias características masculinas que, de outro modo, teriam ficado menos evidentes, principalmente sua voz. Apesar de usar na maior parte do tempo

uma voz aguda, bem juvenil, ela era capaz de mudar a frequência para sua estrondosa e masculina voz de “Ricardão”. Adorava usar isso para dar um susto terrível nas pessoas, e conseguia eficientemente silenciar a barulheira do refeitório urrando “Cala a boca, todo mundo!”. O melhor de tudo eram seus gritos de encorajamento, com sua voz de Ricardão, no campo de *softball*, onde ela costumava ser disputada pelos times. Aquela vadia sabia jogar.

Vanessa era uma vizinha divertida e atenciosa, alegre e engraçada como uma *drag-queen*, inteligente, observadora e sensível ao que as outras pensavam e sentiam. Não perdia tempo em puxar seu álbum de recordações para compartilhar fotos e histórias sobre os homens que havia desiludido, fazendo graça para passar o tempo. (“Esse é o programa do desfile de Miss Negra Gay dos Estados Unidos — eu fiquei em quarto lugar!”) Todas as aspirantes a diva que nasceram mulheres (cuja maioria vivia no Dormitório B) imediatamente reconheceram nela um mestre com quem poderiam aprender alguma coisa. E Vanessa era uma boa influência para as jovens que viviam ao seu redor. Ela as repreendia com delicadeza quando se comportavam mal e as exortava a estudar, a estar bem com Deus e a amar a si mesmas.

Ela só tinha um ritual que era difícil de aturar. Todas as noites, depois de terminar seu trabalho na cozinha, Vanessa voltava para o seu cubículo, subia para sua cama no beliche e pegava um toca-fitas que havia conseguido contrabandear de alguma forma pela capela. Sua canção gospel favorita, explicando como Jesus nos amava, perdoava e nos ajudava a dar cada passo, ressoava então pelas paredes do cubículo, junto com a voz de Vanessa. Era nessa ocasião que sua necessidade de hormônios ficava mais evidente — Vanessa simplesmente não conseguia atingir as notas mais altas. As primeiras noites em que fez isso, sorri para mim mesma, achando graça; na décima vez, já estava enterrando a cabeça no travesseiro. No entanto, ao pensar nas outras aspirantes a cantora que tínhamos à nossa volta, decidi cerrar os dentes e suportar aquilo. Um hino por noite não ia me matar.

★ ★ ★

UM DOS muitos objetos contrabandeados que eu tinha em meu poder era um esmalte. Durante algum tempo ele foi vendido na cantina, mas agora era um item proibido. Janet Ioga tinha me dado um vidro de um maravilhoso esmalte magenta, que minha pedicure Rose Silva cobiçava abertamente. Prometi que o daria a ela quando fosse para casa, mas por enquanto guardava-o para mim e para Janet Ioga, que também adorava ter os dedos do pé bem pintados. Toda nova-iorquina que se dá ao respeito tem uma boa pedicure, mesmo que esteja atrás das grades.

Àquela altura, eu já era freguesa de Rose havia algum tempo. A existência de pedicures na prisão era uma das poucas coisas que eu tinha descoberto em minha pesquisa pré-cadeia, junto com a recomendação enfática de que, se fosse recorrer aos serviços de uma delas, era melhor comprar seus próprios instrumentos na cantina. A população carcerária apresenta alta incidência de doenças transmitidas pelo sangue, como HIV e hepatite, e ninguém quer se arriscar a qualquer tipo de infecção.

Logo ao chegar ao presídio, era tímida demais para pedir uma pedicure, embora admirasse as unhas douradas nos pés de Annette.

— Eu só vou na Rose — explicou ela.

Na verdade, só havia outra opção a Rose, e era Carlotta Alvarado — Pop era uma de suas clientes. As duas dividiam o mercado entre si. Pedicures de prisão são um negócio exclusivamente à base do boca a boca, e nesse caso as presas se mantinham ferozmente leais às suas escolhas.

Minha primeira visita à pedicure aconteceu ainda nos dias frios do início da primavera. Annette havia me dado uma sessão de presente.

— Marquei uma hora para você com a Rose Silva, não aguento mais ver seus dedos desse jeito nessas sandálias.

Na semana seguinte, me apresentei pontualmente num dos banheiros das celas perto do corredor principal para meu compromisso com Rose, armada com meus próprios instrumentos de pedicure — alicates de cutículas, pauzinhos de manicure, lixas de pé (todos vendidos na cantina, mas nenhum esmalte). Rose chegou com seu próprio kit, incluindo toalhas, uma bacia quadrada de plástico e uma coleção de esmaltes, alguns deles em cores bem

excêntricas. Eu me senti um pouco constrangida, mas Rose era tagarela e bastante profissional.

Rose e eu logo descobrimos que éramos ambas de Nova York, ela do Brooklyn, e eu, de Manhattan. Ela era uma ítalo-porto-riquenha, cristã convertida, cumprindo uma pena de trinta meses por ser pega tentando trazer dois quilos de cocaína pelo aeroporto de Miami. Tinha uma vivacidade realista e gostava de falar bobagens. Também era meticulosa como pedicure e fazia uma massagem maravilhosa nos pés. Em princípio, não se espera que ninguém toque em você na prisão, então a intimidade proporcionada por uma lânguida massagem nos pés, feita para agradar, quase me levou às lágrimas de êxtase.

— Uau, querida. Respire fundo um pouco! — aconselhou ela.

Por tudo isso, Rose cobrou cinco dólares em produtos da cantina — ela me avisou o que eu deveria comprar para ela no dia das compras. Ela tinha me conquistado. Tornei-me sua cliente.

O último trabalho de Rose nos meus pés foi, sem dúvida, sua obra-prima. Era um esmalte francês de um rosa pálido, com flores de cerejeira magenta e brancas aplicadas nas unhas dos dedos. Não conseguia parar de olhar para os meus dedos enquanto calçava minhas sandálias, estavam fantásticos.

★ ★ ★

APESAR DA serenidade que tinha se estabelecido na minha rotina, eu ainda experimentava momentos de irritação com as minhas companheiras de prisão, o que me deixava perturbada. Na academia, quase perdi a paciência com Janet Ioga durante a aula, quando ela insistiu que sim, eu era capaz de colocar meu pé atrás da cabeça se me esforçasse um pouco mais.

— Não, não consigo — retruquei. — Meu pé não chega atrás da minha cabeça. Ponto.

Ser uma das muitas pessoas que claramente não conseguiam ou não queriam exercer autocontrole era algo penoso para mim, e meditei bastante sobre o assunto. Ali na prisão, ouvi muitas histórias de horror, de mulheres

com muitos filhos a quem amavam, mas de quem não podiam cuidar, de famílias cujos pais ficaram presos por muitos anos, e pensei nas milhões de crianças que passam por essas experiências terríveis por causa das escolhas erradas dos pais. Somado às péssimas respostas do governo à questão do tráfico de drogas, que perpetuavam o mito nocivo de que o suprimento de drogas podia ser controlado quando a demanda continuava tão forte, aquilo tudo parecia resultar numa completa infelicidade totalmente improdutiva, que só poderia se voltar contra nós e nos ferir mais tarde. Pensei nos meus próprios pais, em Larry e em tudo o que estavam enfrentando naquele momento por minha causa. Esse é o tipo de penitência que às vezes pagamos na penitenciária. Era algo emocionalmente devastador, e quando via mulheres fazendo as escolhas erradas no dia a dia da prisão, ou simplesmente agindo de forma errada, ficava muito chateada.

Eu era bastante obstinada em manter a visão “nós e eles” em relação aos funcionários da prisão. Alguns deles pareciam gostar de mim, e eu achava que me tratavam melhor do que a algumas outras detentas, uma atitude que eu considerava abominável. Mas quando eu via outras presas se comportando de maneiras que iam de encontro à minha noção de unidade — por falta de um termo melhor —, de modo mesquinho, ignorante ou simplesmente de uma maneira antissocial, tinha muita dificuldade de lidar com isso. Aquilo me deixava meio maluca.

Encarei tudo isso como um indício de que havia me adaptado demais à vida na prisão, de que estava perdendo o foco do “mundo real” e de que provavelmente deveria ler os jornais com mais frequência e escrever mais cartas. Focar no aspecto positivo era difícil, mas sabia que tinha encontrado as mulheres certas em Danbury para me ajudar a fazer isso. Uma vizinha na minha cabeça me lembrava de que eu talvez jamais visse algo parecido com aquilo novamente, e que mergulhar na minha situação atual, vivenciá-la e aprender tudo o que havia para aprender poderia ser a maneira de viver a vida, agora e sempre.

— Você anda pensando demais — disse Pop, que tinha conseguido passar uma década ali e ainda assim manter a sanidade.

Nossa, aquela sessão de pedicure foi demais. E ainda havia as lâmpadas para trocar, trabalhos de final de curso para escrever como *ghost-writer*, pacotes de açúcar e ferramentas para roubar, filhotes de cachorro com que brincar e fofocas para ouvir e contar. Ao pensar demais a respeito da minha vida na prisão, quando deveria estar pensando em Larry, eu me sentia um pouco culpada. Ainda assim, certas coisas faziam com que eu percebesse com maior nitidez a minha ausência do mundo lá de fora, como os acontecimentos únicos que ocorreriam sem minha participação. Em julho, nosso grande amigo Mike se casaria no campo, no seu terreno de duzentos metros quadrados em Montana. Eu queria estar lá, entre amigos, naquele verão maravilhoso de Montana, brindando com tequila a Mike e sua noiva. O mundo continuava a girar apesar de eu ter sido transportada para um universo paralelo. Queria desesperadamente voltar para casa, e quando dizia “casa”, isso significava “onde quer que Larry esteja”, mais do que Manhattan, mas os sete meses restantes se estendiam à minha frente. Agora sabia que seria capaz de enfrentá-los, mas ainda era cedo demais para começar a contar os dias.

★ ★ ★

NO DIA 20 de julho, Martha Stewart foi condenada a cinco meses num presídio e cinco meses de prisão domiciliar, uma típica “sentença dividida” aplicada a criminosos de colarinho branco, mas bem abaixo da pena máxima aplicada àquele tipo crime. Algumas das presas estranharam essa sentença. Cerca de 90% dos acusados por crimes se declaram culpados. Normalmente, um réu que decide levar seu caso até um tribunal e se vê condenado no julgamento costuma receber penas pesadas do juiz, com a sentença máxima, e não a mínima; isso tinha acontecido com algumas mulheres no Pavilhão que cumpriam penas muito longas. No entanto, a maioria ali estava convencida de que Stewart seria a nova companheira de beliche de alguém em Danbury, e isso certamente animaria as coisas por ali. Se Martha fosse designada para

Danbury, eu tinha certeza de que a colocariam no Condomínio (Dormitório A), com os casos de transtorno obsessivo-compulsivo.

★ ★ ★

DESDE QUE cheguei a Danbury, tinha ouvido falar no Dia das Crianças. Uma vez por ano o Departamento Federal de Prisões organizava um evento no qual as crianças poderiam passar um dia inteiro nos presídios com suas mães. Atividades eram planejadas, incluindo corridas de revezamento, pintura facial, piquenique e *piñatas*. As crianças podiam andar pelo Pavilhão na companhia das mães, algo vagamente semelhante a um passeio no parque com a família. Naquele dia, todas as outras presas deveriam ficar nas suas áreas de alojamento. Por essa razão, as garotas mais experientes haviam me aconselhado enfaticamente a me voluntariar para ajudar, de modo que eu não ficasse restrita ao meu cubículo durante oito horas num dia que talvez fosse muito quente.

Precisavam de muita ajuda para organizar as atividades, então, na primeira semana de agosto, fui convocada para uma reunião dos voluntários. Eu ficaria responsável pelo estande de pintura facial. Quando chegou o sábado, fazia realmente um calor dos infernos, mas mesmo assim o Pavilhão vibrava, tomado por uma energia nervosa. Pop e sua equipe se esforçavam para preparar os cachorros-quentes e hambúrgueres. Voluntários andavam de um lado para o outro ou montavam os estandes das atividades; havia uma pequena tenda armada sobre a mesa de pintura facial, com potes de tinta e lápis coloridos espalhados por toda parte. Fiquei surpresa ao perceber quanto estava nervosa. E se as crianças se comportassem mal e eu não conseguisse lidar com elas? Certamente não seria eu quem iria repreender os filhos de outra presa — imaginem só como seria. Um tanto ansiosa, pedi orientação à outra encarregada de pintar as crianças, que era uma veterana.

— É fácil. Basta mostrar a elas os desenhos no mostruário e perguntar o que elas preferem — disse, totalmente entediada, mostrando uma folha com desenhos de arco-íris, borboletas e joaninhas.

As primeiras crianças começaram a chegar para o seu grande dia. Elas precisavam ser inscritas antecipadamente e deveriam ser deixadas por um adulto na sala de visitas, o mesmo que deveria buscá-las mais tarde, e que não poderia entrar no interior do presídio — as crianças tinham de entrar sozinhas. Muitas famílias haviam conseguido levar as crianças até lá de lugares bem distantes — Maine, oeste da Pensilvânia, Baltimore e mais longe ainda —, e para algumas das crianças aquela seria a única vez no ano inteiro em que veriam suas mães. Passar pelos procedimentos de admissão à parte interna da prisão deve ter sido assustador para muitas delas, que então podiam correr para os braços das mães. Depois dos abraços e beijos, elas podiam andar de mãos dadas com suas mães, descendo a escada para o refeitório e para a parte de trás do presídio, para a pista de atletismo e para as mesas de piquenique e a área ao ar livre, onde teriam o dia inteiro pela frente.

Nossa primeira cliente se aproximou timidamente do estande de pintura facial acompanhada da mãe, uma colega que trabalhava na oficina de carpintaria.

— Piper, ela quer uma pintura no rosto.

A menina tinha provavelmente uns cinco anos, cabelos encaracolados cor de caramelo presos num rabo de cavalo e bochechas cheinhas.

— Muito bem, querida, o que você quer? — perguntei a ela, apontando para a folha com os modelos desenhados.

Ela olhou para mim. Eu olhei para ela. Olhei para a mãe dela.

— O que ela quer?

A mãe deu de ombros.

— Não sei, que tal um arco-íris?

No modelo, o arco-íris estava saindo de trás de uma nuvem. Não parecia muito difícil desenhar aquilo.

— Que tal um coração com uma nuvem... azul, para combinar com o vestido dela?

— Ótimo, tanto faz.

Segurei seu pequeno queixo na minha mão e tentei manter a outra firme enquanto pintava. O resultado final ficou muito grande e muito... azul. A mãe

examinou meu trabalho e então me olhou como quem diz *Que porra é essa?* Mas ela elogiou a menina.

— Ficou tão fofo, filhinha, *que linda!* — disse, em espanhol, e foram embora.

Aquilo era mais difícil do que parecia.

Mas foi ficando mais fácil. Depois que passou a timidez inicial das crianças perto de adultos desconhecidos, todos se aproximaram para ter o rosto pintado. As crianças eram incrivelmente bem comportadas, esperando pacientemente na fila e sorrindo docemente quando enfim chegava a sua vez de escolher o desenho. Ficamos ocupadas por horas, até que finalmente tivemos uma pausa para o almoço. Comi um hambúrguer com Pop, enquanto assistia às famílias espalhadas pelo gramado e pelas mesas de piquenique. As crianças menores estavam brincando juntas. As filhas adolescentes de Gisela flertavam com os filhos adolescentes de Trina Cox, que eram realmente bonitinhos. Algumas das mães pareciam estar um tanto perdidas — não estavam mais acostumadas a tomar conta dos próprios filhos numa situação comum e cotidiana. Mas todos estavam se divertindo. Fui tomada novamente pelo mesmo sentimento que experimentei quando Natalie passou na prova do supletivo, como se houvesse um tornado dentro de mim. Tanta felicidade concentrada num lugar assim tão triste.

Depois do almoço, voltei ao estande de pintura facial. Agora algumas das crianças mais velhas começaram a se aproximar.

— Você pode fazer uma tatuagem? De um tigre ou de um raio?

— Só se sua mãe deixar.

Depois de obtida a autorização das mães, comecei a trabalhar, “tatuando” raios, âncoras e panteras nos antebraços, ombros e panturrilhas, para grande alegria dos adolescentes. Exibi minha própria tatuagem, que arrancou *ohs* e *ahs* de admiração.

O mais novo dos dois filhos de Trina Cox se aproximou. Vestia uma camisa imaculadamente branca com o emblema do New York Jets, com um boné novo da mesma cor e uma bermuda verde.

— Esse aí é o meu time também — disse eu, enquanto ele se sentava no meu estande de tatuagem improvisado.

Ele me olhou muito sério.

— Você sabe fazer aquelas letras góticas?

— Letras góticas? Quer dizer, aquelas todas rebuscadas?

— É... que nem a dos rappers?

Olhei ao meu redor à procura da mãe dele, mas não a encontrei.

— Nunca fiz antes, mas posso tentar. É para escrever o quê?

— Hum... meu apelido, John-John.

— Ok, John-John.

Nós nos sentamos frente a frente enquanto eu segurava seu antebraço. Acho que ele devia ter uns catorze anos.

— Quer horizontal ou vertical?

Ele pensou um pouco mais.

— Talvez seja melhor só “John”?

— Parece ótimo assim. Vou fazer horizontal, com letras bem grandes.

— Ok.

Nenhum de nós falou enquanto eu trabalhava, debruçada sobre o seu braço. Fui muito cuidadosa, tentando obter o melhor efeito possível, como se fosse algo permanente. Ele ficou quieto, me observando e talvez imaginando como seria fazer uma tatuagem de verdade. Finalmente me levantei, satisfeita. Mas e ele?

Recebi um enorme sorriso. Ele contemplou o braço.

— Obrigado!

John-John era um doce de garoto. Ele correu para mostrar o desenho ao irmão mais velho, o astro do futebol americano.

À tarde, já quase no fim das atividades programadas, chegou a hora das *piñatas*, recheadas de doces e pequenos brindes. A brincadeira de quebrar as *piñatas* — feitas ali mesmo, na prisão — foi supervisionada pelo idiota responsável pela cantina, que foi surpreendentemente simpático com todas as crianças. John-John, de olhos vendados, bateu com seu bastão na *piñata* em forma de Pokémon que eu tinha decorado até acertá-la em cheio, liberando

os doces para a multidão de crianças. Agora se aproximava o momento que tínhamos nos esforçado para esquecer: o fim do dia e as despedidas. Aquelas crianças que tinham viajado de muito longe, haviam se aproximado das suas mães mais do que em qualquer outro momento daquele ano, e tinham em seguida comido um monte de doces. Seria impossível repreendê-las por chorarem na hora de ir embora, mesmo que já estivessem “grandes demais para isso”. No jantar daquela noite, as mães pareciam mais calmas e ao mesmo tempo exaustas — isto é, as que ainda aguentaram ir até o refeitório. Fiquei feliz por ter ficado ocupada demais para pensar, porque mais tarde, encolhida na minha cama, eu também chorei sem parar.

★ ★ ★

CERTA MANHÃ, ao examinar a lista de chamada, reparei na inscrição OBGIN ao lado do meu nome.

— Putz, garota, é seu exame ginecológico anual! Se quiser, pode recusar o exame — comentou Angel, que também examinava a lista e sempre tinha algo a dizer.

— E por que recusaria? — perguntei.

— É um *homem*. Quase todo mundo recusa por causa disso — explicou Angel.

Fiquei horrorizada.

— Isso é ridículo. Provavelmente esse é o exame mais importante que todas essas mulheres poderiam fazer num ano inteiro! Quero dizer, é claro que uma prisão com 1.400 presidiárias deveria contar com *uma* ginecologista, mas mesmo assim...!

Angel deu de ombros.

— Não estou nem aí. Não vou deixar homem nenhum fazer essa porra comigo.

— Bem, não estou nem aí se é um homem ou não — anunciei. — Vou fazer um check-up.

Fui até o consultório médico na hora marcada, satisfeita por conseguir de volta do sistema uma parte do dinheiro que pago em impostos. Meu sentimento de satisfação se evaporou quando o doutor me chamou para entrar na sala que servia de consultório. Era um homem branco que parecia ter mais de oitenta anos e cuja voz era um tanto trêmula. Irritado, ele ordenou:

— Tira toda a roupa, se embrulha nesse papel e sobe na mesa de exame. Coloca os pés nos apoios e se abaixa. Volta já!

Num minuto eu estava apenas de sutiã, sentindo muito frio e apavorada. Não dava para cobrir meu corpo direito com aquela folha de papel. Deveria haver um robe, ou eu pelo menos ter ficado com minha camiseta. O médico bateu na porta e entrou. Fiquei olhando para o teto, tentando fingir que aquilo não estava acontecendo.

— Desliza para baixo — rosnou ele, preparando seus instrumentos. — Relaxa, você tem de relaxar!

Vou me limitar a dizer que foi horrível. E doeu. Quando tudo acabou, e aquele velho saiu batendo a porta, fiquei ali, agarrada àquela folha de papel, me sentindo exatamente como o sistema prisional queria que eu me sentisse — completamente impotente, vulnerável, solitária.

★ ★ ★

O TRABALHO no setor de construção era muito mais difícil fisicamente do que o trabalho na oficina elétrica. Fui ficando cada vez mais forte, levantando escadas pesadas, latas de tinta e tábuas, carregando e descarregando a picape. No fim de agosto, tínhamos praticamente terminado o trabalho na casa do diretor para seu novo residente, pintando a porta da garagem de vermelho vivo e retirando os entulhos. Era uma casa típica da Nova Inglaterra que havia sido expandida algumas vezes, com tetos baixos e quartos pequenos no andar de cima, mas, de um modo geral, era uma casa razoavelmente confortável. Era agradável passar um tempo naquela casa depois de meses vivendo nos alojamentos da prisão. Quase no limite do terreno do presídio,

eu e minhas colegas nos espalhávamos por aquela casa vazia, dando os últimos retoques.

Certa tarde, sozinha no banheiro do andar de cima, fiquei surpresa ao me olhar no espelho. Tive a impressão de que tinha rejuvenescido alguns anos, como uma cobra que se livrou de sua pele antiga. Tirei meu boné de beisebol branco, soltei os cabelos do rabo de cavalo e me olhei novamente. Tranquei a porta do banheiro. Então tirei minha camisa cáqui, minha camiseta branca e as calças. Estava de pé, de sutiã, calcinhas enormes e meu coturno. Tirei tudo isso. Olhei o meu próprio corpo no espelho, vendo a mim mesma nua pela primeira vez em sete meses. Nos dormitórios, nunca havia um momento ou um lugar em que uma mulher pudesse ficar de pé, ereta, e se examinar para descobrir como ela é fisicamente.

Ali, em pé, nua no banheiro da casa do diretor, pude ver que a prisão tinha me transformado. A maior parte do verniz acumulado nos cinco anos de infelicidade do período pré-julgamento tinha desaparecido. Exceto por uma década de linhas de expressão em torno dos meus olhos, eu estava mais parecida com a garota que tinha pulado naquela cachoeira do que jamais estivera nos últimos anos.

CAPÍTULO 13

Trinta e cinco, e ainda viva



As folhas das árvores já começavam a mudar de cor, o que me deixou muito animada com a promessa de um outono antecipado e da chegada acelerada do inverno. Em Danbury, aprendi a fazer os dias passarem mais rápido extraindo deles o máximo de prazer possível, por mais difícil que fosse. Algumas pessoas no mundo exterior procuram por defeitos em qualquer interação, qualquer relacionamento e em qualquer refeição; elas tentam sempre postergar a morte por meio do aperfeiçoamento. Em vez disso, era incrivelmente libertador tentar fazer os dias passarem mais rápido.

Eu repetia a frase “Tempo, seja meu amigo” diariamente. Logo eu tentaria fazê-lo passar mais depressa correndo em círculos na pista de atletismo. Até mesmo nas piores circunstâncias, a vida ainda tinha seus prazeres, como as corridas, os biscoitos caseiros de Natalie e as histórias de Pop. Eram essas coisas simples que estavam ao nosso alcance na situação deplorável da vida na prisão; as coisas que nós mesmas podíamos fazer, ou as pequenas gentilezas que uma prisioneira podia oferecer a outra.

Eu precisava passar algum tempo na pista de atletismo depois de um longo dia pintando o saguão lá no pé do morro. Era o primeiro dia de trabalho do novo diretor e ouvi dizer que, para comemorar, havia sido feita uma revista na ICF inteira, uma tarefa imensa e rara que abrange doze unidades de 1.200 mulheres e seus respectivos armários. Eu estava convencida de que a vez do Pavilhão chegaria logo. Os federais procuravam por cigarros.

Em 2008, o Departamento Federal de Prisões decretou que seria proibido fumar em todas as suas instituições. Estabeleceu incentivos financeiros para que as prisões colocassem o veto em prática antes de o prazo terminar. O último ato da diretora Deboo em relação às mulheres de Danbury foi impor a proibição, que começaria oficialmente em 1º de setembro. Nos meses anteriores, foram distribuídos vários comunicados sobre a proibição. Num primeiro momento, em julho, a cantina estimulou o consumo de cigarros para tentar acabar com seu estoque. Então, em agosto, todas as presas tiveram um mês para fumar até os miolos antes de entrar em abstinência forçada de uma das drogas mais viciantes do mundo.

Para falar a verdade, não gostei muito da proibição. Eu nunca admitiria para Larry ou para minha mãe na sala de visitas, mas eu fumava um cigarro de vez em quando com Allie B., Pequena Janet ou Jae. Uma amiga da oficina elétrica tinha me ensinado a fazer um isqueiro com um pedaço plástico metalizado, duas pilhas AA, pedaços de arame de cobre e fita isolante. Mas eu podia ficar sem fumar sem problema algum. No entanto, os cigarros estavam, obviamente, matando os fumantes “de verdade”, e a longa fila que se formava duas vezes ao dia para pegar comprimidos incluía não apenas as muitas pessoas que tomavam remédios psiquiátricos, mas também mulheres que precisavam, desesperadamente, de medicação para o coração ou contra a diabetes para se manter em pé. De acordo com o Centro para Controle de Doenças, os cigarros matam mais de 435 mil pessoas ao ano nos Estados Unidos. A maior parte de nós em Danbury estava presa por tráfico de drogas ilegais. O número de mortes de viciados em drogas ilegais por ano, de acordo com o mesmo estudo governamental? Dezessete mil. Heroína ou cigarro, você decide.

Quando setembro chegou, muitas prisioneiras ficaram visivelmente deprimidas. Elas fumavam às escondidas em lugares absurdos, praticamente implorando para serem flagradas. Todas as vezes que eu corria na pista de atletismo, surpreendia um novo grupo no meio dos arbustos. Foi então que as revistas começaram para valer, e pessoas foram enviadas para a UAS. Pop, sempre muito esperta, negociou com seu supervisor de trabalho um acordo

em que ela podia fumar protegidamente um cigarro no final do expediente e usar a cozinha como um esconderijo seguro.

A população do Pavilhão começou a diminuir, e o número de camas vazias aumentou. O lugar ficou silencioso, o que era bom, mas eu sentia falta de minhas amigas e vizinhas escandalosas que tinham ido embora: Allie B., Colleen e Lili Cabrales. Assim que a “moratória da Martha” fosse suspensa, o Pavilhão receberia muita gente esquisita, arruinando nossas vidas de cárcere temporariamente tranquilas. Seguindo as instruções de Larry, eu assistia mais à televisão, mas não aos noticiários. A maioria das detentas não acompanhava a campanha presidencial. Em vez disso, me juntei à plateia para assistir ao aguardadíssimo Video Music Awards em agosto. “Qual é, B?”, perguntou Jay-Z, e a sala de visitas se encheu de gritinhos. Na cadeia, todos cantam junto com a música.

★ ★ ★

DEZESSEIS DE setembro foi o dia da Feira de Empregos na prisão, um evento anual de fachada organizado pela ICF de Danbury que teoricamente abordava o fato de que as presas teriam de reingressar no mundo exterior. Até então eu não havia testemunhado qualquer esforço significativo de preparar as presidiárias para um retorno bem-sucedido à sociedade, com exceção das mulheres que passaram pelo programa intensivo de tratamento contra a dependência química. Talvez a Feira de Empregos fornecesse algumas informações úteis para todas nós.

Eu tinha a sorte de contar com um trabalho me esperando quando fosse para casa: um amigo generoso havia criado um cargo para mim na empresa que administrava. Todas as vezes que vinha me visitar, ele dizia: “Dá pra se apressar e sair logo daqui? O departamento de marketing precisa de você!”

Praticamente ninguém que conheci em Danbury tinha essa sorte. As três maiores preocupações das mulheres que são liberadas da cadeia costumam ser: voltar a viver com os filhos (se fossem mães solteiras, muitas vezes tinham perdido a guarda deles); moradia (um problema enorme para as pessoas que

tinham antecedentes criminais); e emprego. Àquela altura, eu já havia escrito uma quantidade suficiente de currículos carcerários para saber que muitas mulheres tinham trabalhado apenas na (enorme) economia informal. Excluídas do mercado de trabalho formal, elas não tinham ideia de como ingressar nele. Até aquele momento, nada na prisão havia contribuído para mudar essa realidade.

Um careca do escritório central do DFP em Washington, que parecia nervoso, fez a abertura da feira e nos deu as boas-vindas. Cópias da programação foram distribuídas, folhetos com o desenho de uma coruja na capa. Embaixo da coruja lia-se: SEJA ESPERTA — Mulheres em empregos seguros. No verso do programa havia citações do apresentador de TV Andy Rooney.

Várias empresas haviam se comprometido a participar do evento, muitas delas entidades sem fins lucrativos. O dia incluiria: uma mesa-redonda sobre “Empregos em ascensão no mercado de trabalho e como consegui-los”; simulações de entrevistas de emprego; e Mary Wilson, a lendária cantora do trio Supremes, que faria um discurso motivacional. Eu tinha de ver aquilo. Mas primeiro, “Como se vestir para o ambiente de trabalho”!

“Como se vestir...” era organizada pela Dress for Success, uma entidade sem fins lucrativos que ajuda mulheres pobres a conseguir roupas apropriadas para o local de trabalho. Uma jovial mulher de meia-idade nos explicou os erros e acertos no momento de escolher a roupa para uma entrevista de emprego, e solicitou voluntárias. Vanessa quase quebrou o nariz de sua vizinha de assento ao acenar freneticamente, então a mulher não pôde deixar de escolhê-la. Assim, num piscar de olhos, eu estava em pé na frente da sala com minha vizinha amazona, Delicious, e Pompom.

— Estas belas mulheres vão nos ajudar a demonstrar os erros e acertos — informou alegremente a voluntária.

Ela nos acompanhou até o banheiro e, em seguida, distribuiu as roupas. Para Delicious, deu um terno preto elegante, num estilo meio japonês; Pompom ganhou um terno rosa com o qual ela parecia estar indo a uma missa no sul do país. Eu ganhei uma roupa bordô terrivelmente cafona que

pinicava. E Vanessa? Um vestido chique de seda na cor fúcsia com um bordado de contas no peito.

— Vamos lá, senhoras!

Parecíamos estudantes vestindo as fantasias para o espetáculo de fim de ano, rindo e ajeitando aquelas roupas de sair que nos eram estranhas.

— Isso está do jeito certo? — perguntou Delicious, e ajeitamos sua saia longa e assimétrica. Pompom ficava bem de rosa... Quem diria?

Mas Vanessa estava preocupada.

— Piper, não estou conseguindo fechar o zíper, me ajuda!

As voluptuosidades de minha vizinha saltavam do vestidinho chique, que era pequeno demais. Parecia que ia chorar se não conseguisse vesti-lo.

— Ai, poxa, Vanessa, eu não sei. Tudo bem, fica parada... agora prende a respiração! — levantei o zíper um pouco. — *Prende* a respiração, garota, está quase lá!

Ela arqueou as costas, respirou fundo, e consegui fechar o vestido por cima do grande V formado por seus ombros.

— É só não respirar que vai dar tudo certo.

Nós quatro olhamos umas para as outras.

— P-I Piper, prende o cabelo. Vai parecer mais profissional — sugeriu Delicious. Prendi o cabelo em um coque. Agora era a hora do show.

Cada uma pôde desfilar uma vez na passarela, para o deleite das nossas colegas prisioneiras, que gritaram e assoviaram. Elas ficaram doidas quando viram Vanessa, que se deliciou com a bajulação, jogando os cachos por cima do ombro. Em seguida, ficamos em fila, e a voluntária explicou quem estava com a roupa certa e quem estava com a roupa errada para uma entrevista de emprego. A de Delicious foi considerada muito “ousada”; a de Pompom “fofa” demais. Vanessa pareceu arrasada quando ouviu que vestia “a última coisa que alguém deveria vestir para uma entrevista”.

— De que tipo de trabalho você está falando? — perguntou ela, melancolicamente.

O meu conjunto feio de *tweed*, próprio para uma bibliotecária, foi anunciado como a roupa mais apropriada para o ambiente de trabalho.

Após nos divertirmos com as roupas elegantes, uma mesa-redonda formada por empresárias abordou com seriedade os setores ascendentes da economia que tinham empregos em níveis iniciantes, como a assistência domiciliar em saúde. No entanto, havia um burburinho nervoso na plateia. Quando chegou a hora das perguntas, mãos foram rapidamente levantadas.

— Como podemos receber treinamento para esse tipo de trabalho?

— Como saber quais empregos estão disponíveis lá fora?

— Como saber quem contrata mulheres com antecedentes criminais?

Uma das participantes da mesa-redonda tentou responder a várias perguntas de uma só vez.

— Eu recomendo que vocês passem um bom tempo no computador pesquisando essas empresas e indústrias, procurando vagas de emprego online e tentando encontrar oportunidades de treinamento. Imagino que vocês tenham acesso à internet?

Isso causou certo alvoroço.

— Nós nem temos computadores!

As participantes olharam uma para a outra e franziram as testas.

— Estou surpresa por ouvir isso. Vocês não têm um laboratório de informática ou qualquer tipo de treinamento em computação aqui?

O representante careca do DFP começou a se explicar, nervoso.

— Claro que têm, todas as unidades deveriam...

Isso provocou gritos indignados das mulheres. Rochelle, do Dormitório B, se levantou:

— Nós não temos nenhum computador no Pavilhão! Não, senhor!

Sentindo que poderia estar com um problema em suas mãos, o executivo do DFP tentou ser conciliador:

— Eu não sei a razão disso, senhorita, mas prometo que vou averiguar!

Mary Wilson era uma mulher baixinha e adorável, e vestia um terninho marrom-claro impecável. Desde o começo, ela prendeu a atenção da plateia. Não falou muito sobre trabalho. Falou sobre a vida e cantou alguns trechos de músicas. Contou, sobretudo, histórias de dificuldades e provações, sobre como lidar com as adversidades e sobre Diana Ross. Mas o que me

impressionou na Srta. Wilson e também nas outras mulheres que doaram seu tempo naquele dia foi o respeito com o qual elas se dirigiram às prisioneiras, como se nossa vida futura tivesse esperança, sentido e possibilidade. Depois de todos aqueles meses em Danbury, aquilo foi uma novidade surpreendente.

★ ★ ★

MARTHA STEWART ainda estava na mente de todas. A histeria quanto ao local onde a apresentadora cumpriria sua curta sentença e o que aconteceria com ela vinha crescendo fora e dentro da prisão. Ela havia pedido ao juiz para ser enviada a Danbury, para que sua mãe de noventa anos, que morava em Connecticut, pudesse visitá-la facilmente. No entanto, o juiz não tinha qualquer ingerência nessa questão. Os poderes instituídos do Departamento de Prisões em Danbury (ou em Washington) não a queriam, talvez porque não desejassem que o lugar fosse objeto do escrutínio minucioso da mídia. O Pavilhão tinha sido “fechado” para novas presidiárias desde a condenação de Stewart, supostamente “lotado”, embora tivéssemos cada vez mais camas vazias a cada semana que passava.

Muitas notícias maldosas sobre nós foram publicadas na imprensa. Eu não fiquei nem um pouco surpresa, mas as mulheres ao meu redor ficaram visivelmente aborrecidas, sobretudo as de classe média. Um artigo publicado na *People* nos chamou de “ralé” da humanidade e especulou sobre os espancamentos e abusos que Martha poderia sofrer.

Annette me procurou num dia após a entrega das correspondências, angustiada por causa de seu exemplar.

— Sou assinante da revista *People* há mais de 35 anos. E agora virei ralé? Você é ralé, Piper?

Respondi que achava que não. Mas a raiva da *People* não foi nada comparada ao furacão que abalou o Pavilhão em 20 de setembro. Voltei da pista de atletismo no início da noite e encontrei um grupo de residentes do Dormitório A ao redor de Pop, xingando e fazendo que não com a cabeça para um jornal.

— O que houve? — perguntei.

— Você não vai acreditar nisso, Piper — disse Pop. — Você se lembra daquela vaca francesa maluca?

Em 19 de setembro, o *Hartford Courant* dominical publicou um artigo de primeira página — nós recebíamos os jornais com um dia de atraso, para que a instituição pudesse “controlar o fluxo de informação”. A jornalista Lynne Tuohy havia conseguido uma entrevista exclusiva com uma recém-libertada do Pavilhão, “Barbara”, a quem Martha contatara para que lhe explicasse um pouco da vida no Pavilhão de Danbury. E “Barbara” tinha algo interessante a dizer.

“Depois que o choque de estar em uma prisão passou, aquilo se transformou em férias”, disse Barbara numa entrevista após sua conversa com Stewart. “Eu não precisava cozinhar. Não precisava limpar. Não precisava fazer compras. Não precisava dirigir. Não precisava comprar gasolina. Tinha máquina de gelo, tábuas de passar roupa. Era como um enorme hotel.”

Essa era Levy, sem dúvida. Depois de ser levada para testemunhar contra seu ex-namorado vigarista, ela havia reaparecido no Pavilhão por uma curta semana em junho e, em seguida, libertada, com o fim da sua pena de seis meses. Aparentemente, sua estadia tinha sido muito mais divertida do que ela havia deixado transparecer enquanto tivemos o prazer de sua companhia. Ela teceu elogios à prisão no jornal, falando sobre como havia gostado “da ampla variedade de cursos” disponível e:

“duas bibliotecas com uma farta seleção de livros e revistas, incluindo *Town and Country* e *People*.” A comida, Barbara acrescentou, era “maravilhosa”.

“Aquele lugar é magnífico”, concluiu.

Imaginei Levy, toda inchada de urticária, parecendo o Homem Elefante, chorando todos os dias de sua pena de seis meses e esnobando quem ela não considerava “elegante”.

“Eu fazia o cabelo todas as semanas”, disse Barbara. “Em casa, não cuido de mim mesma. Cuido dos meus filhos. Cuido da casa. Lá, tinha tempo para cuidar de mim. Quando voltei para a casa, melhorei um pouco a minha qualidade de vida.”

Ela rapidamente acrescentou que as massagens “não têm qualquer conotação sexual” e ri quando os amigos lhe perguntam se foi “atacada” — agredida sexualmente — durante sua estadia. “Eu diria: ‘Está brincando? A maioria das pessoas lá é muito elegante.’”

A repórter apurou mal diversos fatos de menor importância, como a presença de quatro freiras residentes e que podíamos comprar tocadores de CD na cantina. Algumas mulheres ficaram revoltadas com a alegação falsa de que podíamos comprar sorvete Häagen-Dazs. O Pavilhão irrompeu em gritos de ameaça a Levy, que agora estava em liberdade. Boo Clemmons ficou ensandecida.

— Que porra de Häagen-Dazs! Hotel! É melhor aquela mentirosa não violar a condicional, porque se eu colocar as mãos nela, ela vai pensar que alugou um quarto no Motel Inferno!

“Acho que Martha vai ser designada para trabalhar na cozinha, vai ser cozinheira e será feliz”, profetizou Barbara.

Imaginei Martha Stewart tentando assumir o controle da cozinha de Pop. Seria um confronto mais interessante do que *Godzilla versus Mothra*.

Pop ficou muito aborrecida, mas não pela perspectiva de ter Martha no refeitório.

— Piper, não consigo entender. Por que ela mentiu? Ela tem a oportunidade de falar a verdade sobre este lugar e, em vez disso, inventa essas mentiras? Não temos nada aqui, e ela faz tudo parecer um piquenique, com sua merda de pena de seis meses. Tenta viver aqui por dez anos!

Eu achava que sabia a razão pela qual Levy mentira. Ela não queria admitir para si mesma, muito menos para o mundo exterior, que havia sido enviada para um gueto, como os guetos que existiam antigamente na Polônia. A prisão é, literalmente, um gueto no sentido mais clássico da palavra, um lugar onde o governo dos Estados Unidos, hoje, não coloca só os perigosos, mas também os inconvenientes — doentes mentais, viciados, pobres, pessoas pouco instruídas e sem profissão. Enquanto isso, o gueto do mundo exterior também é uma prisão, mas uma prisão muito mais difícil de escapar do que esta. Na verdade, existe, basicamente, uma porta giratória entre nossos guetos urbanos e rurais e o gueto formal de nosso sistema prisional.

Era doloroso demais, pensei, para Levy e para outras (sobretudo as prisioneiras de classe média) admitirem ter sido classificadas como indesejáveis, empurradas contra sua vontade para a detenção e forçadas à escassez, sem nem mesmo a dignidade do encarceramento voluntário. Assim, em vez disso, ela disse que era um resort penitenciário.

★ ★ ★

MINHA VIZINHA Vanessa me fez um relato detalhado sobre como, ainda como o jovem Ricardo, ela foi proibida de ir ao seu baile de formatura por planejar usar um vestido (ela arranjou umas calças pantalonas com lantejoulas, encontrou uma mãe da associação dos pais e professores disposta a aprová-las e compareceu triunfante ao evento). Mas nunca descobri o que havia causado sua ida para uma prisão federal, ou porque ela tinha sido primeiramente encaminhada para uma instituição de segurança máxima. Para mim, era quase certo que ela não estava na cadeia por algum envolvimento com drogas, e tinha uma suspeita ou um pressentimento de que tinha dado trabalho para os agentes federais antes de ser presa, o que provavelmente era a

razão pela qual ela fora parar lá na UAS. Ela me lembrava os gays e as transexuais que conheci em São Francisco e Nova York — esperta, mordaz, espirituosa e curiosa.

Eu tinha mais curiosidade pela história de Vanessa do que pela maioria das outras presidiárias, sobretudo após sua aparição incomum na sala de visitas certo fim de semana. Lá estava ela, cabelo e maquiagem impecáveis, uniforme bem passado, muito mais alta do que sua visita, uma mulher branca, baixinha, muito bem vestida e com cabelos brancos como neve. Elas ficaram em pé perto das máquinas de venda automática, de costas para mim, a idosa vestindo azul-claro, Vanessa com seus ombros largos e quadris estreitos que qualquer homem cobiçaria.

— A visita foi boa? — perguntei mais tarde, sem esconder minha curiosidade.

— Foi sim! Aquela é minha avó! — respondeu, animada. Fiquei mais intrigada ainda, porém não saciada.

Eu definitivamente sentiria falta dela — ela sairia em poucas semanas. À medida que a data de soltura se aproximava, Vanessa ficava cada vez mais ansiosa, e seu comportamento religioso intensificou-se visivelmente. Muitas mulheres ficam muito, muito nervosas antes de retornarem ao mundo exterior — elas enfrentam futuros incertos. Acho que Vanessa se sentia assim. Mas seu nervosismo não impediu que planejássemos animadamente sua festa de despedida surpresa, organizada por Wainwright e Lionnel.

Foi um evento extraordinário. Várias cozinheiras contribuíram com guloseimas de micro-ondas; parecia um piquenique de igreja, com toda a tradicional rivalidade a respeito de quem preparara os melhores quitutes. Havia *chilaquiles*, macarrão frito e *cheesecake* da prisão — minha especialidade. Melhor ainda, havia uma bandeja de ovos temperados — um prato com ingredientes contrabandeados muito difícil de ser preparado.

Nós nos escondemos numa das salas de aula vazias, esperando pela Diva.

— Shhhhhhhhhh! Estou ouvindo ela! — alertou alguém enquanto apagava a luz.

Quando gritamos “Surpresa!”, ela fingiu espanto com elegância, apesar de sua maquiagem recém-retocada ter sido aplicada com grande esmero. Naquele momento, todo o coro da prisão começou a cantar, liderado por Wainwright, que fez um solo lindo num dos salmos. A melhor cantora era Delicious, que havia se depilado para a ocasião — Delicious tinha uma voz capaz de provocar arrepios, mas de um jeito bom. Ela precisou se virar para a parede enquanto cantava para Vanessa, para não perder a compostura e chorar. Depois da cantoria e da comida, a convidada de honra levantou-se e chamou cada uma de nós pelo nome para nos lembrar alegremente de que Jesus cuidava de todas nós e que Ele a tinha levado para nós. Ela nos agradeceu, com sinceridade comovente, por ajudá-la durante sua estadia em Danbury.

— Eu tive de vir para cá — disse, se empertigando e revelando sua verdadeira altura — para virar uma mulher de verdade.

★ ★ ★

AS NOITES de sábado, noites de cinema, eram especiais, mas de uma maneira antiquada, do tipo “vamos assistir a imagens em movimento”. Mas aquele sábado específico era muito, muito especial. Naquela noite, as garotas sortudas de Danbury iriam experimentar um tremendo deleite. O filme institucional da semana era a refilmagem de *Com as próprias mãos*, a clássica fantasia de vingança de um justiceiro, estrelado por Dwayne Johnson, vulgo The Rock.

Acho muito provável que, no futuro, The Rock, um ex-lutador profissional, se candidate à presidência dos Estados Unidos, e acho que ele vai ganhar. Vi com meus próprios olhos o poder de The Rock. The Rock une as pessoas; não as divide. Quando o DFP passou *Com as próprias mãos*, o tamanho da plateia, em todos os horários de exibição naquele fim de semana, foi inédito. The Rock tem um efeito sobre as mulheres que transcende as divisões de raça, idade, formação cultural — e até mesmo de classe social, a barreira mais intransponível nos Estados Unidos. Negras, brancas, espanholas, velhas, jovens, todas as mulheres têm tesão por The Rock. Até mesmo as lésbicas acham que ele é um colírio para os olhos.

Em preparação para *The Rock*, cumprimos todos os rituais das noites de sábado. Após o fim do horário de visitas e da boia, Pop e sua equipe terminaram de limpar o refeitório e me entregaram nossos lanches especiais de cinema — *nachos*, os meus favoritos. E aí era minha responsabilidade, como corredora, levar a comida da cozinha até um lugar seguro sem ser pega por um AP. Em geral, eu saía pelo Dormitório C, deixava minha vasilha de plástico e a de Pop em meu cubículo e entregava outras vasilhas para Toni e Rosemarie, nossas companheiras de filme.

Era Rosemarie quem arrumava as cadeiras na sala de visitas para a noite do cinema. Isso significava que ela controlava a disposição de cadeiras “reservadas” a certas pessoas, incluindo nós quatro no fundo da sala. Ao lado das cadeiras reservadas estava um daqueles móveis de prisão aleatórios, uma mesa alta e estreita, que para nós fazia o papel de aparador. Eu era encarregada de arranjar outra vasilha plástica para o gelo que Pop colocava nos refrigerantes, além de trazer a comida e os guardanapos na hora do filme. Pop, que ia trabalhar na cozinha às cinco da manhã e lá ficava o dia inteiro até a refeição noturna, raramente vestia algo além da rede de cabelo e o uniforme de cozinheira. Mas, nas noites de cinema, logo antes do início do filme, Pop entrava na sala, recém-saída do chuveiro, vestindo um pijama masculino azul-claro.

O pijama era um daqueles itens raros que, um dia, tinham sido vendidos na cantina. Era um pijama masculino bem simples, uma mistura de algodão com poliéster branco quase transparente (de alguma forma, o de Pop havia sido tingido para ela). Cobicei um pijama daquele durante meses após minha chegada à prisão. Então, quando Pop me presenteou com um adquirido especialmente para mim, fiz uma dança extática pelo seu cubículo, pulando loucamente até dar uma cabeçada na estrutura metálica do beliche. Agora Toni e Rosemarie diziam “Faz a dança do pijama, Piper!”, e eu dançava vestindo o pijama, tão extática quanto a dança de Snoopy na hora da comida. O pijama não era para ser usado na hora de dormir. Eu só o vestia nos fins de semana, para a noite do cinema ou para outras ocasiões especiais, quando

queria parecer bonita. Eu me sentia muito atraente quando vestia aquele pijama.

Pop adorou *Com as próprias mãos*. Ela preferia filmes com enredos simples, talvez com uma pitada de romance. Se o filme fosse triste, ela chorava, eu zombava dela, e ela me mandava calar a boca. Ela chorou quando assistiu a *Meu nome é Rádio*, enquanto eu revirava os olhos para as Gêmeas Italianas.

Depois de *Casa de areia e névoa*, ela se virou para mim e perguntou:

— Você gostou desse filme?

Dei de ombros:

— Hein? Foi ok.

— Achei que era o seu tipo de filme.

Eu nunca superaria a vergonha de ter sugerido entusiasticamente *Encontros e desencontros* quando foi exibido no início do ano. As mulheres de Danbury declararam em alto e bom som que aquele era o “pior filme de *todos* os tempos”. Boo Clemmons riu, balançando a cabeça:

— Todo aquele blá-blá-blá e o Bill Murray nem chega a comer ela.

A comida era um personagem central das noites de cinema tanto quanto de qualquer outra coisa. Pop preparava sua refeição especial de cinema no sábado à noite, o que era uma folga da infundável procissão de amido que consumíamos no refeitório, determinada pelo DFP. A tensão competitiva no bufê de saladas nos raros dias em que havia brócolis, espinafre ou — milagre dos milagres — *cebolas fatiadas* era uma mudança bem-vinda da monotonia de pepinos e couve-flor crua — eu me recusava a viver à base de batatas e arroz branco. Empunhava os garfos de salada de plástico com um sorriso, olhando para Carlotta Alvarado do outro lado do bufê enquanto cada uma tentava encher sua pequena vasilha com as verduras melhores mais depressa do que a outra — no meu caso, para devorar imediatamente com azeite e vinagre e, no caso dela, para contrabandear por dentro das calças e cozinhá-las mais tarde.

Dia de frango era um pandemônio. Primeiro de tudo, todas queriam receber a maior quantidade de frango possível. Era em momentos como esse que eu me dava bem por ser amiga de Pop. As regras da escassez regem a vida

na prisão: faça um estoque quando surgir a oportunidade e pense no que fazer com seu espólio mais tarde.

Em algumas ocasiões, porém, havia outros planos para aquele frango. Muitas vezes, no dia de frango, Rosemarie planejava cozinhar uma refeição especial para nós. Ela pedia que Toni e eu nos abstivéssemos de comer o frango no refeitório e que, em vez disso, o enfiássemos dentro das calças a fim de contrabandear-lo para fora dali para que fosse usado em alguma criação sofisticada, quase Tex-Mex, mais tarde na mesma noite. Isso requeria uma sacolinha plástica ou uma touca de cabelo limpa, que uma funcionária da cozinha ou servente nos fornecia. Colocávamos a comida dentro da embalagem apropriada na mesa, colocávamos o embrulho na parte frontal das calças e saíamos andando tão casualmente quanto era possível com frango contrabandeado sobre o quadril.

A lista de coisas importantes que uma prisioneira tinha a perder era bem curta: redução de pena por bom comportamento, privilégios de receber visitas, acesso ao telefone, alocação de beliche, alocação de trabalho, participação em programas. Era basicamente isso. Se você fosse pega roubando cebolas, o diretor podia tirar uma dessas coisas ou lhe dar trabalhos extras. Fora isso, a única opção era a UAS. Será que um guarda estaria disposto a trancafiar ladras de cebola e contrabandistas de frango na solitária?

Vamos dizer de outra forma: o espaço na UAS é um recurso limitado, e o diretor e os funcionários precisam usá-lo judiciosamente. Se você encher a UAS com ladras de galinha, o que fará com alguém que cometeu um crime grave?

★ ★ ★

OS ANIVERSÁRIOS eram eventos estranhos na prisão. Muitas presas se recusavam a revelar os seus, fosse por paranoia ou simplesmente porque não queriam que as outras os comemorassem. Eu não era uma dessas obstinadas e me esforçava para comemorar com alegria meu aniversário em Danbury,

dizendo coisas como “Pelo menos é só um” e “Pelo menos não vou fazer quarenta anos”.

Como parte de um ritual peculiar do Pavilhão, as amigas da prisioneira aproveitam a calada da noite para decorar seu cubículo com cartazes feitos à mão de “Feliz Aniversário”, colagens de recortes de revistas e barras de chocolate, tudo afixado na parte externa do cubículo enquanto ela dormia. Essas decorações ilegais eram toleradas pelos guardas durante o dia, mas depois precisavam ser removidas pela aniversariante. Eu esperava ganhar uma barra de chocolate Dove.

Na véspera do meu aniversário, eu estava correndo após o jantar quando Amy apareceu na pista de atletismo.

— Pop está chamando você, Piper.

— Tem que ser agora? — Isso não era muito comum.

— Ela disse que é importante!

Subi as escadas e comecei a me dirigir para a cozinha.

— Não, ela está na sala de visitas. — Fui atrás de Amy e passamos pelas portas duplas.

— Surpresa!

Fiquei embasbacada. Elas tinham juntado mesas de carteados para formar uma mesa de banquete e, ao redor dela, estava um grupo incomum de prisioneiras, minhas amigas: Jae, Toni, Rosemarie, Amy, Pennsatucky, Doris, Camila, Janet Ioga, Pequena Janet, Sra. Jones e Annette. Negras, brancas, espanholas, idosas e jovens.

E, claro, havia Pop, radiante.

— Você ficou surpresa de verdade, não é?

— Estou chocada, Pop, não surpresa. Obrigada!

— Não me agradeça. Rosemarie e Toni planejaram tudinho.

Então agradei às Gêmeas Italianas, confirmando a eficiência da sua estratégia de surpresa e agradecendo a todas profusamente. Havia várias vasilhas plásticas cheias de guloseimas. Rosemarie tinha trabalhado como “uma escrava hebraica” para criar um banquete de prisão. *Chilaquiles*, *enchiladas* de frango, *cheesecake*, pudim de banana. Todas comeram e

conversaram, e ganhei de presente um enorme cartão de aniversário desenhado à mão em uma pasta de papel pardo com um desenho do Ursinho Pooh celebrando e piscando lascivamente. Jae me deu um cartão feito por ela mesma, com desenhos de golfinhos saltitantes, os primos do de minha tatuagem. O que ela escreveu no cartão era um eco das anotações que as outras fizeram no cartão coletivo: “Nunca pensei que encontraria uma amiga como você aqui.”

Depois que a festa terminou, Pop me chamou para seu cubículo.

— Tenho uma coisa para você.

Sentei no seu banquinho e olhei para ela, ansiosa. O que seria? Pop não teria comprado nada da cantina — ela sabia que eu podia conseguir com meu dinheiro tudo que quisesse. Talvez fosse alguma outra guloseima do fundo de seu armário enorme — algum presunto enlatado, talvez?

Com grande cerimônia, ela me entregou o presente — um lindo par de sandálias que havia encomendado de uma das crocheteiras mais habilidosas, uma mami espanhola. Elas eram engenhosamente confeccionadas, tinham solas duplas de chinelos de borracha amarradas uma à outra e depois completamente cobertas com pontos de crochê em algodão rosa e branco dispostos em desenhos elaborados. Segurei-as tão comovida que fiquei sem palavras.

— Você gosta? — perguntou Pop. Ela sorria, um pouco nervosa, como se, talvez, eu não tivesse apreciado seu presente.

— Meu Deus, Pop, elas são tão lindas, não acredito nisso. Não posso nem usá-las por aí, são tão bonitas que não quero estragá-las. Amei. — Eu a abracei bem forte e calcei minhas novas sandálias caseiras.

— Eu queria dar alguma coisa especial para você. Você entende por que eu não podia lhe entregar isso na frente das outras? Ah, elas ficam bem em você. Vão combinar com o pijama. Não deixa um AP pegar você com elas!

Naquela noite, não muito tempo após as luzes serem apagadas, ouvi sussurros e risinhos sufocados do lado de fora do meu cubículo. Amy era a líder da equipe de decoração, e os vultos de sua dupla de ajudantes tinham vozes suspeitamente parecidas com as de Doris e Pennsatucky.

Como seria de se esperar, ela logo começou a xingar suas cúmplices baixinho.

— Não coloca essa foto aí. Você é o quê, idiota? Bota ali!

Fechei os olhos e respirei fundo, fingindo estar dormindo. Devem ter sido meus sonhos que me fizeram sorrir.

Na manhã seguinte, saí do meu cubículo para inspecionar o trabalho delas. Fotos glamorosas de modelos e garrafas de bebida alcóolica decoravam meu cubículo, juntamente com um “Feliz aniversário, Piper!!!” Minha barra de chocolate Dove estava presa à parede com fita adesiva, juntamente com uma quantidade tão grande de outros doces que eu jamais conseguiria comer. Eu me senti ótima. Durante o dia todo, recebi parabéns pelo meu aniversário.

— Trinta e cinco, e ainda viva! — disse meu chefe na construção, rindo quando fiz uma careta.

À tarde, encontrei uma delicada caixinha branca de papel, cuidadosamente colocada em cima de meu armário, cortada à mão para formar desenhos rendados, com um cartão de Pequena Janet.

Piper, nesse seu aniversário eu desejo tudo de melhor para você: saúde, força, segurança e paz de espírito. Você é uma pessoa extremamente bonita por dentro e por fora e, neste dia, não foi esquecida. Você tem sido uma ótima amiga para mim, que nunca pensei que encontraria aqui. Obrigada, sua maluca, por ser você mesma. Continue sendo forte e nunca se sinta fraca, você logo estará em casa com as pessoas que amam e adoram você. Espero que goste desta caixinha que fiz para você :) Estava pensando em você quando fiz, claro que não é grande coisa, mas é algo que deve fazê-la sorrir, e é diferente. Vou guardar você no meu coração para sempre.

Feliz níver, Piper, espero que tenha muitos outros.

Com amor, Janet.

CAPÍTULO 14

Surpresas de outubro



Quanto mais amigas eu tinha, mais pessoas queriam me alimentar; era como ter meia dúzia de mães judias. Eu não era do tipo que recusava um segundo jantar, já que nunca dava para ter certeza quando seria servida uma próxima refeição decente. Mas, a despeito da minha dieta rica em calorias, eu estava ficando bastante competente na ioga, levantava sacos de cimento de 36 quilos no trabalho e corria no mínimo cinquenta quilômetros por semana, por isso não estava engordando. Desintoxicada, sem álcool e sem drogas, compreendi que, assim que voltasse para as ruas, ou perderia a linha de vez ou me tornaria uma verdadeira obcecada por saúde como Janet Ioga.

Dentro de pouco tempo, eu iria perder Janet Ioga. Ela estava prestes a se tornar uma mulher livre, por isso eu aproveitava cada oportunidade para fazer ioga com ela, ouvindo-a atentamente e seguindo suas orientações em relação às minhas posturas. Eu nunca antes havia tido sentimentos ambíguos em relação ao fato de alguém voltar para casa — era um momento de muita felicidade — mas, agora, a perspectiva de sua saída despertava em mim uma terrível sensação de perda pessoal. Jamais admitiria isso para alguém, já que me sentia envergonhada. Mas ainda tinha mais de quatro meses pela frente, e não conseguia me ver aguentando aquilo sem sua presença inspiradora e reconfortante. Janet Ioga era a minha guia quando se tratava de cumprir a sentença sem abrir mão da própria identidade. Com seu exemplo, aprendi a operar em condições tão adversas com encanto e graça, com paciência e

gentileza. Ela demonstrava uma generosidade que eu esperava alcançar no futuro. Mas também sabia ser dura: não era uma tapada.

O “marco dos 10%” de Janet, o ponto na sentença de uma pessoa em que ela já pode ser transferida para um centro de recuperação, tinha chegado e passado, e ela estava ficando aflita pelo fato de a sua saída ainda não ter sido programada. Todo mundo ficava à flor da pele quando chegava a época de ir para casa. Todas se agarravam a esses cálculos e datas.

Mas Janet Ioga finalmente viu chegar o dia de voltar para casa, ou melhor, para um centro de recuperação no Bronx. Na manhã da sua libertação, fui para a sala de visitas na hora do café, por onde todas as presas libertas passam a caminho do portão principal. Por alguma razão, a praxe exigia que a motorista do presídio estacionasse a van branca na frente dessa porta, onde uma pequena multidão se reunia para se despedir, e então Toni levaria a mulher prestes a ser libertada a cerca de 45 metros morro abaixo. A maior parte das mulheres passava pela porta carregando apenas uma pequena caixa com pertences pessoais, cartas e fotografias. As amigas de Janet tinham vindo se despedir — Irmã, Camila, Maria, Esposito e Ghada. Ghada não parava de soluçar — ela sempre perdia o controle quando alguém de quem gostava deixava a prisão.

— Não, mami! Não! — lastimava-se ela, as lágrimas correndo pelo rosto.

Eu ainda não fazia ideia de quão longa era a sentença de Ghada; “longa” era uma estimativa apropriada.

Em geral, eu adorava dizer adeus. Quando alguém ia embora, era uma vitória para todas nós. Costumava ir cedo para me despedir até de pessoas que não conhecia direito — eu ficava feliz a esse ponto. No entanto, naquela manhã, pela primeira vez entendi como Ghada se sentia. Não ia me atirar aos pés de Janet Ioga e me agarrar chorando às suas pernas, mas sentia esse impulso. Esforcei-me bastante para me concentrar em como estava feliz por Janet, pelo seu namorado tão gente boa, por qualquer uma que estivesse recuperando sua liberdade. Janet estava usando um colete de crochê cor-de-rosa que alguém tinha feito para ela como um presente de despedida (outra tradição mantida contra os regulamentos). Ela estava tão louca para ir embora

que claramente precisou recorrer a toda a sua paciência para se despedir de todas nós, uma a uma.

Ao chegar a minha vez, joguei meus braços em torno dos seus ombros e a abracei com força, apertando meu nariz no seu pescoço.

— Obrigado, Janet! Muito obrigado por tudo! Você me ajudou tanto!

Não consegui dizer mais nada, e comecei a chorar. E então ela se foi.

Abalada, desci até a academia naquela tarde. Havia ali algumas fitas VHS de exercícios físicos e uma TV com um videocassete. Entre as fitas havia algumas sobre ioga. Janet gostava de seguir os exercícios de uma delas sozinha. “Só Rodney e eu”, dizia, suspirando. A fita era de um iogue popular, chamado Rodney Yee — “meu objeto de fantasias na prisão!”, dizia ela, rindo. Olhei para a capa, que mostrava um sujeito com um longo rabo de cavalo na postura da cadeira. Ele me pareceu familiar. Coloquei a fita.

Uma maravilhosa praia no Havaí apareceu na tela. As ondas do Pacífico lambiam a areia, e lá estava Rodney, um chinês esguio e bonito vestindo uma tanguinha. De repente caiu a ficha. Aquele era o cara do programa de ioga que vi na TV no hotel de Chicago, onde Larry, minha família e eu tínhamos nos hospedado quando fui condenada a esse depósito humano! Interpretei isso como um sinal, um sinal poderoso... De alguma coisa. Achei que aquilo significava que eu deveria me apegar à ioga e, se Rodney era bom o bastante para Janet, então também era bom o bastante para mim. Agarrei um tapete de ioga e assumi a posição do cachorro olhando para baixo.

★ ★ ★

NO DIA 8 de outubro, finalmente Martha Stewart foi encaminhada para cumprir sua sentença. Uma semana antes, a imprensa tinha anunciado que ela havia sido designada para Alderson, uma grande prisão federal nas montanhas em West Virginia. Construído em 1927 sob os auspícios de Eleanor Roosevelt, aquele tinha sido o primeiro presídio feminino do país, concebido como um reformatório. Alderson abrigava unicamente uma instalação de segurança mínima com capacidade para cerca de mil presas e, segundo o

Departamento Federal de Prisões, era de longe o melhor dos presídios para mulheres. As mulheres de Danbury tinham ficado desanimadas com a notícia. Todas haviam torcido — contra todas as probabilidades — para que ela fosse mandada para viver entre nós, fosse por que acreditavam que sua presença causaria uma melhora nas condições do lugar ou simplesmente pelo que isso representava em termos de entretenimento.

Quando fomos para o trabalho naquele dia, novos helicópteros pairaram sobre a prisão federal. Mostramos o dedo médio para eles. Ninguém gosta de ser tratado como um animal no zoológico. Os funcionários também se mostravam irritados. Parece que os guardas que cercavam o presídio tinham surpreendido um fotógrafo tentando entrar no complexo, rastejando sorrateiramente como se estivesse numa trincheira de guerra. Isso foi divertido, mas, de um modo geral, o estado de espírito que prevalecia era de decepção — estávamos frustradas.

Logo surgiu um drama interno para nos distrair da nossa decepção. Finn, que normalmente não fazia o mínimo esforço para cumprir os regulamentos da prisão, vinha travando uma espécie de guerra velada contra o agente Scott e contra Cormorant.

Assim que cheguei à prisão, tinha percebido que algo estranho acontecia sempre que Scott estava de serviço. Uma garota branca e magricela de repente surgia na porta da sala do agente penitenciário, onde ficava, falando e rindo com ele, durante horas. Ela trabalhava como servente e ficava várias horas limpando a sala minúscula sempre que ele estava de serviço.

— Qual é a parada? — perguntei a Annette.

— Ah, é a Cormorant. Ela tem alguma coisa com o Scott.

— Coisa? Que coisa quer dizer exatamente, Annette?

— Não tenho certeza. Ninguém nunca viu os dois fazerem nada a não ser conversar. Mas ela está sempre parada ali nessa porta quando ele está de serviço.

Outras presas reclamavam dessa situação curiosa, por despeito, ciúmes ou por um constrangimento genuíno. Mesmo se a relação fosse platônica, ela contrariava frontalmente as regras da prisão. Mas todos sabiam que Scott era

protegido de Butorsky, de modo que nada jamais foi feito a respeito daquele caso estranho — talvez não correspondido — que se desenrolava à vista de todos. Ninguém tinha flagrado os dois fazendo outra coisa além de conversar, e todas os vigiavam feito águias. Amy dividia o beliche com Cormorant, e ela disse que os dois trocavam bilhetinhos apaixonados, mas Cormorant nunca deixou de ocupar a sua cama.

Qualquer que fosse a estranha relação entre os dois, Finn não gostava dela, então fez a única coisa que estava ao seu alcance dentro da realidade do funcionamento de uma prisão: começou a perseguir Cormorant. Segundo rumores, ele a tinha ameaçado, dizendo que, se a flagrasse novamente perto do agente Scott, lhe daria uma advertência (um registro de uma ocorrência) por desobedecer a uma ordem direta. Durante o verão inteiro os dois tinham se comportado como gato e rato; quando Finn não estava e Scott estava trabalhando, ela continuava grudada na sala do AP. Provavelmente Finn jamais confrontaria outro integrante do quadro de funcionários e, quando ele não estava presente, a coisa seguia a rotina de sempre. Até agora. De repente, Cormorant tinha sido levada para a UAS, por ordem de Finn.

Isso chocou todas nós. Butorsky tinha se aposentado naquela primavera, e corria o boato de que Scott e Finn não se suportavam. Cormorant parecia agora um mero peão em meio a uma perturbadora disputa por poder e, assim que a notícia se espalhou pelo presídio, todos começaram a especular o que Scott faria a respeito.

Ele pediu demissão. Isso era mais chocante ainda. Ninguém jamais pedia demissão do DFP. Todos ficavam durante uns vinte anos até a aposentadoria, ainda que muitos funcionários sonhassem abertamente com uma transferência para outros órgãos federais, como o Serviço Florestal. Ninguém sabia ao certo como interpretar a atitude drástica tomada pelo agente Scott, mas quando ficamos sabendo que Cormorant não voltaria da UAS, as presas mais veteranas não ficaram surpresas. O DFP tinha mudado o nível de periculosidade dela, transferindo-a para uma ICF de segurança máxima pelo resto de sua sentença.

Pop disse que já vira coisas muito piores.

— Lá embaixo, na UAS, eu tinha uma amiga, uma menina muito bonita, ela estava envolvida com um agente. Então certa noite, quando ele está de serviço, ele vai buscá-la para levá-la para o banheiro dos funcionários. Está lá comendo ela. Alguma coisa acontece, ele tem de sair correndo e tranca a menina lá dentro. Ela está lá quando outro agente entra no banheiro, então ela começa a gritar.

Eles a mantiveram na UAS durante meses, enquanto realizavam uma investigação interna. Entupiram a coitada com tranquilizantes — ela inchou como um balão. Quando finalmente a deixaram sair, ela parecia um zumbi.

— Levou muito tempo até ela voltar a ser ela mesma. Eles não estão de brincadeira por aqui — completou Pop.

★ ★ ★

OS DIREITOS de uma presa são tão escassos, tão desprotegidos e tão pouco respeitados que uma pequena quantidade de presas tem uma necessidade urgente de lutar por eles a cada oportunidade. Ou então arrumam um jeito de transformar uma outra detenta numa advogada improvisada. Uma coisa ou outra. Existiam apenas duas autointituladas especialistas em questões legais dentro do presídio. Mas uma delas era uma maluca absolutamente não confiável, e a outra não era nada inteligente — e ambas cobravam por seus serviços. Quando outras presas me abordavam, pedindo ajuda para redigirem seus documentos legais, eu ficava constrangida.

Eu me recusava terminantemente a ajudar com qualquer coisa que não fosse uma carta. Não estava interessada em aprender como escrever uma moção, um pedido de *habeas corpus* ou qualquer outro documento necessário numa prisão. E não iria cobrar pela minha ajuda. Muitas vezes as pessoas que procuravam algum auxílio em relação às suas sentenças eram justamente aquelas que tinham mais tempo a cumprir. E, para mim, suas chances eram mínimas se não tivessem um advogado de verdade. Além disso, as histórias por trás desses esforços muitas vezes eram terrivelmente dolorosas — cheias de episódios de abuso, violência e fracassos pessoais.

Quando Pennsatucky veio me procurar, pedindo ajuda para escrever uma carta à sua juíza, fiquei aliviada. Ela tinha uma sentença relativamente curta de alguns poucos anos, mas estava tentando obter uma redução na pena, com base na colaboração que tinha prestado ao promotor. Pennsatucky, como a maioria das Eminemetes, parecia estar sempre disposta a comprar uma briga. Mas para mim ela parecia uma garota perdida. Falava sobre o pai do seu bebê e sobre o seu namorado, mas não sobre sua família. Tinha me mostrado uma foto da irmã, mas eu nunca tinha ouvido uma palavra sobre os seus pais. O seu namorado a visitara algumas vezes, e o pai da sua filha tinha levado a criança para vê-la duas vezes. Eu imaginava o que a aguardava no mundo lá fora. Pennsatucky me tirava mais do sério do que Amy, mas eu me preocupava mais com ela.

Ela era uma das poucas pessoas que conheci que tinha conseguido algo de positivo na prisão: dentes novos. Quando apareceu pela primeira vez, vinda de uma prisão municipal, seus dentes da frente estavam marcados pelo vício do crack — eram marrons e deteriorados, e ela raramente sorria. Mas recentemente, depois de várias sessões com a dentista baixinha e alegre (a única pessoa do corpo médico de quem eu gostava e a quem julgava competente) e com Linda Vega, a presa responsável pela higiene dental, ela havia passado por uma transformação espantosa. Normalmente, os dentes eram arrancados, mas não dessa vez. Com dentes postiços imaculadamente brancos, Pennsatucky tinha virado uma garota muito bonita, e sua imitação de Jessica Simpson havia melhorado agora que ela podia exibir um enorme sorriso falso ao fazer sua performance.

Pennsatucky e eu nos reunimos no guarda-roupa adaptado que abrigava a biblioteca de livros de direito do presídio, onde havia uma máquina de escrever surrada.

— Repete para mim o que acha que essa carta precisa dizer, Pennsatucky?
— perguntei.

Ela explicou como havia ocorrido sua cooperação com o promotor e então disse:

— E bota mais alguma coisa aí, tipo como aprendi minha lição e toda essa merda. Você sabe muito bem o que dizer, Piper!

Então escrevi sobre a cooperação e sobre como ela tinha usado os dois anos que havia passado na prisão para refletir seriamente sobre as consequências das suas ações e o quanto se arrependia; escrevi sobre o amor que sentia pela filha e sobre as esperanças e sonhos de ser uma mãe melhor, uma boa mãe; escrevi sobre como vinha se esforçando para ser uma pessoa melhor; e sobre como a cocaína havia tirado dela as coisas que considerava mais importantes, como a droga havia prejudicado sua saúde, sua capacidade de julgamento, seus relacionamentos mais importantes e tinha levado embora anos da sua juventude; escrevi sobre como estava pronta para mudar sua vida.

Entreguei a carta a Pennsatucky, que a leu ali mesmo. Ela olhou para mim, com seus grandes olhos castanhos marejados de lágrimas. Tudo o que ela disse foi:

— Como você sabia de tudo isso?

★ ★ ★

FIQUEI NA fila durante 25 minutos para ligar para Larry, só para ouvir a sua voz. Quase sempre ele atendia.

— Oi, amor, estou tão feliz por você ter ligado. Estou com saudade. Escuta, meus pais querem visitar você nesta sexta-feira.

— Isso é fantástico!

Os pais dele, Carol e Lou, já tinham vindo me ver uma vez antes, mas tinham ficado presos durante horas num engarrafamento provocado por um acidente e acabaram chegando quinze minutos antes do fim do horário de visitas, com Larry agitado e eles consternados.

— É, eles vão aproveitar para ver umas coisas de paisagismo, então na verdade eu disse a eles para reservar a pousada onde preferem ficar. Mas eu não posso ir, tenho uma reunião muito importante.

Pânico.

— O quê? Como assim? Você não vem com eles?

— Não posso, amor. Mas não importa, é você que eles querem ver.

Eu mal tinha pegado o telefone, mas o irritante clique na linha já me dizia que meus quinze minutos tinham acabado e que o sistema da prisão iria interromper a ligação.

Fui ver as Gêmeas Italianas.

— Meus futuros sogros vêm me ver... sem o Larry!

Isso fez com que elas dessem gargalhadas.

— Eles vão fazer uma proposta irrecusável para você!

Pop não achou aquilo engraçado.

— Você devia se considerar com sorte por eles quererem visitá-la. São boas pessoas. Qual é o problema com vocês, garotas?

Eu adorava as visitas da minha família. Minha mãe, meu pai — cada um deles proporcionava uma presença tranquilizadora, que me acalmava e me consolava naquelas mesas dobráveis da sala de visitas, algo que reforçava o fato de que aquilo tudo em algum momento terminaria e que eu seria capaz de retomar minha vida. Meu irmão mais novo, o artista, apareceu na sua primeira visita vestindo um terno italiano que tinha comprado num brechó beneficente.

— Eu não sabia direito o que usar na prisão! — disse.

Quando minha tia trouxe minhas três primas mais novas para me ver, a pequena Elizabeth jogou os braços ao redor do meu pescoço e passou suas pernas magrinhas em volta da minha cintura. Senti um enorme nó na garganta e quase caí no choro ao retribuir o abraço. Eles eram meus parentes de sangue. Tinham de me amar, certo?

Eu sempre tinha me dado bem com os pais de Larry. Mas mesmo assim estava muito nervosa com a perspectiva de uma visita de três horas no presídio. Tão nervosa que deixei que alguém me convencesse a cortar o cabelo no salão da prisão, e o resultado ficou meio arrepiado e um pouco irregular. É um milagre que eu não tenha acabado com franjas, a moda da prisão naquela semana.

Na sexta-feira, tentei ficar o mais apresentável possível, sem chegar a colocar bobes no cabelo. E então, lá estavam eles, parecendo também um

pouco nervosos. Depois de nos instalarmos na nossa mesa, fiquei imensamente aliviada por tê-los ali. Carol tinha um milhão de perguntas, e Lou queria fazer um tour pelas máquinas de venda automática. Acho que ele estava tentando avaliar sua própria capacidade de sobrevivência caso estivesse no meu lugar e, para Lou, isso significava comida. Se fosse esse o caso, suas chances pareciam mínimas, pensei, enquanto olhávamos as anêmicas asas de galinha à mostra numa antiquada máquina automática. O tempo passou voando e nem sentimos falta de Larry. Carol e Lou estavam alegres e tão naturais, era como se estivéssemos batendo papo na cozinha da casa deles, em Nova Jersey. Fiquei agradecida por terem se dado ao trabalho de me visitar e, ao fim da visita, acenei para eles até que sumissem de vista.

Naquela noite, fiquei pensando na minha própria mãe. Estava preocupada com ela. Ela me apoiava, era bastante positiva e dedicada, mas a tensão causada pela minha prisão deve ter sido terrível para ela, e sabia que ela se preocupava comigo o tempo todo. Sua coragem ao enfrentar o desastre para o qual eu havia arrastado minha família tinha sido impressionante — ela tinha informado seus colegas de trabalho sobre a minha situação. Racionalmente, eu sabia que ela contava com um sistema de apoio lá fora, mas era claro que uma grande parte do esforço para me ajudar a suportar a prisão recaía sobre os seus ombros. Como ela poderia parecer tão feliz a cada vez que vinha me visitar? Examinei seu rosto na visita seguinte e vi apenas a clássica expressão maternal: amor incondicional.

Mais tarde, Pop me perguntou:

— Como foi a visita da sua mãe?

Eu lhe contei que estava preocupada com a tensão que minha situação estava causando a ela.

Pop ouviu e então me perguntou:

— Então a sua mãe, ela é que nem você?

— Como assim, Pop?

— Ela é extrovertida, é engraçada, ela tem amigos?

— Bem, claro. Quer dizer, ela é o motivo de eu ser como sou.

— Meu anjo, se vocês são parecidas, então ela vai ficar bem.

★ ★ ★

Assim que Martha Stewart foi despachada para West Virginia, o Pavilhão de Danbury subitamente “abriu” e uma leva de novas internas chegou para encher as camas vazias. Qualquer afluxo de novas prisioneiras significa encrenca, já que novas personalidades são injetadas naquela mistura, e a escassez eleva o grau de demanda, tanto sobre os funcionários quanto sobre as presas. Aquilo significava filas mais longas no refeitório, filas mais longas na lavanderia, mais barulho, mais intrigas e mais caos.

— Pode dizer o que quiser sobre o Butorsky, colega, mas pelo menos ele cumpria os regulamentos — disse Natalie. — Já o Finn, esse não está nem aí para nada.

Ao longo do verão, a disciplina no Pavilhão praticamente não havia existido, e a população reduzida do presídio havia se adaptado com satisfação àquela nova condição, assumindo uma atitude do tipo “cuida da sua vida e não se mete com a dos outros”. Mas agora, com o lugar de repente repleto de novas “piradas” e com o relaxamento na disciplina, juntamente com o drama do contrabando dos cigarros, o Pavilhão havia saído dos trilhos.

A situação em relação aos cigarros era particularmente irritante. Um número muito maior de pessoas estava tentando contrabandear-los de fora, com resultados ocasionalmente cômicos. Havia apenas algumas formas de contrabandear coisas de fora. Um visitante poderia trazer o contrabando ou, segundo boatos, o depósito era a fonte. Ou alguém de fora do presídio podia largar um pacote nos arredores dos limites da prisão, por onde passava uma estrada pública; o receptor precisaria ou trabalhar no setor de jardinagem ou contar com um cúmplice ali, que apanharia o pacote. Os itens contrabandeados incluíam coisas como cigarros, drogas, celulares e lingerie.

Fiquei surpresa ao saber certo dia que Bianca e Lump-Lump tinham sido levadas para a UAS. Bianca era uma garota ainda bem jovem, com cabelos negros e olhos grandes — ela se parecia com uma *pin-up* voluptuosa da Segunda Guerra. Não era uma das cabeças mais brilhantes do presídio (e essa sua qualidade era motivo de piada), mas era uma boa menina; sua família e

seu namorado vinham vê-la a cada semana, e todos gostavam dela. Lump-Lump, sua amiga, era grande, desajeitada e meio devagar. Ambas trabalhavam no departamento de segurança do SCM, o que significava não fazer nada.

— Não vão acreditar nessa história! — disse Toni para mim e Rosemarie. A motorista do Pavilhão sempre era a primeira a saber das novidades. — Aquelas duas idiotas arrumaram alguém de fora do presídio para jogar um pacote para elas. As duas então, no horário de serviço do SCM, vão lá e trazem o negócio com elas, e aí andam pelo saguão da ICF, quando de repente se lembram de que têm de participar da inspeção mensal de segurança por lá. Então entram no saguão carregando o contrabando, provavelmente parecendo culpadas como duas idiotas, e aí a agente Reilly por alguma razão decide revistá-las. E, é claro, ela acha o contrabando. Imagina só: maços de cigarro e vibradores! Elas estavam contrabandeando consolos!

Geralmente isso era encarado como algo hilário, mas aquela seria a última vez que veríamos Bianca e Lump-Lump. Contrabandar consistia numa infração grave, uma violação das normas de segurança, e assim que saíssem da UAS, as duas iriam continuariam lá embaixo, em outro setor do Complexo.

19 de outubro de 2004

Piper Kerman

Reg. nº 11187-424

Pavilhão de Prisão Federal
Danbury, Connecticut 06811

Cara Srta. Kerman,

Gostaria de agradecer-lhe por sua ajuda na reforma da casa do Diretor para a minha chegada. Sua disposição para nos atender e

seu entusiasmo pelo projeto tornaram minha chegada a Danbury mais agradável. Sua competência profissional ficou evidente e merece nossos elogios.

Fico muito grato por seus esforços.

Sinceramente,

W. S. Willingham

Diretor

— Ah! Talvez esse daí seja melhor — disse Pop. — Os melhores são aqueles que ficam do lado das detentas. A última, Deboo, era só uma política. Bota um sorriso no rosto, finge que sente algo pela nossa dor, mas na verdade não faz porra nenhuma. Quando os caras vêm de um presídio para homens, como Willingham, geralmente são melhores. Menos papo-furado. Bem, veremos.

Eu estava sentada num banquinho no cubículo dela, para onde tinha trazido o bilhete datilografado pelo novo diretor — que acabara de recebê-lo na minha chamada para pegar o correio. Pop tinha passado por vários diretores e poderia dizer se aquilo era realmente tão surpreendente quanto me parecia.

— Piper?

Eu conhecia aquele tom de voz. Pop nunca estava na chamada do correio porque ainda estava na cozinha, limpando tudo depois do jantar. Ela trabalhava mais pesado que qualquer outra pessoa no Pavilhão. Em quase todas as manhãs ela chegava na cozinha já às cinco da manhã e geralmente trabalhava servindo todas as três refeições, além de cozinhá-las. Seu corpo de cinquenta anos sofria dores de todo tipo, e a instituição de tempos em tempos mandava-a para o hospital de Danbury para injeções epidurais na coluna. Eu insistia sempre para que ela tirasse alguns dias de folga — não era sua obrigação trabalhar tantas horas seguidas.

— Sim, Pop? — Eu sorri, sentada no banquinho. Eu queria que ela pedisse.

— Que tal uma massagenzinha nos pés?

Não lembro mais exatamente como comecei a fazer massagem nos pés de Pop. Mas a coisa tinha virado um ritual costumeiro, realizado várias vezes por semana. Ela sentava na sua cama depois do banho, vestindo seu moletom, e eu me sentava de frente para ela com uma toalha limpa no colo. Eu apanhava um frasco de loção comprado na cantina e pegava com firmeza um dos pés. Aplicava então uma massagem vigorosa, fazendo com que ela de vez em quando soltasse um gritinho quando eu pegava de jeito alguma articulação. Meus serviços eram motivo de grande divertimento no Dormitório A — de vez em quando uma mulher aparecia para bater papo com Pop enquanto eu fazia a massagem, e às vezes elas perguntavam: “Como posso conseguir uma dessas?”

Eu me encontrava, é claro, em território irregular, além de estar violando a proibição de que as internas se tocassem. Porém os funcionários do Pavilhão concediam certos privilégios a Pop. Numa noite, quando eu estava esfregando seus pés, um agente substituto, vindo da ICF, estancou de repente em frente ao cubículo de Pop. Era um cara branco, de bigode, desgrenhado e todo desalinhado.

— Popovich? — Parecia mais uma pergunta do que uma advertência.

Inclinei a cabeça, evitando contato visual com ele.

— Sr. Ryan! É esse meu pé, sabe. Está doendo. Ela só está me ajudando a acabar com umas câimbras. Isso me incomoda o tempo todo, já que fico em pé o dia inteiro. O agente Mapple deu permissão. Tudo bem?

Pop sabia usar seu charme ao lidar com os agentes penitenciários.

— Como quiser. Vou continuar minha caminhada. — Ele se afastou.

Olhei para Pop.

— Não é melhor eu vazar?

— Ele? Eu o conheço há anos, lá debaixo. Ele é gente boa. Não para!

★ ★ ★

O CAMPEONATO Americano da Liga de beisebol estava tão disputado naquele ano que eu mal aguentava assistir às partidas. A tensão de ser uma torcedora do Red Sox enquanto o time tentava virar um jogo de 0-3 me dava dor de estômago, e o ambiente à minha volta também não ajudava. A piada era que metade da população do Bronx estava residindo em Danbury e — é claro — eram todos torcedores fanáticos dos Yankees. Mas o Red Sox também tinha muitos simpatizantes por ali; uma grande porcentagem das mulheres brancas vinha de Massachusetts, Maine, New Hampshire e o sempre suspeito estado de Connecticut, instalado na fronteira entre as duas áreas. Em termos raciais, o dia a dia no Pavilhão costumava ser pacífico, porém a divisão racial explícita entre as duas torcidas me deixava nervosa. Lembrei-me do quebra-quebra na Universidade de Massachusetts em 1986, depois que os Mets derrotaram os Sox na World Series, quando os torcedores negros do Mets foram terrivelmente espancados.

Apesar disso, não sei quão grave poderia ter sido a nossa briga ali. Os torcedores mais fanáticos do Sox na cadeia eram algumas senhoras brancas de classe média e de meia-idade, cuja líder tinha o apelido de Bunny. Por alguma razão, a maioria trabalhava no setor de jardinagem do SCM. Durante todo aquele período de torcida febril ao longo do campeonato, elas ficavam cortando grama e varrendo folhas, cantando umas para as outras sobre um dos astros do time:

*John-ny Damon, como eu te amo
Ele tem uma coisa à qual não resisto,
mas ele nem sabe que eu existo.*

*John-ny Damon, como eu te quero
Quando ele passa, fico arrepiada.
Cada vez que diz “Olá”, fico enfeitiçada.*

*Outros caras me passam cantadas,
mas, por mim, prefiro ficar concentrada...*

...em John-ny Damon.

Carmen de Leon, a maior fã dos Yankees por ali, vinda direto de Hunts Point, me lançou um olhar reprovador.

— Aquela lá é a *sua* gente — disse ela, apontando para elas acidamente.

Olhei nos seus olhos, mas estava nervosa demais até mesmo para dar uma resposta desaforada, não porque tivesse medo de Carmen, mas porque não queria dar azar ao Sox. No ano anterior, Larry e eu tínhamos reunido um bando de torcedores fanáticos do Red Sox no nosso apartamento no East Village para assistir à sétima e última partida e, como estávamos com a vantagem depois do sexto jogo, ficamos confiantes o bastante para nos aventurarmos a ir para um bar próximo, com a esperança de poder celebrar nossa vitória ali, aberta e publicamente, diante dos fãs dos Yankees que tinham feito nossas vidas infelizes durante... toda a nossa vida. Em vez disso tivemos de ficar ali, pagando caro demais por aquelas cervejas durante os turnos extras enquanto Martinez inexplicavelmente continuava no jogo, destruindo as esperanças de toda a torcida do Red Sox.

— Vou dizer uma coisa para você — falou Carmen, estufando o peito já de tamanho respeitável como um pavão. — Se o Red Sox for classificado para a World Series, vou torcer por eles. Isso é uma promessa.

Sim, *no dia de São Nunca*, pensei melancolicamente.

Quando os Yankees afundaram de vez depois de uma série de sete jogos e o Red Sox estava enfrentando o St. Louis Cardinals na World Series, as multidões diante dos aparelhos na sala de TV eram menores. Mas Carmen DeLeon estava lá, na frente de todas, sorrindo e torcendo pelo Sox. E a série foi surrealmente fácil, uma barbada, com vitórias nos quatro jogos. Eu não conseguia acreditar — depois de cada vitória, minha ansiedade aumentava. Ao final da quarta e última partida em que derrotamos os Cards, comecei a

tremer incontrolavelmente. Rosemarie, outra torcedora de longa data do Sox, segurou meu joelho.

— Você está bem?

Carmen me olhou espantada.

— Piper está chorando!

Eu também estava espantada. Tudo bem, eu adorava o Red Sox, mas minha reação chocou até a mim mesma.

Eu me acalmei o suficiente para assistir à comemoração após o jogo sem derramar lágrimas, mas quando fiquei sozinha, no banheiro entre os dormitórios B e C, comecei a chorar de novo. Fui para fora, ao ar livre, para olhar a lua minguante e chorar sozinha, soluçando alto. Soluços fortes e convulsivos. Não estava chorando porque queria estar festejando em casa, mas fiquei completamente transtornada pela intensidade da minha emoção. Tinha brincado que precisaria me sacrificar para assistir ao fim da maldição e ver o Red Sox ganhar, e agora sentia que, por trás da brincadeira, havia uma estranha verdade. O mundo como eu conhecia antes havia mudado bem ali, no último segundo daquele jogo.

CAPÍTULO 15

Meio assim



As garotas da garagem gostavam de se encontrar na sala de visitas, à noite, durante a semana. Eu estava relaxando junto com elas, rodeada por prisioneiras que faziam crochê em escala industrial enquanto assistiam a *Fear Factor* na televisão com fones de ouvido, ou simplesmente conversavam. Pompom trabalhava em algum tipo de projeto artístico com lápis de cor, provavelmente um cartão de aniversário. De repente, uma mulher entrou correndo na sala com os olhos esbugalhados.

— O AP está destruindo o Dormitório A!

Saímos pelo corredor atrás dela, onde uma multidão se formava. O novo AP, que estava de plantão naquela noite, era um cara jovem e muito grande, afável e aparentemente bem-educado. Assim como muitos dos guardas penitenciários, ele era ex-militar. Esses sujeitos terminavam o tempo de serviço nas forças armadas já com vários anos acumulados no plano de aposentadoria federal, e então acabavam indo trabalhar para o DFP. Às vezes, eles nos contavam sobre suas carreiras militares. O Sr. Maple tinha servido como médico no Afeganistão.

O AP de plantão naquela noite havia acabado de voltar do Iraque e tinha começado o trabalho na prisão havia pouquíssimo tempo. Existiam rumores de que ele tinha servido em Falluja, onde os combates haviam sido brutais durante toda a primavera. Naquela noite, alguém do Dormitório A lhe causou algum problema — alguma resposta grosseira. E ele pirou. Antes que

alguém realmente entendesse o que estava acontecendo, ele foi até o Dormitório A e começou a depredar o que havia dentro dos cubículos, a arrancar coisas das paredes, a tirar as cobertas dos colchões e a revirá-los.

Ficamos apavoradas — duzentas prisioneiras sozinhas com um guarda sofrendo um surto psicótico. Alguém foi até o lado de fora e acenou para o caminhão que fazia a ronda do perímetro, e este, por sua vez, pediu ajuda lá embaixo. O jovem soldado saiu do prédio, e as residentes do Dormitório A começaram a arrumar seus cubículos. Todas ficaram agitadas. No dia seguinte, um dos tenentes subiu da ICF e pediu desculpas ao Dormitório A, um acontecimento inédito. Nunca mais vimos o jovem AP.

★ ★ ★

NOVAMENTE EM paz graças à Janet Ioga, bem alimentada por Pop e agora proficiente no ofício de misturar concreto, bem como no serviço elétrico básico, senti como se estivesse aproveitando ao máximo meu período de reclusão. Se isso era a pior coisa que os policiais tinham para me oferecer, sem problemas. Então, quando telefonei para meu pai do telefone público da prisão para falar sobre o Red Sox, ele me disse:

— Piper, sua avó não está bem.

Sulista típica e miúda como um passarinho, mas com uma personalidade austera e intimidadora, minha avó sempre foi uma presença forte em minha vida. Uma nativa de West Virginia que foi criada ao lado de dois irmãos durante a Depressão e que mais tarde criou quatro filhos, ela não tinha ideia do que fazer com uma menina, sua neta mais velha, e eu tinha medo dela. Eu a reverenciava com certa distância, embora, à medida que eu crescia, tenhamos desenvolvido uma relação mais suave. Ela falava comigo, com franqueza e em particular, sobre sexo, feminismo e poder. Ela e meu avô ficaram atônitos e horrorizados com minhas desventuras criminosas e, no entanto, sempre fizeram questão de que eu soubesse quanto me amavam, me apoiavam e se preocupavam comigo. O que eu mais temia era que um deles morresse enquanto eu estivesse presa.

Argumentei com meu pai no telefone: ela ficaria bem, melhoraria, estaria lá quando eu voltasse para casa. Ele não discutiu, simplesmente disse:

— Escreve para ela.

Eu enviava regularmente aos meus avós mensagens curtas e animadas, garantindo que estava bem e ansiosa para vê-los quando voltasse para casa. Dessa vez, eu me sentei para escrever uma carta diferente, uma que tentaria expressar quanto ela era importante para mim, quanto havia me ensinado, como ela era o meu exemplo de rigor e integridade, quanto eu a amava e sentia saudades dela. Não podia acreditar que tinha feito tanta besteira a ponto de estar naquele lugar enquanto ela precisava de mim, doente e talvez à beira da morte.

Imediatamente após colocar a carta no correio, pedi à secretária do Pavilhão um formulário de solicitação de licença.

— Você foi criada por sua avó? — perguntou ela bruscamente.

Quando disse que não, ela me disse que então não havia razão para me entregar o formulário: eu nunca receberia uma licença para uma avó. Respondi, asperamente, que eu tinha direito à licença e faria o pedido de qualquer forma.

— Você é quem sabe — respondeu com rispidez.

Gentilmente, Pop me informou que, na verdade, eu não tinha a menor chance de obter uma licença, mesmo para um funeral, a menos que fosse para um de meus pais, um filho ou, talvez, irmão, e que ela não queria que eu alimentasse nenhuma esperança.

— Sei que não é certo, querida. Mas é assim que eles fazem.

Eu havia visto muitas outras prisioneiras sofrerem pela doença de seus entes queridos e me senti impotente quando o pior acontecia — quando precisavam confrontar não apenas o luto, mas também o fracasso pessoal de estarem na prisão e não junto a seus familiares.

Eu não estava com espírito de festa naquele Halloween. Sentia-me meio assim, como se alguém tivesse me dado um golpe no estômago com uma barra de ferro. Mas não podia fugir das festas de duzentas e tantas mulheres com quem vivia grudada todos os dias. Elas adoravam um feriado.

Fui avisada de que o Halloween na prisão era estranho. Como ele poderia ser mais estranho do que todas as outras coisas que aconteciam nesse lugar? Como alguém conseguiria criar uma fantasia com os recursos tão limitados e sem graça que tínhamos à nossa disposição? Mais cedo naquele dia, eu tinha visto algumas máscaras de gato idiotas, feitas de envelopes pardos. Além disso, eu não tinha ânimo para fazer nada, muito menos para distribuir doces.

Ouvi as foliãs dizendo do meio do caminho para o Dormitório B:

— Doces ou travessuras!

Continuei no meu beliche, tentando focar na leitura do meu livro. Então, Delicious falou comigo da porta do cubículo:

— Doce ou travessura, P-I Piper!

Tive de sorrir. Delicious estava fantasiada de cafetão, numa roupa toda branca que de alguma forma ela tinha montado usando seu uniforme de cozinha e calças de moletom viradas do avesso. Tinha um “charuto” e um grupo de prostitutas ao redor. Isso incluía algumas Eminemetes, mas também Fran, a vovó italiana que falava sem parar e que, aos 78 anos, era a mulher mais velha do Pavilhão. As prostitutas tinham tentado se tornar mais sensuais, puxando os shorts para cima e os decotes das camisetas para baixo, mas contaram principalmente com a maquiagem, extravagante até mesmo para os padrões da prisão. Fran ostentava uma “piteira” e uma tiara que havia feito com papel, além de ter pegado pesado no blush; parecia uma melindrosa idosa.

— Vamos lá, Piper, doce ou travessura? — exigiu Delicious. — Quero gostosura. Se não, vai levar uma dura.

Nunca guardava doces em meu cubículo. Tentei forçar um grande sorriso para que soubessem que eu tinha gostado da criatividade delas.

— Acho que escolho travessura, Delicious. A doçura anda em falta por aqui.

★ ★ ★

COMECEI A pressionar os funcionários da prisão que podiam ter alguma influência sobre a possibilidade de eu ver minha avó novamente. Um deles era Bubba, o gerente interino da unidade que nunca estava presente e que sabia como mandar alguém se foder da forma mais agradável possível. Meu supervisor, Finn, outro funcionário de carreira do DFP, era um piadista indiferente que tinha sempre um insulto na manga e nunca mantinha a papitada em dia, mas gostava de mim porque eu era loura, tinha olhos azuis e “uma bunda gostosa”, como ele costumava murmurar baixinho. Muito gentilmente, ele ofereceu seu escritório para que eu ligasse para minha avó — o número da casa de repouso não estava na lista de telefones aprovados, então eu não tinha como usar os telefones públicos. Ela pareceu exausta e surpresa quando ouviu minha voz. Quando desliguei, caí em prantos. Sai correndo do escritório dele e fui para a pista de atletismo.

Voltei ao meu velho jeito solitário. Passei a me fechar e me mantive quieta, determinada a digerir esse pior cenário possível sozinha. Qualquer outra coisa significaria admitir para o mundo que a polícia havia conseguido me derrubar, me botar de joelhos, esfregar minha cara no chão; de que eu não consegui sobreviver à minha pena ilesa. Como eu poderia admitir que o campo de força de estoicismo e autoconfiança e o espírito de faça-aos-outras-o-que-gostaria-que-fizessem-com-você-e-sorria dessa garota certinha tipicamente americana não estava funcionando, não estava afastando a dor, a vergonha e a impotência?

Desde muito jovem, aprendi a me conter — a não me expor emocionalmente, a esconder ou ignorar meus problemas na crença de que sua resolução era um problema somente meu. Assim, quando minhas transgressões emocionantes exigiram que eu me contivesse frente a figuras de autoridade, soube fazê-lo. Eu era uma grande impostora. E quando a sobrevivência banal e cotidiana na prisão exigiu que eu me contivesse, consegui novamente. Esse comportamento era descrito em tom de aprovação por minhas colegas de prisão como “malandragem”, como na frase: “Não parece, mas Piper é malandra.”

Não eram apenas minhas colegas que aplaudiam esse traço de caráter; o sistema prisional exige estoicismo e tenta esmagar qualquer emoção genuína, mas todos, tanto carcereiros quanto prisioneiras, ainda assim ultrapassam os limites a torto e a direito. Meu desprezo profundo por Levy não se originava apenas do fato de eu não gostar de como ela se considerava superior às outras, mas também porque ela era a antítese da estoica. Ninguém gosta de um bebê chorão.

Nas semanas seguintes, andei num estado de fúria e desespero contidos a rédeas curtas. Fiquei isolada, polida dentro das convenções sociais da prisão, mas sem disposição para conversar ou brincar. As colegas, ofendidas, reclamavam que eu devia estar “meio assim”, uma vez que eu havia perdido meu otimismo habitual. Até que alguém ciente do que estava acontecendo cochichou que minha avó estava muito doente. De repente, passei a receber palavras carinhosas, conselhos solidários e cartões com orações. E todas aquelas coisas realmente me fizeram lembrar que eu não estava sozinha, que cada uma das ocupantes daquele prédio estava no mesmo navio naufragado.

Pensei numa mulher cujo rosto havia ostentado as marcas do sofrimento quando soube da morte da mãe — ela se balançava silenciosamente, o rosto congelado num lamento enquanto sua amiga a abraçava e embalava (violando a proibição de contatos físicos). Lembrei-me também de Roland, uma caribenha empertigada cuja força eu admirava. Roland era capaz de dizer, sinceramente, que a prisão havia salvado sua vida.

— Eu estaria morta num valão, com certeza, se continuasse levando a vida que tinha — contou ela.

Roland havia cumprido sua pena com dignidade. Trabalhava com afinco, não perturbava ninguém, tinha um sorriso para todas as ocasiões e não pedia nada a ninguém. Um pouco antes de Roland ir para casa, seu irmão morreu. Ela foi estoica, não fez drama e recebeu uma licença de meio dia para ir ao funeral.

No entanto, quando seus parentes chegaram a Danbury para buscá-la, estavam num carro diferente do registrado nos documentos dela. E pronto — ela voltou da R&D para o Pavilhão, e sua família foi mandada embora.

Algumas semanas depois, ela foi libertada. A frieza, mesquinhez e insensibilidade da situação foram o assunto mais comentado no Pavilhão. As mais pessimistas salientaram que deveríamos presumir que os policiais vão nos frustrar sem piedade a qualquer oportunidade, e que aquele tipo de erro poderia ter sido evitado, mas o coração de todas doía coletivamente por causa dela.

Pop sentou comigo para conversar.

— Olha, querida, você está se consumindo. Vou contar uma coisa para você. Quando meu pai estava morrendo, fiquei transtornada, por isso sei como você se sente. Mas presta atenção, esses canalhas, eles acham que você não tem direito a nada. Você acha que, se fosse receber uma licença, já não teria sido informada? Docinho, você precisa telefonar para sua avó, você precisa escrever para ela, você precisa pensar muito nela. Mas não pode deixar esses desgraçados transformarem você numa pessoa amarga, Piper; isso não é do seu feitio. Não deixa eles fazerem isso com você. Vem aqui, querida. — Pop me abraçou com força, me apertando contra suas “joias” grandes e perfumadas.

Eu sabia que ela estava certa. Comecei a me sentir um pouquinho melhor.

No entanto, continuei rondando os escritórios administrativos, que estavam quase sempre vazios. (Só Deus sabe o que aquelas pessoas estavam fazendo.) Escrevia cartas para casa e sentava no meu beliche com meu álbum de fotografias, fitando o sorriso e o penteado da minha avó, o mesmo corte à la Babe Paley que usava desde a década de 1950. As Eminemetes apareciam para me visitar no meu cubículo, depois iam embora, frustradas por não terem conseguido me animar. O Dia dos Veteranos passou, e o tempo começava a esfriar, eu falava com meu pai a cada dois dias pelo telefone público (ela estava estável, será que eu conseguiria uma licença?), temendo esgotar os minutos de ligação aos quais tinha direito. Pensei em rezar, algo que eu certamente não tinha o costume de fazer. Felizmente, várias pessoas se ofereceram para fazê-lo por mim, inclusive a Irmã. Aquilo teria de valer em dobro, não é?

Eu não era chegada às orações formais, mas havia me tornado menos cética em relação à fé do que era quando entrei na prisão. Certo dia, no final de setembro, estava sentada com Gisela à mesa de piquenique, atrás do Dormitório A. Ela era minha colega de trabalho na oficina de construção, além de motorista do ônibus e uma das mulheres mais doces, gentis e benévolas que já conheci, delicada e feminina mas longe de ser boba ou Poliana. Não me lembro de ouvir Gisela levantar a voz e, considerando que ela era a motorista do ônibus, isso era bastante impressionante. Gisela também era graciosa e adorável; o rosto oval perfeito de pele marrom-clara, olhos castanhos grandes e profundos, cabelos longos e ondulados. Ela era da República Dominicana, mas havia vivido em Massachusetts por muitos anos — não nas vizinhanças que eu conhecia, mas compartilhávamos algumas referências em comum. Seus dois filhos esperavam por ela, sob os cuidados de uma mulher mais velha, Noni Delgado, que Gisela chamava de anjo.

Naquele dia, Gisela e eu conversamos sobre sua libertação que se aproximava. Claro que ela estava nervosa. Estava nervosa por ter de procurar emprego e por não saber como o marido reagiria quando ela saísse — ele estava na República Dominicana, e os dois tinham o que parecia ser um relacionamento turbulento e conflituoso. Gisela disse que não queria voltar para o marido, mas ele parecia ser uma pessoa a quem é difícil resistir e, claro, eles tinham filhos dessa união. Eu sabia que Gisela não tinha dinheiro, mas muitas responsabilidades, e que enfrentaria vários desafios desconhecidos no futuro. No entanto, embora não escondesse o nervosismo, também mostrava sua tranquilidade interior, a calma adorável que a tornava o tipo de pessoa a quem todos eram atraídos. E foi então que ela começou a falar de Deus.

De forma geral, as declarações ou discussões sobre fé na prisão me faziam revirar os olhos e fugir rapidamente. Acreditava que todos deveriam poder praticar sua fé de acordo com suas preferências e crenças, mas muitos dos peregrinos na prisão pareciam inventar suas religiões de formas bastante tolas — num mês, colocavam um guardanapo contrabandeado sobre a cabeça para praticarem o islamismo e, no seguinte, apareciam no círculo de meditação budista — quando percebiam que poderiam fugir do trabalho por conta

dessa nova prática religiosa. Acrescente a isso um volume bem considerável de ignorância a respeito das religiões existentes no mundo (“Bem, os judeus mataram Jesus... todos sabem isso!”); e eu, em geral, queria manter distância de tudo aquilo.

Gisela, no entanto, não estava falando sobre religião, igreja e nem mesmo em Jesus. Ela estava falando sobre Deus. E quando falava sobre Deus, parecia feliz. Falava tão livre e facilmente sobre como Ele a tinha ajudado a enfrentar todas as dificuldades de sua vida e, sobretudo, os anos que havia passado na prisão; como ela sabia que Deus a amava totalmente, cuidava dela e lhe dava a paz de espírito, bom senso e discernimento para ser uma boa pessoa, mesmo num lugar ruim. Ela disse que confiava em Deus para ajudá-la, enviando anjos como Noni Delgado para cuidar de seus filhos, e bons amigos quando ela mais precisava para ajudá-la a sobreviver na prisão. Ela irradiava alegria ao falar com calma e serenidade sobre Deus e sobre tudo que o amor Dele havia lhe proporcionado.

Fiquei surpresa ao me comover pelo que Gisela tinha a dizer e ouvi tudo aquilo calmamente. Algumas de suas crenças não eram tão diferentes das baboseiras que ouvia das fanáticas religiosas no Pavilhão, mas as declarações públicas de fé destas eram imbuídas da necessidade de redenção — *Jesus me ama mesmo que eu seja uma pessoa ruim, mesmo que ninguém mais me ame*. Gisela já conhecia o amor. Ela falava sobre uma fé inabalável que lhe dava força genuína e que ela possuía havia muito tempo. Ela não falava sobre arrependimento ou perdão, apenas sobre amor. O que Gisela descrevia para mim era um amor intensamente alegre e íntimo. Achei aquilo a descrição de fé mais convincente que já tinha ouvido. Eu não estava prestes a sair correndo para pegar uma Bíblia; tampouco nossa conversa era de alguma forma sobre mim ou sobre minhas escolhas. Mas ela me deu o que pensar.

Havia muito eu tinha reconhecido que a fé ajudava as pessoas a entender sua relação com sua comunidade. Nos melhores casos, ajudava as mulheres em Danbury a focar naquilo que precisavam dar, em vez de naquilo que queriam ter. E isso era bom. Assim, quanto ao meu escárnio em relação às fanáticas religiosas, seria mesmo tão ruim se a fé ajudasse as pessoas a

entenderem o que as outras precisavam que elas fizessem, em vez de pensar apenas em si mesmas?

Na prisão, pela primeira vez, entendi que a fé podia ajudar as pessoas a olharem para além de si mesmas, não para o abismo, mas para a rua, para a mistura; e a oferecer aos outros o que tinham de melhor. Fui entendendo isso cada vez mais, por meio de pessoas como a Irmã, Janet Ioga, Gisela e até mesmo Rose, minha pedicure fanática religiosa.

Um dia, enquanto fazia meu pé, Rose me contou o que aprendera com sua fé; pensei, mais tarde, que as palavras delas eram as mais poderosas que uma pessoa poderia pronunciar:

— Tenho muito para dar.

★ ★ ★

EU HAVIA acumulado frustrações, e meus métodos de lidar com elas encontravam obstáculos o tempo todo. Agora, a pista de atletismo estava fechada depois da contagem das quatro da tarde. Após o trabalho, eu voltava em disparada para o Pavilhão, calçava os tênis e corria furiosamente até a hora da contagem, chegando ao meu cubículo cada vez mais em cima da hora, para desespero da maioria das ocupantes do Dormitório B. Eu olhava para o outro lado da pista e via Jae acenando freneticamente para mim, e subia correndo os degraus quebrados, passava pelo Dormitório C e ia até meu cubículo, enquanto outras prisioneiras rosnavam para eu me apressar.

— Pipes, você vai esculhambar a contagem das quatro horas, vai ser mandada para a porra do UAS! — alertava Delicious do outro lado do Dormitório B.

— Colega, você está chegando muito em cima da hora — dizia Natalie, balançando a cabeça em reprovação.

Na melhor das hipóteses, eu conseguia completar apenas dez quilômetros nos dias de semana. Tentei compensar nos fins de semana, correndo dezesseis quilômetros aos sábados e domingos, mas isso não ajudou a controlar o

estresse e a ansiedade que eu sentia em relação a coisas e pessoas fora do meu controle.

Então, comecei a fazer mais ioga. O interesse inicial em manter as aulas de ioga havia aumentado um pouco, mas o de algumas das novas adeptas (Amy, que xingava e gemia a cada posição) não durou muito. Ghada ainda aparecia de vez em quando para se alongar ao meu lado, cantarolando para mim com carinho, mas eu também não tinha um espanhol decente e nem a tranquilizante presença iogue de Janet, e ela nunca cochilava comigo. Às vezes, nos fins de semana, Camila vinha, e juntas fazíamos os exercícios de uma fita de vídeo, e ela continuava sendo uma excelente companhia (e conseguia se arquear numa ponte ao meu lado), mas estava preocupada com sua partida iminente para o programa de reabilitação de drogas lá embaixo. Na maior parte do tempo, éramos Rodney Yee e eu.

Adquiri o hábito de acordar às cinco da manhã, e me certificava de que a contagem matinal havia terminado — o ruído das botas, os feixes de lanterna tremulantes, o tilintar das chaves quando o AP não fazia questão de segurá-las para não fazer barulho. Eu ficava em silêncio no meu cubículo, na esperança de surpreendê-los e dar um susto neles. Natalie já estaria na cozinha para fazer pão. Eu me alegrava na escuridão completa do Dormitório B, ouvindo as outras 48 mulheres respirando em seus sonos profundos de vários ritmos, enquanto preparava as medidas certas de café solúvel, açúcar e Cremora. Para chegar à máquina de água quente, precisava me esgueirar pelo labirinto de cubículos do Dormitório B, quente e tranquilo. De vez em quando, eu via alguém acordado — nos cumprimentávamos com um aceno de cabeça ou com murmúrios. Com a caneca fumegante na mão, saía do prédio para o frio estimulante e rumava para a academia para me juntar ao videocassete e a Rodney. Na privacidade perfeita da academia vazia, meu corpo lentamente acordava e se aquecia no chão frio e emborrachado, minha cabeça e meu coração ficavam mais calmos por mais tempo e o valor dos ensinamentos da Janet Ioga se tornava mais claro para mim a cada dia. Eu sentia muita falta dela, embora ela tivesse me dado um presente que tornava possível suportar tudo aquilo sem sua presença.

Nos últimos dez meses, eu havia encontrado algumas maneiras de restabelecer algum controle sobre meu mundo, conquistar algum poder pessoal dentro de um ambiente onde não se esperava que eu o tivesse. No entanto, a doença de minha avó mandou esse sentimento para o espaço, mostrando-me quanto as escolhas feitas onze anos antes e suas consequências haviam me colocado sob o poder de um sistema que não mediria esforços para tirar tudo de mim. Eu podia decidir atribuir muito pouco valor aos confortos materiais que havia perdido; podia encontrar energia e bondade nas coisas e pessoas preciosas ao meu redor. Mas nada ali podia substituir minha avó, e eu a estava perdendo.

★ ★ ★

NUMA TARDE cinzenta, eu estava correndo na pista, me esforçando para manter a velocidade de um quilômetro em quatro minutos. A Sra. Jones havia me dado um relógio de pulso digital que nunca usava, e eu controlava meu desempenho rigorosamente com ele. O tempo estava horrível, ia chover. Jae apareceu no topo do morro, gesticulando para mim com urgência. Olhei para o relógio e vi que eram apenas 15h25 e que ainda faltavam 35 minutos para a hora da contagem. O que ela queria?

Tirei os fones dos ouvidos, irritada.

— O que houve? — gritei ao vento.

— Piper! Pequena Janet quer falar com você! — Ela acenou para mim novamente.

Se Pequena Janet queria alguma coisa, ela deveria ter ido até lá para falar comigo... a menos que algo estivesse errado?

De repente, o pânico me puxou escadas acima até Jae.

— O que houve? Onde ela está?

— Ela está no cubículo dela. Vem.

Segui Jae, tensa. Ela não agia como se tivesse acontecido uma desgraça, mas Jae estava tão acostumada a desgraças que nem sempre era possível perceber quando ela sabia de alguma. Chegamos ao Dormitório A rapidamente.

Pequena Janet estava sentada no beliche de baixo e parecia bem. Olhei ao redor do cubículo. Estava vazio e havia uma caixa no chão.

— Você está bem?

Queria sacudi-la por ter me assustado.

— Piper? Estou indo embora.

Levei um choque. Do que diabos ela estava falando?

— Do que você está falando, querida?

Sentei na cama, empurrando uma pilha de papel para o lado. Pensei que ela tivesse enlouquecido. Ela agarrou minha mão.

— Consegui uma soltura imediata.

— Como é que é?

Olhei para ela, temendo acreditar no que dizia. Ninguém conseguia soltura imediata. As prisioneiras davam entrada em requerimentos que demoravam meses e meses percorrendo todo o sistema judiciário, e elas sempre perdiam. A soltura imediata era como o Coelhoinho da Páscoa.

— Você tem certeza, querida? — Agarrei as duas mãos dela. — Eles confirmaram, disseram que você podia arrumar suas coisas?

Olhei para a pilha de coisas e, depois, para Jae, que exibia um sorriso de orelha a orelha.

Toni apareceu na porta do cubículo, agora lotado, vestindo seu casaco, balançando as chaves da van da prisão.

— Você está pronta, Janet? Piper, você acredita nisso? É incrível!

Dei um berro, não um grito, mas um tipo de brado de guerra. E, em seguida, esmaguei Pequena Janet com um abraço forte, apertando-a o mais forte possível e rindo. Ela riu também, de alegria e incredulidade. Quando finalmente a larguei, coloquei as mãos na cabeça para tentar me equilibrar. Estava atônita, como se fosse eu que estivesse indo embora. Levantei e sentei de novo.

— Conta tudo! Mas rápido, porque você precisa ir embora! Toni, eles estão esperando por ela na R&D?

— Estão, mas precisamos levar ela para lá antes da contagem, ou ela vai ficar para trás.

Pequena Janet não havia contado para ninguém que tinha um requerimento aberto na justiça — cautela típica de presídio. Mas ela havia ganhado, e sua sentença de sessenta meses tinha sido reduzida ao tempo cumprido, dois anos. Os pais dela vinham buscar sua menininha e levá-la para casa em Nova York. Ajudamos Janet a deixar o cubículo e a sair pela porta de trás, é onde estava estacionada a van branca, perto do refeitório. Estava quase anoitecendo. Havia poucas de nós, tudo tinha acontecido tão rápido que ninguém mais ficou sabendo.

— Janet, estou muito feliz por você.

Ela me abraçou, abraçou Jae e deu um beijo em sua colega de beliche, a Srta. Mimi, uma mami espanhola idosa e baixinha. Depois, sentou ao lado de Toni, e a van partiu, subindo a ladeira até a rua principal que circundava a ICF. Acenamos freneticamente. Pequena Janet virou para trás e nos deu adeus pela janela até a van chegar ao topo do morro, virar à direita e sair de nosso campo de visão.

Continuei olhando pelo que pareceu muito tempo depois de perdê-la de vista. Em seguida, olhei para Jae — que tinha mais sete anos para cumprir de uma sentença de dez. Ela me abraçou e apertou.

— Você está bem? — perguntou.

Confirmei com a cabeça. Estava mais do que bem. Depois, voltamos e ajudamos a Srta. Mimi a entrar no Pavilhão.

★ ★ ★

TENTEI COMPARTILHAR com Larry o milagre indescritível da liberdade de Pequena Janet, e ele tentou me animar com novidades sobre nossa casa nova no Brooklyn. Larry vinha procurando um novo apartamento enquanto eu estava presa, e muitas pessoas lá fora ficaram impressionadas por eu estar tranquila com o fato de ele escolher uma moradia nova para mim sem que eu pudesse vê-la. Mas eu não só fiquei agradecida, como também tinha plena confiança de que ele encontraria um lugar maravilhoso para vivermos. Ele comprou um apartamento em uma linda vizinhança arborizada.

No entanto, naquele momento, era um pouco difícil para nós dois entendermos o significado das respectivas novidades. Eu achava difícil imaginar possuir qualquer coisa que não um frasco de xampu, ou viver em qualquer outro lugar que não fosse o Dormitório B, e olhava como uma idiota a planta baixa e as amostras de tinta que ele havia trazido. Assegurei a Larry que, quando voltasse para casa, eu seria a Sra. Faz Tudo em nosso novo apartamento, como resultado de todas as habilidades que adquiri na prisão.

Ao sair, olhei com raiva para o guarda de plantão; ele era um imbecil, tinha a mão boba. Antes de entrar na sala de visitas, o guarda saía para revistar a detenta, para garantir que ela não estivesse levando algo para repassar ao visitante. (Na verdade, os guardas tinham o poder de revistar as presas quando quisessem, caso suspeitassem de que uma delas contrabandeava algo.) Essas revistas eram feitas por guardas homens e mulheres e variavam de superficiais a totalmente inapropriadas.

A maioria dos guardas do sexo masculino fazia uma grande encenação para qualquer mínima revista necessária, passando as pontas dos dedos ao longo dos braços, pernas e cintura de uma maneira que dizia: “Sem tocar! Sem tocar! Sem tocar mesmo!” Eles queriam evitar qualquer sugestão de conduta inapropriada. Mas, aparentemente, alguns dos guardas não sentiam medo de apalpar o que desejassem. Tinham permissão para tocar a borda inferior de nossos sutiãs, para se certificar de que não contrabandeávamos nada lá dentro — mas será que eles realmente tinham autorização para apertar nossos seios? Às vezes, eu ficava chocada com a pessoa que me apalpava — como o Sr. Black, por exemplo, que era educado, justo e, em outras instâncias, correto, mas fazia isso metodicamente. Outros APs eram insolentes, como o jovem baixinho, de rosto rosado e tagarela, que me perguntava insistentemente aos berros, enquanto apalpava minha bunda e eu cerrava os dentes:

— Onde estão as armas de destruição em massa?

Não valia a pena, de jeito nenhum, fazer uma reclamação. Uma prisioneira que alega assédio sexual por parte de um guarda é, invariavelmente, trancada na UAS como “medida de proteção”, perdendo sua designação de beliche, atividades do programa (caso haja alguma), posto de trabalho e uma gama de

outros privilégios prisionais, sem mencionar o conforto de sua rotina e de estar entre amigas.

Os guardas não eram autorizados a nos fazer perguntas pessoais, mas essa regra era quebrada o tempo todo. Alguns deles agiam de forma bem prosaica nesse quesito. Um dia, na estufa, enquanto aprendia a soldar com um funcionário animado do setor de encanamentos, ele perguntou de forma amigável:

— O que diabos trouxe você para cá?

Mas, para os guardas que me conheciam melhor, eu percebia, essa era uma pergunta mais perturbadora, com a qual alguns deles se debatiam. Certa tarde, sozinha numa picape, outro funcionário dos SCM se virou para mim energicamente e perguntou:

— O que uma mulher como você está fazendo aqui? Isso é uma loucura.

Eu já havia contado a ele que cumpria pena por uma acusação relacionada a drogas de dez anos atrás. Ele tinha muita vontade de ouvir a minha história, mas eu sabia claramente que a intimidade com um guarda seria destrutiva para mim — ou para qualquer prisioneira. Não fazia sentido compartilhar qualquer segredo com ele.

★ ★ ★

NO FIM de semana em que foi realizada a Maratona de Nova York, completei vinte quilômetros na pista de atletismo, minha meia maratona particular na prisão. O fim de semana seguinte foi incomumente quente, realmente lindo; e eu estava curtindo meu ritual de sábado, *Little Steven's Underground Garage*, um programa de rádio de duas horas de duração dedicado ao rock de garagem e apresentado por Steven Van Zandt, membro da E Street Band e ator da série *Família Soprano*, que era transmitido na estação de rádio local, às oito da manhã, todos os domingos.

O melhor de tudo era ouvir *Little Steven*, estivesse ele falando sobre *film noir*, mulheres, religião, rebelião roqueira ou sobre o destino do lendário CBGB's em Nova York. Eu nunca perdia um programa. Sentia que mantinha

viva uma parte de meu cérebro que permaneceria, de outra forma, completamente adormecida — mesmo na prisão era preciso se esforçar para ser uma não conformista. Eu era uma estranha e uma pária, mas sempre encontrava um lar nas ondas do rádio no Underground Garage. A menos que o clima estivesse horrível, eu costumava ouvir o programa enquanto corria por duas horas inteiras, e muitas vezes ria alto. Era como uma tábua de salvação conectada diretamente a meus ouvidos.

Apenas uma coisa prejudicou meu ritual naquele dia: LaRue, a asquerosa vítima de um erro de cirurgia plástica que residia no Dormitório B. LaRue era a única mulher no Pavilhão que eu odiava abertamente. Eu não escondia minha repulsa muito bem, o que era considerado estranho por minhas amigas.

— Ela é bizarra mesmo, Piper, mas não mais do que algumas dessas outras malucas. É estranho como ela consegue irritar você.

Ela estava me irritando naquele momento. Andava pela pista no centro da raia, ouvindo o que eu pressupunha ser um de seus programas de rádio fundamentalistas, com os braços estendidos, como Cristo, e cantando desafinadamente em seu guincho agudo sobre Jesus. Toda vez em que eu a ultrapassava, ela permanecia bem no meio da pista de cascalho com os braços abertos. Ela fazia isso de propósito, tenho certeza, para me irritar e me forçar a desviar. Na décima vez que passei por ela, minha visão ficou turva, e fiquei vermelha de raiva. Ela estava arruinando Little Steven, ela estava arruinando minha corrida. Trinquei os dentes de ódio.

Em meu décimo primeiro circuito, fiquei observando ela, do outro lado da pista oval, fantasiando sua própria crucificação. Saí da curva e entrei na reta, me aproximando dela rapidamente. Aquela bunda esquisita, aumentada por implantes, continuava no centro da pista; os braços presos à sua cruz imaginária. Mas, ao chegar perto dela, levantei meu próprio braço e dei um tapa em uma de suas mãos enquanto passava.

LaRue gritou de surpresa e mergulhou na lateral da pista, deixando cair o rádio com headphone. Um jorro de xingamentos em espanhol me seguiu pela trilha. Meu coração decolou por um momento e em seguida desabou. O

que diabos estava acontecendo comigo? O que eu havia permitido que aquele lugar fizesse comigo? Não podia acreditar que tinha levantado a mão de forma agressiva contra outra prisioneira, sobretudo contra aquela doida patética. A vergonha me invadiu. Parei de correr, enjoada.

Quando dei a volta na pista, LaRue estava perto da academia, com uma das mômis espanholas que eu conhecia do trabalho.

Desculpei-me desajeitadamente.

— Francesca, desculpa. Desculpa mesmo. Não queria assustar você. Você está bem?

Isso foi respondido com outra torrente de espanhol raivoso. Captei a mensagem.

— Francesca, ela pediu desculpas. Deixa para lá, mami — aconselhou minha colega de trabalho. — Ela está bem. Continua correndo, Piper.

★ ★ ★

SE VOCÊ é uma mulher relativamente pequena e um homem pelo menos duas vezes maior que você está urrando de raiva à sua frente; e você está vestindo um uniforme de presidiária, e ele tem um par de algemas no cinto; não importa quanto você acha que é durona, vai ficar apavorada.

Um dos tenentes estava urrando, a boca espumando ódio sob o bigode eriçado e o cabelo cortado à escovinha. Não tinha nada a ver com o tapa que eu dera nas chagas de Cristo imaginárias de LaRue na pista. Eu havia sido pega fora dos limites do Dormitório A pelo Sr. Finn, que estava de folga. O traidor apareceu, de repente, numa noite em que nem estava de plantão, e escreveu advertências para mim e para mais sete outras mulheres por não estarmos em nossos dormitórios, enfileirando-nos do lado de fora de seu escritório. Isso, por sua vez, nos valeu uma reunião a sós com o guarda sênior, que quis saber se eu contestava a acusação, infração número 316 no livro de regras da prisão. Disse calmamente que não e também não me desculpei.

Ele não ficou satisfeito e resmungou:

— Você acha isso engraçado, Kerman?

Sentei ereta, sem sorrir. Não, não achava nada daquilo remotamente engraçado; tampouco estava interessada nas ironias da prisão. No fundo, sabia que ele não faria nada comigo. Não me colocaria na UAS, não me trataria com violência, eu não perderia pontos em bom comportamento. Não valia a pena preencher toda a papelada necessária. E ele sabia que eu sabia disso. Essa era a razão por que ele estava gritando comigo e me assustando, muito embora nós dois soubéssemos que aquilo era um exercício completamente inútil. Não, eu não estava achando nada engraçado.

Minha infração por estar em um lugar não autorizado era trivial, uma infração da série 300, que também incluía: se recusar a obedecer a uma ordem direta; participar de uma reunião ou encontro não autorizado; não ficar em pé na hora da contagem; dar ou receber qualquer item de valor para ou de outra detenta; possuir contrabando inofensivo; e atentado ao pudor. Ainda mais baixo na lista ficava a série 400: fingir doença; fazer uma tatuagem ou uma automutilação; estabelecer um negócio; ou contato físico não autorizado (como abraçar alguém que esteja chorando).

Muito mais sérias eram as infrações da série 200: brigas; extorsão, chantagem por dinheiro ou proteção; vestir disfarce; encorajar ou se envolver em uma manifestação coletiva; paralisação de trabalho; suborno; furto; demonstrar, treinar ou usar artes marciais, boxe, luta ou outras formas de interações físicas, exercícios ou treinamentos militares; e a mais conhecida de todas as infrações, a 205 — envolvimento em atos sexuais.

As infrações da série 100 eram as piores de todas; você podia ser objeto de outra acusação judicial por causa delas. Assassinato; lesão; fuga; posse de arma; incitar uma revolta; posse de drogas; e uma infração-ônibus “conduta que perturbe ou interrompa a administração ordeira da instituição ou do DFP.”

Por fim, o tenente parou de me encarar e fitou o careca no canto da sala.

— Existe algo mais que você gostaria de acrescentar, Sr. Richards?

Alguns agentes penitenciários se deliciam com o poder e o controle que exercem sobre outros seres humanos. O prazer que sentem é quase palpável. Eles acreditam que é seu privilégio, direito e dever transformar a prisão no lugar mais desgraçado do mundo; e, sempre que podem, abusam, ameaçam e

não cumprem suas obrigações. Em minha experiência, essas criaturas não eram os depravados que poderiam abusar sexualmente das prisioneiras; na verdade, eles nunca confraternizariam com formas de vida inferiores como nós, e reservavam seu escárnio mais ardente aos colegas que nos tratavam com humanidade.

A pele de Richards, também um homem enorme, tinha um tom permanente de rosa-avermelhado, e sua cabeça era raspada e brilhante.

— Sim. Existe. — Richards inclinou-se para a frente. — Não sei que diabos está acontecendo lá em cima, mas todos sabem que o Pavilhão está fora de controle. Bom, volta lá e diz às suas amigas que vou para lá no próximo trimestre e que as coisas vão ser muito diferentes. Passa o recado direitinho. — Ele reclinou-se na cadeira, satisfeito.

Nós oito ouvimos o mesmo discurso — claro, comparamos nossos castigos. Minha punição foi dez horas de trabalho extra.

Resolvi me oferecer para trabalhar na equipe noturna especial da cozinha que seria necessária para preparar o jantar de Ação de Graças. Dessa forma, cumpriria as dez horas de uma só vez. Pop e o supervisor da prisão para quem ela trabalhava, um cara de quem todas gostavam e cujo escritório era cheio de plantas, levavam as refeições comemorativas a sério. Uma equipe extraordinariamente grande de mulheres preparava o peru, o recheio, as batatas doces, a couve e o purê de batata, além das tortas de Natalie, tudo em quantidades industriais. Eu estava entre as encarregadas pelas panelas, com um avental de borracha, luvas de borracha enormes e uma rede de cabelo. Deixamos o rádio ligado, provei umas colheradas enquanto preparávamos a refeição, e tudo acabou bem apesar do nervosismo de Pop. (Ela fazia aquilo havia apenas dez anos direto.)

Trabalhamos a noite inteira até o amanhecer, e eu me senti prazerosamente exausta. Essa era a melhor forma de penitência, despejar minha energia na refeição comunal que todas compartilharíamos em breve, embora a maioria de nós preferisse estar em algum outro lugar. No Dia de Ação de Graças, dormi, recebi a visita de Larry e de nosso amigo David e, depois, comi até não aguentar mais com Toni e de Rosemarie — aquela foi, de longe, a

melhor refeição do ano. O banquete foi um pouco prejudicado quando a mami espanhola tranquila que estava sentada a meu lado desabou em prantos no meio do jantar e não parou de chorar.

★ ★ ★

SEMPRE PENSEI que fosse episcopaliana. Não percebia, mas, na verdade, fui criada para seguir o etos do estoicismo — a resposta greco-romana ao Zen. Muitas pessoas do mundo exterior (sobretudo os homens) admiraram meu estoicismo quando eu estava prestes a ir para a prisão. Segundo Bertrand Russell, o estoico virtuoso era aquele cujo desejo estava em harmonia com a ordem natural. Ele descreveu a ideia básica da seguinte forma:

Na vida do indivíduo, a virtude é o único bem; coisas como saúde, felicidade e bens materiais não valem nada. Uma vez que a virtude reside no desejo, tudo que é realmente bom ou ruim na vida de um homem depende apenas dele mesmo. Ele pode ficar pobre, mas e se ficar? Ele pode, mesmo assim, ser virtuoso. Um tirano pode colocá-lo na cadeia, mas ele ainda assim pode perseverar e tentar viver em harmonia com a Natureza. Ele pode ser condenado à morte, mas morrer com nobreza, como Sócrates. Portanto, todo homem tem liberdade perfeita, contanto que se emancipe dos desejos mundanos.

Certamente, o estoicismo vem a calhar quando tiram as roupas íntimas de você. Mas como conciliá-lo com a necessidade insaciável de outras pessoas? Meu desejo por conexão, intimidade e pelo toque humano não era “mundano”? A pior punição que podemos inventar com exceção da morte é o isolamento total de outros seres humanos, o Supermax, a segurança máxima, a detenção solitária, o Buraco, a UAS.

A verdade é que estava sendo difícil ser uma boa estoica. Não conseguia resistir ao fluxo e à pulsação emocional da vida, ou às pessoas imperfeitas que eu considerava tão vitais. Continuei a me atirar na correnteza, embora, uma vez lá dentro, em geral eu conseguisse permanecer calma e manter a cabeça fora d'água.

No entanto, eu precisava entender por que a necessidade de transgredir havia me levado tão longe, até um presídio? Talvez eu fosse simplesmente burra, incapaz de entender essas coisas a uma determinada distância, e em vez disso insistia em aproximar meu rosto do fogo e queimar os cílios. É preciso encontrar a maldade em si mesmo para reconhecê-la verdadeiramente no mundo? A coisa mais vil que encontrei em mim e no sistema que me mantinha prisioneira foi a indiferença pelo sofrimento alheio. E quando entendi como eu havia feito o mal; o que eu faria comigo mesma, exposta agora como uma pobre coitada, não apenas em particular, mas em público, num tribunal?

Se aprendi algo no Pavilhão, foi que eu era, de fato, uma pessoa boa. Boa não com as regras mesquinhas, mas era muito capaz de ajudar outras pessoas. Estava ansiosa para oferecer o que eu tinha, que era mais do que eu pensava. Julgar os outros tinha pouco apelo para mim agora e, quando o fazia, me arrependia. Melhor de tudo, havia encontrado outras mulheres que podiam me ensinar a ser melhor. Parecia que meu comprovado fracasso total em ser uma boa garota estava sendo mais do que compensado pela urgência em me tornar uma boa pessoa. E esse meu esforço era algo que eu esperava que minha avó aprovasse e, talvez, me perdoasse por não ter podido aliviar seu sofrimento.

★ ★ ★

NO DIA seguinte ao Dia de Ação de Graças, minha avó morreu. Sofri em silêncio e com a solidariedade de minhas amigas. Sentia-me como um pano retorcido. Observei o vale durante horas, perdida no passado, e caminhei na

pista de atletismo. Nunca recebi uma resposta ao meu requerimento de licença. Como Pop disse, eu não tinha direito àquilo.

Cerca de um ano depois, quando já estava em casa, no mundo exterior, recebi uma carta de Danbury. Formal, um pouco empolada, era de Rosemarie, e dentro dela havia duas fotografias de minha avó. Meu primo as tinha enviado para a prisão, e eu havia olhado para elas centenas de vezes quando precisei sorrir. Na primeira, minha avó havia acabado de abrir um presente num embrulho bonito, uma camiseta preta gigantesca da Harley-Davidson. Seu rosto mostrava horror indisfarçado. Na segunda, o presente-piada está seguro em seu colo, e ela sorri para a câmera, os olhos brilhando de alegria. Rosemarie escreveu que ela esperava que eu estivesse bem e que havia encontrado essas fotografias num livro na biblioteca e reconhecido quem era. Rosemarie disse que sabia quanto eu amava minha avó e também que ela estava pensando em mim.

CAPÍTULO 16

Tempo bom



O mundo livre estava cada vez mais próximo. Apesar do incidente registrado na minha ficha em novembro, eu estava a caminho de cumprir treze dos quinze meses da minha pena, e seria solta em março com o “tempo bom”, o período que podia ser deduzido da sentença federal por bom comportamento. Em janeiro eu estaria apta a ser encaminhada para um centro de reinserção social, no Brooklyn, na avenida Myrtle (conhecida no Pavilhão como “Avenida dos Assassinos”, em referência à fazenda Myrtle, em Louisiana, que ficou famosa por ser palco de uma série de assassinatos). Segundo o boato que corria na prisão, assim que a pessoa passasse em alguns poucos testes antidrogas e encontrasse um emprego, ela era mandada para casa — contanto que eles pudessem ficar com seu salário.

Natalie estaria esperando por mim na avenida dos Assassinos. Dei adeus à minha companheira de beliche na primeira semana de dezembro. Na noite anterior à sua saída, eu estava com os nervos à flor da pele, fazendo-lhe perguntas e me debruçando na cama de cima do beliche para vê-la deitada ali embaixo naquela última noite. Natalie parecia ter se controlado para permanecer calma. Na manhã seguinte, enquanto ela dava adeus à multidão que havia se reunido à sua volta para lhe desejar boa sorte, eu estava agitada como uma criança, andando para lá e para cá perto da porta de saída. Queria ser a última. Tentava permanecer calma, o que exigia um esforço maior até mesmo do que precisei quando Janet Ioga foi embora.

— Natalie, não sei o que teria sido de mim sem você. Amo você.

Isso era provavelmente a coisa mais direta que eu havia dito àquela mulher orgulhosa com quem tinha convivido de forma tão íntima por nove meses. Mais uma vez, estava prestes a perder a batalha contra as lágrimas. Naquele último mês, eu havia me tornado uma manteiga derretida.

Natalie me abraçou com delicadeza.

— Está tudo bem, amiga. Vamos nos ver logo. Vou ficar esperando você no Brooklyn.

— Está bem, Natalie. Aguenta firme até eu chegar lá.

Ela sorriu e passou imponentemente pela porta pela última vez.

Pop também devia ir para uma daquelas instituições de transição em janeiro. Um dos motivos de nós termos nos aproximado tanto era o fato de que seríamos mandadas para casa mais ou menos na mesma época. Para Pop, assim como para Natalie, ir para casa significava algo muito diferente do que para mim. Pop estava presa havia mais de doze anos, desde o início dos anos 1990. Ela se lembrava de um mundo sem celulares, sem internet e sem supervisores de liberdade condicional aos quais se reportar. Ela estava terrivelmente nervosa. Passamos muitas horas conversando sobre como seria quando fosse libertada, primeiro para um centro de reinserção social durante seis meses, e depois para a casa que iria compartilhar com sua família. Seu marido estava na prisão no sul do país, com a libertação prevista para dali a três anos. Ela tinha planos de trabalhar num restaurante e me confidenciou que um dia gostaria de comprar e administrar uma carrocinha de cachorro- quente. Estava muito nervosa pelos computadores, nervosa pelo centro de reinserção social, nervosa pelos filhos e nervosa por deixar o lugar que, bem ou mal, tinha sido o seu lar por mais de uma década.

Eu também estava nervosa, mas não por voltar para casa. Na segunda semana de dezembro, tinha recebido uma carta de meu advogado, Pat Cotter, em Chicago, me informando que um dos acusados no meu processo, um homem chamado Jonathan Bibby, seria levado a julgamento e que eu poderia ser convocada como testemunha. Ele me lembrou de que, pelos termos do meu acordo, eu havia me comprometido a oferecer um testemunho

completo e confiável caso fosse chamada pelo governo. Pat me alertou para a possibilidade de a polícia optar por me transportar até Chicago para comparecer no tribunal e, na realidade, estavam planejando fazer isso. Ele escreveu:

Não é que eu não gostaria, claro, de aproveitar a oportunidade para vê-la novamente, mas, segundo comentários de antigos clientes meus a respeito dessa viagem de cortesia oferecida pelo Departamento Federal de Prisões, essa pode ser uma experiência muito desconfortável e cansativa para o detento envolvido. Gostaria de, se possível, poupá-la dessa experiência.

Fiquei horrorizada. Jonathan Bibby era um completo estranho para mim. Não queria ir a Chicago, e com certeza não queria ser uma testemunha convocada pelo governo — uma “X9”. Queria ficar ali mesmo no Pavilhão, treinar a posição de ioga invertida sobre a cabeça e comparecer às noites de cinema com a Pop. Chamei meu advogado e expliquei que nunca tinha sequer conhecido Jonathan Bibby, que não seria capaz nem mesmo de identificá-lo numa fila de reconhecimento de suspeitos. Se fosse levada para Chicago para comparecer ao julgamento, isso talvez atrapalhasse minha ida para o centro de reinserção social, marcada para janeiro. Será que ele não poderia dar alguns telefonemas para me ajudar e informar à Procuradoria que eu nunca tive contato pessoal com o acusado e que, portanto, não poderia ser uma testemunha útil?

— Claro que sim — disse ele.

Percebi que não deveria dar como certa minha permanência em Danbury.

Não disse isso a ninguém, só contei a Pop sobre a carta.

— Ah, querida — disse ela. — A ponte aérea. — Ela estava se referindo ao sistema federal de transporte presidiário, apelidado ironicamente de “Con Air”, uma espécie de Linhas Aéreas dos Condenados. — A ponte aérea não é nada agradável.

★ ★ ★

DEPOIS DA partida de Natalie, vivi sozinha no meu cubículo por vários dias. Ver o forro do colchão dela vazio fazia eu me sentir solitária. Àquela altura, eu já estava presa havia bastante tempo para saber que não era uma boa estratégia apenas esperar passivamente, rezando aos deuses da prisão para que me arrumassem uma ótima companheira de beliche. Faith, minha vizinha do cubículo ao lado, era legal, então articulamos uma troca de cubículos e obtive permissão para me mudar para o espaço ao lado. Estava agora dormindo na cama que tinha sido ocupada por Vanessa e, antes dela, por Colleen. Faith era muito diferente de Natalie, embora, felizmente, não fosse muito mais falante do que ela. Ficou muito feliz por me ter como companheira de beliche e, enquanto tricotava, costumava me falar da linda filha adolescente que tinha lá em New Hampshire — ela tinha uma permissão especial para manejar suas agulhas.

Faith estava cumprindo uma sentença bastante longa, e apreendi vagamente que ela tinha aceitado a acusação no lugar de outra pessoa. Ela estava sempre preocupada com a filha, que não via fazia mais de um ano. Estava tricotando um suéter verde para ela, como presente de Natal. Parecia nunca haver mais do que quatro cores de lã acrílica disponíveis na cantina — cinza, branco, vermelho e verde —, e, mesmo assim, vermelho e verde pareciam sempre estar em falta, frustrando as tricoteiras. Jae estava fazendo brinquedos de crochê para seus filhos — tinha começado aquela tarefa meses antes. Eu não conseguia imaginar nada mais difícil na cadeia do que ser mãe, especialmente nos feriados comemorativos.

★ ★ ★

RECEBI UMA carta de Pompom, que anteriormente havia trabalhado na garagem, e que tinha acabado de ir embora dali para Trenton.

Querida Piper,

Acabo de perguntar por você. Fiquei muito feliz em receber uma carta + fotos suas. Minha irmã me disse que eu estava mais gorda quando estava aí. Respondi a ela que devia ser por causa das roupas. De qualquer modo, não acredito que você levou uma advertência na sua ficha! Amy escreveu contando que a companheira de beliche dela foi parar na UAS, mas não me contou que você tinha recebido uma advertência. Esse lugar realmente deixa qualquer um maluco.

Pompom, cuja mãe tinha passado por Danbury antes dela, havia ficado preocupada com o que lhe aconteceria quando fosse libertada. Ela tinha alguns parentes que, com certa má vontade, haviam concordado em hospedá-la, embora também tivesse considerado a possibilidade de ir direto para um abrigo de sem-teto.

Agora, tinha voltado ao mundo exterior, onde teve uma recepção um tanto fria. O apartamento em que morava ficava numa vizinhança onde todos os dias se escutava tiroteios — algo muito mais assustador do que o estande de tiro de Danbury. Ela havia encontrado os armários inteiramente vazios e gastou as pequenas economias que tinha acumulado abastecendo a casa com comida, xampu e papel higiênico. Estava dormindo no chão.

Meu Deus, como tenho saudades de vocês! É triste dizer que sinto falta daí porque isso aqui fora é muito louco... Toda essa liberdade e ainda me sinto presa. Acho que poderia honestamente dizer que vocês todas eram a única família que eu tinha. Fiz aniversário e o que ganhei? Nada, e tive de implorar por um jantar no Dia de Ação de Graças. Agora você sabe por que eu estava tão apavorada com a ideia de voltar para casa.

No Pavilhão, teríamos comemorado o aniversário de Pompom em grande estilo. Mas ela ainda contava com uma grande reserva de bom humor, algo de que precisou para sobreviver até então. Ela me enviou uma lista de pessoas a quem queria que eu transmitisse suas saudações — sua companheira de beliche, Jae, as garotas que ainda trabalhavam na garagem — e uma série de conselhos sinceros sobre como eu poderia segurar a onda até a minha libertação. Ela terminava a carta com “Com amor, sempre, Pompom”.

Era um sentimento muito estranho, mas eu queria que Pompom estivesse de volta ao nosso lado, na prisão. Eu morria de medo por ela, lá fora. Pelo menos no perímetro do gueto do DFP, os guardas eram os únicos autorizados a portar armas, e eles nunca saíam dos seus caminhões.

— Piper? — Amy pôs a cabeça para dentro do meu cubículo. Normalmente não gostava de pessoas ali dentro, e preferia receber visitas nas áreas comuns.

— Que foi, Monstro?

Eu havia começado a chamar Amy de “monstrinho” na época em que trabalhávamos juntas na oficina elétrica. Era um apelido merecido, já que ela tinha uma boca e uma mente sujas e desrespeitava tudo e todos. Mas eu adorava Amy apesar de tudo e apesar de mim mesma, e ela ainda me fazia rir. Queria sempre bancar a durona, e num certo sentido era uma espécie de pivete. Mas eu a considerava como um gatinho arisco e rebelde que podíamos manter a uma distância segura, agarrando-o pelo cangote. Mesmo assim, gatinhos têm garras e dentes afiados.

Então Amy correu para junto do meu beliche, se acomodando no banquinho onde apoiava os pés. Dava para perceber que ela estava chateada. Sua saída da prisão deveria acontecer antes da minha, e ela iria para um lugar nos arredores de Nova York. Eu sabia que ela também encontraria uma situação de incerteza do lado de fora, ainda que menos dramática do que as condições em que Pompom vivia. Há várias semanas ela vinha tentando providenciar condições de trabalho e de moradia em conversas por telefone, e estava bastante tensa com isso. Tentava contatar o pai desesperadamente, mas vinha tendo dificuldades com o sistema telefônico. Enquanto explicava sua

frustração, as palavras saíam cada vez mais rapidamente, até que ela começou a chorar e soluçar.

— Vem cá, Amy — falei, abrindo um espaço na minha cama, e ela subiu. — Sinto muito que as coisas ainda não tenham se arranjado até agora. Tudo vai ficar bem; logo você vai estar em casa.

Coloquei meus braços ao seu redor, enquanto ela chorava.

Ela afundou a cabeça no meu colo.

— Quero o meu papai!

Tentei acalmá-la, passando as mãos pelos cachos louros dos quais ela tanto se orgulhava; e no meu íntimo me revoltei contra aquela insanidade de trancar crianças na prisão para depois enviá-las de volta para regiões mais degradadas e perigosas do que a cadeia.

★ ★ ★

VI NA chamada diária que minha tarde estava programada para uma aula obrigatória pré-libertação sobre moradia, e minha pressão começou a subir. Todos os presos de instituições federais são obrigados a passar por uma série de aulas antes de serem reintegrados à sociedade. Isso fazia muito sentido. Muitas mulheres em Danbury tinham ficado presas ali durante anos e, apesar da brutalidade envolvida na institucionalização, o processo também as infantilizava. Era ridícula a noção de que elas sairiam da prisão e imediatamente seriam capazes de lidar com as exigências da vida cotidiana “lá fora”.

Eu estava bastante curiosa pelo que as aulas de reintegração nos ofereceriam. A primeira a que tive de assistir era sobre saúde. Compareci à sala de visitas na hora combinada; cadeiras suficientes para umas vinte mulheres tinham sido dispostas ali, e um agente penitenciário que trabalhava no setor de alimentação do ICF havia sido deslocado para coordenar a palestra. Eu me inclinei para a frente e perguntei a Sheena por que aquela pessoa estava dando a aula.

— Ele jogava beisebol num time profissional — respondeu ela, à guisa de explicação.

Refleti sobre aquilo por um momento, como se fizesse algum sentido.

— Mas por que colocar alguém daqui de Danbury para dar essa aula; por que não alguém do setor de saúde? — Sheena revirou os olhos, como se eu tivesse dito algum absurdo. — Todas as aulas não são dadas pelos funcionários do presídio? Eles não trabalham lá fora, com ex-presidiários. Passam o tempo todo aqui. O que podem saber sobre reintegração?

— Pipes, você está procurando por lógica nos lugares errados.

O cara do setor de alimentação era muito simpático e engraçado. Gostamos muito dele. Ele nos disse como era importante se alimentar bem, fazer exercícios e tratar nosso corpo como um templo. Mas não disse como obter serviços de assistência de saúde que pessoas sem dinheiro pudessem pagar. Não nos disse como poderíamos conseguir rapidamente métodos contraceptivos e outros serviços da área reprodutiva de saúde. Não recomendou nenhuma solução para cuidados exigidos por problemas psiquiátricos ou de comportamento, mas era óbvio que algumas daquelas mulheres precisariam disso. E não disse quais as opções de pessoas que tinham lutado contra o vício das drogas, às vezes por décadas, e que agora, do lado de fora, se veriam confrontadas com seus velhos demônios.

Outra aula havia sido intitulada de “Atitude Positiva” e era ministrada pela secretária da antiga diretora. Gostamos muito pouco dela, já que se mostrava bastante condescendente conosco. Contou em detalhes sua luta épica numa dieta para conseguir se enfiar num vestido de festa. De modo um tanto trágico, ela não tinha conseguido perder peso, mas mesmo assim conseguiu se divertir na festa, já que havia mantido uma atitude positiva. Olhei à minha volta, sem querer acreditar no que estava ouvindo. Havia ali mulheres que tinham perdido seus direitos maternos sobre os filhos e que teriam de batalhar para se juntar novamente a eles; mulheres que não tinham para onde ir e que, portanto, acabariam em alojamentos para desabrigados; mulheres que jamais tinham trabalhado em empregos formais e que agora precisariam encontrar empregos de verdade ou acabariam sendo mandadas de volta à

prisão. Eu não tinha nenhuma dessas preocupações por ter muito mais sorte do que a maioria das mulheres com quem estava convivendo em Danbury, mas me sentia desrespeitada pela banalidade daquelas aulas. A palestra seguinte foi dada pela austera freira alemã que administrava a capela, e havia sido vaga a ponto de ser difícil me lembrar de alguma coisa além de “crescimento pessoal”.

O tema da palestra seguinte foi moradia. Moradia, emprego, saúde, família — esses são os fatores básicos que determinam se um ex-prisioneiro será mal ou bem-sucedido na condição de cidadão cumpridor das leis. Eu conhecia o cara que estava conduzindo aquela palestra do meu trabalho no SCM — era um sujeito razoavelmente decente. E falou do que sabia — sobre isolamento térmico, paredes de alumínio e sobre qual seria o telhado mais apropriado para cobrir sua casa. Também falava sobre decoração de interiores. Fiquei tão enojada com aquele programa de reintegração ridículo do DFP que simplesmente fechei os olhos e esperei que aquilo acabasse.

Uma mulher levantou a mão.

— Hum... Sr. Green, tudo isso é muito legal e tal, mas preciso encontrar um apartamento para alugar. Será que o senhor poderia falar um pouco sobre como alugar um apartamento e se existe algum tipo de programa ao qual poderíamos nos candidatar para, o senhor sabe, conseguir moradia a um custo acessível? Alguém me disse que eu deveria procurar um alojamento para desabrigados...

Ele dava a impressão de estar não irritado, mas inseguro.

— Bem, na verdade não sei muita coisa sobre isso. A melhor maneira de achar um apartamento é procurando no jornal ou então olhar em sites de busca na internet.

Fiquei imaginando qual o tamanho do orçamento do DFP dedicado à reintegração.

★ ★ ★

EXAMINEI ATENTAMENTE Larry, sentado do outro lado da mesa na sala de visitas. Ele parecia esgotado, com olheiras profundas. Lembrei uma coisa que Janet Ioga havia dito sobre os nossos namorados: “Eles cumprem a pena conosco.”

Agora todas as visitas giravam em torno de um único tema: minha volta para casa. Não importava se estava diante de Larry, minha mãe, meu irmão ou um amigo. Entre as pessoas mais próximas imperava um sentimento geral de alívio, uma sensação de que estávamos quase num terreno seguro. Não queria ser uma desmancha-razeres, tentei afastar o mau pressentimento em relação à possível ida para Chicago.

A impressão era a de que metade das pessoas na sala de visitas estava prestes a voltar para casa — Pop, Delicious, Doris, Sheena. Big Boo Clemmons tinha ido embora depois do Dia de Ação de Graças, e sua namorada Trina tinha ficado sem sair da cama por uma semana.

Camila também estava de saída, mas ainda não para casa. O Pavilhão estava para mandar outro grupo de presas lá para baixo, para o programa de reabilitação de drogas, e ela era uma delas. Nina deveria voltar em janeiro, após cumprir o programa, antes de ser solta. E torcia para que isso acontecesse antes de eu ir embora.

Sentei no cubículo de Camila, olhando-a enquanto ela decidia que fim dar às suas coisas. Ela havia acabado de me dar um par de grandes botas pretas de trabalho. O programa de reabilitação de drogas era bastante rigoroso, então ela teria de se desfazer de todos os itens contrabandeados antes de partir, além de se livrar de todas as roupas extras. Camila estava de bom humor. Aquele programa de reabilitação reduziria sua pena em um ano, passando de sete para seis. Sua língua me preocupava; mais do que outras mulheres do Pavilhão, Camila não engolia desaforos e respondia à altura a qualquer guarda que a irritasse, e ela tinha um temperamento explosivo. O programa era severo e pessoas eram expulsas dele toda hora.

— Vou sentir saudades. Com quem vou fazer ioga?

Ela sorriu.

— Logo você vai embora, praticamente amanhã!

— Camila, você tem de me prometer que vai morder a língua por lá. Não estou brincando.

Ela ficou perplexa.

— Morder a língua? Por que eu faria uma coisa dessas?

— É só uma maneira de falar, quero dizer que você não vai poder falar merda para os agentes de lá. Mesmo que eles sejam que nem o Welch ou esse idiota do Richards.

Fiel à sua promessa, o agente Richards estava fazendo o possível para transformar num inferno a vida de todo mundo no Pavilhão. Se DeSimon me lembrava um pênis destacável perdido, Richard era como um pênis furioso. Ele estava sempre absurdamente zangado; dava a impressão de que sua pequena cabeça careca e rosada iria explodir a qualquer momento. Ele era mesquinho, recusando-se a entregar cartas às prisioneiras que tivessem faltado à chamada do correio, e cumpria rigorosamente o horário de ver TV, para grande desespero das insones. Eu não me sentia incomodada pela maior parte das suas novas atividades de vigilância, mas Pop estava amargurada por só poder receber suas mensagens nos pés quando ele não estava de serviço.

Ele tinha, no entanto, um hábito tão terrível que eu torcia para que contraísse alguma doença que o tornasse inválido. Ele berrava no microfone. O tempo todo. O sistema de som era instalado pelo prédio inteiro, com vários alto-falantes em todos os dormitórios. Eles ficavam afixados a uma pequena distância das camas das mulheres. Ele então acionava o sistema e gritava seus insultos contra todas nós, durante boa parte da noite, num volume que chegava a ser doloroso. A cama da coitada da Jae ficava bem embaixo de uma dessas caixas de som.

— Piper, acha que poderia usar sua habilidade de eletricista por aqui?

Aquilo era algo que eu não me sentia confiante para fazer sem ser eletrocutada ou mandada para a UAS. De modo que todas nós éramos obrigadas a ouvir seus insultos, e a palavra *tortura* assumiu um novo sentido.

★ ★ ★

QUANDO O Natal estava se aproximando, Larry me deu as más notícias, transmitidas por meu advogado: eu seria convocada para testemunhar em Chicago. Fiquei enjoada. E se aquilo me fizesse perder a data da minha saída para o centro de reinserção social? Na verdade, não havia dúvida de que eu perderia. Bem ali, na hora H, meu passado estava se colocando entre mim e minha liberdade. E se eu acabasse vendo Nora? Não havia como me convocarem a depor sem chamar ela também.

Eu estava nervosa, mas ninguém percebeu; o Pavilhão estava tomado pelo frenesi das festas de fim de ano. Aquela atmosfera vinha se intensificando desde antes do Dia de Ação de Graças, mas agora as coisas estavam a pleno vapor, com uma equipe de presas preparando o concurso anual de decoração natalina. Todas as unidades da ICF competiam — havia uma dúzia de unidades lá embaixo, e o Pavilhão era considerado uma delas. Vestígios de decorações feitas nos anos anteriores já estavam expostos por toda parte, cartazes gigantes que anunciavam NATAL e PAZ em vermelho desbotado e branco encardido. Mas a equipe envolvida na decoração daquele ano de 2004 tinha algo novo em mente, alguma coisa dentro da manga de seus uniformes cáquis. Trabalharam em segredo, horas e horas a fio numa sala de TV mais afastada, que tinha sido reservada oficialmente para elas. Só conseguimos ver as estranhas criaturas feitas de papel machê que andavam preparando.

— Olha só meu elfo bicha! — gabou-se uma das voluntárias alegremente, mostrando-me seu estranho pequeno humanoide.

Na véspera de Natal, a equipe de decoração do Pavilhão revelou o resultado do seu trabalho. Era francamente incrível: elas tinham transformado uma sala de televisão suja e sem graça, coberta com um piso de linóleo, num incrível vilarejo natalino em noite de inverno. O teto feito de compensado havia sido escondido por um céu de noite estrelada. Um vilarejo se espalhava como num vale, e as oficinas, a taberna e até um carrossel eram povoados por pequenos elfos cuja preferência sexual era discutível. Eles faziam suas travessuras numa neve cintilante que se espalhava pelo linóleo. Tudo brilhava. Admiradas, todas nós examinávamos com alegria os detalhes daquele trabalho artesanal. Ainda não tenho a menor ideia de como conseguiram fazer aquilo.

Nervosas, esperamos durante toda a tarde pela decisão final do júri. Quando o veredicto foi divulgado, soubemos que, pela primeira vez na história, o Pavilhão tinha vencido o concurso! Os guardas nos garantiram que a concorrência havia sido acirrada — no complexo lá embaixo, o Programa de Cachorrinhos estava alojado na Unidade 9, que também abrigava o pavilhão psiquiátrico, e eles tinham confeccionado chifres enormes para todos os labradores, criando uma manada de renas. *Uma manada de renas!*

Uma projeção especial do filme *Um duende em Nova York*, com pipoca de graça, foi o prêmio concedido a todo o Pavilhão. Faith, minha companheira de beliche, me surpreendeu no nosso cubículo:

— Piper, quer assistir a *Um duende em Nova York* comigo?

Aquilo me pegou de surpresa; se tudo corresse como de costume, eu veria o filme com Pop ou com as Gêmeas Italianas. Mas estava claro que aquilo era importante para Faith.

— Claro, colega. Seria legal.

O filme foi projetado numa sala diferente da habitual, em várias sessões. Faith e eu pegamos nossa pipoca, conseguimos dois bons lugares e nos instalamos para assistir ao filme juntas. Não estávamos preparando biscoitos natalinos, nem escolhendo a árvore perfeita para decorar ou beijando as pessoas que amávamos sob o visco. Mas Faith tinha um lugar especial na minha vida, e eu na dela, especialmente no Natal. E foi muito legal.

★ ★ ★

NO DIA 27 de dezembro, as pessoas receberam sua edição dominical do *New York Times* pelo correio de segunda-feira. Eu procurei Lombardi e pedi:

— Ei, posso dar uma olhada na seção Estilo?

Corri para o meu cubículo com o jornal; Larry havia publicado um artigo naquela edição, e não era um artigo qualquer. Era a coluna “Amor moderno”, um ensaio pessoal publicado semanalmente, sobre amor e relacionamentos. Ele tinha trabalhado naquele texto durante um bom tempo, e eu sabia que seria sobre nossa decisão — por tanto tempo adiada — de nos

casarmos. Tirando isso, eu não tinha a menor ideia do que estava reservado para mim e para os outros leitores do *Times*.

Ele descrevia, com muito humor, nosso namoro nada tradicional e por que nenhum de nós dois considerava importante se casar, ainda que tivéssemos comparecido juntos a 27 casamentos. Mas algo havia mudado.

Nunca aconteceu um clique, nenhum momento “eureka” em que me dei conta de que fazer a coisa mais tradicional possível pudesse ser uma boa ideia. Alguns caras dizem que descobrem imediatamente: ela é a mulher certa. Eu não. Seja um suéter ou um software, sempre preciso de tempo para saber se quero manter alguma coisa, e é por isso que guardo os recibos. Não posso dizer que houve um momento em que fitei os olhos azul-claros da garota que conheci enquanto comia um filé num café em São Francisco e pensei: “É ela.” Agora, passados oito anos, eu sei que é.

Quando descobri? Foi o jeito com que ela me ajudou a superar a morte do meu avô? O alívio que senti quando ela finalmente atendeu o celular no 11 de Setembro? Aquela caminhada incrível em Point Reyes? Foi porque ela chorou de alegria quando os Sox finalmente venceram? Pelo modo com que meus sobrinhos a tratam como se fosse uma *rockstar*?

Talvez eu devesse ter descoberto logo no início, naquela manhã durante nossa viagem pelo país, quando ela insistiu que fizéssemos uma última parada no restaurante Arthur Bryant’s, em Kansas City, para comer uma costeleta de porco no café da manhã (e, passados dez minutos daquele banquete, perguntou para mim: “E aí, amor, por que você não abre uma cerveja?”).

Ou talvez eu não tenha descoberto de verdade até sete anos mais tarde, quando nos vimos forçados a nos separar por mais de um ano? Quem pode dizer? Talvez tudo tenha a ver com os grandes momentos, mas os pequenos momentos são tão ou mais importantes.

É claro que eu era capaz de evocar cada uma daquelas situações nos seus mínimos detalhes, desde o sabor e a consistência daquela costeleta até a forma como aquela cerveja tinha descido bem.

De modo lento mas inquestionável, pensei: ela quer se casar. E, se isso for verdade, então eu quero me casar. Com ela. Essa talvez tenha sido a ideia menos original que já tive em muitos anos, mas precisava chegar a ela sozinho, nas minhas próprias condições. E, depois de todos aqueles anos, uma coisa que estava a meu favor era o elemento surpresa.

Então, dane-se, vamos fazer isso. Continuo sem acreditar que o casamento seja o único caminho para a felicidade ou para nossa plena realização enquanto pessoas, mas é a coisa certa a fazer no nosso caso. Então eu a pedi em casamento. Ou, para ser mais preciso, foi o que eu disse, sentado ao seu lado naquela ilha ridícula que parecia saída direto de um cenário de uma revista para noivas. Disse algo sobre amor e compromisso e sobre não ir a lugar nenhum, e aqui estão essas alianças que comprei para você, e se quiser oficializar a coisa, tudo bem, e se não quiser, tudo bem também. E, se quiser uma festa de casamento, eu estou nessa, e se não estiver a fim, ora, quem precisa disso. Ela ainda não tinha entendido muito bem o que eu estava pedindo, mas quando terminou de rir, ela disse sim. E então tirou as roupas e pulou na água.

Meus amigos brincam que eu fui a 27 casamentos e agora chegou a hora de um funeral — o da minha solteirice. Que, como qualquer funeral, é triste, mas essa morte não se deve a nenhum acidente trágico. Vejo-a mais como um caso de eutanásia que estou executando em mim mesmo, um golpe de misericórdia.

Estou pronto, amor. Pode desligar os fios.

Mesmo aqui, sem ele, eu não poderia imaginar um presente de Natal mais legal.

★ ★ ★

FORA DA prisão, eu sempre achei a véspera do ano-novo um tédio, mas ali dentro essa época despertou em mim um interesse maior, e tinha absoluta consciência — e estava muito grata por isso — de que aquele seria o primeiro e último que eu passaria em Danbury. Era de se esperar que virar a folhinha no calendário deixasse um prisioneiro mais otimista. Olhar aqueles dias passando sugeria uma ideia de progresso.

Muito mais do que qualquer ano-novo, ou milênio novo, aquilo me dava a impressão de que algo estava chegando ao seu final definitivo. Pop chorou quando fizemos a contagem regressiva para a meia-noite — era seu décimo terceiro ano-novo na prisão, e também o seu último. Enquanto olhava para ela, tentava imaginar a confusão de sentimentos contraditórios quando se pensa em tanta sobrevivência, arrependimento, capacidade de adaptação e em tanto tempo perdido.

Parecia que metade do Pavilhão estava empenhada em mandar Pop ainda inteira para casa. Ela deveria ter parado de trabalhar no refeitório — por mais estranho que pareça, as presas têm direito a dias de folga pelas regras do DFP —, mas ela não chegou a tirar um dia sequer. Eu a flagrei na cozinha certa vez e tive um ataque, mas ela simplesmente mandou eu me foder. Ela não sabia o que fazer quando não estava trabalhando. Aquela mãezona engraçada, grossa e de sotaque carregado que tinha me ajudado a suportar tantas coisas estava agora uma pilha de nervos — faltavam menos de duas semanas para transferência para o centro de reinserção social.

Por isso, me senti péssima ao ouvir o chamado no dia 3 de janeiro:

— Kerman! Arrume suas coisas para ir embora!

Arrumar as coisas significava embalar todas as merdas que você tinha, porque teria de ir a algum lugar. A presa recebe uma bolsa de lona, do tipo usado pelo exército, para ter onde guardar temporariamente os seus pertences.

Decidi distribuir a maior parte dos meus tesouros acumulados: o esmalte rosa contrabandeado com que pintara as unhas do pé, meu cobiçado pijama de homem com que Pop tinha me presenteado, minha jaqueta verde-exército e até meu rádio com headphone. Todos os meus livros foram para a biblioteca da prisão. Pela discricção que havia mantido até aquele momento, minhas colegas ficaram surpresas com minha partida iminente. Algumas concluíram que minha pena havia sido reduzida, mas as que ouviram que eu iria embarcar na “Con Air” ficaram curiosas, cheias de preocupações e conselhos.

— Use um absorvente. Nem sempre eles vão deixar você ir no banheiro. Então tenta ficar sem beber nada!

— Sei que você é exigente em relação a comida, Piper, mas come tudo o que puder, porque pode ser a última refeição decente que você vai conseguir durante um bom tempo.

— Quando eles algemarem você, tenta dobrar os pulsos para ficar com um pouco mais de espaço, e se olhar bem no olho do policial nessa hora, talvez ele não aperte tanto a ponto de atrapalhar a circulação. Ah, e usa duas meias para que as correntes não façam seu tornozelo sangrar.

— Reza para eles não passarem pela Geórgia. Lá eles metem você numa cadeia municipal, e é o pior lugar que já vi na minha vida.

— Tem um monte de gatinhos na ponte aérea. Eles vão adorar você!

Fui falar com o Homem Marlboro.

— Sr. King, eles estão me mandando para Chicago, para prestar depoimento.

Consegui mesmo deixá-lo surpreso dessa vez.

Então ele riu.

— Terapia diesel.

— O quê?

— Por aqui chamamos a ponte aérea de “terapia do diesel”.

Não tinha a mínima ideia do que ele estava falando.

— Bem, toma cuidado.

— Sr. King, se se eu voltar antes da minha data de soltura, poderia voltar para o mesmo trabalho?

— Claro.

★ ★ ★

NO FIM das contas, ainda tive de esperar mais dois dias até que me despachassem. Liguei para Larry pela última vez — outras presas tinham me alertado para não revelar detalhe nenhum sobre a viagem no telefone:

— Eles estão ouvindo, e se você contar algum detalhe específico, podem pensar que está planejando uma fuga.

Larry estava estranhamente alegre, e fiquei com a sensação de que ele não estava entendendo de verdade o que estava para acontecer, mesmo quando lhe disse que talvez não nos falássemos por um bom tempo.

Disse adeus a Pop.

— Minha Piper! Minha Piper! Não era para você sair antes de mim!

Eu a abracei e lhe disse que ela ficaria bem no centro de reinserção social, e que eu a amava.

Então desci a colina a pé para começar minha próxima desventura.

CAPÍTULO 17

Terapia do diesel



Como a maior parte das viagens aéreas nos dias de hoje, voar pela Con Air envolveu muito chá de cadeira. Exatamente onze meses após colocar os pés na R&D, fui enviada de volta para lá, e esperei. Uma por uma, os guardas trouxeram outras mulheres para esperarem junto comigo. Uma garota branca, magricela, com olhar distante. Duas irmãs jamaicanas. Uma caipira desagradável do Pavilhão com quem eu havia trabalhado nos SCM e que iria para o oeste da Pensilvânia para responder a um processo judicial. Uma negra grande, com jeito de sapatão e uma cicatriz horrorosa que começava em algum lugar atrás da orelha, circundava o pescoço e desaparecia sob o decote da camiseta. Não houve muita conversa.

Enfim, apareceu uma guarda que eu conhecia do Pavilhão. A Srta. Welch era uma agente do serviço de alimentação e conhecia Pop muito bem. Senti certo alívio por ela estar envolvida, de alguma forma, em nossa partida — muito melhor que fosse ela do que a guarda que havia me dado as boas-vindas em Danbury. Ela nos entregou uniformes novos, as mesmas roupas de hospital de cor cáqui e os sapatos de lona feiosos que calcei em minha chegada. Eu estava triste por abrir mão dos meus coturnos, apesar de eles já apresentarem rachaduras nas solas. Ela começou a nos acorrentar uma por uma — correntes ao redor da cintura, algemas que eram presas à cintura; grilhões com uma corrente de trinta centímetros entre as pernas. Eu nunca havia sido algemada na minha vida, a não ser à minha cama. Refleti sobre o

fato de não ter escolha alguma; eu seria algemada caso cooperasse, fosse mal-humorada ou estivesse deitada de barriga para baixo com um joelho no meio das costas ou uma bota em cima do peito.

Olhei para a Srta. Welch enquanto ela se aproximava de mim.

— Como está, Kerman? — perguntou.

Ela parecia genuinamente preocupada, e eu compreendi que “pertencíamos” a eles e estávamos sendo mandadas para um destino desconhecido. Ela sabia o que aconteceria comigo nas próximas horas, mas o resto, provavelmente, era tão misterioso para ela quanto era para mim.

— Estou bem — respondi com uma voz atipicamente acanhada. Eu estava com medo, mas não dela.

Ela começou a me acorrentar, conversando para me distrair, quase como um dentista que sabe que está fazendo algo que causa desconforto.

— Como ficou, apertado demais?

— Um pouco apertado demais neste pulso, sim.

Odiei a gratidão na minha voz, mas era genuína.

Todas nós havíamos arrumado nossas coisas — todos os nossos pertences haviam sido revistados por um agente penitenciário (no meu caso, o mesmo anão arrogante com quem me deparei no meu primeiro dia) e guardados. A única coisa que se podia levar no avião era um papel com a lista de seus pertences. No verso, eu havia escrito todas as informações importantes: o número de telefone do meu advogado e os endereços da minha família e dos meus amigos. Também rabiscadas nesse papel, em várias caligrafias diferentes, estavam informações de contato de minhas amigas no Pavilhão — e, caso estivessem prestes a ser libertadas, um endereço de suas casas; caso fossem ficar por lá muito mais tempo, seus números de registro de detenta. Doía olhar para aquela lista. Eu me perguntei se veria alguma daquelas mulheres novamente. Guardei o papel no bolso do peito de minha camisa, junto com minha identidade.

Formamos uma fila e começamos a andar, arrastando os pés e tilintando para fora do prédio em direção ao ônibus grande e sem marca de identificação, que era usado para o transporte de prisioneiros. Quando suas

pernas estão acorrentadas, você é obrigado a dar passos curtos e pisar com a ponta dos pés. Enquanto esperávamos num dos cercados de arame entre a prisão e o ônibus, a van do presídio chegou em alta velocidade. Jae saltou, com bolsas de lona.

A lésbica negra se alegrou.

— Prima?

Jae piscou, sem acreditar no que via.

— Slice? Que diabos está acontecendo?

— Porra, eu sei lá.

Fomos todas levadas de volta para a ICF para que os pertences de Jae pudessem ser guardados, e ela, acorrentada — era mais uma para o nosso pequeno contingente, e fiquei muito feliz por ter uma amiga na viagem.

Finalmente, sob a mira de armas, entramos no ônibus e partimos rumo ao mundo exterior. Era desnorteante ver os subúrbios de Connecticut passarem por nós e, mais adiante, virarem uma rodovia. Eu não tinha ideia de para onde estávamos indo, mas o destino mais provável era Oklahoma City, o centro do sistema federal de transporte prisional. Jae contou as últimas novidades para Slice, sua prima de verdade, no ônibus. Nem uma nem outra admitia saber a razão pela qual estavam sendo transportadas, mas, provavelmente, eram réus no mesmo processo, pois o guarda se preocupou em colocar correntes adicionais.

— Não, não, nós somos primas, nos amamos! — protestaram elas.

O guarda também deu a entender que íamos para a Flórida, o que era muito preocupante.

— Piper, eu não sei porra nenhuma sobre a Flórida, eu sou do Bronx, já fui para Milwaukee e só — declarou Jae. — Não tem nenhuma razão para nos levarem para a Flórida a não ser que estejam nos levando para a Disney.

Enfim, chegamos ao que parecia ser um terreno baldio abandonado numa zona industrial. O ônibus parou, e lá esperamos, sentadas, durante horas. Se você acha que é impossível dormir acorrentada, sou a prova do contrário. Recebemos sanduíches de frango, e eu tive de ajudar a caipira da Pensilvânia a comer — o guarda não havia sido tão gentil com ela quanto comigo e

tinha apertado bem as correntes, além de ter colocado uma proteção extra que imobilizava seus polegares — isso era para proteger a corré, com quem ela fofocava animadamente. Enfim, o ônibus começou a andar e se dirigiu para uma pista enorme. Tínhamos companhia — havia, pelo menos, meia dúzia de outros veículos de transporte, outro ônibus, vans e sedãs sem marcas de identificação, todos esperando, com o motor ligado, naquele pôr do sol invernal. E aí, de repente, um 747 enorme pousou, taxiou, rapidamente, e estacionou entre os veículos. Na mesma hora percebi que participava de um filme de ação repleto de clichês, quando a pista ficou cheia de agentes federais com coturnos, submetralhadoras e fuzis potentes — e eu era uma das vilãs.

Primeiro, desembarcaram mais ou menos uma dúzia de prisioneiros do avião, homens de vários tamanhos, formas, cores e roupas. Alguns pareciam vestir macacões de papel, o que não era a melhor opção naquele vento cortante de janeiro. Desgrenhados e com frio, pareciam bastante interessados em nosso grupinho junto ao ônibus de Danbury. Foi então que as figuras armadas gritaram para formarmos uma fila, com bastante espaço entre cada uma de nós. Na pista, fizemos a coreografia de quando alguém está tentando se mover o mais rápido possível com correntes. Depois de uma revista pouco delicada, uma agente federal verificou meu cabelo e minha boca, em busca de armas, e a coreografia continuou até a escada e para dentro do avião.

A bordo, havia mais agentes, homens musculosos e algumas mulheres mais velhas em uniformes azul-marinho. Enquanto andávamos arrastando as correntes até a área de assentos dos passageiros, fomos cumprimentadas por uma onda de testosterona. O avião estava lotado de prisioneiros, todos os quais pareciam ser homens. A maior parte deles estava muito, muito feliz de nos ver. Alguns faziam muito barulho, declarando o que queriam fazer conosco e oferecendo seus comentários enquanto nos arrastávamos pelo corredor conforme fomos instruídas pelos agentes.

— Não olhem para eles! — gritaram os agentes para nós.

Evidentemente, eles calcularam que era muito mais fácil focar no controle do comportamento de uma dúzia de mulheres do que no de duzentos

homens.

— Está com medo de quê, Lourinha? Eles não podem fazer nada com você! — gritaram os prisioneiros. — Vem pra cá, Lourinha!

Isso se mostrou mentira quando, mais tarde, durante a viagem, um homem grande levantou-se, protestando em voz alta que precisava ir ao banheiro, e os agentes o electrocutaram rapidamente com seus *tasers*. Ele ficou se debatendo como um peixe.

A Con Air é como um bolo em camadas do sistema federal de prisões. Todos os tipos de prisioneiros estão representados; brancos de meia-idade, de classe alta e com ar melancólico, seus óculos de armação metálica às vezes tortos ou quebrados; mexicanos orgulhosos com uma aparência vagamente maia, cobertos de tatuagens de gangues; mulheres brancas com cabelos descoloridos e dentes muito estragados; *skinheads* com tatuagens de suástica nos rostos; jovens negros com cabelos em pé porque haviam sido forçados a desfazer suas tranças rastafári; dois brancos magricelas, obviamente pai e filho porque um era a cara do outro; um negro gigantesco com correntes reforçadas que, sinceramente, talvez seja a figura mais imponente que já vi; e, claro, eu. Quando fui escoltada até o banheiro (e é muito difícil ir ao banheiro com os punhos acorrentados à cintura), além de convites lascivos e assobios ameaçadores, ouvi mais de um “O que você está fazendo AQUI, Lourinha?”

Comecei a ter uma opinião mais positiva sobre as correntes que restringiam a todos. Estava muito feliz por Jae estar ao meu lado, esticando o pescoço para tentar ver tudo. Mesmo assim, era perturbador que ela e a prima não soubessem o processo judicial ao qual se dirigiam. Todas concordamos que, Deus me livre, se elas tivessem “pegado outro processo” (acusadas por outro crime), deveriam ter sido informadas. Mas talvez não. Elas não tinham excelentes advogados como eu.

A Con Air não faz voos sem escalas. Os aviões jumbos são “paradores”, pousando aqui e ali para buscar presidiários que serão transportados por todo o país por todo tipo de razão — depoimento em juízo no tribunal, transferências de uma instituição para outra, designação pós-sentença. Alguns

prisioneiros pareciam ter acabado de sair das ruas, uma vez que ainda vestiam roupas civis. Subiu a bordo um espanhol com longos cabelos pretos que pareceria Jesus Cristo não fosse a cara tão sisuda; ele era tão bonito que doía. Numa das paradas, mais mulheres entraram. Uma delas parou no corredor, esperando que um agente lhe dissesse onde sentar. Era branca, baixinha, esquelética, desdentada e tinha um cabelo que parecia uma nuvem, numa cor intermediária entre o cinza e o louro oxigenado. Parecia uma galinha de terreiro despenada, como se sua vida tivesse sido muito difícil. Enquanto esperava, algum espertalhão gritou “O crack mata!” e metade do avião, que devia abrigar vários traficantes de crack, caiu na gargalhada. Seu rosto corroído se entristeceu. Era a coisa mais cruel que podia acontecer no pátio da escola.

Mais ou menos às oito da noite, pousamos em Oklahoma City. Acho que o Centro Federal de Transferências fica ao lado do aeroporto, mas não tenho certeza, pois não cheguei a ver o mundo exterior — os aviões taxiam até a prisão para descarregar sua carga coberta de tatuagens. Por necessidade ou convenção, trata-se de uma instituição de segurança máxima que abriga muitos prisioneiros durante suas experiências de transporte aéreo. Até minha chegada a Chicago, essa seria minha nova casa.

Chegamos à nossa nova unidade algumas horas mais tarde, aproximadamente vinte mulheres exaustas que receberam lençóis, pijamas e pequenos pacotes com artigos de higiene e foram levadas a uma caverna triangular com duas fileiras de celas. Estava escura e deserta, pois suas habitantes já haviam sido trancadas em suas celas para dormir. A AP era uma mulher feroz, de descendência indígena, com 1,80 metro de altura e que informava aos gritos o número de nossas celas. Eu nunca havia ficado numa cela de verdade antes, muito menos havia sido presa com uma colega de cela. Andei até o espaço designado a mim, que media cerca de dois por quatro metros e continha um beliche, um vaso sanitário, uma pia e uma mesa presa à parede. Consegui ver, sob a luz fraca da lâmpada fluorescente, que alguém dormia no beliche de cima. A mulher se virou, me olhou e, em seguida, rolou

para o lado contrário, voltando a dormir. Deitei no beliche e peguei no sono, feliz de ter água corrente e poder me movimentar sem correntes.

Baques, gritos e minha colega de cela pulando de seu beliche me acordaram.

— Café da manhã! — gritou ela por cima do ombro, antes de desaparecer. Levantei e saí cautelosamente da cela, vestindo o pijama de cor verde hospital que havia recebido na noite anterior. Mulheres saiam correndo das celas numeradas para fazer fila no outro lado da unidade. Nenhuma delas vestia pijama. Corri para pegar as roupas sujas da véspera e me dirigi à fila. Depois de receber uma caixa de plástico, encontrei Jae e Slice, que haviam pegado uma mesa perto da minha cela. Nossas caixas continham cereal seco, um pacote de café solúvel, um pacote de açúcar e um sachê de leite que era uma das coisas mais estranhas que já vi. Mas, após misturar o café solúvel com o leite e o açúcar numa caneca verde de plástico e colocar no micro-ondas da unidade (uma geringonça antiga que parecia pertencer a um episódio de *Perdidos no espaço*), o gosto era razoável. Fingi que era um cappuccino.

— Vamos morrer de fome — declarou Slice.

Jae e eu temíamos que ela estivesse certa. Discutimos nossa situação, e Slice, que, era uma mulher energética e faminta, partiu numa missão de reconhecimento. Jae e eu voltamos para nossas respectivas celas.

Enfim, fui apresentada formalmente à minha nova colega de beliche.

— Qual é o seu nome? — perguntou, com um sotaque sulista.

Eu me apresentei. Ela era LaKeesha, de Atlanta, e estava a caminho de... Danbury! No instante em que ouviu que eu vinha de Danbury, despejou um milhão de perguntas. Em seguida, voltou para a cama e foi dormir. Logo descobri que LaKeesha dormia cerca de 22 horas por dia, levantando-se três vezes para comer e, felizmente, para tomar banho. No entanto, sempre parecia desganhada, saindo da cela com os cabelos apontados em todas as direções.

— Peeper, o que tem de errado com sua colega de cela? Ela parece a Celie do filme *A cor púrpura*! — brincou Slice.

Eu estava muito nervosa no meu primeiro dia em Oklahoma City — era um novo cenário que eu precisava entender, com seus rituais e rotinas

próprios. Infelizmente, logo descobri que não havia absolutamente nada para fazer. Havia três salas de televisão sem cadeiras e uma pequena estante com rodas que abrigava uma coleção bizarra de volumes — livros cristãos, exemplares antigos de John D. MacDonald, *Antônio e Cleópatra* de Shakespeare, um punhado de romances e dois livros de Dorothy L. Sayers. Uma estrutura estranha no meio da unidade parecia um balcão de recepção e continha apenas lápis curtos e grossos e vários tipos de papel de rascunho. Ao lado de três telefones públicos havia uma área externa onde as fumantes tremiam de frio, e era possível ver um pedaço do céu acima de uma parede parcial encimada com arame farpado. A unidade parecia uma estação ferroviária ou rodoviária, mas sem uma banca de jornal ou lanchonete. Tentei usar o telefone para ligar para Larry ou para meus pais e dizer a eles que estava viva, mas o telefone só fazia chamadas a cobrar, e a operadora telefônica de ninguém aceitava esse tipo de chamada, o que só intensificou a sensação de que eu havia sido jogada num plano da existência que o resto do mundo desconhecia.

Mulheres chegaram e partiram sem fazer muito barulho. O lugar era imaculado. A unidade parecia estar, no máximo, ocupada até a metade de sua capacidade, com talvez sessenta mulheres na fila para o café da manhã. Às onze horas, uma AP trouxe uns carrinhos grandes, um sinal de que o almoço seria servido em breve. Vi uma mulher sair de uma das celas, no andar de cima, e descer as escadas pela parte oposta da unidade. Aquele cabelo cacheado, aquele corpo de hidrante... óculos. Algo fez meu estômago revirar; sentei-me bem reta. O que diabos Nora Jansen estava fazendo ali comigo?

Tinha certeza de que um “mandado de separação” seria requerido para mim e meus corréus, mas, aparentemente, eu estava errada. Fiquei olhando para Nora enquanto ela entrava na fila do almoço.

— Vamos logo, Peeper! — disse Slice, me cutucando para que eu pegasse a comida.

Apesar de seus receios óbvios de virar amiga de uma branca magricela, ela estava disposta a me aceitar como amiga de Jae, sobretudo porque eu não

comia muito. Segui minhas duas companheiras, mirando a mulher que eu acreditava ser Nora.

Nos últimos onze meses, pensei algumas vezes em Nora — pensamentos negativos. Queria ter certeza antes de fazer qualquer movimento. Havia fantasiado o confronto com a mulher que tinha me levado para o mau caminho, a mulher que, provavelmente, havia me dedurado. Em minha fantasia, o cenário do confronto seria um bar de lésbicas em São Francisco e imaginei muitas garrafas estilhaçadas com tacos de bilhar, narizes sendo quebrados e um derramamento de sangue geral. O verdadeiro momento tinha chegado. Como eu me comportaria?

A mulher baixa, de cabelo cacheado e claramente de meia-idade recebeu sua caixa de almoço e dirigiu-se para uma mesa. Era a mesma mulher que eu havia seguido até a Indonésia, a Zurique, ao Hotel Congress. Se eu nunca a houvesse conhecido, não estaria sentada ali segurando um saco de leite morno e vestindo roupas do governo. Era a mesma cara de buldogue francês de dez anos atrás — dez anos aparentemente longos e difíceis. Ela estava horrível. Olhou para mim de relance quando passou, e vi o choque do reconhecimento atingir suas feições achatadas. Prendi a respiração, meu coração disparando.

Na mesa com minhas companheiras, sussurrei:

— Jae! Acho que vi um dos meus corréus!

Jae olhou para mim, muito séria. Quase todas as prisioneiras que cometeram crimes envolvendo drogas tinham corréus, e isso podia ter uma série de significados, mas Jae entendeu, imediatamente, pelo meu tom, que não era bom.

— O que houve? — perguntou Slice, percebendo que havia algum problema.

— Piper acha que um dos seus corréus está aqui, e está surpresa.

— Onde?

Indiquei, sem apontar.

Elas relaxaram um pouco.

— Aquela velhinha? Ca-ralho, Piper, que tipo de gângster você é, afinal?

Olhei fixamente para elas.

— Jae, eu acho que essa vadia me dedurou.

Toda a leviandade cessou. Slice examinou Nora. Jae pensou, por muito tempo, e depois falou com muita segurança.

— Piper, você vai fazer o que tem que fazer, saca, mas olha só: você vai ficar na UAS pelo resto do seu tempo aqui. Se já é ruim onde estamos, imagina na UAS. E ninguém sabe que outra merda vai acontecer com você. Você está quase voltando para casa, para o homem que você sabe que ama você, que fez um esforço enorme para visitar você todas as semanas. Vale a pena fazer alguma coisa com essa vadia e ter que enfrentar um novo processo? Dou o maior apoio a você *até certo ponto*. Estou dizendo, sério, que não vou para a UAS, mas respeito que você tem de fazer o que precisa fazer.

Slice interveio:

— Eu também não vou para a UAS, não por uma garota branca que nem conheço. Nada contra você, Peeper. Faz o que tem que fazer.

Não fiz nada. Jae, preocupada, ficou de olho em mim. Slice conseguiu um baralho de outra prisioneira e começou a misturar as cartas. Mas eu não aguentava aquilo. Fiz uma pausa, me deitei no beliche e olhei para a parede de concreto. A mulher que tinha me mandado para lá, finalmente, estava ao meu alcance, e eu estava paralisada. Será que realmente não faria nada?

Saí da minha cela e dei uma volta pela unidade, o que demorou cerca de três minutos. Nora não estava em lugar algum. Jae me chamou:

— Vem cá, Piper, joga com a gente.

Jae e sua prima ficaram trocando comentários enquanto jogávamos. Slice tinha muitas histórias muito engraçadas sobre a vida de uma lésbica à procura de sexo na ICF em Danbury, incluindo a de como ela foi pega em flagrante no meio da noite por um guarda que todas nós conhecíamos.

— Eu congelei, cara, ele apontou a lanterna na nossa direção e não era o tipo de situação em que você podia negar o que estava acontecendo, sabe? E ele só disse: “Me deixa assistir.” Entããããããã... — contou, fazendo um gesto indicando que voltou à ação.

Era o mesmo cara que ficou me encarando por fazer uma massagem inocente nos pés de Pop. Porco nojento.

Quando o carrinho do jantar apareceu, depois da contagem das quatro da tarde, estávamos rindo à toa. Ao tirarmos as tampas das bandejas de plástico, o fedor nos levou a fechá-las imediatamente. Jae disse, após uma breve pausa:

— Vamos ter de matar uma dessas vadias e comer, ou vamos morrer de fome.

Eu estava cruzando a unidade para devolver minha bandeja quando vi Nora andando em minha direção. Ajeitei a postura e lancei a ela um olhar bem gélido. Quando nos cruzamos, Nora olhou para mim, insegura.

— Oi — disse, quase sussurrando.

Continuei andando.

— O que aconteceu? — perguntou Jae, preocupada.

— Ela tentou dizer “oi” para mim. — Balancei a cabeça e começamos a jogar cartas novamente. — Sabe, o que não entendo, é porque ela está aqui e a irmã não.

— A irmã?

— É, a irmã dela é minha corré também. Está presa em Kentucky.

Na manhã seguinte, durante o café da manhã, lá estava Hester. Era assim que as coisas funcionavam em Oklahoma — novas pessoas se materializavam no meio da noite enquanto você estava trancada numa cela. Elas apareceram no café da manhã, uma novidade desnorteante. Observei, do meu território, o reencontro das irmãs. Elas se abraçaram em êxtase e foram para um canto conversar.

Minhas companheiras perceberam.

— Você precisa matar a irmã também? — perguntou Slice.

— Não, nunca tive nenhum problema com Hester, ela é legal.

O tempo não tinha sido tão cruel com Hester. Ela parecia mais ou menos igual, talvez por causa de seus velhos charmes: cabelos ruivos compridos e encaracolados, uma expressão distante mas irônica, e jeito místico, como se fosse uma bruxa.

Durante as semanas que passamos em Oklahoma City, me recusei a demonstrar qualquer sinal de reconhecimento da presença das irmãs. A segurança máxima era uma tortura por causa da monotonia e falta de estímulos; as horas e os dias se arrastavam lentamente. Voos chegavam e partiam quase todos os dias, mas você nunca sabia quando pegaria um deles. Era uma materialização perfeita do limbo — a saída de uma esfera da existência e a espera pela chegada em outra. Oklahoma City me fez sentir saudade do Pavilhão de Danbury, um sentimento surreal e perturbador. Eu estava acostumada a horas de atividade vigorosa todos os dias, entre trabalhar na construção, correr e ir à academia. Aqui, as únicas opções eram abdominais e ioga na minha cela e “circular pelos andares”, dar centenas de voltas na área das celas nas minhas pantufas de lona até as bolhas nos meus pés sangrarem. Em Danbury, a Irmã Platte usava o corredor como um tipo de esteira improvisada quando o tempo estava inclemente. Às vezes, eu a acompanhava. Ela se movimentava bastante depressa para uma mulher de 69 anos, e sua animação constante me deixava pasma. “Como você está se sentindo?”, perguntava a pequena freira.

Tive sorte de ter Jae ao meu lado para dividir o estresse e a incerteza, e para me descontraír. Sua prima era muito engraçada, uma presença reconfortante (embora também ameaçadora). Um dia, perguntei a Jae sobre a cicatriz da prima.

— Um cara atacou ela, tentou estuprar e cortou ela com um estilete. Centenas de pontos. — Pausa. — Ele está preso agora. — E o apelido? — É o refrigerante preferido dela!

Era fácil esquecer em qual dia estávamos — não havia jornais, revistas, correio e, já que eu evitava as salas de TV, não havia qualquer forma de distinguir um dia do outro. Você só consegue jogar canastra um determinado número de vezes. Tentei fazer a conta de quando seria o dia 12 de janeiro, quando Pop sairia de Danbury. Eu não podia falar com Larry pelo telefone público e não havia janelas; assim, nem podia ver a progressão do sol. Não estava nem remotamente interessada em boceta de prisão, o que era uma das poucas distrações disponíveis. Aprendi a jogar dominó. E a entender o

verdadeiro castigo da repetição sem recompensa. Como alguém poderia passar muito tempo em um lugar como aquele sem perder a cabeça?

Ninguém estava muito disposto a socializar com estranhas, mas aconteceu uma intriga limitada envolvendo cigarros. Em Danbury, havia diversas oportunidades para fazer transações. Contudo, em Oklahoma City as únicas coisas no mercado eram sexo, medicamentos psiquiátricos e, o mais importante, nicotina. As prisioneiras que se voluntariavam para trabalhar como serventes tinham direito a “fazer compras”, mas só podiam comprar cigarros. Uma vez por semana, quando os cigarros eram distribuídos, um frenesi encoberto começava e ameaçava explodir. As serventes podiam ser amistosas e dividir seus cigarros em “enrolados” menores, para serem compartilhados num auge de generosidade humana, ou eram pagas em medicamentos psiquiátricos, o que lhes ajudava a passar o dia dormindo, como LaKeesha. Achei aquele esquema muito estressante e estava feliz por não fumar. Meu cabelo estava virando um ninho de ratos por falta de condicionador — tudo que tínhamos eram pequenos pacotes de xampu. Enfim, comecei a pegar pacotes de maionese às escondidas, o que deixava meu cabelo muito oleoso, mas, pelo menos, eu tinha um pente preto de plástico da prisão para penteá-lo.

De repente, Jae e Slice foram enviadas para algum outro lugar. Às quatro da manhã, Jae e eu nos despedimos uma da outra pelo retângulo de vidro grosso da minha porta.

— Fique perto de Slice! — aconselhei. — Vou procurar você quando for para casa.

Jae me encarou com os olhos castanhos enormes e profundos; eram doces, tristes e também apavorados.

— Tome cuidado, Piper! — avisou ela. — E lembra aquele truque da vaselina que ensinei a você.

— Vou lembrar! — falei, acenando do outro lado dos centímetros de vidro.

Quando nos liberaram para tomar café da manhã, duas horas mais tarde, me senti completamente só, abandonada para navegar os mares sozinha. Sentia falta das garotas, e olhei para o outro lado da unidade, na direção de Nora.

Sabia que, o que quer que meu futuro imediato me reservasse, ela estava incluída nele.

Alguns dias depois, minha colega LaKeesha foi para Danbury. Fiquei com inveja dela. Enquanto se vestia rapidamente, dei-lhe algumas instruções.

— Quando você chegar ao Pavilhão, fala com a Toni, a motorista da prisão, diz que você viu a Piper em Oklahoma City, e que ela estava bem e mandou um “oi”.

— Tudo bem, tudo bem... peraí, quem é Piper?

Por que será que aquilo não me surpreendeu? Suspirei.

— Diga para elas que você conheceu uma garota branca de Danbury que faz ioga, e que ela está bem.

— Disso eu consigo me lembrar!

Tive alguns dias de privacidade total em minha cela. Fiz minhas posições de ioga repetidamente, olhando para a janela opaca que deixava um pouco do sol entrar; ela tinha a altura da cela inteira e cerca de quinze centímetros de largura. Eu guardava meu sachê de leite do café da manhã e o colocava ao pé da janela, onde ele ficava frio por horas. O leite era a única coisa certamente palatável todos os dias. Aprendi também a dormir contra a parede com o braço cobrindo os olhos, para bloquear a luz fluorescente que ficava acesa na cela 24 horas por dia. Pela primeira vez, ocupava o beliche de baixo, uma novidade estranha.

Foi quando apareceu uma nova colega, uma jovem espanhola. Era do Texas e estava a caminho de uma prisão na Flórida. Nunca havia sido presa antes, estava apavorada e cheia de perguntas. Adotei o papel de prisioneira experiente e relatei o que achava que ela podia esperar. Ela me lembrava de Maria Carbon, da Cela 6 e da oficina de construção, o que me deixou triste.

Finalmente, uma semana mais tarde, ouvi uma batida na minha porta às quatro da manhã.

— Kerman, arrume suas coisas!

Eu não tinha pertences para embalar além do papel de Danbury, a esta altura bastante amassado, com anotações rabiscadas sobre as pessoas que eu havia conhecido lá. Praticamente fiz uma dancinha para entrar em meu

uniforme cáqui, naquela altura, pronta para qualquer coisa que me tirasse dali, com Nora ou sem Nora. Seguindo as instruções de Jae, tirei meu estoque contrabandeado de vaselina de seu esconderijo, uma meia, e apliquei porções generosas ao redor das orelhas. Durante as longas horas de viagem no avião, em grande parte sem acesso à água, eu poderia passá-la nos lábios para que não rachassem.

Enquanto arrastava os pés até o avião, novamente acorrentada, um dos federais que também estive no voo anterior me encarou.

— O que foi, Lourinha?

Não esbocei qualquer reação.

— É bom melhorar essa atitude, Lourinha — aconselhou asperamente.

Os agentes me forçaram a sentar ao lado de Nora no avião. A essa altura eu não estava nem um pouco surpresa com minha falta de sorte, apesar de estar espumando de raiva. Acorrentada, com vaselina nas orelhas e sentada ao lado da vaca que tinha me metido naquela confusão, me recusei a olhar para ela. Mantivemos uma muralha de silêncio desconfortável entre nós enquanto o avião fez uma escala em Terre Haute, Detroit e em outros fins do mundo cobertos por neve do Meio Oeste. Ao menos eu tinha o assento da janela.

Na descida para o pouso em Chicago, que estava ensolarada e invernal, senti, apesar da agitação extrema e do desconforto físico agudo, uma emoção discreta. Preservei um pouco de senso de humor para apreciar a ironia da situação. Eis a cidade que havia sido o cerne de toda essa confusão, e parecia, de certo modo, apropriado que eu estivesse ali, com Nora ao meu lado.

★ ★ ★

A PISTA de pouso em Chicago estava particularmente fria. Eu congelava em minhas roupas cáquis de tecido fino. Detentos saltavam, acorrentados, em todas as direções sob as ordens dos agentes, e Nora e Hester ficaram emocionadas ao ver um garoto branquelo de cabelos ondulados.

— É George! — exclamaram.

Olhei com mais atenção enquanto ele se virava para nós e acenava alegremente com o queixo antes de ser empurrado bruscamente para dentro de um ônibus. Se aquele era o velho amigo de Hester, George Freud, ele havia perdido muito peso em dez anos. Parecia que o grupinho inteiro estava sendo reunido em Chicago para o grande evento do julgamento de Jonathan Bibby. Fomos colocadas numa van cheia de homens e levadas para o centro da cidade, no trânsito da hora do rush, em uma falange de veículos brancos sem identificação e fortemente protegidos.

Hester estava sentada ao meu lado e me olhou fixamente por um momento.

— Você está bem? — perguntou, com preocupação genuína, com seu sotaque monótono do Meio Oeste. Resmunguei que estava bem, e olhei para fora da janela, irritada com sua gentileza.

Enquanto entrávamos no distrito financeiro, tentei antecipar a melhor forma de me comportar no Centro Correccional Metropolitano de Chicago, também conhecido como prisão federal, onde as pessoas geralmente ficavam presas antes de seus casos serem resolvidos — a não ser que, como a rapper Li'l Kim, elas cumpram sua pena inteira lá. Jae ficou presa no CCM do Brooklyn por dois anos antes de ser transferida para Danbury e o descreveu como um lugar bem melhor do que Oklahoma City.

— Duas unidades no Brooklyn, talvez umas duzentas mulheres, e você pode conseguir um trabalho e tudo mais, tinha coisas para fazer. No CCM de Chicago, você vai poder relaxar, interagir com pessoas normais e simplesmente ficar na sua, talvez até mesmo ser colocada em um dormitório ou unidade diferente do de seus corrêus.

Quando chegamos lá, fomos levados à base de uma fortaleza alta e triangular, no apinhado centro financeiro de Chicago. Descarregadas da van e enfiadas num elevador, fomos largadas num R&D imundo, decrépito e desorganizado. O prédio provocava um sentimento de desorientação; o andar parecia minúsculo e ainda mais constritivo porque estava lotado. As paredes eram repletas de celas, povoadas por homens vestidos de laranja, a maior parte

deles de pele morena. Fomos rapidamente presas numa cela vazia que também estava imunda.

Durante as cinco horas seguintes, andei de um lado para o outro na cela e tentei ignorar as irmãs. Elas foram educadas e não falaram muito, aparentemente em respeito à minha raiva latente e reprimida. Após várias horas, eu estava deitada de bruços num banco duro e estreito, fazendo nada, quando ouvi Nora pigarrear.

— Piper?

— Que é?

— Você por acaso conhece Jonathan Bibby?

— NÃO.

Vários momentos passaram em silêncio.

— Você deve estar *puta*.

— SIM.

Uma guarda nos entregou macacões masculinos laranjas, que não vestiam bem. O meu fechava na frente, tinha mangas curtas e pernas também estranhamente curtas, como calças capri de prisão. Eu havia completado quase um ano inteiro sem virar um clichê total, mas agora aquele feito tinha sido interrompido. Enfim, parecia que seríamos escoltadas até nosso local de repouso noturno. Eu estava tão cansada que achei que qualquer coisa seria melhor que aquela cela imunda e desconfortável, sobretudo se fosse bem longe de Nora.

Nós três subimos em silêncio no elevador até o décimo segundo andar. Passamos por vários portões de segurança até o último se abrir e revelar a unidade feminina.

Ala psiquiátrica. Essa foi minha primeira impressão avassaladora. Televisões bradavam de lado opostos da pequena sala. Uma cacofonia de vozes vibrava no espaço pequeno e apinhado. Mulheres descabeladas e curvadas piscavam para nós como toupeiras. Apesar de não haver nada de lúdico naquele lugar, ele tinha um estilo infantilizado, tipo jardim de infância. Ao entrarmos, tudo pareceu se congelar, e todos os olhos se viraram em nossa direção. Um guarda num uniforme que não lhe cabia bem, com “incompetente” gravado na testa,

se aproximou de nós. Ele pareceu muito surpreso com a nossa chegada. Eu me virei, olhei para Nora e Hester e comecei a rir, uma risada incrédula e desesperada. Num instante, o gelo entre mim e minhas corréus derreteu.

— Ah, *porra*, não é possível!

E elas riram também, com alívio e reconhecimento, e vi nelas o mesmo olhar de incredulidade misturada com nojo e exaustão. Elas estavam no mesmo barco que eu. E, naquele instante, naquele lugar, de repente, me dei conta de que elas eram tudo que eu tinha.

A maior parte das mudanças de percepção é gradual: começamos a odiar ou amar uma ideia, uma pessoa ou um lugar ao longo de um certo período. Certamente nutri um ódio por Nora Jansen durante muitos anos, colocando nela grande parte da culpa pela minha situação. Aquele não era o caso. Às vezes, raramente, a maneira como vemos algo passa por um processo de alquimia. Minhas emoções mudaram tão rapidamente, e senti com tanta intensidade as coisas que tinha em comum com aquelas duas mulheres que não havia como não avaliar imediatamente o que estava acontecendo. Nosso passado turbulento foi, de repente, substituído pela nossa experiência comum como prisioneiras numa jornada cansativa.

Nós nos aproximamos por um momento enquanto o caos reinava ao nosso redor e, de repente, passou pela minha cabeça que elas provavelmente não sabiam nada sobre os últimos dez anos da minha vida, incluindo o fato de eu estar na prisão. As duas tinham sido presas antes de mim.

E foi assim que quebramos o gelo.

— Kentucky é parecido com isso? — perguntei a Hester.

— Não.

— Dublin?

— Nem pensar. Onde é que você está?

— Danbury. E não tem nada a ver com este show de horrores.

O guarda reapareceu, com nossas designações de beliche. Ele nos encaminhou para nossas respectivas celas e nos trancou. Minha nova colega de cela, Virginia, tinha 160 quilos e roncava de uma maneira que eu nunca tinha ouvido antes. Era como se houvesse um animal selvagem e furioso no

beliche embaixo de mim. Enquanto eu me revirava no colchão de plástico, tentando cobrir a cabeça com um travesseiro, percebi que era isso que Pop quis dizer quando falou em “prisão de verdade”, na frase “Você não tem ideia de como é uma *prisão de verdade*”. Lembrei-me de um professor da faculdade que havia dito que a falta de sono, ou sono em intervalos curtos, pode causar alucinações.

Virginia era uma astróloga amadora que raramente tomava banho. Ela me informou que planejava defender a si mesma no tribunal. Quando me recusei a revelar minha data de nascimento para que ela pudesse “fazer meu mapa”, ela ficou profundamente insultada. Pensei na Srta. Pat e na Srta. Philly, duas das mulheres mais instáveis lá em Danbury, e me lembrei de pegar leve com os doidos. No dia seguinte, a minha impressão inicial da unidade foi rapidamente confirmada quando percebi que uma parcela substancial de suas ocupantes estava sob observação psiquiátrica forense. Isso tinha um requinte de humor negro, uma vez que as prisioneiras em Chicago não tinham quase nenhum contato com os funcionários da prisão ou com supervisores de qualquer tipo — parecia mesmo que os pacientes controlavam aquele hospício.

Descobri também que quase todas as mulheres em Chicago ainda não tinham sido julgadas — seus casos ainda não estavam resolvidos, mas elas não tinham direito a fiança ou não podiam pagá-la. Então ficavam presas naquele lugar enquanto o sistema judiciário avançava a passos de tartaruga. Algumas estavam ali havia meses, sem serem declaradas culpadas de qualquer crime. Isso tornava a vida delas incerta em todos os aspectos, e aquelas que já não eram loucas estavam agindo de forma bastante maluca, ensandecidas pela raiva e pela instabilidade. Eu tinha sido atirada num ninho de cobras.

Virginia me alertou.

— Está vendo a Connie ali? — Ela apontou para uma mulher em estado catatônico. — Ela vai pedir emprestada sua gilete. Promete que não vai dar para ela! Ela só é perigosa para si mesma, não se preocupe.

Prometi.

Nenhuma das regras padrão de comportamento em prisões que eu havia aprendido parecia se aplicar ali. Não havia nenhum comitê de boas-vindas com sandálias de plástico e escova de dente; não havia nenhum entendimento amplamente aceito de quais perguntas eram inapropriadas ou proibidas; não havia nenhum sentimento de solidariedade ou reconhecimento do valor da rotina pessoal, da ordem ou do amor próprio para a saúde mental. Caramba, você nem podia contar com o sistema tribal — as mulheres brancas não valiam nada. A maior parte delas estava babando, dopada de medicamentos psiquiátricos para evitar que se matasse (ou que matasse suas vizinhas).

A minha tribo de verdade era Nora e Hester (que agora usava seu nome de batismo, Anne). Pelo menos elas entendiam as regras oficiais e informais do encarceramento. Com cautela, sentei-me com elas e comecei lentamente a explorar a situação, incluindo o que cada uma de nós sabia sobre o julgamento iminente e por que esse lugar era tão desgraçado. Elas também ficaram chocadas com o estado deplorável do CCM de Chicago; concordamos que era difícil acreditar que aquilo fosse uma instituição federal. Havia muito para discutirmos apenas sobre a questão da prisão, mas isso não me interessava realmente. Eu queria que Nora confessasse que havia me dedurado e me contasse porque tinha feito aquilo.

★ ★ ★

ENFIM, CONHECEMOS aquilo que, supostamente, era o comitê de boas-vindas — Crystal. Crystal era uma negra alta e magra, nos seus cinquenta anos, e a verdadeira prefeita da unidade feminina. Parecia ser completamente sã e era encarregada de distribuir uniformes e artigos básicos para as recém-chegadas. Ela nos levou até um armário bagunçado, onde começou a vasculhar caixas a procura de mais uniformes laranja e de algumas toalhas. As calcinhas estavam em falta, mas ela me deu umas quatro. Olhei para elas.

— Crystal, essas calcinhas... não estão limpas.

— Lamento, querida, mas são as únicas que temos. Você pode botá-las para lavar amanhã. Provavelmente serão devolvidas.

Não havia pijamas, xampu nem talheres para nós. Fiquei muito aliviada ao ouvir que podíamos fazer compras na cantina uma vez por semana, mas é claro que a possibilidade de isso acontecer dependia de alguém, naquele prédio, fazer seu trabalho e completar minha papelada, o que parecia uma fantasia.

Fiquei emocionada ao descobrir que havia dois chuveiros privativos, mas fiquei com nojo quando os vi. Antes de me render, me avisaram para nunca entrar no chuveiro sem chinelos de plástico. Meus pés não tocavam um azulejo havia quase um ano, mas eu não tinha chinelos. Estava doida para tomar um banho. Abri a torneira e, cuidadosamente, tirei meus pés das sandálias de lona e pisei dentro do boxe nojento, segurando o meu pequeno sabonete de motel. Minha pele ficou toda arrepiada, e a água gelada espetava minhas costas enquanto eu tentava me limpar.

★ ★ ★

NORA PARECIA ressabiada na minha presença, mas ficou quase pateticamente grata por eu não ser abertamente hostil. Claro que me senti no direito de ser má; e, quando fui, ela não demonstrou resistência. Anne/Hester ficava perplexa, mas não interferia. Para mim, ela achava que a irmã mais velha poderia se virar sozinha, ou que merecia o que estava acontecendo. Descobri que Nora havia sido professora de um programa vocacional em Dublin; Hester/Anne foi integrante do Programa dos Cachorrinhos em Lexington. Antes de ser presa, Hester/Anne largou a bebida, casou-se e, discretamente, adotou Jesus como o agente de sua salvação pessoal. Nora estava do mesmo jeito que eu lembrava — engraçada, ardilosa, curiosa e, às vezes, uma egoísta insuportável que precisava ser repreendida.

Enfim, fui direto ao assunto.

— Por que você não me conta tudo que aconteceu com você depois que nos separamos, em 1993?

De acordo com Nora, muitos meses depois que saí de sua vida, ela fez uma reflexão profunda e tentou largar o negócio com Alaji, que disse para ela, sem

rodeios, nem pensar, e a avisou das consequências se ela desistisse.

— Eu sempre vou saber onde está sua irmã — ameaçou ele.

Um tempo depois, quando dois “aviões” de drogas foram presos — separadamente, em São Francisco e Chicago —, as coisas começaram a se complicar e, claro, a operação inteira desmoronou.

Nora usou o dinheiro da venda de drogas para construir a casa de seus sonhos em Vermont — ou, pelo menos, dos seus sonhos até uma equipe da SWAT, composta de agentes federais fortemente armados, aparecer para prendê-la. Quando os policiais a prenderam, alegou ela, eles já tinham informações detalhadas sobre todo o esquema. Alguém — acho que, provavelmente, seu sócio trapaceiro Jack — tinha soltado informações.

— Eles sabiam meu nome? — perguntei.

— Sabiam, eles sabiam exatamente quem você era. Mas, no começo, contei a eles que você era apenas minha namorada e que não sabia de nada.

Àquela altura era difícil saber no que acreditar. Eu havia investido muito tempo e energia no ódio a Nora e na elaboração de fantasias de vingança. Sua história era plausível, mas podia tranquilamente ser uma mentira. Acreditei que ela se sentia péssima pelos erros que havia cometido, e, quando ela olhava para a irmã mais nova ou falava sobre os pais idosos (que tinham não só uma, mas duas filhas na cadeia), eu sentia pena dela, por mais que eu não quisesse. Meu cérebro e minhas entranhas estavam revirados, um nó que eu precisava desfazer.

Eu começava a entender o que o Homem Marlboro quis dizer com “terapia do diesel”.

CAPÍTULO 18

Sempre pode piorar



Cada dia no CCM de Chicago começava exatamente do mesmo jeito: às seis da manhã os detentos (que tinham permissão para fazer algum trabalho) traziam comida até a ala feminina, passando pelas portas metálicas pesadas de segurança. Então o agente penitenciário solitário que estivesse de serviço percorreria a unidade destrancando as portas das celas. Quando os ferrolhos estalavam, todas pulavam das suas camas e iam para a fila do café da manhã. A fila não era um lugar alegre; ninguém falava e os rostos eram sofridos e duros ou apenas letárgicos. A comida costumava se resumir a cereais frios com um pouco de leite e, às vezes, alguns sacos com maçãs já passadas, distribuídas por uma detenta chamada Princess. De vez em quando serviam ovos cozidos. Logo descobri porque todo mundo pulava da cama: assim como em Oklahoma, o café da manhã era a única refeição do dia que podíamos ter certeza de que seria palatável.

Tão rapidamente quanto tinha enchido, a sala se esvaziava. Quase todo mundo voltava para a cama. Às vezes elas comiam o café da manhã ou, outras vezes, se limitavam a guardar a comida para mais tarde, colocando o leite num recipiente com gelo. A unidade então permaneceria em silêncio durante várias horas, até que as mulheres começavam a se mexer, as TVs eram ligadas e outro dia terrível teria início naquela fortaleza de vários andares.



TODOS QUE gostavam de mim desejavam que eu fosse inocente — que tivesse sido enganada, ludibriada, iludida. Mas, é claro, esse não era o caso. Há muitos anos quis viver uma aventura, uma experiência extraordinária, e o fato de ser ilegal tornava-a ainda mais emocionante. Nora pode ter me usado naquele passado distante, mas eu tinha me mostrado mais do que disposta a aceitar o que ela me oferecia.

As mulheres que encontrei em Danbury me ajudaram a enfrentar as coisas que eu tinha feito errado, assim como as coisas erradas que tinha feito. Não era apenas minha opção de fazer algo ruim e ilegal que eu precisava reconhecer; era também meu estilo de loba-solitária que havia me ajudado a cometer esses erros e frequentemente tinha agravado ainda mais as consequências das minhas ações para aqueles que eu amava. Não pensava mais em mim mesmo nos termos que D. H. Lawrence usava para definir nosso caráter nacional: “A alma americana, por excelência, é dura, isolada, estoica e assassina. Até hoje ainda não se enterneceu.”

Mulheres como Allie, Pompom, Pennsatucky, Jae e Amy fizeram com que eu me enternecesse. Reconheci o que era capaz de fazer e como minhas escolhas tinham afetado as pessoas das quais eu agora sentia falta; não apenas Larry e minha família, mas todas as minhas companheiras de penitência que eu tinha conhecido nesse ano, durante minha temporada no inferno. Eu havia aceitado o fato de que tinha de pagar pelas consequências muito tempo antes. Sou capaz de cometer erros terríveis, e também estou preparada para arcar com a responsabilidade pelas minhas ações.

Mas era preciso estar decidida a não aceitar o que o sistema prisional — os funcionários, as regras e até mesmo algumas das outras presas — queriam fazer você pensar sobre si mesma, que era ser o pior. Quando optávamos por nos ver de outro modo, quando agíamos como se fôssemos pessoas dignas de respeito e tratávamos a nós mesmas com respeito, às vezes eles também agiam assim. Quando as dúvidas, a vergonha ou coisas piores se alastravam para dentro de nós, as cartas, os livros, as visitas dos meus amigos, do meu amor e da minha família eram uma prova forte o bastante de que eu estava bem,

meios mais efetivos do que amuletos, talismãs ou pílulas quando se tratava de lutar contra aqueles sentimentos ruins.

O CCM de Chicago era uma história diferente. Tinham me afastado de todas as pessoas que me ajudavam a cumprir minha sentença, pessoas dentro e fora da prisão, e aquilo me fez perder completamente o equilíbrio. A infelicidade das mulheres à minha volta me abalou, assim como a falta de sentido de cada dia que passei ali, e o absoluto desrespeito e indiferença com que éramos tratadas. Os APs que trabalhavam naquela unidade eram, na verdade, às vezes até simpáticos, ainda que pouco profissionais, mas eles não podiam fazer nada. Interagir com “a instituição” no CCM de Chicago era como olhar para um muro de concreto. Perguntas ficavam sem respostas. Roupas íntimas não eram providenciadas. Minha identidade, que funcionava como o meu alicerce, estava ameaçada. A comida, às vezes até palatável, era trazida num horário regular, e nesse novo universo essa era realmente a única coisa que podíamos contar como um princípio estável. Minhas ligações telefônicas para Larry e para os meus pais assumiram um tom de urgência. Pela primeira vez desde que fui parar na prisão, articulei as palavras: “Vocês têm de me tirar daqui.”

★ ★ ★

AMEACEI AFOGAR Nora numa privada.

Tínhamos nos acomodado num antagonismo amistoso, no qual eu ameaçava matá-la várias vezes por dia, enquanto nós três, réis de um mesmo processo, nos sentávamos para jogar cartas, trocando reminiscências e comparando observações sobre as nossas respectivas prisões, ou simplesmente reclamávamos da vida. Era muito, muito estranho. Ainda tinha dentro de mim surtos de hostilidade incontroláveis em relação a ela que eu não havia conseguido suprimir. Eu não confiava realmente em Nora, mas compreendi que isso não tinha importância. Apesar do fato de ela ser ou não honesta comigo, eu queria perdoá-la.

Aquilo fazia com que eu me sentisse melhor comigo mesma, melhor em relação àquele buraco infernal onde estávamos vivendo agora e, francamente, melhor em relação ao fato de que logo voltaria para casa. Ela ficaria na prisão por outros anos mais. Se eu era capaz de perdoar, isso significava que era uma pessoa forte, boa, que podia assumir a responsabilidade pelo caminho que tinha escolhido para mim mesma, e todas as consequências provocadas por essa escolha. E me proporcionava a satisfação simples, porém forte, de estender essa gentileza a outra pessoa numa situação difícil.

Não é fácil sacrificar sua raiva, a sensação de ter sido enganada. Eu ainda alertava Nora regularmente que aquele podia ser o dia em que ela se afogaria, e ela ria nervosamente das minhas ameaças debochadas. Às vezes sua irmã se oferecia para ajudar a afogá-la, quando Nora se mostrava irritante. Mas conseguíamos conviver numa relação animada, como todos os ex-amantes que passaram por muitas coisas juntos, mas decidiram permanecer bons amigos. As coisas de que gostava nela uma década antes — seu humor, sua curiosidade, sua energia, seu interesse por tudo que era estranho ou transgressivo —, todas essas qualidades ainda estavam presentes nela; na verdade, tinham se intensificado depois dos anos passados numa prisão de segurança máxima na Califórnia.

Funcionávamos como barreiras umas das outras que nos protegiam das malucas, das quais aquela pequena unidade parecia ter uma variedade assustadora. Além de Connie, a suicida, havia várias incendiárias bipolares, uma assaltante de bancos revoltada e volátil, uma mulher que havia escrito uma carta ameaçando matar John Ashcroft, e uma jovem baixinha e grávida que costumava se sentar ao meu lado e passar os dedos pelos meus cabelos, enquanto cantarolava. Em algumas poucas semanas, presenciei mais surtos de fúria e cenas de descontrole do que tinha visto nos muitos meses que havia passado em Danbury, todos basicamente ignorados pelos APs. Não havia nenhuma UAS para mulheres em Chicago (estávamos instaladas um andar acima da UAS masculina), de modo que a única medida disciplinar que poderia ser tomada contra nós era mandar uma presa para a Cadeia Municipal de Cook, a maior do país, com dez mil detentos.

— Vocês não iam gostar de ir parar lá — advertia Crystal, a chefe da carceragem, que parecia saber do que estava falando.

Agora que estávamos no CCM havia algumas semanas, as irmãs e eu percebemos que, na verdade, existiam algumas mulheres mentalmente sãs por ali. Num primeiro momento, ninguém realmente tentou se aproximar de nós; levou algum tempo para compreendermos que algumas das ocupantes do décimo segundo andar estavam com medo da gente — afinal, nós três éramos condenadas e veteranas de uma *prisão de verdade*. Mas, depois de algum tempo, elas devem ter reconhecido que éramos “normais” como elas, e então fizeram abordagens ansiosas: duas mômis espanholas afáveis e amistosas, uma fanática por esportes baixinha e uma hilariante lésbica chinesa que se apresentou a mim arriscando uma observação esperançosa: “Gosto do seu corpo!”

Imediatamente elas nos elevaram à condição de autoridades a respeito de tudo que estivesse relacionado ao sistema federal de prisões. Quando explicamos que, na realidade, a “prisão de verdade” era muito mais suportável do que o nosso ambiente ali, elas ficaram perplexas. Também queriam conselhos de ordem jurídica, um monte deles, enquanto eu apenas repetia “Não sou uma advogada. Vocês têm de falar com o advogado de vocês...” Mas todas elas contavam com advogados nomeados pelo tribunal que raramente se mostravam acessíveis. Havia um bizarro Batfone preto fixado numa parede e que, teoricamente, deveria dar acesso direto ao escritório da defensoria pública.

— Essa porra não serve para merda nenhuma — queixou-se uma das incendiárias.

Eu não enfrentava os mesmos problemas de representação jurídica vividos pelas minhas companheiras de prisão. Certo dia me chamaram para sair da unidade, disseram que eu iria “ao tribunal” e me mandaram para a R&D, onde fiquei esperando numa cela durante horas. Finalmente fui posta à disposição da minha escolta, dois policiais federais enormes da Alfândega. Não sei direito o que eles estavam esperando, mas certamente não era por

alguém como eu. Ao virar de costas para ser algemada, o sujeito encarregado da tarefa ficou constrangido.

— Ela é pequena demais. As algemas nem cabem! — disse ele, angustiado.

Seu colega enfiou um dedo gordo entre as algemas e o meu pulso e disse que achava que estava bom assim.

Na visão de mundo daqueles caras jovens, corpulentos e arrumadinhos, era óbvio que eu não deveria ser residente daquele lugar. Provavelmente eu lembrava demais a irmã, a vizinha ou a esposa deles.

Depois de tantas semanas presa, apreciei imensamente o passeio pelas ruas de Chicago. No edifício federal em South Dearborn, fui levada até o andar de cima, para uma sala de conferência de aparência neutra e depositada ali, na companhia do agente que parecia menos constrangido. Sentamos numa mesa, um de frente para o outro, em silêncio, durante quinze minutos. Eu não estava olhando para ele, mas sabia que ele estava me olhando, o que, acho, era parte do seu trabalho. Ele dava a impressão de estar começando a ficar agitado. Ele se mexia na cadeira, examinava o relógio, olhava para mim, se mexia de novo. Eu achava que ele estava apenas entediado. Imbuída do espírito zen que tinha aprendido na prisão, fiquei esperando o que aconteceria a seguir. Finalmente, ele não conseguiu mais se conter.

— Sabe, todos nós cometemos erros — falou.

Olhei para ele.

— Eu sei — respondi.

— O que você era, uma viciada?

— Não, só cometi um erro.

Ele ficou em silêncio por um momento.

— É que você é tão jovem.

Achei isso divertido. Devia ser a ioga. Ele era, sem dúvida, mais novo do que eu.

— O crime que cometi aconteceu há mais de onze anos. Estou com 35 agora.

Suas sobrancelhas se levantaram até encostar na raiz dos cabelos. Ele não fazia a menor ideia do que fazer com aquela informação.

Felizmente a porta se abriu, pondo fim à conversa. Era meu advogado, Pat Cotter, com o assistente da Promotoria e um sanduíche de rosbife.

— Larry disse que rosbife era o seu favorito!

Devorei aquele sanduíche da maneira mais elegante que consegui. Quase tinha me esquecido do uniforme laranja que vestia, mas agora estava um pouco constrangida por causa dele. O advogado também tinha me trazido um refrigerante. Aquele era o cardápio que só um advogado de defesa de alto nível seria capaz de trazer para você. Fiquei muito feliz em vê-lo.

Pat explicou que, como eu participaria de um tribunal na condição de testemunha, a Procuradora Assistente, a mulher que havia me colocado atrás das grades (bem, na verdade, fui eu que fiz isso, ela só me indiciou), precisava agora me preparar. Ele me lembrou que o acordo que eu havia assinado me obrigava a cooperar. Ele continuaria conosco, mas eu não contava propriamente com nenhuma proteção legal. Tampouco me encontrava exposta a qualquer risco de natureza legal, contanto que não incorresse em falso testemunho. Eu lhe garanti que não estava planejando fazer isso, e então insisti que me tirasse do CCM e me levasse de volta a Danbury. Ele disse que faria o possível; o julgamento de Jonathan Bibby já havia sido adiado duas vezes. Sabia o que isso queria dizer: chances minúsculas.

Quando voltei para a cadeia, estava esgotada.

— Vai chegar a vez de vocês — falei a Nora e Hester/Anne.

Tínhamos conseguido ser transferidas para uma cela de seis prisioneiras, juntamente com outras três mulheres, de modo que, além de todo o resto, éramos agora companheiras de cela. Fui dormir.

★ ★ ★

O MAIOR problema no CCM é que não tinha nada para fazer. Havia uma pilha patética de livros horríveis, alguns baralhos e aquelas televisões infernais, sempre ligadas, sempre no volume máximo. Também não havia nada para fazer em Oklahoma City, mas ali o ambiente era imaculado e tranquilo, com dez vezes mais espaço. Felizmente recebíamos correspondências em Chicago,

e logo começaram a chegar para mim cartas e livros. Eu compartilhava os livros com minhas companheiras.

Quando nos vemos imersos na mais profunda infelicidade, procuramos aqueles que podem nos ajudar. Peguei uma caneta e escrevi para a única pessoa lá fora que seria capaz de começar a entender minha situação, meu amigo de correspondência Joe, o ex-assaltante de bancos. Ele me escreveu de volta imediatamente.

Querida Piper,

Recebi sua carta. Obrigado por me lembrar de quanto eu odiava o Centro de Detenção Municipal de Los Angeles (CDM). Ri como um louco ao saber que você está escondendo a sua idade da sua colega de cela tagarela e astróloga amadora. Isso é hilário. Deve estar deixando ela maluca.

Conheci oficialmente o seu cara, Larry, quando estive em Nova York, no mês passado. Um cara legal. Batemos um papo num café bacana perto de onde você mora. Legal que você tem um lugar aconchegante onde pode ficar depois de ser oficialmente libertada e sair do centro de reinserção social.

Por falar em lugares onde ficar, estive preso em Oklahoma City (durante minha transferência da Califórnia para a Pensilvânia) durante dois meses. E eu era um preso de alta periculosidade, então fiquei o tempo todo trancado na solitária. Em pleno verão. Sofri. Nossa, fico feliz para cacete só em pensar que não preciso mais cumprir pena nenhuma. Eu me tornei bom nisso, mas nunca mais quero ser bom nisso de novo. É um talento que não me importo em perder.

Você mencionou ter encontrado suas antigas companheiras de crime, e que isso foi assustador no começo. É incrível o modo como a infelicidade aproxima as pessoas. Certa vez eu estava

cumprindo pena numa prisão da Califórnia, mas precisei ir a uma cadeia municipal para receber outra sentença. Fiquei ali durante um mês e mal podia esperar a hora de retornar à prisão estadual. Queria de volta a minha velha rotina, os meus velhos amigos, minhas próprias roupas, uma comida melhor. Então entendo muito bem seu desejo de voltar a Danbury. Naquela época senti a mesma coisa.

De qualquer forma, aguente firme, Piper. Para você, tudo isso já está quase acabando, e então vai poder deixar tudo isso para trás, bem para trás. Não totalmente, mas a maior parte.

Até a próxima,

Paz.

Joe Loya

★ ★ ★

O CCM pôs à prova minha capacidade de resistência e tolerância. Pelo menos tínhamos itens de higiene feminina, todos adornados com o nome da marca, Bob Barker. Finalmente obtive autorização para comprar xampu, condicionador, selos e comida na cantina, além de pinças. Minhas sobancelhas estavam num estado deplorável e, como não havia espelhos no CCM, as irmãs Jansen e eu tínhamos que brincar de salão de beleza. Fiz flexões e abdominais, mas não havia onde praticar ioga sem que alguém me observasse com os olhos esbugalhados, com certeza não na nossa cela de seis pessoas, com uma Eminemete, uma jovial gigante de 1,80 metro chamada Tiny, e uma nova mâmi espanhola chamada Inez, que também estava em Chicago para testemunhar.

Na primeira detenção de Inez, outra mulher na prisão municipal jogou um produto de limpeza nos olhos dela, deixando-a cega. Depois de passar por

nove cirurgias, ela tinha recuperado parcialmente a visão, mas ainda era extremamente sensível à luminosidade e, por isso, tinha autorização para usar enormes óculos escuros que vedavam quase toda a luz. Inez tinha acabado de celebrar seu quinquagésimo aniversário; tentamos fazer uma comemoração alegre.

Agora eu não sentia saudades apenas de Danbury, também sentia falta de Oklahoma City. As irmãs Jansen também. Conversávamos nostalgicamente sobre nossa vontade de fazer a “dança das algemas” novamente na pista de pouso. Nosso mantra coletivo passou a ser “sempre pode piorar”. Repetíamos em voz alta essa frase todos os dias, como uma espécie de feitiço para afastar a possibilidade de nossa situação realmente se tornar ainda mais desagradável.

A unidade das mulheres recebia alguns “privilégios” apenas uma vez por semana, como um horário de recreação no que parecia um ginásio de escola primária dos anos 1970, com bolas de basquete murchas e nenhum peso, apenas uma bola ergonômica, e acesso a uma biblioteca jurídica que continha algumas edições cafonas em brochura, além de antiquíssimos livros de direito. Éramos escoltadas na ida e na volta dessas atividades por um AP, como se fôssemos uma turma do jardim de infância. Durante esses passeios, sempre encontrávamos detentos trabalhando; era evidente que eles tinham muito mais liberdade de movimento, o que me deixava furiosa. Para chegar ao ginásio, tínhamos de passar pelas cozinhas, onde alguns caras sempre nos aguardavam na expectativa de conseguir dar uma olhada.

— As moças aí estão precisando de alguma coisa lá em cima? — perguntou um deles certo dia, enquanto estávamos sendo tocadas como um rebanho para dentro do elevador.

— Mais frutas! — gritei.

— Vou mandar umas bananas pra você, Lourinha!

★ ★ ★

MAL PUDE me conter quando recebi a notícia de que Larry viria me visitar. Precisei de todo meu autocontrole para não pular em cima de uma das

mesas, bater no peito e gritar. Mas a coisa mais perigosa na prisão — a inveja — não era algo com que eu quisesse lidar naquele momento. Por isso mantive minha discrição. Além disso, eu estava me tornando cética quanto à possibilidade de qualquer coisa voltar a dar certo para mim.

No sábado em que ele deveria vir de Nova York, tomei uma ducha quente. Outra presa tinha me dado a dica de que, durante a manhã, havia um curto período de tempo no qual, por alguma razão, era possível conseguir água quente. Meu cabelo molhado escorria pelas minhas costas — não havia nenhum secador no CCM. Fui até o banheiro e me observei na placa de metal pendurada sobre as pias à guisa de espelho. Provavelmente foi até melhor que eu não pudesse ver qual era exatamente a minha aparência. Reparei nas marcas de lápis na parede, onde outras presas tinham feito delineadores de olhos improvisados misturando pó de chumbo e vaselina. Eu não tinha esse tipo de habilidade.

As horas de visita eram muito curtas em Chicago. Sentei, nervosa, enquanto olhava o relógio. As irmãs Jansen me fitavam, também nervosas.

— Ele já vai chegar — garantiam elas.

Era meio comovente ver até que ponto elas se envolveram emocionalmente com essa visita, como tinham começado a falar de Larry como se o conhecessem. Eu me senti mal pelo fato de o marido de Hester/Anne não poder visitá-la em Chicago — ele não morava muito longe da prisão onde ela estava cumprindo sua sentença de sete anos.

Depois de passar uma hora do tempo permitido para visitas, eu já estava perdendo a cabeça. Sabia o que estava acontecendo. Os idiotas que administravam o CCM haviam mandado Larry embora. Tinha certeza disso — aquelas pessoas eram completamente incompetentes em todos os sentidos que me foi possível constatar até aquele momento; por que diabos seria diferente em relação às visitas? Eu estava exausta e furiosa, uma combinação terrível.

E então a porta de segurança se abriu e um AP entrou para falar com o seu colega de serviço naquela unidade.

— Kerman!

Voei pela sala.

Quando finalmente cheguei à enorme e imunda sala de visitas, eu me senti mais calma. Havia um monte de presas ali com suas famílias e, de início, não vi Larry, mas quando o avistei, quase desmaiei. Nós nos abraçamos, e ele também parecia à beira de perder os sentidos.

— Você não vai acreditar no que esses caras me fizeram passar. Eles são surreais! — disse ele, quase gritando.

Sentamos onde nos mandaram, um de frente para o outro, numas cadeiras de plástico dobráveis. Pela primeira vez desde que saí de Danbury, estava me sentindo realmente calma.

A hora restante voou. Falamos sobre como eu conseguiria voltar para casa e sobre o que aconteceria.

— Vamos dar um jeito nisso, amor — disse ele para me tranquilizar, apertando minha mão.

Quando os guardas gritaram “tempo”, tive vontade de chorar. Depois de dar um beijo de despedida em Larry, quase fui andando de costas ao sair da sala para poder vê-lo pelo maior tempo possível. E então me vi sendo arrebanhada para outra sala com o restante das presas. O rosto de todas exibia aquele mesmo brilho de felicidade pós-visita, e todas nós parecíamos muito melhor por causa disso.

— Recebeu uma visita, Piper?

— É, meu noivo veio me ver — respondi, sorrindo como uma boba.

— Veio lá de Nova York para te ver? Uau! — Parecia que ele tinha vindo da lua.

Apenas assenti com a cabeça. Não queria me gabar da sorte de ter um homem como Larry.

★ ★ ★

DESDE O momento em que cheguei ao CCM, tinha ouvido falar no terraço. Aparentemente, havia uma área de recreação no topo do edifício e, quando o clima permitia, um agente poderia nos levar até lá. Àquela altura, fazia

semanas que eu estava num lugar fechado; sonhava todas as noites com a pista de atletismo e com o lago em Danbury. Certo dia, finalmente foi decidido que poderíamos nos inscrever para passar algum tempo no terraço. O elevador se encheu com o número máximo de mulheres permitido. Lá em cima, havia agasalhos de nylon que poderíamos vestir e então estaríamos do lado de fora, lá no alto, perto do céu, ainda que engaioladas por arames farpados e telas de metal. Havia algumas cestas de basquete lá em cima e a temperatura estava em torno de 4°C. Na mesma hora fiquei com soluços pela diferença de oxigênio, e tratei de respirar o mais fundo que podia. O telhado refletia a planta triangular do edifício, e de lá desfrutávamos de vistas em todas as direções. De um lado, tínhamos os trilhos de uma estrada de ferro. Um prédio vizinho exibia uma incrível estátua *art déco* em seu topo. E, na direção sudeste, podíamos ver o lago.

Caminhei para a face sul do terraço de recreação, cercado por uma grade preta de ferro. As barras eram afastadas o bastante para que eu colocasse a cabeça entre elas. Olhei para o lago lá longe, examinando a cidade lá embaixo.

— Ei, Nora! Vem aqui!

— O quê?

Ela veio. Apontei entre as grades.

— Aquele ali não é o Hotel Congress?

Ela olhou por entre as grades por um momento, tentando encontrar o lugar onde tinha preparado a mala cheia de dinheiro para que eu levasse, havia mais de dez anos.

— Acho que você está certa. É sim. Jesus.

Nenhuma de nós duas falou nada por um momento.

— Que espelunca.

★ ★ ★

O JULGAMENTO finalmente começou. Jonathan Bibby, o cara que tinha ensinado Nora a traficar drogas havia tanto tempo atrás, alegou ser um

inocente *marchand* que por acaso convivia com um monte de traficantes condenados. Mas a polícia tinha reunido uma quantidade absurda de provas detalhadas contra ele, inclusive registros dos seus voos para a África nos mesmos aviões em que Nora, Hester/Anne e outros viajavam. Hester/Anne foi levada para o tribunal primeiro. Ela conhecia o réu havia muitos anos. Voltou com os olhos marejados; o advogado de defesa a tinha destruído.

Nora foi a próxima. Lembrei que George Freud estava em algum lugar naquele mesmo prédio; me dei conta de que não havia como eles não convocarem outros réus daquele mesmo processo. No dia 14 de fevereiro, fui chamada para o setor de R&D.

— Feliz Dia dos Namorados — brincou Nora.

Ela não teve ideia de quão perto chegou de ser afogada.

Minha escolta dessa vez era formada por homens mais corpulentos, mais velhos e mais confiantes. Também eles se mostraram solícitos.

— Tem alguma coisa que podemos fazer por você, Piper?

Aquilo me pegou de surpresa. Eu não fumava. Tinha absoluta certeza de que não me dariam uísque.

— Adoraria uma xícara de café.

— Vamos ver o que podemos fazer.

Eu jamais havia visto Jonathan Bibby até entrar na sala do tribunal envergando meu melhor uniforme laranja e me sentar no banco das testemunhas. E, no entanto, tive a impressão de ficar ali por horas, recontando minha experiência enquanto o júri escutava. Fiquei imaginando o que concluiriam a partir daquilo que eu tinha contado. Todas as perguntas que o advogado de defesa me fez giravam em torno de Nora, por isso era óbvio que era ela a testemunha chave. Eu realmente odiava testemunhar para o governo, mas também estava chateada pelo fato de esse idiota não ter demonstrado a decência de se declarar culpado, como tinham feito os outros treze réus do mesmo processo, e assim nos poupar de toda essa confusão e desconforto.

Na viagem de volta, no carro, a minha escolta estacionou debaixo da via férrea elevada. Um deles saiu e voltou com uma xícara de café fervendo do

Dunkin' Donuts. Ele tirou minhas algemas.

— Tem açúcar e creme aqui, eu não sabia como você costuma tomar.

Eles ficaram sentados no banco da frente, fumando, enquanto eu saboreava cada gota daquele café. Ouvia o barulho do trem acima da minha cabeça e observava as pessoas que andavam pelas ruas cuidando de suas vidas. Fiquei imaginando se passaria por outras situações tão estranhas quanto aquela.

Quando tudo aquilo acabou — o júri considerou Bibby culpado —, nenhum de nós se sentiu bem em relação àquela história. Tudo o que eu queria era voltar à verdadeira prisão, ou seja, Danbury. E depois ir para casa.

★ ★ ★

NO INTERIOR da sufocante unidade feminina do CCM, Crystal, a “prefeita”, se esforçava para manter algo que lembrasse ao menos vagamente os regulamentos que costumam vigorar numa prisão. É claro que isso incluía o Senhor. Crystal era uma superfã e gostava de assistir ao programa matinal de um pastor, todos os dias na TV, a todo volume. Ela era uma catequista mais persistente do que qualquer presa que eu já tinha conhecido em Danbury. Todas as semanas, quando o grupo da igreja era chamado para sair da unidade, ela aparecia com a Bíblia na mão.

— Vamos à igreja, senhoritas?

As irmãs Jansen costumavam abafar o riso. Ainda que Hester/Anne tivesse se convertido, ela compartilhava da minha repulsa por cerimônias religiosas na prisão.

— Não, obrigada, Crystal.

Mas ela não desistia facilmente. Eu me dei conta de que era preciso recorrer ao fogo para combater o fogo. Na próxima vez em que nos chamaram para o ginásio, procurei por Crystal.

— Que tal dar uma chegada no ginásio, Crystal?

Ela olhou para mim como se eu tivesse ficado louca e retrucou, indignada:

— O quê? Ginásio? Não vou a ginásio nenhum, Piper. Faz os exercícios por mim!

No domingo seguinte, ela voltou, otimista como sempre.

— Vai à igreja, Piper? Hoje vai ser muito bom!

— Vamos combinar uma coisa, Crystal. Você vai à igreja e eu vou pedir que você ore por mim. E nesta semana, quando eu for ao ginásio, vou fazer um monte de exercícios por você. Negócio fechado?

Ela achou aquilo a coisa mais engraçada que tinha ouvido em meses. Foi gargalhando até sair porta afora. Daquele dia em diante, quando nos chamavam para praticar nossas respectivas fés, dizíamos uma para outra:

— Malha por mim, Piper!

— Ora por mim, Crystal!

★ ★ ★

TENTEI PRESSIONAR o diretor da unidade na sala dele durante sua aparição semanal na ala feminina. Tentei ficar calma enquanto explicava que o dia 4 de março, a data em que eu seria solta, estava cada vez mais próximo, e eu precisava saber o que aconteceria a seguir. Eles me mandariam de volta para Danbury? Ou iriam me soltar aqui em Chicago?

Ele não tinha a menor ideia. Não sabia nada a respeito. Não estava preocupado com isso.

Minha vontade era quebrar tudo na sala dele.

Nora e Hester/Anne me lançaram um olhar preocupado quando saí da sala, depois da conversa. Eu tinha escondido de todo mundo em Chicago, especialmente delas, o fato de que faltava apenas uma semana para a minha soltura. Ambas tinham ainda anos de sentença a cumprir. Além disso, eu desconfiava das outras presas, temendo que pudessem me atrapalhar de algum modo, uma paranoia típica da prisão. No que dizia respeito às irmãs, eu estava perdendo a cabeça com a “Con Air”, o que não era nada zen da minha parte.

— Vamos fazer o jantar — disse Hester/Anne. Fui pegar os ovos cozidos que tinham posto no gelo desde o café da manhã. Anne cortou cuidadosamente cada ovo ao meio e Nora misturou as gemas com saquinhos

de maionese e mostarda, mais algumas porções generosas de molho picante obtido na cantina.

Eu provei.

— Está faltando alguma coisa.

— Eu sei. — Nora mostrou um pacote com tempero para cachorro- quente.

Ergui minha sobrancelha.

— Tem certeza?

— Confie em mim.

Provei de novo. Estava perfeito. Então enchi cuidadosamente cada uma das metades das claras de ovo.

Nora salpicou um pouco mais do molho picante por cima.

— Não exagera! — disse Hester/Anne.

Ovos temperados. Fizemos um banquete. As outras mulheres admiravam nosso jantar, se arrependendo de não terem elas também guardado os seus ovos. Nós três tínhamos conseguido construir um espaço próprio em meio às poucas mulheres sãs ali em Chicago. Mas só Deus sabe quanto foi difícil.

★ ★ ★

DEIADEUS às meninas quando o voo seguinte da “Con Air” partiu dias depois — com elas a bordo. Ficaram sem entender por que eu não tinha sido chamada com elas para fazer a “dança das algemas” na pista de decolagem. Elas se despediram de mim com tristeza e pena. Eu estava tão decepcionada que mal conseguia olhar para elas. Fiquei assim em parte porque queria muito estar naquele avião também para escapar de Chicago. E em parte também porque sabia que provavelmente jamais as veria novamente fora da prisão. Parecia que tínhamos ainda muita coisa a nos dizer.

Quando elas foram embora, me enfiei debaixo de um cobertor no meu beliche e chorei durante horas. Achei que não conseguiria mais suportar aquilo. Embora faltassem apenas alguns dias para a data da minha libertação, não tinha certeza do que iria acontecer. Era totalmente irracional, mas eu

estava começando a sentir que o DFP não iria me deixar ir embora nunca mais.

★ ★ ★

NA INFÂNCIA, adolescência e no começo da idade adulta eu tinha desenvolvido uma firme crença na minha solidão, aquela antiga ideia de que cada um de nós está sozinho nesse mundo. Nascida em parte de autoconfiança, em parte de autoproteção, essa crença oferece uma perspectiva binária — ou você é um poço de energia ou uma vítima, ou todo compromisso ou total desapego, ou tudo ou nada. Levada às últimas consequências, a ideia permite a crença de que as nossas ações não têm grande importância; atravessamos o mundo fechados em nossas próprias bolhas, ocasionalmente rompendo uma delas para alcançarmos uns aos outros, mas de um modo geral e em última instância, sozinhos.

Por isso, eu pareceria o tipo perfeito para cumprir pena na prisão, como diz um ditado popular na cadeia, “A gente entra sozinho e sai sozinho”, e o bom senso recomenda que ali cada um fique na sua e cuide da própria vida. Mas não foi isso o que aprendi na prisão. Não foi assim que consegui sobreviver ali. O que descobri foi que, decididamente, não estou sozinha. As pessoas do lado de fora que me escreveram e visitaram a cada semana, viajando grandes distâncias para me dizer que eu não tinha sido esquecida, que eu não estava sozinha tiveram um impacto imenso na minha vida.

No entanto, acima de tudo, compreendi que não estava sozinha no mundo por causa das mulheres com quem convivi por mais de um ano, que aos poucos me fizeram reconhecer quanto tinha em comum com elas. Compartilhamos dormitórios superlotados e a falta de privacidade. Compartilhamos oito números em vez de nomes, os uniformes cáqui da prisão, comida ruim e produtos de higiene. Mas, sobretudo, compartilhamos uma enorme reserva de humor, criatividade em circunstâncias adversas, a vontade de proteger e preservar nossa própria humanidade, a despeito da determinação do sistema prisional de esmagá-la. Não acho que qualquer uma

de nós teria aprendido aquelas técnicas de sobrevivência sozinhas; sei que não poderíamos — precisávamos umas das outras.

Pequenos gestos de gentileza e os prazeres mais simples eram tão importantes, fossem eles dados ou recebidos, independentemente de sua origem, que me faziam compreender que eu não estava sozinha neste mundo, nesta vida. Compartilhei o sistema de funcionamento mais básico com pessoas que claramente nada tinham em comum comigo. Eu conseguia estabelecer vínculos — talvez com qualquer pessoa.

Agora, ali, na minha terceira prisão, me dei conta de uma estranha verdade que valia para todas essas instituições: ninguém as controla. É claro que, em algum lugar daqueles prédios, uma pessoa com o nome gravado numa plaqueta sobre a mesa ou na porta da sua sala era chamado de diretor e — em teoria — administrava o lugar. Abaixo dele na cadeia alimentar, havia os capitães e os tenentes. Porém, para todos os fins práticos, para os prisioneiros, as pessoas que viviam nessas prisões dia e noite, a cadeira do capitão estava vazia, e o timão estava rodando solto enquanto as velas eram sacudidas pelo vento. As instituições empurravam com a barriga com o menor número de funcionários possível, e os que havia invariavelmente pareciam não ter nenhum interesse pelo trabalho. Ninguém estava presente ali, interagindo de alguma forma positiva com as pessoas que enchiam aquelas prisões. O vácuo de liderança era total. Ninguém que trabalhava nessas instituições “correcionais” parecia ter parado para pensar no motivo de estarmos ali, não mais do que o funcionário de um depósito pararia para pensar sobre o significado de uma lata de tomates ou tentaria ajudar aqueles tomates a compreender o que diabos estavam fazendo na prateleira.

Grandes instituições têm líderes que se orgulham do que fazem, e que se envolvem com todos que são parte delas, de modo que cada pessoa entende o seu papel. Contudo, aos nossos carcereiros é concedido um anonimato quase total, como o carrasco da caricatura, que usa um capuz para esconder sua identidade. Qual o sentido, qual a razão para prender as pessoas durante anos, quando isso parece significar tão pouco, até mesmo para os carcereiros que seguram a chave em suas mãos? Como um preso pode achar que sua

punição teve algum sentido para alguém, quando ela é aplicada de maneira tão impensada e indiferente?

★ ★ ★

DESABEI NUMA daquelas cadeiras de plástico, assistindo ao canal de música negra. Estava passando o clipe do *single* do Jay-Z, “99 Problems”. As imagens soturnas, em preto e branco, mostrando o Brooklyn e a vida daquele bairro me fizeram sentir saudade de um lugar onde eu nunca tinha vivido.

Minha última semana na prisão foi a mais difícil. Se tivesse sido mandada de volta a Danbury, teria sido acolhida no rebanho com uma recepção animada e com uma despedida emocionada para o mundo exterior. Em Chicago, eu me sentia terrivelmente só; separada de todo mundo e dos rituais animados de despedida para os que iam embora de Danbury que eu tinha acreditado que um dia também receberia. Queria celebrar minha própria força e resistência — minha sobrevivência a um ano na prisão — cercada por pessoas que me entenderiam. Em vez disso, o que sentia era a raiva traiçoeira que nos invade quando percebemos não exercer nenhum controle sobre a nossa vida. O CCM continuava sem confirmar que eu seria libertada no dia 4 de março.

Porém, nem mesmo o DFP tem o poder de fazer o relógio parar e, quando chegou o dia, acordei, tomei banho e me aprontei. Sabia que Larry estava em Chicago, que estava vindo me buscar, mas nenhum funcionário havia confirmado que eu seria solta; ninguém tinha me mostrado papel algum. Estava muito esperançosa, mas também muito cética, em relação ao que aconteceria naquele dia.

Minhas colegas de prisão assistiam ao telejornal da manhã sobre a libertação de Martha Stewart, que ocorreu à meia-noite, do presídio de Alderson. Mas logo a rotina seguiu seu padrão, com clipes de música negra disputando espaço com os programas femininos na outra TV, ambas no volume máximo. Sentei-me num daqueles bancos de jardim, observando atentamente cada movimento do guarda em serviço. Finalmente, às onze

horas, o telefone tocou. O guarda atendeu, ouviu, colocou-o no gancho, e rosnou:

— Kerman! Arruma suas coisas!

Dei um pulo, corri para o meu armário, retirando dali apenas um envelope pardo contendo minhas cartas pessoais e deixando para trás meus objetos de higiene e meus livros. Estava muito consciente de que as mulheres com quem compartilhava a cela estavam todas no início de sua jornada na prisão, enquanto eu estava no fim da minha.

— Podem ficar com tudo o que estiver no meu armário, meninas. Estou indo para casa.

★ ★ ★

A GUARDA de serviço no setor de R&D explicou que eles não tinham roupas femininas normais, então ela me deu uma calça jeans masculina do menor tamanho que havia por ali, uma blusa polo verde, um agasalho e um par de tênis baratos, com sola de plástico. Eles também me concederam o que chamaram de “uma gratificação”: 28,30 dólares. Eu estava pronta para enfrentar o mundo lá fora.

Um guarda conduziu a mim e a um jovem hispânico até o elevador. Olhamos um para o outro enquanto descíamos.

Ele me cumprimentou com um movimento de cabeça.

— Quanto tempo cumpriu?

— Treze meses. E você?

— Vinte.

Ao chegarmos no térreo, fomos para a entrada de serviço. O guarda abriu a porta que dava para a rua e saímos. Estávamos numa rua lateral totalmente vazia, um cânion entre o edifício da prisão e alguns prédios de escritórios, com uma faixa de céu cinzento acima das nossas cabeças. Os amigos do rapaz estavam esperando por ele do outro lado da calçada, numa picape, e ele correu para lá como uma lebre, desaparecendo rapidamente.

Eu olhei em volta.

— Ninguém vem buscar você? — perguntou o guarda.

— Claro que sim! — respondi, impaciente. — Mas *onde* estamos?

— Eu levo você até a porta da frente — disse ele, com alguma relutância.

Virei-me e comecei a andar rapidamente à frente dele. Uns dez metros adiante vi Larry, parado na frente da entrada do CCM, falando ao telefone, até que ele se virou e me viu. E então comecei a correr, o mais rápido que conseguia. Ninguém poderia me segurar.

Epílogo

Então voltei para casa, sem algemas, no avião, e aterrissei tarde da noite. Larry me levou para um apartamento que eu não conhecia no Brooklyn e comi uma fatia de pizza à uma da manhã.

O escritório federal de liberdade condicional no centro do Brooklyn era aonde eu tinha de ir no dia seguinte, dando início a dois anos de liberdade supervisionada. A condicional envolvia testes de urina, uma quantidade imensa de burocracia, visitas ocasionais sem aviso prévio do supervisor da condicional à minha casa ou ao meu trabalho e solicitação de autorização para viajar se eu precisasse sair da cidade. Eu estava na reta final de quase nove anos de supervisão ou encarceramento pelo governo federal.

Meu emprego começou uma semana depois, um cargo de marketing criado só para mim em uma empresa de tecnologia dirigida por um amigo. A diretoria executiva, que tinha aprovado minha admissão, me observava com certa curiosidade; meus colegas de trabalho, a maioria jovens, foram acolhedores e animados. Para a maioria das pessoas, marcar a caixinha de condenação criminal num formulário de inscrição para emprego acaba com qualquer chance de consegui-lo. Todos os dias, quando pegava o metrô para o trabalho, ia a uma lanchonete comprar meu almoço ou andava pelas ruas de Nova York à noite, eu me sentia perplexa diante da minha sorte. Quando corria no Prospect Park, no sol frio de março, de repente, lágrimas surgiam e caíam pelo meu rosto.

Eu era apenas uma entre as mais de setecentas mil pessoas que saem dos presídios e cadeias americanas e voltam para casa todos os anos, mas eu estava hiperconsciente de minhas oportunidades “lá fora”, num contraste marcante com a maioria daqueles outros homens e mulheres. Eu tinha um lugar seguro e estável para viver; uma rede de familiares e amigos com muitos recursos

para me ajudar a voltar para casa; um trabalho precioso, com seguro-saúde. Pensei muitas vezes sobre os planos que outras mulheres de Danbury haviam feito: abrigos para sem-teto, tribunal de vara de família, perspectivas incertas de emprego. Eu havia assistido a centenas de mulheres deixarem as prisões com otimismo e determinação para mudar suas vidas e seguirem em frente, e sabia que a maioria delas teria de encontrar uma forma de fazer aquelas mudanças com pouquíssima ajuda.

A ausência de empatia está no cerne de qualquer crime — certamente no meu —, mas a empatia é a chave para trazer um ex-prisioneiro de volta ao seio da sociedade. O que acontece em nossas prisões está completamente dentro do controle da comunidade. O público espera que as sentenças sejam punitivas, mas também reabilitadoras; no entanto, o que esperamos e o que obtemos de nossas prisões são coisas completamente diferentes. A lição que nosso sistema prisional ensina a seus residentes é como sobreviver como um prisioneiro, não como um cidadão — o que não constitui uma estrutura de conhecimento muito construtivo para nós ou para as comunidades às quais retornamos.

Quando se está em liberdade condicional federal, não se pode ter contato com outras pessoas que tenham antecedentes criminais. Meu período de condicional terminou há muitos anos, e agora recebo notícias das muitas mulheres extraordinárias que conheci na prisão, delas mesmas e por meio de outras pessoas. Algumas estão casadas, com novos filhos ou netos e vidas tranquilas; algumas estão trabalhando e estudando, esperançosas em relação ao futuro; algumas estão doentes e passam por dificuldades. Algumas são ativistas determinadas a mudar o sistema de justiça criminal e outras voltaram ao sistema, voltaram para a prisão. Consigo ouvir suas vozes e ver seus rostos na minha frente e, às vezes, no metrô, vasculho a multidão, quase esperando ver Natalie, ou Janet Ioga, ou qualquer uma das centenas de mulheres cujos caminhos cruzaram o meu.

Antes de ir para Danbury, uma amiga de uma amiga de uma amiga que havia cumprido um ano na prisão feminina federal me contou sobre o que esperar, e disse algo que levei comigo: “Não passa um dia sem que eu pense

na prisão de alguma forma.” Agora, faço parte da Associação de Prisioneiras, uma entidade sem fins lucrativos que desde 1845 ajuda mulheres que se envolveram em crimes a mudarem de vida. E não passa um dia sem que eu pense na prisão de alguma forma, também. No decorrer desse meu trabalho, conversei com grupos de prisioneiras e funcionários penitenciários, supervisores de liberdade condicional, defensores públicos, voluntários que trabalham nas prisões e partidários da reforma do sistema judiciário; sejam eles reformadores ou agentes da lei, todos concordam que devemos fazer um trabalho melhor para mudar vidas e aprimorar o sistema.

Os Estados Unidos têm a maior população carcerária do mundo — abrigamos 25% dos prisioneiros do mundo, embora sejamos apenas 5% da população mundial. Essa dependência das prisões é recente: em 1980, tínhamos cerca de quinhentos mil americanos presos; agora, temos mais de 2,3 milhões. Uma parcela enorme desse crescimento é representada por pessoas como as mulheres com as quais cumpri minha sentença — criminosas de baixa periculosidade que cometeram erros graves, mas representam uma ameaça pequena de violência. A maioria das mulheres que conheci na prisão não teve as oportunidades que muitas de nós têm e não dão o devido valor. Às vezes, parece que construímos portas giratórias entre nossas comunidades mais pobres e as instituições penais e criamos incentivos financeiros perversos para manter as prisões cheias, à custa dos contribuintes. Os Estados Unidos fizeram investimentos pesados nas prisões, enquanto as instituições públicas que verdadeiramente evitam o crime e fortalecem as comunidades — escolas, hospitais, bibliotecas, museus, centros comunitários — não tiveram investimento algum.

Coisas incríveis podem acontecer atrás das grades porque as pessoas são extraordinariamente resilientes. Podemos sobreviver a quase tudo; e essa é uma das razões por que a punição severa por si só não rende frutos. Para que as prisões sirvam, verdadeiramente, ao público, as pessoas que as dirigem deveriam se inspirar nas palavras de Thomas Mott Osborne, o célebre diretor do presídio Sing Sing de Nova York, na primeira parte do século XX, que

jurou: “Transformaremos essa prisão de um ferro velho em uma oficina de reparos.”

Agradecimentos

A cima de tudo, gostaria de agradecer a meu marido, Larry Smith, cujo amor ferozmente teimoso me sustenta e sem o qual eu não teria escrito este livro. Gostaria também de agradecer às mulheres da ICF de Danbury e de outras prisões por onde passei, porque elas mudaram minha vida.

Sou profundamente agradecida pelo amor e apoio de minha mãe, meu pai, meu irmão e de todos da minha família, bem como Carol e Lou e a toda a família Smith.

Agradeço a meu agente, Stuart Krichevsky, por apostar neste projeto, pela paciência e pelo trabalho árduo, e a Shana Cohen, Jennifer Puglisi, Danielle Rollins e Howard Sanders. Agradeço à minha incrível editora, Julie Grau, que sempre entendeu o livro que eu queria escrever e me desafiou a melhorá-lo ainda mais; e a Cindy Spiegel, Laura Van der Veer, Hana Landes, Steve Messina, Donna Sinisgalli, Christopher Sergio, Rachel Bernstein e à excelente equipe na Spiegel & Grau e na Random House.

Agradecimentos especiais à minha melhor amiga, Kristen Grimm, que conhece cada passo da jornada contada neste livro e nunca deixou de me ajudar durante o percurso. Aos meus leitores Trish Boczkowski, David Boyer, Robyn Crawford e Ellen DeLaRosa, digo muito obrigada a cada um de vocês pela ajuda e aconselhamento únicos.

Sou grata a cada uma das pessoas que me escreveu cartas, enviou livros e me ajudou de muitas maneiras enquanto estive presa; a enorme generosidade dos amigos e estranhos me faz sentir humilde. Em especial, gostaria de agradecer a Earl Adams, Zoe Allen, Kate Barrett, Michael Callahan, Jeff Cranmer, Cheryl Della Pietra, Gabriella DiFilippo, Dave Eggers, Arin Fishkin, Victor Friedman, John Garrison, Noah Hatton, Liz Heckles, Steve Huggard, Joe Loya, Kirk e Susan Meyer, Leonid Olikier, Julie Oppenheimer,

Ed Powers, Brie Reeder, Ted Rheingold, Kris Rosi e à família Rosi, Jon Schulberg, Shannon Snead, Tara Stiles, Ty Wenger, Penelope Whitney, Kelly Wyllie e Sam Zalutsky.

Agradeço imensamente a meu advogado de defesa, Patrick J. Cotter, e a meus peritos defensores, Dave Corbett, Wallace Doolittle e Eric Hecker.

Tim Barkow, o criador de www.thepipebomb.com, é um amigo gentil e um generoso gênio da tecnologia, como também é Teresa Tauchi, a criadora de www.piperkerman.com. Agradeço a meu amigo e fotógrafo entusiasta, John Carnett. Agradeço também a Lisa Timothy, por suas ideias sobre as questões para discussão.

Voltar ao mercado de trabalho após a prisão é uma ideia apavorante. Agradeço pela generosidade e pela acolhida calorosa de Dan Hoffman e da equipe inteira da M5. Agradeço também aos meus colegas entusiastas e generosos na Spitfire Strategies.

Sem a hospitalidade generosa de Jean Brennan e Zach Rogers, Paul e Erica Tullis e Liz Gewirtzman, este livro, provavelmente, não teria sido escrito. E agradeço também a equipe toda de Above and Beyoncé pelo incentivo incansável e divertimentos oportunos.

A todas essas pessoas, sou imensamente grata.

SOBRE A AUTORA

© Sam Zalutzsky



PIPER KERMAN é vice-presidente de uma empresa de comunicação sediada em Washington D.C. que trabalha com fundações e organizações sem fins lucrativos. Mora no Brooklyn com o marido.